

ISSN: 1981-383X

Programa de Pós-graduação em História Comparada / UFRJ



REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA

2014

**Ano 8**

**Volume 8**

**Número 1**

Revista de História Comparada (2014) – Ano 8 – Volume 8 – Número 1 – ISSN: 1981-383X  
Copyright© by Leila Rodrigues da Silva, Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, Fábio de Souza Lessa e Flávio dos Santos Gomes (editores) *et alii*, 2014.

Revista de História Comparada. Programa de Pós-graduação em  
História Comparada/UFRJ.  
Ano 8, v. 8, n. 1.  
Rio de Janeiro: PPGHC, 2014.  
Semestral  
ISSN: 1981-383X  
História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-graduação em História Comparada.

### **Programa de Pós-Graduação de História Comparada**

**Endereço:** Largo de São Francisco de Paula, n. 1, sala 311 – Centro – Rio de Janeiro – RJ

BRASIL – CEP 20051-070

**Tel.:** 0 XX 21 2221-4049

**Tel e Fax :**0 XX 21 2221-4049

**Fax:** 0 XX 21 2221-1470

**E-mail:** hcomparada@historia.ufrj.br

**Site:** <http://www.hcomparada.historia.ufrj.br>

#### *Revisão:*

Leila Rodrigues da Silva

#### *Apoio Técnico:*

Juliana Salgado Raffaeli

Nicolas Theodoridis

Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz

Valtair A. Miranda

**REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA**  
Ano 8 – Volume 8 – Número 1 – Junho/2014

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Carlos A. Levi da Conceição

**INSTITUTO DE HISTÓRIA**  
Diretor: Fábio de Souza Lessa

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA**  
Coordenadora: Leila Rodrigues da Silva

**EDITOR RESPONSÁVEL**

Leila Rodrigues da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

**COMITÊ EDITORIAL**

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Fábio de Souza Lessa. (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Flávio dos Santos Gomes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Leila Rodrigues da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

**COMITÊ DE APOIO TÉCNICO**

Juliana Salgado Raffaeli (Mestranda – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Nicolas Theodoridis (Mestrando – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Rodrigo Ballesteiro Pereira Tomaz (Mestre – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Valtair A. Miranda (Doutorando – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

**CONSELHO EDITORIAL NACIONAL**

Anita Leocádia Prestes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Carlos Roberto Antunes dos Santos (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil)  
Diva do Couto Muniz (Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil)  
Dulce Oliveira Amarante dos Santos (Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil)  
Francisco Carlos Teixeira da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Gilson Rambelli (Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil)  
Gilvan Ventura da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil)  
Jean Marcel Carvalho França (Universidade Estadual Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil)  
Joana Maria Pedro (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)  
José Antônio Dabdab Trabuls (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)  
José Rivair Macedo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)  
Maria do Amparo Tavares Maleval (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Maria Gabriela Martin Ávila (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil)  
Maria Helena Rolim Capelato (Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil)  
Marina de Mello e Souza (Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil)  
Paulo Gilberto Fagundes Vizontini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)  
Renata Menezes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)  
Renan Frighetto (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil)  
Terezinha Oliveira (Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil)  
Valdemir Donizette Zamparoni (Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil)

**CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL**

Carlos Barros (Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, A Coruña, Espanha)  
José Luis Fontes (Universidade do Minho, Braga, Portugal)  
Maria de Fátima Souza e Silva (Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal)  
Maria Cecília Colombani (Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina)  
Maria Manuela Martins (Universidade do Minho, Braga, Portugal)  
Mariana Benedetti (Università degli Studi di Milano, Milano, Itália)  
Norberto Consani (Universidad Nacional de la Plata, La Plata, Buenos Aires, Argentina)  
Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)  
Patrícia Grau-Dieckmann (Universidad Nacional de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)  
Pieter Lagrou (Institut d'Histoire du Temps Présent, Île-de-France, França)  
Stefan Rinke (Universidade Livre de Berlim, Berlim, Alemanha)

# **BRASIL E COLOMBIA: ENSAIOS COMPARADOS**

Dossiê organizado por  
Flávio dos Santos Gomes

## Sumário

**COLLECTING ETHNIC AND RACIAL DATA IN CENSUSES AND SURVEYS: THE LATIN AMERICAN EXPERIENCE IN THE CASES OF BRAZIL, COLOMBIA, MEXICO AND PERU** .....7

COLECCIONANDO DADOS SOBRE ETNICIDADE E RAÇA EM AMOSTRAS E CENSOS: UMA EXPERIÊNCIA LATINO-AMERICANA PARTIR DE ESTUDOS CASOS DO BRASIL, COLÔMBIA, MÉXICO E PERU

*Fernando Urrea-Giraldo e Diego Alejandro Rodríguez-Sánchez*

**FORMAÇÃO RACIAL, NAÇÃO E MISTIÇAGEM NA COLÔMBIA** .....36

RACIAL FORMATION, NATION AND MISCEGENATION IN COLOMBIA

*Marcio André de Oliveira dos Santos*

**DE LA SALVACIÓN AL DESARROLLO: GENTE NEGRA, EVANGELIZACIÓN Y EXTRACTIVISMO EN EL SUROCCIDENTE COLOMBIANO** .....59

FROM SALVATION TO DEVELOPMENT: BLACK FOLK, EVANGELIZATION AND EXTRACTIVISM IN SOUTHWESTERN COLOMBIA

*Axel Rojas*

**DE LA ETNOGÉNESIS NEGRA DEL PACÍFICO AL MOVIMIENTO ÉTNICO AFROCOLOMBIANO: ANOTACIONES PARA UNA POSIBLE COMPARACIÓN CON LA EXPERIENCIA BRASILEÑA** .....96

FROM BLACK ETHNOGENESIS ON THE PACIFIC COAST TO THE AFRO-COLOMBIAN ETHNIC MOVEMENT: NOTES ON A POSSIBLE COMPARISON WITH THE BRAZILIAN EXPERIENCE

*Óscar Almarío García*

**COMUNIDADES NEGRAS EN COLOMBIA Y QUILOMBOLAS EN BRASIL: LOS CAMINOS DE LA ETNIZACIÓN Y EL ACCESO A LA TIERRA** .....128

BLACK COMMUNITIES IN COLOMBIA AND QUILOMBOLAS IN BRAZIL: THE PATHS OF ETHNICIZATION AND ACCESS TO LAND

*Stella R. Cáceres*

**BRASIL E COLÔMBIA: DINÂMICAS ETNICORRACIAIS E TERRITORIAIS** .....156

BRAZIL AND COLOMBIA: ETHNORACIAL AND TERRITORIAL DYNAMICS

*Vera Rodrigues*

**DISCURSOS E PROPOSTAS ETNOEDUCATIVAS NO BRASIL E NA COLÔMBIA** .....189

ETHNO-EDUCATIONAL DISCOURSE AND PROPOSALS IN BRAZIL AND COLOMBIA

*Claudia Miranda, Fanny Milena Quiñonez Riasco e Jhnon Henry Arboleda Quiñonez*

**EDUCACIÓN SUPERIOR: UN ESPACIO DE INCLUSIÓN Y VISIBILIZACIÓN PARA LOS AFRODESCENDIENTES EN COLOMBIA** .....212

HIGHER EDUCATION: A SPACE FOR INCLUSION AND VISIBILITY FOR AFRICAN-COLOMBIANS

*Maguemati Wabgou*

**REFORMA CONSTITUCIONAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL E COLÔMBIA: UM (BREVE) APONTAMENTO ANALÍTICO.....236**

CONSTITUTIONAL REFORM, PUBLIC POLICIES AND RACIAL INEQUALITY IN BRAZIL AND COLOMBIA: A (BRIEF) ANALYTICAL NOTE

*Cristiano Rodrigues*

**RETANDO LA ESCLAVITUD:**

**LOS CASOS DE CATALINA, MARTA RAMÍREZ, MARÍA GERTRUDIS DE LEÓN, ANDREA Y LUCÍA VIANA .....275**

CHALLENGING SLAVERY: THE CASES OF CATALINA, MARTA RAMIREZ, MARIA GERTUDIS DE LEON, ANDREA AND LUCIA VIANA

*Aurora Vergara Figueroa, Edna Gonzalez Barona, Lina Marcela Mosquera Lemus e Katherine Arboleda Hurtado*

## COLLECTING ETHNIC AND RACIAL DATA IN CENSUSES AND SURVEYS: THE LATIN AMERICAN EXPERIENCE IN THE CASES OF BRAZIL, COLOMBIA, MEXICO AND PERU

Fernando Urrea-Giraldo<sup>1</sup>  
Universidad del Valle

Diego Alejandro Rodríguez-Sánchez<sup>2</sup>  
Universidad del Valle  
Facultad de Ciencias Sociales

Recebido 15/10/2013 Aprovado 15/03/2014
--

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze the experience of four Latin-American countries with different traditions and methodological perspectives on the gathering of ethnic and racial statistics of Afrodescendant and Indigenous population groups. A particular emphasis is made on the appearance of the multicultural ideology in the four societies, since the mid 80's, and in the 20<sup>th</sup> century until today; and on its relation to the previous frame of reference based on the ideology of miscegenation. The four societies exemplify to a fair extent the variability within the Latin American and Caribbean region on the collection of statistical data for ethnic and racial groups. We also introduce the extent to which we believe the development of the methodologies is related to the particular historical context, as grounded in long term patterns of relation between the races and ethnic groups. We take the three societies with the biggest population volume in the region (Brazil, México and Colombia), plus the Peruvian case, all of them with differentiated ethnic-racial patterns.

**Keywords:** ethnicity – race – demographic statistics – Latin America.

### COLECCIONANDO DADOS SOBRE ETNICIDADE E RAÇA EM AMOSTRAS E CENSOS: UMA EXPERIÊNCIA LATINO-AMERICANA PARTIR DE ESTUDOS CASOS DO BRASIL, COLÔMBIA, MÉXICO E PERU

**Resumen:** El objetivo de este artículo es analizar la experiencia de cuatro países latinoamericanos con diferentes tradiciones y perspectivas metodológicas sobre la recolección de estadísticas étnico-raciales para las poblaciones afrodescendientes e indígenas. Se hace un énfasis particular en la aparición de la ideología del multiculturalismo desde mediados de los 80 en las cuatro sociedades, y en el siglo XX hasta hoy día; y también en su relación con el marco de referencia previo, basado en la ideología del mestizaje. Las cuatro sociedades ejemplifican la variabilidad existente en la región Latinoamericana y del Caribe en lo referente a la recolección de información estadística para grupos étnicos y raciales. Incluimos igualmente una reflexión sobre el grado en que el desarrollo de las diferentes metodologías está relacionado a los contextos históricos particulares, en tanto se encuentran fundamentados en patrones de relación entre los grupos étnicos y raciales en la larga duración. Tomamos las tres sociedades con el más grande

---

<sup>1</sup> E-mail: furreagiraldo@yahoo.com

<sup>2</sup> E-mail: diealerod@gmail.com

volumen poblacional (Brasil, México y Colombia), más el caso peruano, todos con patrones étnico-raciales diferenciados.

**Palabras clave:** etnicidad – raza – estadísticas demográficas – América Latina.

## **Introduction**

The aim of this paper is to analyze the experience of four Latin-American countries and their respective traditions and methodological perspectives on the collection of data on ethnicity and race, both for Indigenous and Afrodescendant (black) populations, but also for white, *mestizo* and Asian populations. The focus of the paper is on the developments on the conception of race and ethnicity that occurred during the 20th century and in the 21st century, in particular after the appearance of the multicultural ideology since the mid-eighties and during the nineties, up until today. The choosing of these four national societies to introduce the Latin American experience is explained by the fact that due to their differences and similarities and the particular histories behind their data, one can draw a general picture of the state of ethnic-racial statistics in the region and the current debates on the subject. For that purpose, we take the three largest societies in the region in terms of their population size (Brazil, Mexico and Colombia) but with differentiated ethnic-racial patterns, plus the case of Peru.

Brazil, since the nineteenth century, follows a classificatory scheme by skin color; at present, according to the 2010, census it shows that more than half of its population self-recognized as black under two of the most important historical categories (*preta* and *parda*).

On the contrary, the other three countries have built their statistics under a paradigm more on the ethnic side close to the identification of the Indigenous groups, although for Colombia, as we will see, since the year 1993 the black population was introduced into the statistics national system. Mexico produces a long lasting indigenous tradition using different categories that go from the use of the Amerindian language, through the permanence in a territory and self-identity, while the case of Peru is closer to the Mexican model, but with interesting variations.

The particularity in the Colombian case is the equally important presence of black and Indigenous people in its whole population, at least in demographic



terms, with a higher weight in the first group than the second one, but with a broad tradition on the count of the Indigenous population, and in some aspects similar to the Mexican model. In Mexico and Peru, on the contrary, there is a considerable major historical demographic Amerindian presence that is reflected in the statistics of Indigenous population. In these two countries, the weight of black population is much smaller. It is only in the last decade, that these two countries have shown an increasing interest for the statistical visibility of black minorities in their respective societies.

One of the most interesting features that characterize these four societies is that throughout the history of their demographic statistics, the count of black and Indigenous population, or of Asian origin, has been present as part of the practice of the national statistics institutes, although with variations of degree according to the historic reference period. Of course, this phenomenon has to do with the historical forms of construction of the four nationalities in racial and ethnic terms, which come from a Portuguese or Spanish colonial past and then imperial or republican in the nineteenth century, during the 20th century until the 21st century.

However, with the arrival of multiculturalism, the long term (*longue durée*) racial and ethnic representations that have participated in the configuration of these societies as nations have suffered significant transformations. One of them has to do with the demands made by ethnic and racial organizations to the State, in every country, for statistic censuses, continuous records and sample surveys in which the ethnic-racial variable would have to be included. In second place, for Afrodescendant and Indigenous population sectors, but for other ethnic groups as well, it is increasingly important to study the socio-demographic and socioeconomic differentials between different population groups, where the statistic visibility of the white and *mestizo* population is also of interest. This means, that the theme of measuring social ethnic-racial inequalities has gained more strength in the region due mostly to the multiculturalist discourse. The Brazilian and Colombian cases are exemplary of the multiculturalist influence. Both countries have made important developments in terms of affirmative action policies for ethnic-racial population; only until very recently have these policies

been instated in Peru. In the case of Mexico, special policies have been established for bilingual education, “Intercultural Universities” in remote areas of the country and training for indigenous interpreters in judicial courts.<sup>3</sup>

The goal of this paper is to make a comparative analysis of the type of ethnic-racial statistics between the four countries, especially for the Indigenous and the black population, highlighting the different historical national contexts, and outlining the type of ethnic or racial model that prevails in the four cases; how this model has been reflected in the categories used in the censuses, permanent records and sample surveys; and finally to show some results in terms of type of measurement according to the multiculturalist paradigm of self-recognition either by ethnicity or skin color (race), in census statistical records since the year 2000.

The paper will present historical statistics from the 20th century until today on Afrodescendant and Indigenous population groups for the four societies based on the information of the national statistic institutes and household surveys, mostly carried by the respective institutes in each country or other institutions.

Now under the contemporary predominant multiculturalist influence, we will introduce for the four cases information on socio-demographic metadata on ethnic-racial populations for comparative purposes, including those categories used to make visible the white and *mestizo* population. In the construction of this paper, it was made an extensive use of systematized information of the various statistics institutes of the four countries, systematized by CELADE (Latin-American Center of Demography) of ECLA (Economic Commission for Latin American), as well as the systematization that the IDB (Interamerican Development Bank) has been doing on ethnic-racial statistics for various countries in the region.

Beginning with an analysis of the most recent statistical records on the sizes of Indigenous and Afrodescendant populations for most of the countries in the Latin American and Caribbean region, the paper moves on to the analysis of the historical context in which the production of statistics on these two population

---

<sup>3</sup> HERNÁNDEZ, Aída. et al. **El estado y los indígenas en tiempos del PAN**: Neoindigenismo, legalidad e identidad. San Ángel: CIESAS, 2004; SALDÍVAR, Emiko. Estrategias de atención a la diferencia: El programa de educación intercultural de la Ciudad de México. In: YANES, Pablo; MOLINA, Virginia; GONZÁLEZ, Oscar (Org.). **El triple desafío**. Derechos, instituciones y políticas para la ciudad pluricultural. México: Gobierno del Distrito Federal, 2006.

groups has been grounded. This includes a contextualization of the history of the production of these categories in the respective countries, based on historiographical sources for the four societies on the nation's social representations of race relations and the different ethnic and racial population groups.

The paper finishes with an analysis of the metadata of the most recent ways in which data on ethnic and racial groups is being collected, and the influence of the multiculturalist frame of reference to explain the changes and emphasis placed in questions.

### **Main trends on ethnic-racial data in Latin America and the Caribbean countries in the XXI Century**

In the Latin American and Caribbean region, recent efforts have been made to obtain statistical information regarding Indigenous and Afrodescendant population. The four countries that are the focus of this presentation aren't the only ones which have information on the relative sizes of these two population groups. These countries, in which many advances have been made on the topic, are themselves cases or representations of the very different kinds of questions related to the different and at times divergent ways in which the issue of the statistical visibility of ethnic and racial identities has been addressed.

As it is shown in Table 1, starting from the round of censuses of 2000, and up until 2010, most of the 23 countries listed have started to gather information about specific ethnic or racial groups. Some of those countries, as it is the case of Cuba and Brazil for the Afrodescendant population, and other countries for the Indigenous population way back to the 1970's,<sup>4</sup> but also it could be said that before 1950's. Many changes have occurred in the various forms countries use to establish who belongs to, identifies with, comes from or is from a particular ethnic group or race, as would be shown later in this presentation.

Today, and in stark contrast to the situation back in the 90's, most of the Latin American and Caribbean countries now have information on Indigenous or

---

<sup>4</sup> SCHKOLNIK, Susana. La inclusión del enfoque étnico en los censos de población de América Latina. **Notas de Población**, Vitacura, v. 89, p. 57-100, 2009.

**Table 1: Afrodescendant and Indigenous percentage weights of population in 23 Latin America and Caribbean countries:**

Afrodescendant populations – still many lack the inclusion of questions for the Afrodescendant population. The use of population censuses as well as nationally representative surveys remain still the two main sources of information on the size and particular features of these population groups, as was the case in the 90's.<sup>5</sup> Especially in the case of Brazil, there is already an outstanding amount of information on not just census data on race, which Brazil has been gathering since 1872 (Figure 2), but also in many of the current main national surveys back to the late 70's, and on major life events records (births and deaths) as well as epidemiological surveillance events of mandatory registration and other social issues.<sup>6</sup> Colombia, after 2005 census, extended the ethnic-racial question to the mandatory event registration records as well.

Some of the countries haven't even yet implemented questions on this sort in their respective censuses, or have done so only in a limited fashion, asking only about Indigenous peoples. Chile and Mexico, for example, haven't yet collected information on Afrodescendant population in any kind of survey.

---

<sup>5</sup> Ibidem. p. 74.

<sup>6</sup> See PAIXÃO, Marcelo Jorge de Paula; ROSSETTO GIACCHERINO, Irene. **Levantamento das fontes de dados estatísticos sobre a variável cor ou raça no Brasil contemporâneo**: terminologias classificatórias, qualidade das bases de dados e implicações para as políticas públicas. 35º Encontro Anual da ANPOCS. Grupo de Trabalho 30: Relações raciais: desigualdades, identidades e políticas públicas. 2011.

**2000 and 2010 census rounds, household surveys by national statistics institutes and LAPOP survey**

Countries	Total Population	Year	Afrodescendant population	Percentage	Year	Indigenous Population	Percentage
Argentina	36,260,130	2001			2001	1,117,746	3.1
	LAPOP	2008		1.7	2008		1.8
	40,117,096	2010	149,493	0.4	2010	955,032	2.4
Belize	322,100	2006	108,225	33.6	2006	27,056	8.4
Bolivia	8,274,325	2001			2001	5,146,630	62.2
	LAPOP	2008		0.7	2008		17.9
	10,027,254	2012	16,902	0.2	2012	4,194,545	41.8
Brazil	169,799,170	2000	76,415,236	45.0	2000	734,127	0.4
	186,112,794	2010	96,795,294	50.7	2010	817,963	0.4
	LAPOP	2010		51.3	2010		1.8
Chile	15,047,652 (*)	2002			2002	692,192	4.6
	LAPOP	2008		0.6	2008		6.2
	15,429,759 (*)	2012			2012	1,714,677	11.1
Colombia	Quality of Life Survey/DANE	2003		7.9	2003		2.1
	42,954,279	2005	4,311,757	10.6	2005	1,458,212	3.4
	LAPOP	2010		10.4	2010		2.4
Costa Rica	3,810,179	2000	72,784	2.0	2000	63,876	1.7
	4,301,712	2011	334,437	7.8	2011	104,143	2.4
Cuba	11,269,400	2002	3,905,817	34.9	--	--	--
Dominican Republic	9,378,819	2010					
	LAPOP	2010		89.0 (**)	2010	0	0
Ecuador	12,156,608	2001	604,009	5.0	2001	830,418	6.8
	14,483,499	2010	1,041,599	7.2	2010	1,018,176	7.0
El Salvador	6,163,000	2010	357,454	5.8	2010	412,921	6.7
Guatemala	14,027,000	2000	5,040	0.04	2002	4,610,440	41.0
Guyana	LAPOP	2010		34.8	2010		9.7
Honduras	7,466,000	2000	58,818	1.0	2001	427,943	7.0
Jamaica	LAPOP	2010		96.6	2010		2.7
Mexico	97,483,412	2000			2000	8,383,573	8.6 a
						5,946,488	6.1 b
	107,550,697	2010			2010	16,455,257	15.3 a
	LAPOP	2010		2.3	2010	16,025,054	14.9 b
Nicaragua	5,743,000	2000	23,161	0.5	2005	443,847	8.6
Panama	3,454,000	2010	313,289	9.2	2010	417,559	12.3
Paraguay	6,158,000	2010		2.5	2002	88,529	1.7

Countries	Total Population	Year	Afrodescendant population	Percentage	Year	Indigenous Population	Percentage
Peru	Continuous National Survey ENCO/INEI	2006			2006		18.3 a
	24,637,541 (*)	2007		2.4 b	2007	3,919,314	27.0 b
	LAPOP Household	2010		4.5	2010		15.9 a
	National Survey ENAHO/INEI	2010		3.1 b			3.3
							N.A
Trinidad and Tobago	LAPOP	2010		68.0	2010		30.3
Uruguay	Extended National Household Survey /INE	2006		5.9	2006		3.8
	LAPOP	2010		5.0	2010		1.1
	3,286,314	2011	262,905	8.0	2011	164,316	5.0
Venezuela		2001			2001	506,341	2.2
	LAPOP	2010		5.5			
	27,227,930	2011	15,138,729	55.6(***)	2011	725,141	2.7

(\*) Population of 5 years and older.

a) Only linguistic criteria for population of 5 years and older; b) Only ethno-racial self-recognition criteria, for the population of 5 years old and older in 2000, and 3 years old and older in 2010.

(\*\*) Including the categories "indio", "black", "mulatto" and "Afro-Dominican". Emic term, "indio", is nearer to mestizo, but as racial mixture of white, black and Indigenous people, for most of Dominican population.

(\*\*\*) Grouped as follows: 52.1% as "Moreno", 2.8% as "black" and 0.7% as "Afrodescendant".

**Sources:** round of censuses in Latin America and the Caribbean 2000 and 2010, according to the Latin American Demographic Center of the United Nations, and sample surveys of national statistics institutes and LAPOP (Latin America Public Opinion of Vanderbilt University).

One of the most remarkable features of the whole process of inclusion of Indigenous and Afrodescendant populations in the different national statistical systems, more than a decade after it began, is the increasing weight of the populations in each national society. This general trend is present in almost all of the countries listed, with the exceptions of the notorious and highly controversial

one represented by the Bolivian census of 2012 for the Indigenous populations and the Argentinian case.

Already surrounded by allegations related to the decision of the government of rejecting the inclusion of the term *mestizo* (mixed race) on the basis that it does not represent any socially constructed group as aboriginal people,<sup>1</sup> the huge drop of around 20% points between the 2001 census and the most recent 2012 census is explained mostly by the fact that the phrasing of the question was significantly altered from its original version in 2001. The 2012 question asked 15 year old and older individuals whether they belonged (or made part) or identified with an Indigenous nation. This could be understood as a reference to a shared Indigenous political community, which differs greatly from the 2001 question which solely referred to the identification with an Indigenous as aboriginal people, not a nation and certainly not an issue of belonging to one (La razón (2013)).

In the Argentinian case, the drop in the indigenous population weight is also related to different methodologies used to capture this population. In the 2001 census, the question asked was directed to identify whether at least one of the household members was considered indigenous, which then served to build a framework for further surveys that were exclusively made for the Indigenous population identified in that way. In the 2012 case the question was made to all individual members and referred to self-recognition as an Indigenous person.

The countries that have collected information on Afrodescendant population do show the pattern of increasing relative weight of this group in their respective total population, as is shown by the cases of Brazil, Ecuador, Costa Rica, Uruguay and Colombia. The estimates for these two last countries are not solely based on census data, given that there is only information on the relative sizes of the Afro-Uruguayan and Afro-Colombian populations based on nationally representative surveys (Table 1).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> The same arguments were said for the 2001 census debates, a census conducted before the current government was in office.

<sup>2</sup> The Colombian 1993 census also included for the first time one question on ethnic-racial self-identity. The results for the Afro-Colombian population represented very poorly the actual size of this population group, at around 1.52%, whereas for the case of the Indigenous population, it was around 1.61%

For other countries, such as Peru, the only data there is on Afrodescendant population comes from nationally representative surveys. In the case of Cuba, the 2002 census, as it is a long tradition in the history of its population statistical records, has been gathering statistics on race on the basis of skin color. In its most recent estimate (2002 census), there remains a fairly high non-white (black, mulatto) population (34.9%, Table 1).

Venezuela included in its last census of 2011 for the first time a question for Afro-descendant population that included the term of “Moreno” as part of the self-identification methodology, a perhaps too ambiguous term for its national context and its connotations. The result was the estimation of a fairly and unexpected size for that particular population group. For its Indigenous population however, Venezuela also undergoes the general trend of increased visibility (Table 1).

Note that for the four countries with the LAPOP survey it was possible to obtain a percentage of the two populations (Afrodescendant and Indigenous) from a standardize question that employs the use of racial categories with the exception of Indigenous<sup>3</sup> (see Table 1): for Brazil 2010, 51.3% Afrodescendant and 1.8% Indigenous; for Colombia, 10.4% and 2.4%; for Mexico, 2.3% and 5.7%; and for Peru, 4.5% and 3.3%. Data variations by LAPOP versus other sources (census and official household surveys by national statistics institutes) are very close for Brazil and Colombia, but very distant on Indigenous population for Mexico and Peru; they only appear close with Afrodescendant population in Peru.<sup>4</sup>

### **How statistics mirror historical differential processes of Indigenous and Black population presence in the four societies**

The four countries under consideration in this paper have ethnic-racial statistics throughout the 20<sup>th</sup> century, as it is seen in graphs 1 to 4; three of them (Brazil, Mexico and Peru) even back to the the 19<sup>th</sup> century. This reveals that in the

---

<sup>3</sup> Ethnic-racial question in LAPOP in Spanish countries: ¿Do you consider yourself a white, mestizo, indigenous, black, mulatto, or other? Afrodescendant is equivalent to black and mulatto for the Table 1. In Brazil is the following: “Você se considera uma pessoa branca (white), preta (black), parda (brown), indígena (Indigenous) ou amarela (yellow)?”

<sup>4</sup> Due to the actual sizes of the LAPOP samples, they are not considered to serve the purpose of estimating the actual or relative size of ethnic or racial population groups; the results that are obtained serve only illustrative purposes and should be taken cautiously.



respective historical phases of construction of the nation state, the demographic element represented by Indigenous (Mexico and Peru and in a lesser degree Colombia) and black or Afrodescendant (Brazil and Colombia) populations was a determinant one.

It is noteworthy to remember that in the Brazilian case, it was only after the disappearance of the Brazilian empire that the abolition of slavery was finally promulgated in 1888, that is in the period of transition from the Empire to the Republic, while at the same time in the three other countries, the respective Republics were already functioning, with the temporary exception in Mexico were two short periods of an imperial or monarchical regime in the 19<sup>th</sup> century were experienced (periods 1821-1823; 1863-1867).

Modern demographic statistics in these four societies have included the ethnic-racial variable. For Mexico there have been 13 censuses, for Brazil and Colombia 9 census and for Peru 7 throughout this historical period. This is a key aspect to the understanding of the underlying reason that explains why this variable is important in the tradition of population censuses in Latin-American and Caribbean societies.

The differences between the four countries are very important as the four graphs indicate. In the first place, the Afrodescendant population in Peru and Mexico has been historically invisible for the official statistical record, due to the fact that the historical processes of nationality construction in the two countries centered much more in the miscegenation ideology on the Indigenous-white binary couple. This phenomenon has to do with the significant demographic decline of the enslaved black populations imported from Africa in the viceroyalties of New Spain and Peru since the XVIII century, due to the big demographic weight of the Indigenous populations that served as a resource for labor in their respective economies.

This phenomenon was relatively minor in the Peruvian society; which in turn explains the reasons why the demand of the Peruvian population that is recognized as Afrodescendant, concentrated in the coastal region, has gained importance recently. According with Benavides et al. (2006) the Afrodescendant population in Peru reaches a figure close to 5.0%, but the Continuous Household

Survey of 2006 gives a figure of 2.4% and for the 2010 ENAHO (Household National Survey), 3.1% (to see Table 2).

Figure 1: Indigenous and Afrodescendant Population in the Brazilian Censuses (from 1872 to 2010)

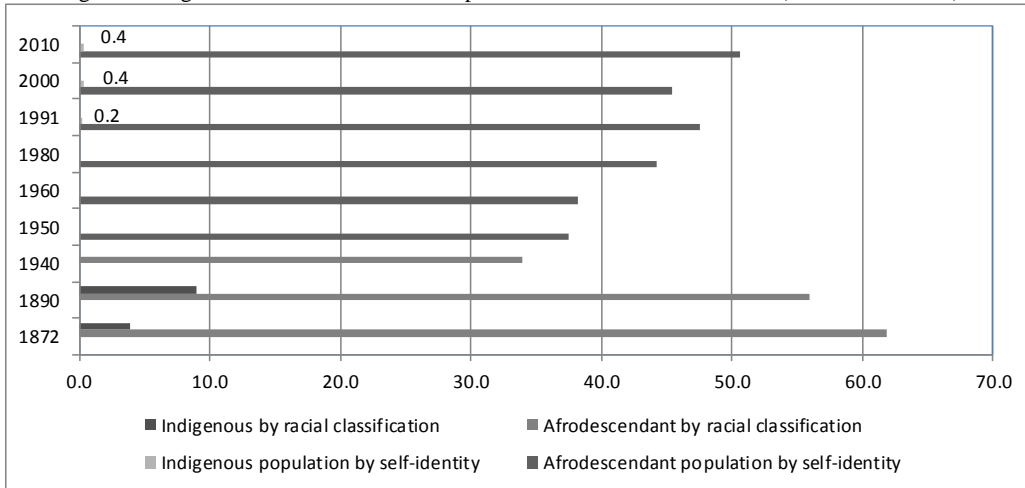


Figure 2: Indigenous and Afrodescendant Population in the Colombian Censuses (from 1912 to 2005)

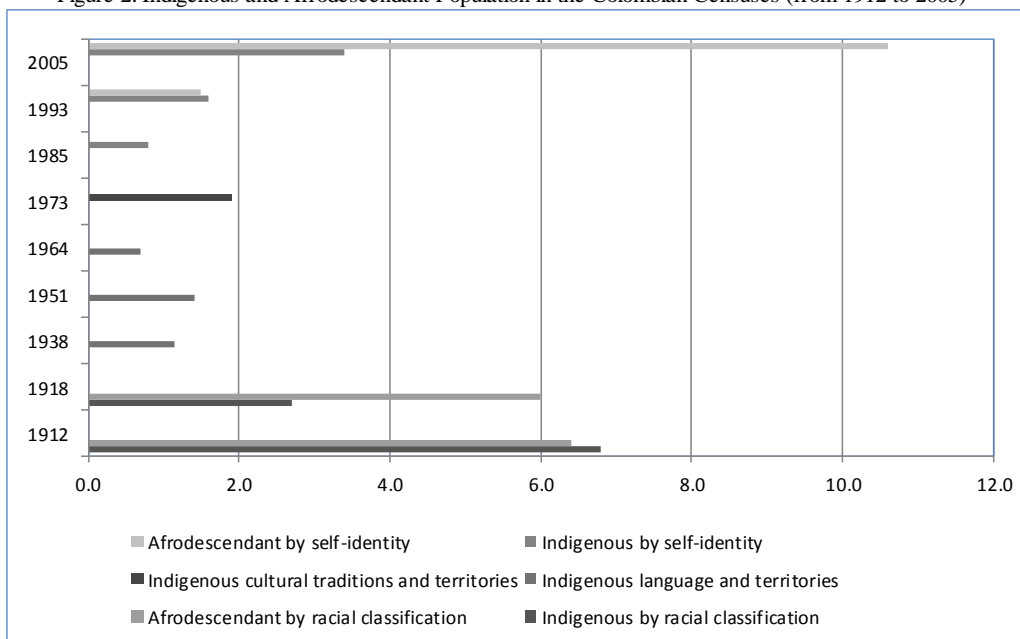


Figure 3: Indigenous Population in the Mexican Censuses (from 1895 to 2010)

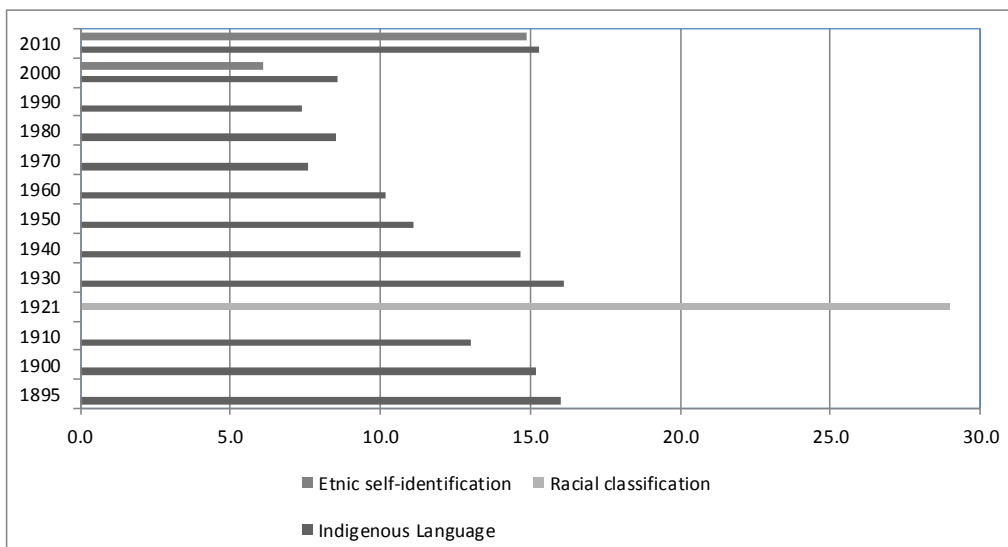
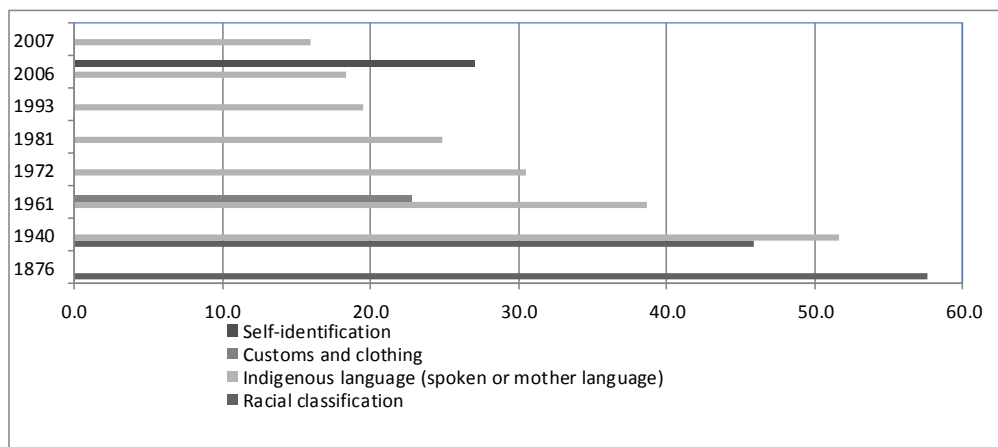


Figure 4: Indigenous Population in the Peruvian Censuses (from 1876 to 2007\*)



\* The year 2006 is the Continuous National Survey/INEI.

In the case of Brazil, an opposite phenomenon developed regarding the Indigenous population. It is only for the 1872 and 1890 censuses that the Indigenous in Brazil marked an important demographic percentage participation in the available historical records. In the major part of the XX century however, as it is observed in the figure, they disappear from the statistical census system. It is only in the last three censuses (1991, 2000 and 2010) that the Indigenous came again back to the radar of the population census, but this time showing a very reduced percentage weight compared to the initial figures (See also the absolute results in Table 1 for Brazil).

Colombia's particularity compared to the other three countries is that both populations (Afrodescendant and Indigenous) have a relative importance, taking into account the minor percentage weight in the whole of the country, which also marks a notorious difference with regard to the other three countries. This tendency has to do with the historical pattern of an important black population presence in the colonial period without ever reaching the magnitudes presented in Brazilian case (or of other societies like Cuba and Caribbean countries).

This explains why in the New Granada and during the Great Colombian Republic (XIX century) the slavery regime was not supported in a great scale plantation economy, focusing instead on alluvial mining exploitation, cattle ranch and domestic servitude. Something similar happened in other Andean societies and in the viceroyalty of the New Spain, but in these cases these regions counted on a much more abundant reserve of Indigenous labor. In a different way from Brazil as well, the Indigenous population in Colombia from very diverse regions survived, in spite of their demographic decline during the colonial and republican periods.

However they did not reach a level as high as it is recorded in the cases of Mexico and Peru, because in these two societies the Amerindian populations at the arrival of the Spaniards were much important in demographic terms, a difference that is also explained by the fact that the Amerindian populates had more complex political systems of imperial organization (Azteca and Inca), than in the cases of the Amerindian populations established in New Granada territory.

The ways and forms of statistical classification of Indigenous and Afrodescendant populations in the four societies started using external or hetero-classification systems through racial criteria on behalf of the interviewers, influenced in the models of colonial classification (castes), but above all for the racist eugenic ideology prevailing since the end of the 19<sup>th</sup> century up until the 30's and 40's of the 20<sup>th</sup> century. Thus, the Indigenous in Mexico were classified through race criteria before 1930; in the case of Peru until the year 1940; and in the Colombian case till before 1938. In Brazil, as noted before, no census records appear between 1940 and 1980 for this population group.

Since the decade of the 30's, the Indigenous population started to be identified through the original language, the spoken and mother tongue (Mexico, Peru and Colombia), and in Colombia also through cultural practices related with a specific territory, but also including clothing or garment.

The former eugenic paradigm was actually changed by the cultural approach because the "race" ideology came to be highly discredited. The self-identification (self-recognition) methodology firstly appears, for the Indigenous population, in the Brazilian census of 1991, in Colombia in the year 1985 and in Mexico in the year 2000. In Peru it still hasn't been used yet in a census exercise. It was firstly applied in the 2006 Continuous National Survey.

For the Afrodescendant population the differences are more notorious. In the first place, Brazil marks the main difference with relation the other three countries and the whole of Latin-American and Caribbean societies, with the exception of Cuba<sup>5</sup>.

Brazil statistical system is actually the country with the most extensive records of information on ethnic-racial composition of their population, since their first "modern" census (1872) from the racial criteria. The year 1940<sup>6</sup> Brazil moved on to the "skin color" category and finally in the 1991, 2000 and 2010 census they make color and race equivalent. As Petrucelli says

during the slavery terminology was developed for describing the appearance of physical features of the racial characteristics of individuals to be applied, for example, in the event that a slave escaped. The owners published "wanted" notices giving the best possible physical description, including details of variations in skin or hair color (...)

---

<sup>5</sup> Cuba is the other country of the region that in their population census since the colonial period uses the color and race categories (see "Censos en Cuba", 2010), in spite of some variations. The 2002 census asked the question ¿What is the skin color? (Make just one mark): white, black, mestizo or mulatto. After Brazil, the Latin American country with the largest slave population brought from Africa was Cuba, due to large sugar plantation system since the colonial period, which lasts until the eighties in the nineteenth century with slave labor. The Cuban economy until the final abolition of slavery in 1886 worked mostly with slave labor. Cf. PIQUERAS, José Antonio. Censos lato sensu. La abolición de la esclavitud y el número de esclavos en Cuba. **Revista de Indias**, Madrid, v. LXXI, n. 251, p. 193-230, 2011; PETRUCCELLI, Jose Luis. Chapter Nine: Ethnic/Racial Statistics: Brazil and an Overview of the Americas. In: ANGOSTO FERRÁNDEZ, Luis Fernando; KRADOLFER, Sabine (Org.). **Everlasting Countdowns: Race, Ethnicity and National Censuses in Latin American States**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012, p. 269-271.

<sup>6</sup> For a detailed analysis see PAIXÃO, Marcelo. La variable color o raza en los censos demográficos brasileños: historia y estimación reciente de las asimetrías. **Notas de Población**, Vitacura, n. 89, 2009, p. 196-199.

Based in that terminology an official system for the ethnical-racial classification was established and applied in the first national population census carried out in 1872 when slavery was still in force (...) Thus, ever since that first census, data on the color and race of the Brazilian population have been available (...) practically the same categories have continued to be used in relation to that important question, albeit employing a wider range of implementation criteria.<sup>7</sup>

In the 1872, 1890 and 1940 censuses classification was made through hetero-classification on behalf of the interviewers, but since the 1950 census it started to be made through self-classification, all the way to the most recent census in 2010.<sup>8</sup>

### **Miscegenation and Multiculturalism' influence on Statistics on Race and Ethnicity**

In several Latin American and Caribbean countries, the political elite established as a representation on the relationships between the different races, what later came to be called the ideology of miscegenation; a conception shared by large urban social groups in their respective populations. The ideas behind miscegenation were hegemonic during almost 50 years, from 1930 to almost 1980. Since the thirties, this ideology became part of the modernization process that many of the countries in the region underwent. In some countries it focused around ideas of racial harmony and cohabitation between black (African origin), white (European origin) and Amerindian Indigenous, as in Gilberto Freyre's Brazilian society, as perhaps the most exemplary case of these ideas in the region.<sup>9</sup>

The Mexican Indigenous model was also one of miscegenation. But in contrast with Brazil's image of harmony, the miscegenation model refers to an image of the mestizo population as the best representation of the Mexican nation. This conception of Mexico and Mexicans as *mestizos* had an enormous impact up until the 70's in the marking on Mexican identity from the Mexican Revolution onwards.

Since the beginning of the 30's, Colombian and Peruvian recently formed urban elites tried to develop a social discourse of miscegenation more akin to the

---

<sup>7</sup> PETRUCCELLI, Jose Luis. Op. Cit., p. 269.

<sup>8</sup> PAIXÃO, Marcelo. Op. Cit., p. 197.

<sup>9</sup> COSTA RIBEIRO, Carlos Antonio. Classe, Raça e Mobilidade Social no Brasil. **DADOS: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, p. 833-873, 2006.

representations of white and mestizo population groups, but with an important support among the popular classes (especially among Indigenous and Afrodescendant people); mostly achieved through the influence of the liberal and Apra political parties in each nation and also seen in the development of indigenism and indigenist policies, as part of national ideology of miscegenation.<sup>10</sup>

Nevertheless there were strong differences between the two countries. Through Gaitán's left wing movement in Colombia during the forties and after with Velasco Alvarado's military government in Peru (1968-1975), the miscegenation ideology in these two countries was supported as well by Indigenous, black people and mestizo groups from low class origins.<sup>11</sup>

However the elite in these four countries always preferred a different kind of miscegenation model, a more "whitened" miscegenation that could have guaranteed that the black and the Indigenous elements of their constituent populations would progressively disappear.

During this time period in which the miscegenation ideologies were at their most, governments placed emphasis in a more culturally driven approach (language spoken, mother language, customs and clothing, Indigenous territories) for the collection of statistical data on Indigenous populations, instead of racial categories. With Brazil's exception, the other three countries, Mexico (since 1930), Colombia (since 1938) and Peru (since 1940), only collected information on Indigenous population for the most part or the whole of the 20<sup>th</sup> century, as it is shown in figures 1, 2, 3 and 4.

But this model wasn't going to last any longer. The appearance of social indigenous movements and combined with the influence exercised by international institutions, were to bring a renovated perspective on how to frame anew the issue of race and ethnic relations in Latin America.

The presence of the multiculturalist discourse developed in the constitutional changes of the countries and the sustained support of the international cooperation agencies, previously goes through the political

---

<sup>10</sup> SALDÍVAR, Emiko. **Prácticas cotidianas del estado**: Una etnografía del indigenismo. Madrid: Plaza y Valdés, 2008.

<sup>11</sup> As it is seen in the writings of BELAÚNDE, Víctor Andrés. **Peruanidad**. Lima: Comisión del Centenario de V. A. Belaúnde, 1987.

representativeness crisis in the national States, between the 70's and 80's, and the irruption of ethnic-racial movements, in particular indigenous ones, that put in question the imaginary of integrated nations through the urbanization and social modernization processes.

As Gros puts it (2010: 15-16, and explored further in other parts of his work),

Contrary to what is expected, the uprising of the ethnic reivindications has been one of the phenomenons that have marked Latin America during these last twenty years. Not one country has escaped this process, in spite of the numeric importance of Indigenous population. Focused around territorial questions, the respect for native cultures, the right to a bilingual education, the defense of natural resources, the acknowledgement of a certain form of autonomy, these identity reivindications have been greatly politicized with the passing of years, and are part of the "new social movements" that have caught the attention of observers. In that precise moment a democratic renovation was affirmed in the region and the globalization process was accelerated; these reivindications manifest in their own way, but with strength, the national-populist model crisis that had taken a prominent place since the thirties in Latin America.

The national populist model, which had taken charge of the liberal project of a *mestizo* nation construction, was fixed on the idea of ensuring the construction of culturally homogeneous societies around strong States (...) It was all about organizing a mestizo society, culturally hybrid, made of individuals, but strong individuals brought together around a collective project of development and independence (...) It is, then, this indigenous world separated by multiple borders (linguistic, territorial, community, cultural) that, at the end of the 20<sup>th</sup> century, moves in a progressive (and unequal) way to fight against the deterioration of their existence conditions and against new forms of exclusion. And they do it building a new ethnic discourse that appeals to history, to a community situation (and of interest) and to a pan-community solidarity. Between the several reasons presented by the specialists to account for this "indigenous awakening" we can point out the Indigenous community crisis and the appearance of new actors. A crisis in the economy and of the values sped up by demographic growth (that make the traditional territories extremely exiguous and disrupts the access conditions to resources and work), reinforced by the irruption of the market in the core of rural economies, the development of education (carrier of new values) and the entrance of new beliefs and religions, etc.

Therefore, from the beginning of the 80's a new political dimension was added to the debate on racial and ethnic relations in Latin America and the Caribbean region. The multiculturalism ideology, of course with particular



differences by countries, became the main frame of reference for the collection of data and the debate on race and ethnicity. This ideology appears as a new proposal of national imaginary that replaced the former *mestizo* nation, as it is explored a bit further later in the paper.

There is now no longer an ethnic and racially homogenous population created by that elite's miscegenation ideology. The former reigning paradigm of a *one mestizo* nation was confronted with the challenge of a multi-ethnic and multi-racial nation, divided in ethnic-racial majorities and minorities. In this regard, the developments around the ILO's 169 Convention and then the Durban meeting (2001) had a considerable impact in the transition to this new model of conceiving race and ethnicity and has influenced to a large degree the new ways in which countries have started to collect ethnic and racial data.

### **Analysis of contemporary metadata on the issue of ethnic and racial classification**

Table 2 shows what types of questions have been used (or are being used) for the classification of Indigenous and Afrodescendant populations in the four countries under study. As it follows from the big influence of multiculturalism, currently all countries ask individuals to self-identify by various criteria on a pre-defined group of ethnic or racial (cultural or physical attributes like skin color) identity that represents Indigenous or Afrodescendants, of both.

In Mexico, a category for Afrodescendants has not been yet formulated within the statistical system. In Peru up until now they haven't introduced a question in the census for this population group either, even though it has been introduced in the Continuous National Survey 2006 and in the Household National Survey ENAHO since 2001 (see Table 2);<sup>12</sup> it is expected to be included for the 2017 census.<sup>13</sup>

**Table 2: Comparative table of ethnical-racial classification questions in the four countries in census and household surveys, 2000 census round**

Questions / Criteria / Categories	Identification criterion of 2000 census round	Census question	Census categories	Identification criterion of household surveys	Questions of household surveys 2000-2010	Household surveys categories
Countries						
Brazil	Self-adscription	Sua cor ou raça é... (your colour or race is...) For all the population. Until the 2000 census, this question applied only in the enlarged sample census, but for the 2010 census questionnaire was applied to the entire population universe.	1.Branca (white) 2.Preta (black) 3.Amarela (Yellow) 4.Parda (Brown) 5.Indigena (Indigenous)	Self-adscription	Sua cor ou raça é... (your colour or race is...). <b>All the household surveys by IBEGE</b>	1.Branca (white) 2.Preta (black) 3.Amarela (Yellow) 4.Parda (Brown) 5.Indigena (Indigenous)
Colombia	Self-adscription and Language spoken (only for Indigenous, Raizal and Palenquero)	De acuerdo con su cultura, pueblo o rasgos físicos...es o se reconoce como (According with your culture, aboriginal people or physical features...you are or self-recognize as) For all the population.	1.Indígena 2.Rom (gitano) 3.Raizal 4.Palenquero 5. Negro(a), mulato(a), Afrocolombiano(a) o Afrodescendiente 6.Ninguno de los anteriores (1.Indigenous 2.Rom or gypsy 3.Black islander Caribbean 4. Black from San Basilio's Palenque 5.Black, Mulatto, Afrocolombian or Afrodescendant 6. None of the above)	Self-adscription	De acuerdo con su cultura, pueblo o rasgos físicos...es o se reconoce como (According with your culture, aboriginal people or physical features...you are or self-recognize as). <b>Only in 2006 and 2007 national household surveys on labor and quality of life; in 2010 and 2011 for Bogota by DANE</b>	1.Indígena 2.Rom 3.Raizal 4.Palenquero 5. Negro(a), mulato(a), Afrocolombiano(a) o Afrodescendiente 6.Ninguno de los anteriores (1.Indigenous 2.Rom or gypsy 3.Black islander Caribbean 4. Black from San Basilio's Palenque 5.Black, Mulatto, Afrocolombian or Afrodescendant 6. None of the above)

Questions / Criteria / Categories	Identification criterion of 2000 census round	Census question	Census categories	Identification criterion of household surveys	Questions of household surveys 2000-2010	Household surveys categories
Countries						

<sup>12</sup> The question on ethnicity is used in various ENAHO since 2001. VALDIVIA, Martín. Etnicidad, Antecedentes Lingüísticos y la Salud Materno Infantil en el Perú. **INEI (Instituto Nacional de Estadística e Informática)**. Centro de Investigación y Desarrollo, Lima, July 2007.

<sup>13</sup> SULMONT, David; VALDIVIA, Néstor. Chapter Seven: From Pre-Modern 'Indians' to Contemporary 'Indigenous People': Race and Ethnicity in Peruvian Censuses 1827-2007" In: ANGOSTO FERRÁNDEZ, Luis Fernando; KRADOLFER, Sabine (Org.). **Everlasting Countdowns: Race, Ethnicity and National Censuses in Latin American States**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012.

Mexico	Self-adscription and Language spoken	For persons of 5 year old and older ¿Es náhuatl, maya, zapoteco, mixteco o de otro grupo indígena? Are you náhuatl, maya, zapoteco, mixteco or other indigenous group? ¿(NOMBRE) habla algún dialecto o lengua indígena? ¿Qué dialecto o lengua indígena habla (NOMBRE)? Do you speak a native dialect or indigenous language? If yes, indigenous dialect or language that you speak.	1. Yes 2. No			
Peru	Language in which the person learned to speak	¿El idioma o lengua en el aprendió a hablar fue: (the idiom or language in which you learned to speak was: _____?)	1. Quechua 2. Aymara 3. Ashaninka 4. Otra lengua nativa (Other native language) 5. Español (Spanish) 6. Un idioma extranjero (A foreign language) 7. Ustedes es sordomudo (You are deaf-mute).	Self-adscription	¿Por su herencia o cultura se considera perteneciente a algún grupo étnico? By their heritage or culture do you consider yourself belonging to an ethnic group? <b>Applied in Continuous National Survey, 2006 (Encuesta Nacional Continua) by INEI, for persons of 5 years old and older. The same question was used in the Household National Survey (ENAHO) in 2010 (for persons of 3 years old and older). Since 2012 the Household National Survey (ENAHO) by INEI has the following question: Por sus antepasados y de acuerdo a sus costumbres ¿Usted se considera de origen.....? According to your ancestors and customs from what origin do you consider yourself?</b>	1. Indígena de la Amazonia (Amazonian Indigenous) 2. Quechua 3. Aymara 4. Negro/Mulato/Zambo (Black/Mulatto/Zambo) 5. Mestizo 6. Blanco (White) 7. Otro (Other). In ENAHO 2012 the categories are: 1. Quechua 2. Aymara 3. Nativo o indígena de la Amazonia (Native or Amazonian Indigenous) 4. Negro/Mulato/Zambo/Afroperuano (Black/Mulatto/Zambo/Afroperuvian) 5. Blanco (White) 6. Mestizo (Mestizo) 7. Otro (especificar) (Other (specify)).

In Colombia the question for Afrodescendants includes three great categories (Raizal, Palenquero and Black/Mulatto/Afrocolombian/Afrodescendant). Note that black and mulatto come together as Afrocolombian and Afrodescendant (see Table 2). Nevertheless, in the 1993 population census the “black community” (“*comunidad negra*”) category was introduced as a proposal for the self-recognition of black people, but in an equivalent form as Indigenous ethnic group. This last category impede the self-recognition of black urban population and the one located in large rural zones of

Colombia, since its use was restricted to a determined region of the country that obtained ethno-territorial rights.<sup>14</sup>

The ethnic-racial question of the 2005 census and DANE's household surveys in Colombia doesn't have the "white" and "mestizo" categories as it is the case in Peru (ENC and ENAHO) and of course Brazil (branco, white), since it uses the category "none of the above" to include all the people that do not ascribe as Indigenous, Afrodescendant or Rom. This last category of Rom or gypsy group only appears as a census category and in the household surveys in Colombia, not in the other three countries.

In Colombia, Mexico and Peru categories for the self-recognition of populations of Asian or oriental origin do not exist, in spite of their relative importance, especially in Peru and Mexico. In Brazil these populations have the racial or skin color category "Amarela" (yellow), which alludes to the Japanese population and its descendants in this society. This category was included in the census of this country in 1940 due to the important immigration from Japan that occurred.<sup>15</sup>

## Discussion

The ethnic-racial statistics in the population census of these four Latin American countries analyzed and in other countries of this region have been a constitutive element of the representations of these nations during the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries.

The statistical records reveal that in these societies there are different population weights for the people African origin and Amerindian groups, very diverse European and Asian origin groups, and their descendants with an also, very differentiated, miscegenation process among them. In this region, the ethnic and racial dimension was already a part of the population censuses, well before the arrival of multiculturalism in the 80's. Brazil has been the society where there is a well-established racial paradigm, as it is seen in its census history, whilst in the

---

<sup>14</sup> BARBARY, Olivier.; URREA, Fernando. **Gente Negra en Colombia: Dinámicas Sociopolíticas en Cali y el Pacífico**. Medellín: Editorial Lealón; Cidse/Univalle; IRD; Colciencias, 2004.

<sup>15</sup> PAIXÃO, Marcelo. Op. Cit., p. 196.

other three countries there is a clearly different approach based on a more cultural perspective for Indigenous population; a perspective that came to consolidation back in the 30's.

With the arrival of multiculturalism in the 80's, the theme of ethnic-racial identity and self-recognition is widespread in a good part of the great region.; be it of the kind that asks under an ethnic or racial affiliation criteria or by an identification with the ancestors' origins. The factor of recognizing oneself as belonging to a determined Indigenous or African descent community, can explain the growth of the participation that the figures reveal. This phenomenon explains the observed growth of Afrodescendants and Indigenous in almost all countries, as it is seen in Table 1 with the most recent data available at the time of this presentation.

The outstanding presence of the multiculturalist discourse described earlier is of tremendous important in understanding the main frame currently use in the region. This discourse was developed mostly through important constitutional changes<sup>16</sup> occurred in the great region and thanks to the sustained support of international cooperation agencies. But it is also related to the crisis of political representation of national States, between the 70's and 80's, to which one has to addition the emergence of significant ethnic-racial movements with particular demands for social inclusion and visibility.

Indigenous movements challenged the imaginary of integrated mestizo nations, that had supposedly occurred through the processes of urbanization and social modernization that had driven the white-mestizo elites during the last decades (before the 80's). But the also newly formed black middle classes and also certain Afrodescendant lower class sectors (urban and rural) in their involvement in the struggle against social inequalities. These two groups have realized that the place the occupy is affected by secular pigmentocratic patterns of inequality that are embedded in contemporary social structures, that in turn have restricted the chances of upward social mobility, together with elements of persistent racism and

---

<sup>16</sup> Since the 80's, 90's and the first decade of 21<sup>st</sup> century, there are new constitutions in several Latin American countries where the issues on ethnic-racial groups is included (for example, Brazil, Colombia, Mexico, Peru, Ecuador, Bolivia, Venezuela, Chile, Argentina, Panama, etc.).

discrimination. Afrodescendants have very recently started to demand the application of policies for their recognition and redistribution of social wealth.

It hasn't been solely multiculturalism's arrival in the last two decades the sole player in the advent of these new wave of increased emphasis on ethnic-racial statistics and inequality in the region. Since the 80's and mostly through the 90's the Latin American and Caribbean region lived a period of constitutional reform. These new constitutional developments explicitly incorporated ethnic minorities' rights and in particular the aborigine and Afrodescendant people under the prescriptions stated from a human rights perspective. Here the United Nations organisms (UNICEF, UNESCO, UNDP, ILO, UNFPA, FAO, ECLAC-CEPAL) played a crucial role, and more specifically through the new social developments pushed forward by the ILO's 169 Convention and the Durban conference (2001). The influence of different United Nations entities in the public policies directed to Indigenous and Afrodescendants had also an effect in how the national institutes of statistics worked.

Other key actors in this process have been financing multinational agencies like the World Bank and the Inter-American Development Bank (IDB), that have provided technical support and resources for the elaboration and enhancement of ethnic-racial statistics since the 90's, and during the last decade to the national statistics institutes and ethnic-racial organizations. Other international financing agencies like the Ford and Rockefeller Foundations, as well as other American foundations have also contributed to these developments.

According to Petruccelli,<sup>17</sup> and based on the work of Morning,<sup>18</sup> the different national contexts of these four diverse societies have developed four main types of frames or perspectives on whether or not to include the ethnic-racial dimension in their respective statistical systems (census, nationally representative surveys, life event register, etc.).

---

<sup>17</sup> PETRUCCELLI, Jose Luis. Op. Cit., p. 265.

<sup>18</sup> MORNING, Ann. **Ethnic Classification in Global Perspective: a Cross-National Survey of the 2000 Census Round**. New York: New York University, 2006.

It is from that analytical model that we can perhaps better understand the developments on the issue that have occurred in the Latin American and Caribbean region. We hypothetically propose the following typology for the region:

**a)** In favor of inclusion: for the purpose of exercising political control over the different groups. Historical records during the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries in the four countries and other Latin American and Caribbean countries were probably kept for this particular use, until the 80's and 90's, when the transition to the multiculturalist paradigm came about.

**b)** Non-inclusion: discourse on national hybridity. An example could be drawn from the period of Getulio Vargas in Brazil.<sup>19</sup>

**c)** Non-inclusion: in the name of national integration of society; for example the citizenship recognized by the nation, which forbids all policy of differentiation by race, color, ethnic group, etc. It could be the French tradition.

**d)** In favor to inclusion for the purpose of anti-discrimination policies can be justified, especially through multiculturalism policies: 1. ethnic-racial statistics as part of the symbolic, cultural and political recognition (anti-discrimination actions); and 2. These statistics can serve as tools for socioeconomic redistributive policies or material reparation policies, as affirmative actions in university education in Brazil and Colombia, and regarding other social issues (health programs, employment, housing, etc., especially in Brazil). The ethno-territorial rights policies for Indigenous and black rural communities, and even for some groups located in urban areas in Colombia<sup>20</sup> and Brazil.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> A fifth posture in favor of inclusion could be portrayed as that of "national hybridity (miscegenation from the Indigenous). This case could be represented in the Mexican case during the period of Lázaro Cárdenas in the 30's.

<sup>20</sup> In Colombia, constitutionally recognized territory for indigenous populations and Afrodescendant communities in the Pacific region, as well as other regions in the country, are of a size of about 37 to 38 million has. The 2005 Colombian census included a question to identify whether the dwelling in which the household lived was located in one of these protected territories. The exercise was unfortunately not a success due to problems related to the completion of the survey in certain parts of the country.

<sup>21</sup> The Brazilian state, to the end of 2012 announced a special program to identify and sketch the territories known as "quilombos", a program that is going to cost 600 million dollars, and that might favor 3350 families in 26 rural communities in that country, as it was published by <http://noticias.terra.com/america-latina/brasil/brasil-otorga-tierras-a-descendientes-de-esclavos,7c9a94ce0132b310VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html> Accessed July 30, 2013.

In this last type, statistical visibility (we all count) as a requirement from that multicultural discourse, must go through the different entities of the State and sometimes other areas of civil society. If you aren't being counted, you're being taken into account.

In this respect, ethnic-racial statistics can be seen as a political effect or result of the emergence of identity movements, of new forms of legitimacy within the National States, mostly achieved through multiculturalism, but also due to the appearance of new discourses within the social sciences in the academic field.

Now, with respect to the use of census and other statistics that collect information on race or ethnicity or some mixture of the two, we must make a final comment on the double role these statistics are currently playing. The Colonial history of the countries in the Latin American and Caribbean region explain why this racial and ethnic dimension has been so important in socio demographic terms, and still continues to do so. The current use is of a double nature. There is not only an interest in knowing how is the society composed in terms of their respective social groups, and certainly not even an issue of sole visibility. There is a political side to the current debate that places the debate in terms of political awareness in the continuous struggle for equality and social justice.

The debate is still divided between two main currents, as we have tried to show in this paper. There is, on the one hand, the issue of ethnic and racial statistics offered by the multiculturalist proponents of the international organizations as ECLAC-CEPAL, where only minorities ought to be racially or ethnically identify, as it is the case of Indigenous or aboriginal groups, and also Afrodescendants, but only to the extent that they themselves recognize as being part or identifying as belonging to one of these groups.

On the other hand, there is the Brazilian approach that countries like Cuba or the Dominican Republic (which we couldn't unfortunately expand and critically examine) follow as well, and that asks in a straightforward manner on the racial identification (color of the skin, for example) of the individual, regardless of any cultural interpretation; an approach that the proponents following the multiculturalist wave criticize on the basis that, due to their foundation on conceptions of race, do not allow one to clearly distinguish among groups whose



categories are too fluid, as would be the case of *Mulatto, Pardo, Mestizo, Moreno* or even white (regardless to them of the actual degree of fluidity of an Indigenous or Afrodescendant identity actually is, and that for the multicultural perspective rest on supposed solid ground).

The use of other methods of classification, done not by the individual themselves but by an external agent (the interviewer for example in a survey or census scenario, the so called hetero-classification), is out of the question for organizations as ECLAC.

The problem with some of the arguments made against the use of racial categories, the identification of “majority” groups or the use of external classification methods is that they miss the point that has been recently presented by the findings of researchers in the region. With the use of experimental surveys like PERLA and more standard ones like LAPOP which combined the different methodologies and perspectives discussed in this paper, these researchers have been able to show that the picture of inequality that emerges when using varying ethnic and racial classificatory criteria is quite different.

Social inequalities are better portrayed or better observed when hetero-classification techniques are used, a point that will surely push the debate even further perhaps destabilizing the current multicultural ideology. One has to remember that ethnic-racial statistics are above all social inequality markers; and that as social constructions, they aren’t a set of fixed (essentialized) identities. The ethnic-racial statistics are themselves historical and therefore changing, just as their likely uses or misuses are.

## References

- BARBARY, Olivier.; URREA, Fernando. **Gente Negra en Colombia: Dinámicas Sociopolíticas en Cali y el Pacífico**. Medellín: Editorial Lealon; Cidse/Univalle; IRD; Colciencias, 2004.
- BELAÚNDE, Víctor Andrés. **Peruanidad**. Lima: Comisión del Centenario de V. A. Belaúnde, 1987.

BENAVIDES, M.; TORERO, M.; VALDIVIA, N. **Afrodescendientes en América Latina - pobreza, discriminación social e identidad**: el caso de la población afrodescendiente en el Perú. Lima: GRADE, 2006.

ACTO por el Aniversario 40 del primer Censo de Población y viviendas de la etapa revolucionaria, realizado el 6 de septiembre de 1970. **O.N.E.**: Oficina Nacional de Estadísticas e Información. Republica de Cuba. Disponible em: <<http://www.one.cu/20100906seisdeseptiembre.htm>>.

COSTA RIBEIRO, Carlos Antonio. Classe, Raça e Mobilidade Social no Brasil. **DADOS: Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 4, p. 833-873, 2006.

ENAH0. **Encuesta Nacional de Hogares**. Household National Survey, 2010.

ENCO. **Encuesta Nacional Continua**. Continuous National Survey, 2006.

GROS, Christian. **Nación, identidad y violencia**: el desafío latinoamericano. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Universidad de los Andes, CESO, IFEA, 2010.

HERNÁNDEZ, Aída. et al. **El estado y los indígenas en tiempos del PAN**: Neoindigenismo, legalidad e identidad. San Ángel: CIESAS, 2004.

MORNING, Ann. **Ethnic Classification in Global Perspective**: a Cross-National Survey of the 2000 Census Round. New York: New York University, 2006.

PAIXÃO, Marcelo Jorge de Paula; ROSSETTO GIACCHERINO, Irene. **Levantamento das fontes de dados estatísticos sobre a variável cor ou raça no Brasil contemporâneo**: terminologias classificatórias, qualidade das bases de dados e implicações para as políticas públicas. 35º Encontro Anual da ANPOCS. Grupo de Trabalho 30: Relações raciais: desigualdades, identidades e políticas públicas. 2011.

PAIXÃO, Marcelo. La variable color o raza en los censos demográficos brasileños: historia y estimación reciente de las asimetrías. **Notas de Población**, Vitacura, n. 89, 2009.

PETRUCCELLI, Jose Luis. Chapter Nine: Ethnic/Racial Statistics: Brazil and an Overview of the Americas. *In*: ANGOSTO FERRÁNDEZ, Luis Fernando; KRADOLFER,

Sabine (Org.). **Everlasting Countdowns: Race, Ethnicity and National Censuses in Latin American States**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012.

PIQUERAS, José Antonio. Censos lato sensu. La abolición de la esclavitud y el número de esclavos en Cuba. **Revista de Indias**, Madrid, v. LXXI, n. 251, p. 193-230, 2011.

SALDÍVAR, Emiko. Estrategias de atención a la diferencia: El programa de educación intercultural de la Ciudad de México. *In*: YANES, Pablo; MOLINA, Virginia; GONZÁLEZ, Oscar (Org.). **El triple desafío**. Derechos, instituciones y políticas para la ciudad pluricultural. México: Gobierno del Distrito Federal, 2006.

SALDÍVAR, Emiko. **Prácticas cotidianas del estado**: Una etnografía del indigenismo. Madrid: Plaza y Valdés, 2008.

SCHKOLNIK, Susana. La inclusión del enfoque étnico en los censos de población de América Latina. **Notas de Población**, Vitacura, v. 89, p. 57-100, 2009.

SULMONT, David; VALDIVIA, Néstor. Chapter Seven: From Pre-Modern 'Indians' to Contemporary 'Indigenous People': Race and Ethnicity in Peruvian Censuses 1827-2007". *In*: ANGOSTO FERRÁNDEZ, Luis Fernando; KRADOLFER, Sabine (Org.). **Everlasting Countdowns: Race, Ethnicity and National Censuses in Latin American States**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012.

URREA, Fernando; VIÁFARA, Carlos; VIVEROS, Mara. From Whitened Miscegenation to Tri-Ethnic Multiculturalism. *In*: TELLES, Edward. **Pigmentocracies**: Social Science Findings from the Project on Ethnicity and Race in Latin America (PERLA) in Brazil, Colombia, Mexico and Peru. Chapel Hill: University of North Carolina Press.

VALDIVIA, Martín. Etnicidad, Antecedentes Lingüísticos y la Salud Materno Infantil en el Perú. **INEI (Instituto Nacional de Estadística e Informática)**. Centro de Investigación y Desarrollo, Lima, July 2007.

VALDIVIA, Néstor. **El uso de las categorías étnico/raciales en censos y encuestas en el Perú**: Balance y aportes sobre el uso de esta categoría para el análisis social y las políticas públicas. Lima: GRADE, 2012.

## FORMAÇÃO RACIAL, NAÇÃO E MISTIÇAGEM NA COLÔMBIA

Marcio André de Oliveira dos Santos<sup>1</sup>

Universidade Federal do Piauí

Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Recebido 15/10/2013  
Aprovado 15/03/2014

**Resumo:** O artigo discute as relações político-institucionais estabelecidos entre movimentos negros e o Estado no Brasil e na Colômbia entre os anos de 1991 até 2006. Semelhanças e diferenças nos processos de “formação racial” e de projetos de nação no final do século XIX e início do século XX são levados em consideração na compreensão das atuações e mobilizações destes atores políticos junto a esfera estatal. As elites político-intelectuais de ambos os países fomentaram estratégias ideológicas em torno da valorização da mestiçagem racial com o propósito de desmobilizar ações em torno de reivindicações raciais e étnicas. No entanto, mudanças políticas e conjunturais após os anos de 1990 possibilitaram avanços significativos dos movimentos negros em torno de “políticas de promoção da igualdade racial”.

**Palavras-chave:** relações político-institucionais – elites político-intelectuais – promoção da igualdade racial.

### RACIAL FORMATION, NATION AND MISCEGENATION IN COLOMBIA

**Abstract:** The article is a discussion of the political-institutional relations established between black movements and the state in Brazil and Colombia between the years 1991 to 2006. Similarities and differences in the processes of "racial formation" and national projects in the late nineteenth century and early twentieth century are taken into consideration in understanding the actions and mobilizations of these political actors at the state level. The political and intellectual elites of both countries fostered ideological strategies around the value of racial miscegenation in order to demobilize actions around racial and ethnic claims. However, political and cyclical changes after the 1990s enabled significant advances of the black movements around "policies to promote racial equality."

**Keywords:** political-institutional relations – political and intellectual elites – promoting racial equality.

Este artigo retoma argumentos desenvolvidos em um capítulo de minha tese de doutorado em Ciência Política intitulada “Políticas raciais comparadas: movimentos negros e Estado no Brasil e Colômbia.”<sup>2</sup> O referente trabalho discute as relações político-institucionais entre movimentos negros e Estado no Brasil e na

<sup>1</sup> E-mail: marcdre27@gmail.com

<sup>2</sup> Tese de Doutorado em Ciência Política defendida no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 2011.

Colômbia em torno de “políticas de promoção da igualdade racial”<sup>3</sup> entre os anos de 1991 até 2006. Neste capítulo, dedico-me a analisar as especificidades da “formação racial”<sup>4</sup> no contexto colombiano a fim de comparar e, conseqüentemente, compreender mais profundamente aspectos da realidade brasileira, sobretudo entre fins do século XIX e início do século XX. Para Michael Omi e Horward Winant as “formações sociais estruturadas racialmente”, ou seja, a “formação racial” propriamente dita pode ser definida como

(...) um processo sócio histórico pelo qual categorias raciais são criadas, habitadas, transformadas e destruídas”. E ao mesmo tempo consiste em um “processo de projetos historicamente situados nos quais corpos humanos e estruturas sociais são representados e organizados.<sup>5</sup> (Tradução do inglês pelo autor).

A construção nacional colombiana, a *colombianidade*,<sup>6</sup> processo conduzido por suas elites político-intelectuais - literatos, cientistas, médicos, políticos profissionais -, entre as décadas de 1860 e 1910, tomava como espelho, inspiração e modelo a modernidade europeia. Neste sentido, a *colombianidade*, como ideologia nacional, pressupunha investimentos específicos em “políticas raciais racistas”,<sup>7</sup> de caráter eugênico visando uma sistemática seletividade racial de seu povo por meio do incentivo à importação de trabalhadores europeus brancos, vistos como racialmente superiores. Embranquecer o “estoque racial” da

---

<sup>3</sup> “Políticas de promoção da igualdade racial” constituem-se como conjunto de políticas públicas de corte racial, direcionadas a segmentos da população negra em todo país, tais como jovens, mulheres, quilombolas e universitários. As políticas de ação afirmativa, especialmente as cotas raciais, são as mais conhecidas. Por outro lado, as “políticas de promoção da igualdade racial” fazem parte de programas e ações institucionais da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPPIR. O pressuposto fundamental é o de que não há igualdade racial entre os diferentes grupos étnicos e raciais que constituem a sociedade brasileira, portanto é preciso promovê-la – por meio de uma série de ações de âmbito nacional, estadual e municipal.

<sup>4</sup> Michael Omi e Horward Winant discutem o conceito de “formação racial” no livro OMI, Michael; WINANT, Horward. **Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s**. New York: Routledge, 1994. Rev. ed. p. 55-56.. Para uma apropriação do conceito no context latino-americano ver o artigo de RAHIER, Jean. The Study of Latin American “Racial Formations”: different approaches and different contexts”. **Latin American Research Review**, v. 39, n 3, p. 282-293, 2004.

<sup>5</sup> OMI, Michael; WINANT, Horward. Op. Cit., p. 55-56.

<sup>6</sup> Para uma discussão sobre *colombianidade* ver o artigo de RESTREPO, Eduardo ¿Quién imagina la independencia? A propósito de la celebración del bicentenario en Colombia. **Nómadas**, Bogotá, n.33, p. 69-77, jul./dez. 2010.

<sup>7</sup> Sobre o conceito de “políticas raciais racistas” ver a tese supracitada, especialmente o capítulo 1.

população colombiana tinha um duplo significado: primeiro, frear drasticamente o quantitativo de negros, mestiços e indígenas (as chamadas “raças inferiores e degeneradas”, de acordo com os postulados racistas em voga nos meios intelectuais) e, segundo, impulsionar os valores do “progresso” e da “civilização”. Em uma palavra: *modernidade* significava neste contexto embranquecer o povo, física e culturalmente.

Portanto, embranquecimento e modernidade eram termos que caminhavam juntos no imaginário das elites, sinônimos, ganhando corpo em diversas práticas institucionais adotadas pelo nascente Estado colombiano.

As semelhanças com a realidade brasileira nas décadas finais do século XIX são diversas, desde a execração do patrimônio cultural e civilizacional negro-africano e dos povos indígenas até a bestialização e animalização desses grupos. Com poucas exceções, negros e indígenas eram representados e tratados como selvagens, bárbaros, brutos, insolentes, ignorantes, preguiçosos e, conseqüentemente, como entraves ao processo de modernização e progresso de ambos os países.

Com base nas teorias racistas importadas da Europa e em plena circulação nos principais meios intelectuais e políticos da época, desenvolveu-se a ideia de que a mestiçagem visando embranquecer a população poderia ser a solução para o “problema racial” que os atormentava. Os mestiços foram inicialmente considerados inferiores aos brancos em termos de capacidades intelectuais, morais e éticas. No entanto, frente ao fato de que a maior parte da população resultava de diferentes mestiçagens (de brancos e negros, de negros e indígenas e de indígenas e brancos), argumentos ancorados no determinismo climático e biológico foram utilizados para valorizar os benefícios da mestiçagem do ponto de vista da adaptação e aclimatação dos europeus nos trópicos, dando lugar a um discurso de aceitação e legitimidade dos mestiços como colombianos por excelência. Ainda assim, mestiços de pele clara e de pele escura eram valorados e incorporados diferentemente no modelo de estratificação racial colombiano. Os primeiros eram considerados mais próximos dos brancos enquanto os últimos eram facilmente associados aos negros, grupo que deveria ser eliminado pela

intensificação da mestiçagem com os brancos europeus. O fato era que o racismo atingia e gerava consequências diversas para todos os não-brancos, relativizando os mecanismos de valorização da mestiçagem interracial.

O imaginário em torno da “nación mestiza” – teve importante papel na constituição dos movimentos negros colombianos, gerando significativos obstáculos em termos da mobilização coletiva deste segmento por uma identidade racial comum. Aproveitando-se do relativo sucesso da politização étnica dos indígenas por demandas específicas frente às instituições do Estado, tais como demarcação de territórios, preservação de tradições culturais, educação diferenciada, diversas organizações negras<sup>8</sup> começam a surgir no espaço público em meados dos anos de 1970 e 1980, especialmente na região do Pacífico onde mais de 80% dos afrocolombianos do país residem. Organizações como o *Centro para Investigación e Desenvolvimento da Cultura Negra*<sup>9</sup> – CIDCUN; a *Fundação Colombiana de Investigações Folclóricas e Centro de Estudos Afrocolombianos*,<sup>10</sup> fundada por Manuel Zapata Olivella; o *Centro de Estudos “Frantz Fanon”*; o *Círculo de Estudos da Problemática das Comunidades Negras*<sup>11</sup> - SOWETO, organização de estudantes afrocolombianos solidários com o movimento *anti-apartheid* da África do Sul e o *Movimento Nacional pelos Direitos das Comunidades Negras*,<sup>12</sup> dirigido por Juan de Dios Mosquera e popularmente conhecido como *Movimento Cimarrón* (para citar alguns), surgiram neste período revelando ao mesmo tempo tanto uma diversidade regional quanto em termos de nichos distintos de atuação.

A emergência dos movimentos negros colombianos mantém uma forte correlação com as dinâmicas internacionais de fins dos anos 60 e década de 70 de luta por libertação nacional dos povos africanos e o *Movimento Pelos Direitos Civis* dos Estados Unidos. Organizações do movimento negro estadunidense como os *Black Panthers* e o *NAACP* - Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de

---

<sup>8</sup> No terceiro capítulo da minha tese intitulado “Estado, mudança institucional e a formação dos movimentos negros na Colômbia”, desenvolvo melhor este argumento.

<sup>9</sup> Em espanhol *El Centro para la Investigación y Desarrollo de la Cultura Negra*. Tradução do autor.

<sup>10</sup> Em espanhol *Fundación colombiana de investigaciones folclóricas y centro de estudios afrocolombianos*.

<sup>11</sup> *Círculo de Estudios de la Problemática de las Comunidades Negras de Colombia*

<sup>12</sup> *Movimiento Nacional por los Derechos de las Comunidades Negras*.

Cor e lideranças políticas como Martin Luther King e Malcolm X rapidamente transformaram-se em referências de luta contra o racismo e a exclusão racial. Uma ativista negra da cidade de Nãrino traduziu bem esta correlação ao afirmar que

A finales de los años 60 llegó a Buenaventura alguna influencia de la lucha de los negros en Estados Unidos. Cuando la muerte de Luther King aquí se organizaron grupos de discusión y algunos se fueron vinculando a ese discurso. Hubo contactos con negros de Estados Unidos que llegaban al Puerto (Buenaventura). En la época de Malcolm X y de los "Black Panthers", aquí hubo un grupo que se llamó «Black Power» inspirado en la idea de Carmichael. Pero el que dañó el futuro de eso fue Colón Caicedo. El grupo estaba formado por estudiantes y trabajadores portuarios. Lo primero que se buscó fue aumentar la autoestima y la identidad. Lo que falló fue que se trató de implantar aquí con el mismo modelo de allá y aquí la problemática del negro es diferente. Yo recuerdo que aquí venía un negro gringo a darnos charlas. Era el hermano Joseph, quien era evangélico. Luego se formaron peleas acá entre los que apoyaban a los evangélicos de la línea de Luther King y los musulmanes de la línea de Malcom X. Colón Caicedo forma parte de esos grupos. El hablaba en el concejo municipal de la « raza negra » y de que el partido liberal era el partido de los negros del Pacífico. Como él era el mejor posicionado de los negros que participaban en esos grupos siempre tuvo el liderazgo. Colón utilizó este movimiento para recoger votos. Luego él mismo se encargó de desbaratarlos cuando vio que no los podía controlar. Toda la gente que nos aproximamos a eso nos disgregamos y solo quedaron motivaciones individuales. Algunos serían después de Soweto y Cimarrón. A mi me sacó corriendo de allí la politiquería y la demagogia de Colón. Luego no quise trabajar más con ese tipo de proyectos" (Gladis de Nariño, Buenaventura, 1999).<sup>13</sup>

Semelhanças e diferenças com o Brasil são notórias. No caso brasileiro, o incentivo às políticas de imigração de europeus para embranquecer os "nacionais" possuía praticamente os mesmos propósitos que no caso colombiano. Em meados dos anos de 1930, após tentativas fracassadas de apagar de vez a presença africana no país, as elites político-intelectuais passam a adotar o discurso da mestiçagem como alternativa ao "problema racial" brasileiro, justificando e legitimando o que ficou conhecido como "mito da democracia racial". Autoridades e figuras públicas brasileiras do início do século XX não concordavam facilmente da acusação de

---

<sup>13</sup> Citado em AGUDELO, Carlos Efrén. **Populations noires et action politique dans le Pacifique colombien. Paradoxes d'une inclusion ambiguë.** 2002. Tese (Doutorado) - Institut des Hautes études de l'Amérique latine, Université Paris III, Paris, 2002. p. 122.



racistas. Na realidade, entendiam que a suposta ausência de “preconceito de cor” era um tipo de valor das relações sociais brasileiras, marcadas pela cordialidade e aceitação mútua. Contudo, o racismo contra negros, judeus, árabes e asiáticos<sup>14</sup> eram largamente praticados no dia a dia, particularmente em cidades mais urbanizadas.<sup>15</sup>

Concomitante a ideia de negação do racismo, tem-se ao mesmo tempo a construção do mito da não violência presentes nas relações sociais. Apesar das propagandas feitas no exterior por diplomatas brasileiros de um país racialmente harmonioso e, portanto, não conflitivo, grupos de afro-americanos planejaram imigrar para o Brasil, cansados da segregação racial e das perseguições de organizações como a *Ku Klux Klan*. A imprensa negra que circulava em cidades como Chicago, Nova York e Filadélfia em jornais como *The Crisis*, *Chicago Defender* e *Baltimore Afro-American* desempenhou um papel importante na disseminação do mito de um Brasil sem racismo e não violento, motivando e mobilizando estes grupos a imigrar principalmente para regiões como o Centro Oeste e Norte do país na esperança de encontrar as condições ideais que tanto almejavam.<sup>16</sup> terra, investimentos, tolerância racial e prosperidade econômica.<sup>17</sup>

A ideologia de harmonia racial do Estado brasileiro logo revelou sua verdadeira face. O Ministério das Relações Exteriores criou todo tipo de dificuldade para a imigração dos afro-americanos, chegando a burlar o acordo comercial que permitia a livre circulação entre cidadãos de ambos os países. O problema era exatamente esse: os negros não eram cidadãos nem lá, tampouco aqui. Chineses, árabes, judeus e japoneses e outros grupos também foram taxados como "imigrantes indesejáveis" pelas autoridades brasileiras, considerados um perigo

---

<sup>14</sup> Nas décadas finais do século XIX e até meados dos anos de 1930, milhares de imigrantes de origem asiática aportaram nas cidades brasileiras, especialmente japoneses e chineses. Do mesmo modo, sírios, libaneses, turcos e outros grupos do Oriente Médio chegavam em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Todos estes grupos sofreram preconceito e racismo.

<sup>15</sup> LESSER, Jeffrey. A negociação da identidade nacional. São Paulo: Unesp, 2001.

<sup>16</sup> Desenvolvo melhor este argumento na tese supracitada. Para uma discussão pormenorizada desta discussão ver MELO, Thiago. Problemas no Paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 25, n. 2, p. 307-331, 2003.

<sup>17</sup> MELO, Op. Cit.

em um país que festejava a mestiçagem menos como valor autêntico e mais como estratégia de embranquecimento físico, cultural e mental de sua população.<sup>18</sup>

### **Imigração e Embranquecimento**

A história política da Colômbia entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX revelam uma série de semelhanças com o Brasil daquele período. As elites político-intelectuais colombianas condenaram com veemência a imigração de trabalhadores e colonos não-europeus. Para o imaginário dominante, somente imigrantes brancos e, dentre estes preferencialmente os nórdicos, seriam capazes de impulsionar o país em direção ao “progresso”.

As políticas de imigração expressavam “políticas raciais racistas”, ou seja, um conjunto de mecanismos institucionais que foram utilizados como instrumentos de seletividade e preferência dos tipos raciais desejados para construir a nação colombiana contra aqueles vistos como prejudiciais e potencialmente perigosos ao “corpo nacional”. Os europeus ocupavam o topo dessa hierarquia racial, já que vistos como mais civilizados, inteligentes, engenhosos e laborais do que asiáticos, árabes e africanos. Estes últimos considerados selvagens, ignorantes, brutos e preguiçosos. Portanto, as políticas seletivas de imigração irão fundamentar um tipo *sui generis* de “formação racial” tanto na Colômbia quanto em outros países da América Latina, em especial o Brasil.

A reflexão sobre as identidades sociais e *formação nacional* dificilmente seria compreensível sem antes levarmos em consideração o *pensamento racial*<sup>19</sup> desenvolvido em fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A formação nacional caracterizou-se fundamentalmente por um tipo de “política

---

<sup>18</sup> LESSER, Op. Cit.

<sup>19</sup> O “pensamento racial” que nos referimos aqui pode ser visto como um conjunto de ideias e valores com base na noção biológica de “raça” que resultam em práticas sociais específicas, como a eugenia. No contexto colombiano de fins do século XIX e início do século XX, o pensamento racial tem por base o racismo e as teorias racistas importadas da Europa pelas elites intelectuais para explicar as hierarquias existentes entre brancos e não-brancos.

racial” construída por estas elites político-intelectuais como um tipo de “colonialidade do poder”.<sup>20</sup>

O processo histórico que resultou na formação nacional colombiana utilizou-se largamente de práticas sociais, higienistas e eugênicas de racialização das identidades sociais expresso principalmente pela “política racial” do período assinalado. A imaginação nacional resultante do pensamento racial defendido – e também criticado – por membros das elites dominantes irá alicerçar o “processo de formação racial”.<sup>21</sup> Nesta perspectiva, cada formação nacional teve como substrato uma formação racial específica. É caracterizada por processos históricos e sociais em que uma tipologia racial e étnica é construída e frequentemente transformada, a depender dos interesses em jogo. Contudo, é o Estado nacional que configura a formação racial de um dado país por meio de práticas institucionais, legislativas, decretos e leis. Jean Rahier<sup>22</sup> destaca que a mestiçagem e o mito da democracia racial foram (e continuam a ser) largamente operacionalizados em vários países da América Latina como parte das “imaginações dominantes” em torno da construção de identidades nacionais racializadas.<sup>23</sup>

Michael Omi e Howard Winant analisaram o papel da formação racial como um processo histórico.<sup>24</sup> Processo este que pode ser datado desde a colonização dos europeus nos países americanos no qual uma intensa racialização foi imposta aos indígenas e africanos escravizados. Como resultado e *modus operandi* do sistema, os recursos econômicos, sociais e políticos passam a ser distribuídos de maneira desigual para os grupos a partir das linhas de cor. Apesar da competição e escassez de recursos materiais típicos de sociedades em formação, aos “brancos” eram garantidos certas vantagens frequentemente negadas aos “não-brancos”.

---

<sup>20</sup> QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: 2005. Colección Sur Sur, CLACSO.; VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en Colombia: la población negra y la colonialidad del poder. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 44, n. 1, p. 71-94, 2008. p. 88.

<sup>21</sup> OMI, Michael; WINANT, Howard. Op. Cit.

<sup>22</sup> RAHIER, Op. Cit.

<sup>23</sup> RAHIER, Op. Cit.

<sup>24</sup> OMI, Michael; WINANT, Howard. Op. Cit.

Para Omi e Winant as “formações sociais estruturadas racialmente”, ou seja, a “formação racial” propriamente dita pode ser definida como

(...) um processo sócio histórico pelo qual categorias raciais são criadas, habitadas, transformadas e destruídas”. E ao mesmo tempo consiste em um “processo de projetos historicamente situados nos quais corpos humanos e estruturas sociais são representados e organizados.<sup>25</sup> (Tradução do inglês do autor).

Ainda que sob forte influência da história política do racismo institucional estadunidense, a abrangência da análise parece-me útil para iluminar a especificidade do contexto latino-americano e auxiliar no entendimento das disputas dos projetos de nação encenados ao sul do Equador.

Outro aspecto fundamental para uma crítica da influência do racismo nas ideologias nacionais é a própria reflexão sobre os significados e sentidos de nação sustentados pelas elites político-intelectuais dos países analisados. Seguindo um velho clichê, nação é uma espécie de tradução inexata do somatório de território, língua, cultura e povo. Mais que isso. Conforme nos mostrou Benedict Anderson, nações são *comunidades imaginadas*. Imagina-se ou arquiteta-se o que a ideologia e os valores dos porta-vozes de uma dada nação ditam ou tentam ditar: como esta deveria ser; quem poderá ou não participar desta e por quanto tempo. As preocupações e inquietações com os rumos de uma nação sempre foram tributados as suas elites, sejam estas políticas, econômicas e/ou intelectuais. De quando em vez, anseios populares tentaram tomar esse lugar da imaginação nacional para si. Frequentemente sem sucesso.

Intelectuais e políticos, tanto conservadores quanto republicanos, tais como Miguel Jiménez López, Jorge Bejarano, Luiz López de Mesa – para citarmos alguns - defenderam em seus escritos e discursos o que entendiam como obstáculo e incompatibilidade para a construção de uma nação moderna e progressista: a heterogeneidade racial e étnica presente no povo colombiano. Para estes intelectuais, a “raça colombiana” carecia de atributos e qualidades mínimas para o

---

<sup>25</sup> OMI, Michael; WINANT, Howard. Op. Cit., p. 55-56.

desenvolvimento do país.<sup>26</sup> A chamada “degenerescência racial” parecia seguir *pari passu* com a degradação moral, intelectual e física dos colombianos. Como garantir soberania, estabilidade e ordem política em um país marcado por “mestiços degenerados”? Como fazer surgir daí uma nação competitiva e alinhada com as principais potências mundiais da época sob a ameaça de “poluição” da “raça colombiana”<sup>27</sup> pelo “sangue de africanos e indígenas”? Que nação e sociedade seriam possíveis, enfim, a partir deste tipo de configuração étnica e racial?

Portanto, a heterogeneidade racial e étnica do povo colombiano, considerada um problema de soberania nacional e posta como preocupação suprapartidária pelas elites político-intelectuais, deveria ser resolvida por meio das políticas imigratórias. Os imigrantes deveriam ser provenientes da Europa, já que ali habitavam os membros das “raças superiores” e considerados os mais aptos e adequados à tarefa de povoar, impulsionar e gerenciar o desenvolvimento do país. Na realidade, tais políticas serviam para acelerar o processo de branqueamento do país, auxiliado pelas ciências médicas, biológicas e pela antropologia determinista, diretamente influenciada pelo pensamento eugênico em voga nas primeiras décadas do século XX.<sup>28</sup> Portanto, tem-se aí os fundamentos de uma “política racial racista”, corroborada e defendida por políticos, intelectuais, literatos e todo tipo de cientistas (médicos, biólogos, geógrafos).

Através das lentes das elites político-intelectuais colombianas, negros, indígenas, mestiços e mulatos foram acusados de serem os principais responsáveis pelo atraso social e econômico do país. Mais que isso. A presença destes significava um problema de ordem racial, moral e política, já que lhes era atribuído o caráter de instáveis, desajustados e perturbadores do ordenamento social e político. Sublinhe-se o fato de que “raça, moral e política” geralmente caminhavam juntos na explicação e justificação de um tipo de “política racial” diferenciada.

---

<sup>26</sup> VÉLEZ, Álvaro Villegas. Raza y nación en el pensamiento de Luis López de Mesa: Colombia, 1920-1940. **Estudios Políticos**, Medellín, n. 26, p. 209-232, enero-junio 2005. p. 213.

<sup>27</sup> Restrepo chama a atenção para os vários significados que o termo “raça” adquire para os intelectuais de fins do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Para uma discussão sobre as “noções de raça” feitas pelo autor ver RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro” y nociones de raza en Colombia a principios del siglo XX. **Revista de Estudios Sociales**, n. 27, p. 46-61, 2007.

<sup>28</sup> STEPAN, Nancy. **A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Como resolver tal impasse? A mestiçagem foi transformada em mecanismo de controle e eliminação da herança africana no país. O incentivo a mistura entre as “raças” seria a via mais racional e lógica para criar no futuro uma nação racialmente homogênea, uniforme e europeizada ao máximo, cujo predomínio fenotípico deveria ser, necessariamente, branco.

### **O papel das elites político-intelectuais na “ordem racial” colombiana**

A história do processo de *formação racial colombiano*, desde meados do século XIX até meados dos anos de 1940 do século XX, guarda semelhanças, convergências e diferenças substantivas com a *formação racial brasileira*. O papel exercido pelas elites político-intelectuais de ambos os países foi fundamental na constituição do projeto nacional que tinham em mente e que tentaram levar a cabo até as últimas consequências, ainda que tenham fracassado em grande medida.<sup>29</sup> Com o fim do trabalho escravo e a necessidade de impulsionar a economia e o desenvolvimento nacional, as elites de ambos os países puseram a si mesmas a seguinte questão: como compatibilizar desenvolvimento e modernização com a presença massiva de “negros, mulatos e mestiços” em suas populações? Em outros termos, qual o caminho para resolver o dilema representado pela presença secular e extensiva de populações não-brancas vistas como atrasadas, indolentes e racialmente inferiores?

As primeiras décadas do século XX foram especialmente propícias para a reflexão sobre a dualidade das ideias de *nação e raça*. Vários intelectuais, literatos e políticos colombianos debateram intensamente os dilemas e inquietações postos no horizonte político do país que envolvia essa dualidade. Apesar de inúmeras divergências ideológicas e diferentes posições substantivas quanto aos caminhos que deveriam ser seguidos, praticamente todos eles convergiam para a ideia de que a “solução” para o problema da construção nacional passava inevitavelmente pela europeização de suas sociedades. Europeização em seu sentido mais abrangente, abarcando não somente a dimensão biológica da população quanto à

---

<sup>29</sup> ANDREWS, George Andrews. **Afro-Latin America** (1800-2000). New York: Oxford University Press, 2004.

dimensão cultural e estética, ou seja, era preciso assemelhar-se aos europeus do ponto de vista cultural e físico.<sup>30</sup> Sob forte e decisiva influência do racismo científico, do darwinismo social, do determinismo biológico e climático vaticinavam que o branqueamento populacional por meio da importação de imigrantes europeus – brancos, portanto – e através da “ciência eugênica” seria a alternativa mais racional, lógica e compatível com tal tarefa.<sup>31</sup>

Uma interessante análise é feita por Peter Wade sobre os processos de embranquecimento na Colômbia, dividida em duas perspectivas: 1) na ideologia democrática expressa no lema “somos todos mestiços”, fórmula que serviu como amálgama para os nacionalismos latino-americanos durante longo tempo; 2) por outro lado, a ideologia que discrimina os mestiços entre mais claros e mais escuros, sendo que quanto mais escuro mais próximo da imagem que se tinha de *negro*, logo, menos desejável como candidato a cidadão e quanto mais claro, mais próximo da representação hegemônica do branco.<sup>32</sup>

Em outra perspectiva, McGraw<sup>33</sup> afirma que o discurso eugênico – marcado pela ênfase na educação social, o controle e a purificação social - converteu-se de luta contra a degeneração racial em um dever patriótico. Miguel Jimenez López em sua obra mais influente, *“Nuestras razas decaen: algunos signos de la degeneración colectiva en Colombia y en los países similares. El debate actual de la ciencia”*, de 1920, propõe veementemente a imigração europeia de trabalhadores brancos como única solução possível para o que via como degeneração física, moral e intelectual da Colômbia e dos colombianos. Jimenez López acreditava que seus contemporâneos eram racialmente inferiores aos seus antepassados dos tempos coloniais. Sendo assim, somente a imigração europeia seria capaz de frear a

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> VANEGAS, Julio Arias. Seres, cuerpos y espíritus del clima, ¿pensamiento racial en la obra de Francisco José de Caldas? **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 16-30, 2007.; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. ¿Disciplinar o poblar? La intelectualidad colombiana frente a la biopolítica (1904-1934). **Nómadas**, n. 26, p. 44-55, 2007.; MATOMA, María Angelica. La política internacional migratoria colombiana principios del siglo XX. **Mem.soc**, Bogotá (Colombia), v. 13, n. 26, p. 7-17, enero – junio, 2009.; Caribe colombiano, 1900-1930. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 62-75, 2007.; VÉLEZ, Álvaro Villegas. Raza y nación... Op. Cit.; ANDREWS, Op. Cit.

<sup>32</sup> WADE, Peter. El movimiento negro en Colombia. **América Negra**, v. 5, p. 173-191, 1993. p. 42.

<sup>33</sup> MCGRAW, Jason. Purificar la Nación: eugenesia, higiene y renovación moral-racial de la periferia del Caribe colombiano, 1900-1930. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 62-75, 2007. p. 64.

continuidade desse “ciclo vicioso”. Conforme ressalta Vélez,<sup>34</sup> nem todos os membros da elite político-intelectual colombiana concordavam com a tese da degenerescência racial. Intelectuais como Calixto Torres Umaña, Jorge Bejarano, Lucas Caballero, Luis López de Mesa e Simón Araujo, sustentavam outros pontos de vista sobre a questão, ainda que todos partilhassem a hierarquia racial típica daquele contexto.<sup>35</sup>

Articelistas e formadores de opinião escreviam para a *Revista Moderna y Cultura* sobre os perigos e riscos da decadência nacional caso medidas como as políticas de imigração de europeus não fossem adotadas com o rigor necessário para frear o avanço das “raças inferiores”. Vélez, ao analisar o pensamento racial do início do século XX sublinha que, para intelectuais como Jiménez López, a imigração com o propósito de barrar a degeneração racial coletiva deveria estar calcada em uma hierarquia mesmo entre os europeus cujos principais representantes seriam os suíços, belgas, holandeses e alemães do sul, vistos como fortes e mais aptos para o trabalho e capazes de transmitir qualidades raciais determinadas à “raça colombiana”.<sup>36</sup>

Neste sentido, as políticas de embranquecimento – largamente incentivadas por meio de incentivos financeiros e políticas estatais, praticados também no caso brasileiro - vinculavam-se perfeitamente à ideologia da mestiçagem racial, ou seja, um meticuloso plano de clarear gradativamente os “nacionais” para que estes viessem a se tornar inteiramente “brancos” e, de acordo com esta perspectiva, mais promissores para a nação que se projetava e imaginava. Branqueamento e mestiçagem são conceitos analíticos que carregam profundas similitudes no contexto latino americano e colombiano em especial. Para a ideologia da construção do Estado-nação colombiano ambas as ideias foram essenciais para

---

<sup>34</sup> VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación, intelectuales de elite y representaciones de degeneración y regeneración, Colombia, 1906-1937. **España Iberoamericana. America Latina - Espana - Portugal**, v.28, p.7 - 24, 2007.

<sup>35</sup> VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación, intelectuales de elite... Op. Cit., p. 13.

<sup>36</sup> VÉLEZ, Álvaro Villegas. Raza y nación en... Op. Cit., p. 213; \_\_\_\_. Nación, intelectuales de elite... Op. Cit., p. 12-13.



solidificar o lugar da Colômbia no rol dos países “civilizados” e em desenvolvimento.<sup>37</sup>

O incentivo estatal à imigração europeia visando o embranquecimento parece ter sido uma das principais marcas da política racial praticada nas Américas no período republicano. Brasil, Argentina, Venezuela e outras nações adotaram claramente políticas deste tipo.<sup>38</sup> Na Colômbia, conforme Wade, o branqueamento via importação de europeus também foi uma política oficial fortemente incentivada por suas elites. Um cônsul britânico, em viagem pelo país no ano de 1824, atestava que

(...) a preponderância de sangue africano ao largo desta muito extensa linha da costa [o litoral Atlântico] em tempos agitados como o presente, não pode deixar de provocar sérias reflexões neste país. Aqueles no poder [...] sentem a grande importância das conveniências de convidar europeus a estabelecer residência na Colômbia [...] onde seus descendentes deviam melhorar as qualidades físicas e morais dos colombianos.<sup>39</sup>

O branqueamento visava o suposto melhoramento das qualidades físicas e morais dos colombianos, ameaçado pela mestiçagem largamente praticada no cotidiano de sua população. Wade chama a atenção que além da perspectiva do “melhoramento racial”, o incentivo estatal para a imigração de brancos europeus servia também ao propósito de amenizar a chamada “luta de raças”. A projeção de um país totalmente embranquecido com “sangue europeu” era a certeza de uma nação que marchava “rumo ao progresso” e ao desenvolvimento social. Pelo menos essa era a ideia que permeava boa parte dos intelectuais e políticos colombianos de então.

Marcante nas formações raciais latino-americanas, os projetos de branqueamento e/ou mestiçagem populacional como mecanismo de resolução do contato racial entre europeus, africanos e indígenas foram recorrentes. A influência das ideologias racistas em voga no continente europeu inculcavam a

---

<sup>37</sup> WADE, Peter. Repensando el Mestizaje. *Revista Colombiana de Antropología*, v. 39, p. 273-296, enero-diciembre, 2003.; RAHIER, Op. Cit.

<sup>38</sup> ANDREWS, Op. Cit.

<sup>39</sup> HUMPHREYS, 1940, p. 267. *apud* WADE, Peter. Repensando el Mestizaje... Op. Cit.

ideia de que o progresso material e econômico de suas sociedades deveria, inevitavelmente, passar pela subtração ou mesmo diluição do “sangue” de africanos e indígenas do “corpo nacional”. Como já assinalado, nas primeiras décadas do século XX as elites político-intelectuais colombianas sofriam enorme influência das teorias eugênicas que associavam a fragmentação social, doenças e enfermidades contagiosas com as características raciais, portanto, degeneradas da nação.<sup>40</sup> Vista como “medicalização do mundo social”, a eugenia foi debatida com o objetivo de evitar o que qualificavam como a degradação racial e, conseqüentemente, moral e civilizacional da sociedade. McGraw<sup>41</sup> neste sentido afirma que

al vincular las ideas de contaminación racial, decaimiento moral y enfermedad, la eugenesia pretendía exponer los problemas de la falta de orden entre los cuerpos y dentro de las regiones, a la vez que ofrecía soluciones a esos mismos problemas.<sup>42</sup>

Para os pensadores eugenistas colombianos, mais do que um processo de transformação visando à homogeneização do povo, a eugenia significava construir “cidadãos saudáveis”, para isso era preciso proteger-se contra a *diferença negativa* presente no corpo da nação.<sup>43</sup> Conforme apontado por López de Mesa

[h]oy sube, lenta e indetenible, la sangre africana por las venas de nuestros ríos hacia las venas de nuestra raza.<sup>44</sup>

As citações referentes aos africanos e indígenas estão cheias de alusões médico-biológicas tais como poluição, contaminação e transfusão sanguínea. Ainda que não mencione exatamente qual, o “nuestra raza” a que se refere López de Mesa certamente alude a “raça branca” que entendia fazer parte e cujo desejo era o de “melhorá-la” por meio da eugenia. O psiquiatra, ministro e membro do Diretório Nacional do Partido Conservador, Miguel Jiménez López, em discurso durante o

---

<sup>40</sup> MCGRAW, Op. Cit.

<sup>41</sup> Idem

<sup>42</sup> Ibidem. p. 64.

<sup>43</sup> Ibidem. p. 66.

<sup>44</sup> Apud MCGRAW, Op. Cit., p. 66.

*Terceiro Congresso de Medicina da Colômbia* em 1918, tentava compreender tais dilemas ao questionar-se:

¿Existe hoy en nuestro país un estado de degeneración colectiva?  
¿Somos, en otros términos, un agregado social en que los atributos de las razas originarias hayan marcha hacia un desarrollo progresivo, o bien ellos se han mantenido estacionarios o, por el contrario, la capacidad vital y productora de los progenitores ha sufrido una regresión en el decurso de nuestra existencia colectiva? ¿Desde un punto de vista estrictamente biológico, nuestro país y los países similares, analizados en el actual momento de su historia avanzan, se estacionan o retroceden?.<sup>45</sup>

Nesta mesma perspectiva, durante o *Terceiro Congresso e sua Memória*, realizado em janeiro de 1928, em Cartagena, Jimenez López, a esta altura considerado um dos principais porta-vozes do pensamento racial de sua época, afirmava na já citada “Nuestras razas decaen” que evidências e traços de natureza psíquica e física presentes na população colombiana atestavam o “adiantado” processo de degeneração racial.<sup>46</sup> As imagens dos e sobre os negros pelas elites intelectuais continham representações essencialmente negativas sobre a relação entre nação e raça. Jorge Bejarano, por exemplo, assim se expressava sobre os negros:

Duros y resistentes a la acción deletérea de nuestros climas tropicales; ágiles y rápidos para surcar los ríos; aptos para el laboreo de las minas y para los menesteres agrícolas; fecundos con asombrosidad cuando viven bajo climas convenientes, los negros se multiplicaron por efecto de la generación y de la intensa introducción de ellos, con rapidez que sobrepasó a todo lo imaginado [...] La raza negra, favorecida por el sol tropical, por sus costumbres salvajes y por su escasa intelectualidad y moralidad, se reprodujo prodigiosamente y pobló las extensas comarcas de nuestros valles y ríos.<sup>47</sup>

Em uma mesma perspectiva, José Maria Samper, considerado um dos mais influentes intelectuais e eugenistas colombianos do final do século XIX, expressava assim seu ponto de vista:

---

<sup>45</sup> *Apud* VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación, intelectuales de elite... Op. Cit., p. 11.

<sup>46</sup> RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 47.

<sup>47</sup> *Apud* RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 49.

lá [i.e., na balsa] o homem primitivo, tosco, brutal, indolente, semisselvagem e tostado pelo sol tropical, o boga colombiano, com toda sua insolência, com seu fanatismo estúpido, sua covarde petulância, sua indolência incrível e seu cinismo de linguagem, filhos mais da ignorância do que da corrupção; e mais aqui [i.e., no navio a vapor] o europeu, ativo, inteligente, branco e elegante, muitas vezes loiro, com seu olhar penetrante e poético, sua linguagem vibrante e rápida, sua elevação de espírito, suas formas sempre distintas [...] o boga, descendente da África e filho do cruzamento de raças envelhecidas pela tirania, não tem quase da humanidade, exceto a forma exterior e as necessidades e forças primitivas [...] O boga de Magdalena não é mais que um bruto que fala muitíssimo mal, sempre impudico, carnal, insolente, ladrão e covarde.<sup>48</sup>

Os prognósticos sobre o futuro nacional expresso por esta elite, frequentemente vinculavam o racismo anti-negro a uma geografia e ecologia racial calcadas no determinismo climático e ambiental. Para muitos desses intelectuais os negros adequavam-se mais ao clima quente e “tórrido” dos trópicos, onde a suposta relação existente entre desenvolvimento cognitivo e temperatura ambiente constituía-se em fator mais do que suficiente de limitação intelectual dos negros, enquanto que para os brancos a relação era inversa, já que acostumados às regiões temperadas. Geografia, condições climáticas e adaptabilidade racial foram constantemente associadas à composição da população. A mestiçagem e a variedade racial eram vistas como mecanismos de adaptação ao meio ambiente tropical e as próprias condições da democracia na região. O “sangue africano” representava uma ameaça concreta para a ordem e o desenvolvimento político-social do país. Intelectuais como Miguel Jiménez López apontavam que

una ola de sangre de color oscurece de día en día nuestra población, imprimiéndole a la vez sus rasgos morfológicos y sus reacciones morales...La raza negra, producto genuino del Trópico, está llamada a prosperar en él con sus caracteres particulares; las razas diferentes de la negra, refractarias a los rigores tórridos, irán cediendo cada día: el resultado final no es dudoso.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> WADE, Peter. Repensando el Mestizaje... Op. Cit., p. 59.

<sup>49</sup> *Apud* RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 48.

López de Mesa temia que a mistura racial entre “sangres empobrecidos e raças inferiores” traria consigo fatalidades e erros praticamente inevitáveis no que se refere ao avanço e desenvolvimento econômico e social do país. Evitar o desastre racial decorrente da mestiçagem para os destinos da nação era visto como tarefa de sua geração. No trecho abaixo o autor expõe claramente tal preocupação, sublinhando que

la mezcla del indígena de la Cordillera Oriental con ese elemento africano y aun con los mulatos que de él deriven, sería un error fatal para el espíritu y la riqueza del país: se sumarían, en lugar de eliminarse, los vicios y defectos de las dos razas, y tendríamos un zambo astuto e indolente, ambicioso y sensual, hipócrita y vanidoso a la vez, amén de ignorante y enfermizo. Esta mezcla de sangres empobrecidas y de culturas inferiores determina productos inadaptables, perturbados, nerviosos, débiles mentales, viciados de locura, de epilepsia, de delito, que llenan los asilos y las cárceles cuando se ponen en contacto con la civilización.<sup>50</sup>

E mais:

porque aquellos núcleos de la raza, heridos de muerte en su mayor parte por la tuberculosis, el paludismo, las bubas, la anemia tropical y algunos otros males de menor importancia, pero igualmente generalizados, son todavía muy numerosos para ser absorbidos impunemente por el resto de la población, ya ampliamente mestizada con el elemento africano o aborígen. La mezcla del indígena de la cordillera Oriental con ese elemento africano y aun con los mulatos que de él deriven sería un error fatal para el espíritu y la riqueza del país: se sumarían, en lugar de eliminarse, los vicios y defectos de las dos razas y tendríamos un zambo astuto e indolente, ambicioso y sensual, hipócrita y vanidoso a la vez, amén de ignorante y enfermizo. Esta mezcla de sangres empobrecidas y de culturas inferiores determina productos inadaptables, perturbados, nerviosos, débiles mentales, viciados de locura, epilepsia, de delito, que llenan los asilos y las cárceles cuando se ponen en contacto con la civilización.<sup>51</sup>

Além de ameaça ao futuro do país, a mestiçagem praticada entre membros de “raças inferiores” sinalizava um perigo do ponto de vista do ordenamento e estabilidade social, com sérias consequências ao arranjo político do país.

---

<sup>50</sup> Ibidem. p. 52.

<sup>51</sup> Apud VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en... Op. Cit., p. 84.

Intelectuais como Laureano Gómez, López de Mesa e Jimenez López viam a mestiçagem e o mestiço como “corpo estranho”, expondo constantes riscos ao regime político. Laureano Gómez correlacionava a presença dos negros com estados-nação instáveis e frágeis, como por exemplo, o Haiti. Nesse imaginário o mestiço representava uma espécie de caos institucional e, portanto, militava contra todos os esforços de impulsionar o progresso e a democracia, esta última entendida basicamente como ausência de conflitos. Um contraponto a esta ideia foi expresso por Jorge Bejarano que via na mestiçagem um elemento importante para a democracia<sup>52</sup>

De acordo com Vélez,<sup>53</sup> o intelectual colombiano que mais apostava na *mestiçagem como valor* era Luis Enrique Osorio. Para este, os mestiços seriam os únicos capazes de resistir aos dissabores do clima, as intempéries e calamidades naturais. No entanto, sua mestiçagem tinha por meta os mesmos princípios eugênicos correntes na época. Em uma perspectiva contrária, Miguel Jimenez López sustentava uma visão pessimista da mestiçagem. O curso tomado pela mescla racial na Colômbia já havia posto em risco o país e sua composição populacional.<sup>54</sup> Jimenez López via, porém uma esperança na mestiçagem: que esta fosse realizada simultaneamente ao cultivo da educação, da higiene social e da eugenia tanto positiva quanto preventiva. Portanto, a única saída para o dilema posto era a junção de educação e embranquecimento programado.

Jose María Samper concebia a heterogeneidade racial como problemática e potencialmente perniciosa. Para este a unidade política do país expressava e refletia a configuração racial de sua população e esta, por ser diversa, ameaçava a governabilidade necessária à estabilidade nacional.<sup>55</sup> Samper questionava se era possível constituir uma sociedade e uma nação suficientemente competitiva e moderna com um povo “pobre, abjeto e ignorante”. E mais, como criar uma ordem social (leia-se com mais exatidão, racial) em um país habitado por um povo

---

<sup>52</sup> RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 53.

<sup>53</sup> VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en... Op. Cit.

<sup>54</sup> Ibidem. p. 57.

<sup>55</sup> URUEÑA, Jaime. La idea de heterogeneidad racial en el pensamiento político colombiano: una mirada histórica. **Revista Análisis Político**, n. 22, may-ago 1994. p. 5.

(...) secuestrado de la vida universal, embrutecido por la tiranía, sujeto a la influencia perniciosa de la sotana y de la esclavitud, sin comercio, sin artes, sin escuelas, sin costumbres fijas ni carácter nacional (...) incapaz de proceder a virtud de un pensamiento radical que encaminase sus movimientos hacia el advenimiento de un orden social enteramente nuevo?<sup>56</sup>

Para muitos intelectuais colombianos do final do século XIX e início do XX, uma nação unitária, com reduzida mestiçagem racial apontava para um futuro de paz e tranquilidade, de progresso e desenvolvimento econômico, social e do “espírito”. A disseminação da mestiçagem ameaçava todo o projeto da *colombianidade*, ou seja, de uma “ordem racial” inscrita na construção da nação. Em 1920, Luis Lopes de Mesa exemplifica bem esse imaginário:

milagroso foi e segue sendo que Colômbia se constitui em unitária e que viva hoje em paz. A anarquia é fruto de tanta heterogeneidade em sua natureza e população.<sup>57</sup>

López de Mesa considerava que os mestiços e mulatos eram menos perniciosos do que negros e indígenas para o projeto nacional que tinha em mente. Em uma perspectiva nitidamente eugenista e evolucionista, o autor apostava que a sucessão de gerações faria com que os “cruzamentos raciais” viessem a produzir indivíduos mais aptos e melhor adaptados socialmente. A mestiçagem com o sentido de embranquecimento eugênico significava um tipo de depuração racial e adequação socioambiental necessárias ao povoamento e “colonização” interna do país. López de Mesa neste sentido sublinha que

los productos de la primera generación del cruzamiento son por lo general medianamente equilibrados, más de segunda y tercera ya se adaptan al terreno y estabilizan funciones dentro de un nivel social y racial más uniforme.<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> *Apud* VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en... Op. Cit., p. 71.

<sup>58</sup> *Apud* RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro”... Op. Cit., p. 52.

Por outro lado, Laureano Gómez sustentava uma visão oposta a de López de Mesa sobre os mestiços. Para o primeiro, “las aberraciones psíquicas de las razas genitoras se agudizan en el mestizo”.<sup>59</sup> Mais que isso, para o autor os mestiços representavam uma verdadeira ameaça para a unidade política e econômica tanto da Colômbia quanto dos demais países latino americanos.

Para Jiménez López a “degeneração racial” precisava ser freada tanto quanto possível em nome de uma ordem racial pautada no eurocentrismo. Um duplo movimento referente à capacidade da população colombiana de perseguir o “progresso” estava em curso: por um lado, a entrada do país na modernidade, expresso pela acelerada industrialização, urbanização e a resolução das guerras civis internas e, por outro lado, a constante preocupação com a constituição defeituosa tanto moral, física quanto psíquica de seu povo.<sup>60</sup> A eugenia parecia assim uma excelente alternativa aos dilemas que tiravam o sono das elites.

## **Conclusão**

O embranquecimento via mestiçagem de imigrantes brancos europeus foi visto como um dos mecanismos de correção para o que as elites político-intelectuais colombianas entendiam como degenerescência racial de seu povo. A maior parte dos intelectuais analisados neste trabalho condenavam a mestiçagem e, por conseguinte, os mestiços como ameaças ao ordenamento político e social de fins do século XIX e início do século XX.

As “políticas raciais racistas” expressavam senão em sua totalidade pelo menos em momentos importantes investimentos por parte do Estado na Colômbia em um projeto de modernidade que incluía a negação da presença negro-africana e indígena no país. Mostramos brevemente que tais políticas foram comuns também no Brasil e em outros países da América Latina, deixando como consequências a ideologia da “nación mestiza”, no caso colombiano, e do mito da democracia racial, no caso brasileiro. Do mesmo modo, isso acarretou uma série de entraves e

---

<sup>59</sup> *Apud* Ibidem. p. 53.

<sup>60</sup> VÉLEZ, Álvaro Villegas. *Raza y nación en...* Op. Cit., p. 211.



obstáculos em termos de visibilidade e legitimidade as mobilizações dos movimentos negros na esfera pública e na relação com o Estado.

Atualmente o panorama político de ambos os países é bem diferente no que se refere ao debate racial. O racismo e a discriminação racial continuam a atuar como fatores limitadores de processos de ascensão social e ocupação no mercado de trabalho para negros, indígenas e outros grupos. No entanto, desde pelo menos o início dos anos de 1990 uma série de legislações, medidas, leis e ações estatais de combate a tais práticas foram postas em prática pelas agências estatais em parceria com os movimentos negros de Brasil e Colômbia. Dentre estas destacam-se as políticas de ação afirmativa no ensino superior que, dentre outras razões, tem gerado um amplo e frutífero debate em ambas as sociedades sobre a necessidade de repensar, melhorar e sofisticar políticas públicas de redução de desigualdades raciais e étnicas entre grupos.

#### **Referências:**

AGUDELO, Carlos Efrén. **Populations noires et action politique dans le Pacifique colombien. Paradoxes d'une inclusion ambiguë.** 2002. Tese (Doutorado) - Institut des Hautes études de l'Amérique latine, Université Paris III, Paris, 2002.

ANDREWS, George Andrews. **Afro-Latin America (1800-2000).** New York: Oxford University Press, 2004.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. ¿Disciplinar o poblar? La intelectualidad colombiana frente a la biopolítica (1904-1934). **Nómadas**, n. 26, p. 44-55, 2007.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional.** São Paulo: Unesp, 2001.

MATOMA, María Angelica. La política internacional migratória colombiana principios del siglo XX. **Mem.soc**, Bogotá (Colombia), v. 13, n. 26, p. 7-17, enero – junio, 2009.

MCGRAW, Jason. Purificar la Nación: eugenesia, higiene y renovación moral-racial de la periferia del Caribe colombiano, 1900-1930. **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 62-75, 2007.

MELO, Thiago. Problemas no Paraíso: a democracia racial brasileira frente à imigração afro-americana (1921). **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 25, n. 2, p. 307-331, 2003.

OMI, Michael; WINANT, Horward. **Racial Formation in the United States: From the 1960s to the 1990s**. New York: Routledge, 1994. Rev. ed.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: 2005. Colección Sur Sur, CLACSO.

RAHIER, Jean. The Study of Latin American “Racial Formations”: different approaches and different contexts. **Latin American Research Review**, v. 39, n.3, p. 282-293, 2004.

RESTREPO, Eduardo. Imágenes del “negro” y nociones de raza en Colombia a principios del siglo XX. **Revista de Estudios Sociales**, n. 27, p. 46-61, 2007.

—. ¿Quién imagina la independencia? A propósito de la celebración del bicentenario en Colombia. **Nómadas**, Bogotá, n. 33, p. 69-77, jul./dez. 2010.

STEPAN, Nancy. **A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

URUEÑA, Jaime. La idea de heterogeneidad racial en el pensamiento político colombiano: una mirada histórica. **Revista Análisis Político**, n. 22, may-ago 1994.

VANEGAS, Julio Arias. Seres, cuerpos y espíritus del clima, ¿pensamiento racial en la obra de Francisco José de Caldas? **Revista de Estudios Sociales**, Bogotá, n. 27, p. 16-30, 2007.

VÉLEZ, Álvaro Villegas. Nación y alteridad en Colombia: la población negra y la colonialidad del poder. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 44, n. 1, p. 71-94, 2008.

—. Raza y nación en el pensamiento de Luis López de Mesa: Colombia, 1920-1940. **Estudios Políticos**, Medellín, n. 26, p. 209-232, enero-junio 2005.

—. Nación, intelectuales de elite y representaciones de degeneración y regeneración, Colombia, 1906-1937. **España Iberoamericana. America Latina - Espana - Portugal**, v.28, p.7 - 24, 2007.

WADE, Peter. El movimiento negro en Colombia. **América Negra**, v. 5, p. 173-191, 1993

—. **Gente negra, nación mestiza: dinámicas de las identidades raciales em Colômbia**. Santafé de Bogotá: Siglo Del Hombre Editores, Ediciones Uniandes, 1997.

—. Repensando el Mestizaje. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 39, p. 273-296, enero-diciembre, 2003.

## DE LA SALVACIÓN AL DESARROLLO: GENTE NEGRA, EVANGELIZACIÓN Y EXTRACTIVISMO EN EL SUROCCIDENTE COLOMBIANO<sup>1</sup>

Axel Rojas<sup>2</sup>

Universidad del Cauca

Departamento de Estudios Interculturales

Recibido 15/10/2013

Aprovado 15/03/2014

**Resumen:** Este artículo se refiere a dos momentos en la historia de La Toma, una comunidad afrodescendiente ubicada en las montañas del suroccidente de Colombia. Cada uno de estos momentos expresa un proyecto civilizatorio y unas formas de gobierno particulares: por un lado la evangelización, asociada a la presencia misionera de la Compañía de Jesús (entre los siglos XVII y XVIII). Por otro los proyectos de desarrollo (en la segunda mitad del siglo XX), que establecen un vínculo forzado entre los habitantes de esta localidad y la economía de agroindustria ubicada en el valle geográfico del río Cauca.

Ambos proyectos se sustentaron en economías de tipo extractivo (minería del oro y agroindustria de la caña de azúcar, respectivamente); sin embargo, un análisis de las prácticas y los argumentos sobre los que configuran las relaciones de poder en cada caso, permite comprender que se trata de proyectos distintos. En este sentido, el artículo aboga por análisis centrados en la comprensión de dinámicas heterogéneas, discontinuas e incluso contradictorias, que constituyen la experiencia histórica de una población local en sus articulaciones con proyectos globales.

**Palabras clave:** colonialismo – extractivismo – gubernamentalidad.

### FROM SALVATION TO DEVELOPMENT: BLACK FOLK, EVANGELIZATION AND EXTRACTIVISM IN SOUTHWESTERN COLOMBIA

**Abstract:** This article refers to two moments in the history of La Toma, an afro-descendant community located in the mountains of the Colombian southwest, each of which expresses a civilizational project and particular form of government. The first is the moment of evangelization that took place with the Jesuit missionary presence in the sixteenth and seventeenth centuries. The second is associated with economic development initiatives in the second half of the twentieth century, which establish a forced connection between the inhabitants of this region and the agro industrial economy of the geographical valley of the Cauca River. Both projects have been based on extractivist economies (gold mining and intensive

---

<sup>1</sup> Este artículo muestra los resultados de un proyecto de investigación sobre la historia local del corregimiento de La Toma, realizado con el apoyo de la Universidad del Cauca, el Observatorio de Territorios Étnicos de la Universidad Javeriana, Bogotá y el consejo comunitario del corregimiento de La Toma. Los resultados inicialmente fueron presentados en Ararat *et al.* (ARARAT, Lisifrey *et al.* **La Toma. Historias de territorio, resistencia y autonomía en la cuenca del Alto Cauca.** Popayán: Observatorio de Territorios Étnicos, Universidad Javeriana Bogotá y Consejo Comunitario del corregimiento de La Toma, 2013.). Agradezco a mis colegas y amigos Lisifrey Ararat, Eduar Mina, Ana María Solarte, Gildardo Vanegas, Luis Armando Vargas y Anibal Vega por su trabajo en el proceso de investigación, sin el cual este artículo no habría podido ser escrito.

<sup>2</sup> E-mail: axelrojasm@gmail.com

sugar cane agro industry, respectively). Nevertheless, an analysis of the practices and justifications upon which power relations are founded in each case, allows for a further understanding of both projects. In this sense, this article argues in favor of analyses that are focused on providing accounts of the heterogeneous, discontinuous and even contradictory dynamics that constitute the historical experience of the local population in its articulation with global projects.

**Keywords:** colonialism – extractivism – governmentality.

### **Colonialismo, esclavitud y evangelización: Las minas de Gelima en el sistema colonial**

La región que hoy se conoce como el norte del departamento del Cauca, en el suroccidente de Colombia, fue incorporada en las dinámicas del sistema capitalista desde el siglo XVI; entre otras, mediante diversos proyectos de tipo extractivo. No obstante, a pesar de tan temprana participación en las dinámicas globales del capital, las formas de control sobre las poblaciones y los recursos han variado sustancialmente en el tiempo. La Toma es un corregimiento cuya población se reconoce en su mayoría como gente negra, descendiente de los primeros hombres y mujeres esclavizados que fueron traídos en el siglo XVII para la explotación una mina de oro conocida como Gelima, ubicada en esta región del norte del departamento.

El arribo de población esclavizada para trabajar en las minas de esta región, en lo que hoy se conoce como Colombia, ha sido referida por varios autores quienes han sostenido que ésta era un hecho a mediados del siglo XVI; una de las minas importantes de la región durante este periodo, fue la mina de Gelima. Dicha mina dio origen al poblamiento de lo que en el siglo XX llegaría a ser el corregimiento de La Toma.

Según Robert West, “En 1544, y probablemente antes, ya habían negros trabajando en las minas cercanas a Popayán [...]”.<sup>3</sup> Por su parte María Cristina Navarrete, refiriéndose en concreto a Gelima y sus alrededores, afirma que hacia 1575 había presencia de esclavizados en los ríos Teta, Jelima y Ovejas.<sup>4</sup> A pesar de que no tenemos evidencias precisas anteriores a 1600, sí encontramos un vale,

---

<sup>3</sup> WEST, Robert. **La minería de aluvión en Colombia durante el período colonial**. Bogotá: Imprenta nacional, 1972. p. 81.

<sup>4</sup> NAVARRETE, Cristina. **Génesis y desarrollo de la esclavitud en Colombia siglos XVI y XVII**. Cali: Universidad del Valle, 2005. p. 155.

suscrito por Bernardo de San Juan a favor de Francisco Sánchez en 1605, que confirma la existencia de la mina de Gelima a comienzos del siglo XVII (Signatura 8085); sin embargo, el documento no aporta información explícita sobre la presencia de esclavizados.

Es importante tener en cuenta que hacia finales del siglo XVI y comienzos del XVII el control sobre la mano de obra indígena en la región era precario y la producción de oro descendía.<sup>5</sup> A pesar de que la dificultad para mantener la mano de obra indígena fue una de las causas que motivó la esclavitud, la presencia de población esclavizada en Popayán era todavía escasa para los siglos XVI y XVII, sobre todo si se la compara con otros centros mineros; según el historiador Germán Colmenares, “[...] hacia 1628 había apenas 250 esclavos en Popayán”.<sup>6</sup>

En relación con el lugar objeto de este artículo, el libro sobre Popayán, publicado por Peter Marzahl<sup>7</sup> presenta un documento fechado en 1634, en el que se registra la creación de una compañía comercial entre Francisco Vélez de Zúñiga y Andrés Martín Rayo, para la explotación de una mina en Gelima. En la primera parte del contrato, el escribano público afirma:

[...] dijeron que tienen tratados y asentados entre los dos de hacer una compañía para de conformidad con negros e indios mineros labrar las minas de oro de Gelima que son e fueren del dicho Andrés Martín Rayo por que les era y es de pro y utilidad a entre ambos la qual asientan y hacen en la forma y manera siguiente:

Que el dicho señor deán don Francisco Vélez de Zúñiga pone veinte y dos piezas de negros y negras que tiene en el río de las ovejas de tal calidad y condición que de ellas salgan diez y ocho o veinte piezas varones y hembras útiles de trabajo, con sus barras de hierro almocafres y herramientas necesarias para la labor de las dichas minas sin que les falte cosa alguna para este ministerio. Y el dicho Andrés Martín Rayo pone otras diez y ocho o veinte piezas de negros y indios mineros o trece y de trabajo en la forma de suso con sus barras de hierro almocafres y herramientas necesarias para la labor de las dichas minas sin que les faltare cosa para ello y más poner todas las minas y aguas que tienen sus hijas menores en Gelima [...].<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> COLMENARES, Germán. Problemas de la estructura minera en la nueva granada (1550-1700). **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**. Universidad Nacional de Colombia, v. 6-7, p. 5-56, 1972. p. 43.

<sup>6</sup> Ibidem. p. 11.

<sup>7</sup> MARZAHN, Peter. **Una ciudad en el imperio. El gobierno, la política y la sociedad de Popayán en el siglo XVII**. Popayán: Universidad del Cauca, 2013.

<sup>8</sup> Ibidem. p. 289.

Como puede observarse, la existencia de asentamientos con presencia de esclavizados negros en el río Ovejas, sobre el cual se ubica Gelima, y la existencia de la mina, eran un hecho antes de 1634. Además, se observa que había presencia de indios y negros, lo que, desde la perspectiva propuesta por Marzahl podría ser una evidencia del proceso de transición en las formas de producción minera que llevó desde el uso exclusivo de mano de obra indígena hacia el uso exclusivo de mano de obra esclava.<sup>9</sup>

Ateniéndonos a lo dicho, es posible sostener que la presencia de una población negra esclavizada para el trabajo en la mina de Gelima puede datarse en este periodo temprano del siglo XVII en el que la producción de oro era aun incipiente; así mismo, puede afirmarse que para este momento el número de esclavizados era escaso en esta región, sobre todo si se la compara con centros mineros más consolidados en otras regiones. Aunque la producción de oro fue uno de los motivos que impulsó la expansión de la institución de la esclavitud, es necesario no perder de vista que las leyes protectoras hacia los indios fueron también un factor fundamental para la introducción de una fuerza de trabajo esclavizada.

La mina de Gelima expresa la manera en que se entrecruzan unos y otros, factores económicos y consideraciones de orden legal y teológico, en la expansión del sistema esclavista. De manera particular, lo que sucederá allí a partir de la segunda mitad del siglo XVII permite conocer los argumentos en nombre de los cuales se promovió la sujeción de las poblaciones africanas, tomando como caso la producción de oro en esta mina que era controlada por una orden religiosa, cuya misión principal fue la de evangelizar a las poblaciones indígenas.

### ***Producir oro para salvar almas***

Aunque la orden de los jesuitas llegó a Popayán hacia 1630, el seminario solo se estableció hasta 1643; como veremos, una serie de solicitudes hechas por religiosos, autoridades locales y personajes de la ciudad, ilustran los argumentos con que se justificó la conveniencia y los propósitos asignados a la labor

---

<sup>9</sup> Ibidem. p. 80-81.

evangelizadora, así como las condiciones que debería darse para que pudieran cumplir con su misión. Un ejemplo de ello se encuentra en algunos de los documentos presentados por Pedro Vargas en su estudio sobre la historia del Colegio de San Francisco, entre los que se destaca la Real Cédula de 12 de marzo de 1633, en la que se autoriza a “[...] fundar además de la Casa o Colegio que al presente tienen, otras dos casas en forma de residencia y misiones, que es como los dichos Religiosos lo piden, y no en otra manera”. En la misma cédula, se añade que dichas casas han de ser “[...] las más cómodas para las misiones y entradas que ha de hacer la dicha Compañía para la predicación y conversión de los indios infieles [...]”.<sup>10</sup>

Las solicitudes se reiteraron hasta que la presencia de los jesuitas se hizo efectiva. Tanto autoridades religiosas (el Cabildo Eclesiástico y el obispo de Popayán), como civiles (el cabildo de la ciudad), se dirigieron a la Real Audiencia:

[...] tornamos ahora a Vuestra Alteza se sirva de asignar en conformidad de la Real Cédula esta Ciudad para la fundación, supuesto que ella lo desea y le es de gran utilidad para enseñanza de la juventud, [...] y para la predicación evangélica de que tanto necesita la Gobernación y principalmente para la conversión de muchas provincias de gentiles que tiene esta Ciudad [...].<sup>11</sup>

En una nueva solicitud dirigida el año de 1640 por el cabildo de la ciudad, se afirma:

[...] no solo los deseos ardientes de todos los vecinos de esta Gobernación sino también la necesidad tan extrema como la que hoy tiene de esta Sagrada Religión para la predicación verdadera y fervorosa del Evangelio de que tanto carece de ordinario para la enseñanza de la juventud en letras y virtud, [...] para la enseñanza de los naturales y muchos negros que por falta de ella están muy en los principios de nuestra Santa Fé y principalmente para la conversión de muchas provincias de gentiles [...].<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Al respecto de la presencia de la Compañía de Jesús en Colombia existe una bibliografía relativamente amplia, entre la que se encuentran los trabajos de Gutiérrez, González y Salcedo (2012), Colmenares (1998), Pacheco (1962 y 1959), y Vargas (1945), entre otros. Cf: VARGAS, Pedro. **Historia del Real Colegio Seminario de san Francisco de Asís de Popayán**. Bogotá: Editorial ABC, 1945. p. 423.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 426.

<sup>12</sup> Ibidem. p. 427.

A pesar del peso atribuido a la labor doctrinera, la gran acogida de la que fueron objeto los jesuitas también estuvo ligada a la expectativa generada por la labor educativa que podrían realizar entre los habitantes de la ciudad. Según Marzahl,

Prometieron educación y edificaciones, lo que hasta el momento nadie había hecho. También ofrecieron introducir la disciplina necesaria para domar las energías de los jóvenes, los que una generación anterior habían realizado visitas furtivas al convento de las monjas.<sup>13</sup>

Además de las solicitudes y reclamos que buscaban la pronta presencia religiosa en la ciudad, algunos de sus habitantes entregaron dinero, bienes inmuebles y esclavos para crear un patrimonio económico para la orden. El propietario de la mina de Gelima, habitante de la ciudad, entregó una de sus minas y algunos esclavos.

El teniente, Francisco Vélez de Zúñiga, donó su fortuna, incluyendo las minas de Honduras con diez y seis esclavos. Otros treinta y tres vecinos comprometieron 1.750 pesos oro y la promesa de donar tierras, trigo y ganado. A finales del siglo, desde estos modestos comienzos, la orden avanzó hasta alcanzar una sólida posición económica que incluía la propiedad de varias haciendas, molinos de caña de azúcar, hornos de ladrillos y de cal y otras empresas productivas rentables.<sup>14</sup>

Una vez en la ciudad, los jesuitas no se atuvieron a la buena voluntad de los habitantes locales; recibieron los bienes donados por sus fieles e iniciaron por mano propia una próspera y diversificada actividad económica, que incluyó la adquisición de nuevas minas y haciendas. Según Gareis, “Es evidente que las haciendas jugaban un papel de suma importancia en el plan misionero de los jesuitas, dado que las ganancias de las haciendas proporcionaron la base económica para la labor evangelizadora”.<sup>15</sup> En la misma dirección, se ha afirmado que,

---

<sup>13</sup> MARZAHN, Peter. Op. Cit., p. 208.

<sup>14</sup> Ibidem. p. 42.

<sup>15</sup> GAREIS, Iris. La evangelización de la población indígena y afro, y las haciendas de los jesuitas de la América española: logros y desencuentros. In: NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. (comps.), **Esclavitud, economía y evangelización. Las haciendas de los jesuitas en la América virreinal**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005. p. 43-44.



Fueron las haciendas las que proveyeron los ingresos necesarios para la sustentación de los colegios y noviciados, las instituciones educativas por ellos administradas, así como el financiamiento de las actividades evangelizadoras y de catequesis de la orden en las reducciones y misiones, las que estaban en constante expansión durante su experiencia colonial americana.<sup>16</sup>

En este sentido es necesario precisar que, a pesar de la importancia de las haciendas en la economía jesuita en el Nuevo Mundo, que ha sido estudiada por diversos autores, en el caso de Popayán dicha economía estuvo apoyada también en la producción de oro. Entre las varias minas adquiridas por los jesuitas luego del establecimiento del Colegio, estuvo la de Gelima.

Vivía entonces Popayán el sueño de las minas de oro. De esa ilusión participaron también los jesuitas. Para sostén del colegio trataron de beneficiar la mina de Honduras, legada por el deán Vélez Zúñiga, y la vecina a ésta, llamada del Potrero, comprada a Francisco Lozano en 1642. [...] en 1651 remataron, por cuatro mil pesos, las minas de Jelima, que habían sido de don Francisco Ventura Belalcázar.<sup>17</sup>

La producción de oro en Gelima constituye un caso más bien excepcional dentro de las formas de sostenimiento económico de los jesuitas, probablemente debido a que, como sostiene Marzahl, hacia 1650 “La región minera más estable era Caloto [...]. Sus depósitos de grava rica en oro fueron trabajados primeramente en la década de 1610 (si no antes) y continuó siendo área minera mayor hasta finales del siglo XVIII”.<sup>18</sup> Adicionalmente, “El elemento dinámico de la economía regional era la minería. En opinión de muchos era la única empresa rentable. La producción de oro sostenía todo lo demás”.<sup>19</sup>

Esta situación es concordante con lo planteado por Tardieu, quien afirma que los jesuitas se valieron de diversos medios para obtener los recursos que les permitieran cumplir con la tarea evangelizadora; ello incluyó el cultivo de

---

<sup>16</sup> NEGRO, Sandra; Manuel M. MARZAL. Prólogo. In: NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. (comps.), **Esclavitud, economía y evangelización. Las haciendas de los jesuitas en la América virreinal**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005. p. 11.

<sup>17</sup> PACHECO, Juan. **Los jesuitas en Colombia tomo I (1567-1654)**. Bogotá: Editorial San Juan Eudes, 1959. p. 210-211.

<sup>18</sup> MARZAL, Peter. Op. Cit., p. 55.

<sup>19</sup> Ibidem. p. 53.

productos agrícolas, la ganadería, la producción de miel y la explotación de oro, entre otras actividades productivas, que estuvieron asociadas al uso de la fuerza de trabajo esclava. Según Tardieu, los jesuitas no encontraron contradicción en esta situación,

Su realismo les llevó a aceptar la sociedad colonial tal como la encontraron al llegar al Nuevo Mundo y, en ese sentido, se valieron de los instrumentos que ella les permitía para cumplir su misión evangelizadora. Entre ellos se encontraba la esclavitud de los negros, imprescindible para la explotación de las haciendas que les suministraban los recursos necesarios.<sup>20</sup>

En este contexto, la riqueza producida mediante el trabajo esclavizado, tuvo dos propósitos fundamentales: adelantar el proyecto evangelizador con el que se justificó el arribo de los misioneros a la provincia de Popayán, y contribuir a la formación de las élites locales. A pesar de que el motor de la colonización fue la apropiación de riqueza, las razones con las que se la legitimó fueron de orden religioso. Tanto la apropiación de tierras ocupadas por indígenas, como su segregación espacial y el pago de tributos al que eran sometidos, se justificó arguyendo que eran prácticas necesarias para salvar sus almas y protegerlos de influjos negativos. De manera similar, la esclavización de los africanos había sido presentada como una práctica sustentada en principios religiosos: en su origen, como resultado de guerra justa, posteriormente como posibilidad de salvación, tanto de los propios esclavizados como de los indígenas, que se verían beneficiados por la labor evangelizadora sostenida mediante el trabajo esclavo.

### **Economía, vida cotidiana y misión**

La vida cotidiana en las minas de los jesuitas estuvo marcada por la relación entre mina y hacienda, basada en la especialización y complementariedad entre estos dos tipos de unidades productivas: las haciendas se encargan de la producción agrícola y pecuaria, una parte de la cual se destina a las minas, y los

---

<sup>20</sup> TARDIEU, Jean-Pierre. La esclavitud de los negros y el plan de Dios: la dialéctica de los jesuitas en el virreinato del Perú. In: NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. (comps.), **Esclavitud, economía y evangelización. Las haciendas de los jesuitas en la América virreinal**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005. p. 71.

entables mineros producían el oro que sirvió de base para el sostenimiento de otras múltiples actividades de la misión evangelizadora y educativa.

El trabajo de los esclavizados fue dispuesto en función de las necesidades de la congregación. La relación entre minas y haciendas iba más allá de la complementariedad entre diferentes tipos de actividad económica, también estuvo asociada a las necesidades de mano de obra para las diferentes actividades realizadas por los religiosos. Como producto de ello, los esclavizados fueron desplazados con frecuencia entre las distintas unidades productivas, y para la realización de diversos oficios. En 1689, por ejemplo, se ordenó que algunos de los esclavizados de Gelima fueran llevados a Popayán a trabajar en la construcción de una iglesia de la Compañía, y que se cerrara la mina. Según Pacheco, dicha decisión fue tomada como producto de una visita realizada por el padre Altamirano, quien,

Nombró procurador de la obra al P. Domingo Alvarez y dio licencia para traer a trabajar a la iglesia a los esclavos de la mina de Jelima, pues la explotación de esta mina de oro apenas si cubría los gastos, y a su parecer era ‘un género de granjería poco decente a nuestro modo y nada favorable al bien espiritual de los esclavos’. Esta última resolución fue alabada por el padre general Tirso González, y añadía: ‘V.R. dejé ordenado que por ningún caso se vuelva a la labor de la mina. Consérvese arrendada a un seglar, como queda ahora, hasta que ocurra ocasión de venderla con comodidad’.<sup>21</sup>

Tal como lo ilustra la cita, la disminución de las actividades productivas en la mina de Gelima era considerada una situación “poco favorable para el bien espiritual” de los esclavizados, por lo que era conveniente vincularlos a la construcción de la iglesia en Popayán. Aunque la construcción del templo fue utilizada como argumento para desplazar a los esclavizados, es evidente también que dicha decisión es objeto de cálculos económicos.

Los jesuitas demostraron una constante preocupación por sus actividades económicas y tomaron decisiones con base en razonamientos ligados a la rentabilidad de las unidades productivas. Además de ello, demostraron amplia capacidad de análisis del contexto económico más amplio en la región; es así que el cierre de la mina mencionado anteriormente llevó a la orden religiosa a

---

<sup>21</sup> PACHECO, Juan. **Los jesuitas en Colombia. Tomo II (1654-1696)**. Bogotá: s.e, 1962. p. 176-177.

diversificar sus actividades. Según Marzahl, “No todos los dueños de minas prosperaban. En la década de 1680 la orden jesuita, uno de los operarios mineros más grandes en la región, abandonó el oficio de manera sorpresiva y simultánea. En vez de ello, se dedicaron a la ganadería y a la producción de miel”.<sup>22</sup>

Algunos años después, en 1696, el cura Pedro Calderón visitó el colegio y realizó un nuevo balance en el que afirma que las posesiones del colegio eran escasas y la mina de Gelima seguía cerrada; en la relación de bienes de la Compañía, afirma:

Se reducían estos a una hacienda de ganado y de caña en Japio, la que cultivaban siete esclavos, grandes y pequeños; unas tierras junto al río del Palo de ninguna utilidad; las minas de Jelima que no se explotaban a la sazón; una calera en el sitio de Ambito con cinco esclavos que extraían la cal necesaria para la construcción de la iglesia; un tejtar; dos solares grandes en donde pastaba el ganado destinado al consumo del colegio y seminario; una tienda arrendada en ocho pesos, y las casas dejadas por el comisario don Pedro Domínguez Monroy, que se habían incendiado.<sup>23</sup>

Estas visitas fueron un mecanismo específico de control de las labores misioneras y económicas, que con frecuencia derivó en recomendaciones para la reorientación del rumbo de las actividades productivas. En 1703, el colegio recibió una nueva visita en la que se recomendó reabrir las minas, con la confianza de producir oro suficiente para terminar de construir la iglesia, adelantar la construcción del colegio y de las casas de habitación de los curas.<sup>24</sup> No obstante, las minas seguían siendo improductivas y se las llegó a considerar un lastre para la economía de los religiosos, por lo que se ordenó de nuevo su cierre y el envío de los esclavizados a las haciendas de Caloto.<sup>25</sup>

Las minas estuvieron cerradas hasta principios del siglo XVIII. Sin embargo, fueron reabiertas una vez más y llegaron a ser consideradas como unas de las mejores de la región en la primera mitad de este siglo. El padre alemán Leonardo Deubler, quien fuera rector del colegio de Popayán entre 1727 y 1731, dejó

---

<sup>22</sup> MARZAHN, Peter. Op. Cit., p. 58.

<sup>23</sup> PACHECO, Juan. Op. Cit., p. 178.

<sup>24</sup> PACHECO, Juan. **Los jesuitas en Colombia. Tomo III (1696-1767)**. Bogotá: Oficina de publicaciones de la Pontificia Universidad Javeriana, 1989. p. 364-365.

<sup>25</sup> Ibidem. p. 365.

consignada su valoración de las minas en un documento sobre la historia del colegio de San Francisco. Veamos un fragmento:

Ha empezado este colegio el 1641 sin más posesión o esperanza humana que la corta estancia del Jesús que dio doña Ana de Tobar y la que había prometido en un papel simple el dean don Antonio Vélez de Zúñiga, lo cual tuvo menester tres años de litigio antes de conseguirlo; y todo paró en unas minas mal corrientes, con 22 esclavos entre chicos y grandes, útiles e inútiles. Y al presente tiene corrientes y bien aperadas sus minas de Jelima, las mejores de todo el Quinamayo, codiciadas de todos sus vecinos; tiene sus hatos con tantas millares de ganados de todo genero en línea de mayores y capaces de mucho más; tiene sus trapiches corrientes y molientes en Japio y Llanogrande; tiene sus yeguas y novilladas, y sus potreros de Augí y Pandiguando; tiene hasta 160 esclavos y de estos los 120 útiles y de trabajo.<sup>26</sup>

El relato de Deubler, además de dar cuenta del estado de las minas en aquel entonces (hacia 1730), permite conocer otro dato importante: según el cura rector, los jesuitas empezaron teniendo veintidós esclavizados en sus minas, para llegar a tener ciento sesenta a comienzos del siglo XVIII. Podemos suponer por la información que aporta el padre Deubler, que la situación económica de la orden era estable en la primera mitad del siglo XVIII. En la segunda mitad del siglo la suerte de los jesuitas cambió y fueron expulsados del país en 1767.

Con la expulsión, las propiedades de los jesuitas pasan a manos de terratenientes y mineros payaneses; las minas de Gelima fueron rematadas y adquiridas por Francisca Valencia en 1771 (Sig.: 5080). Las haciendas de Japio y Matarredonda fueron compradas por Francisco A. de Arboleda en 1772.<sup>27</sup> Los jesuitas, dueños de las minas de Gelima durante más de un siglo, no regresaron nunca a la región.

### **Salvajina, generando energía y pobreza para el desarrollo**

Durante los siglos XVII y XVIII, los entables mineros de lo que fue conocido como la mina de Gelima se ubicaron sobre la vertiente occidental del río Ovejas. Posteriormente, a comienzos del siglo XX, se consolidó el poblamiento de un

---

<sup>26</sup> Ibidem. p. 371-372.

<sup>27</sup> COLMENARES, Germán. **Haciendas de los jesuitas en el Nuevo Reino de Granada siglo XVIII**. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1998. p. 114.

asentamiento cercano, ubicado en la parte alta de la vertiente oriental del río Cauca; dicho asentamiento sería conocido como La Toma. Éste, junto al asentamiento de Gelima y otros tres más, se constituirían más adelante en lo que hoy es conocido como el corregimiento de La Toma.

Transcurridos un poco más de doscientos años luego de que los jesuitas abandonaran las tierras de Gelima, en 1978, lejos de allí, se aprobó el proyecto de construcción del embalse de Salvajina en aguas del río Cauca, a la altura del corregimiento de La Toma. Hoy en día, es común que se relacione esta obra con la producción de energía eléctrica, que es una de sus principales funciones; sin embargo, su construcción tiene origen en un problema distinto: el de las inundaciones de los cultivos de caña, que generaba el río al desbordarse en épocas de invierno.

Las elites vallecaucanas, siguiendo el modelo de la Tennessee Valley Authority (TVA) de los Estados Unidos, concibieron la Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca (CVC).

Estimuladas por las visitas del Banco Internacional de Reconstrucción y Fomento (BIRF) y de los asesores de la Autoridad del Valle de Tennessee, las familias hacendadas del Valle del Cauca comenzaron a pensar desde 1950 estrategias técnicas e institucionales para consolidar la industrialización agropecuaria y de alimentos a través de la intervención del río Cauca. Precisamente, en una reunión de industriales en 1952 se propuso la creación de una institución autónoma para impulsar el “desarrollo” regional, idea que fue apoyada por el dictador Gustavo Rojas Pinilla (1953-1957), presidente que facilitaría en 1953 una reforma constitucional para la creación de entidades de desarrollo regional con autonomía administrativa y financiera. La Corporación Autónoma Regional del Cauca (CVC) se creó bajo este modelo con el propósito de apoyar el crecimiento económico de industriales y hacendados en la Cuenca del río Cauca a través de la gestión de sus recursos naturales.<sup>28</sup>

El cultivo de caña para producción de azúcar en el valle geográfico del río Cauca tiene una larga historia, que se remonta a finales del siglo XIX. Las

---

<sup>28</sup> VÉLEZ TORRES, Irene; VÉLEZ GALEANO, Hildebrando. **Acaparamiento del agua y despojo de la tierra en el alto cauca: Estudio crítico sobre (in)justicia hídrica y derecho al agua en Colombia.** 2012 Disponible en: <<http://www.canadians.org/sites/default/files/publications/RTWColombia-1.pdf>> Consultado en: febrero 14 de 2013. p. 7.

condiciones topográficas, el clima y la calidad de los suelos, fueron altamente propicias para el cultivo e incentivaron la construcción de los primeros trapiches azucareros. El negocio prosperó rápidamente y tuvo un empuje decisivo cuando los Estados Unidos dejaron de comprar azúcar a Cuba, luego del triunfo de la revolución en 1959. Al perder una de sus principales fuentes de abastecimiento, la demanda estadounidense se trasladó a los ingenios que empezaban a modernizarse e incrementar su producción en el valle del río Cauca.

Aun cuando la relación de los habitantes de La Toma con el vecino departamento del Valle del Cauca, creado en 1910, comenzó a estrecharse a raíz de la apertura de la vía del tren que comunicaba al puerto marítimo de Buenaventura con las capitales de los departamentos del Valle del Cauca (Cali) y Cauca (Popayán), y la consecuente ampliación del acceso a los mercados de la región, la construcción de la represa supuso una nueva forma de integración. El nuevo eje de esta integración se ubicó en el valle interandino ubicado al norte, desplazando a su anterior eje ubicado en el sur andino, en la capital del departamento del Cauca.

Como consecuencia, la relación de los habitantes del norte del Cauca con Cali se hizo cada vez más estrecha, pues desde allí comenzó a provenir gran parte de la atención institucional, la dotación de infraestructura y, por supuesto, de las fuentes de conflicto. A partir de la década de los ochenta, la influencia de Cali y del modelo de desarrollo agroindustrial será determinante para la vida de estas poblaciones y las llevará a una nueva inclusión dentro de un proyecto global de producción de riqueza; en esta ocasión, basado en la producción de azúcar y la generación de energía eléctrica.

### **Razones de desarrollo**

Para la segunda mitad del siglo XX, las élites del departamento del Valle se encontraron ante unas condiciones que no podían ser mejores para su proyecto agroindustrial; además de las mencionadas, vale mencionar las que recoge un documento del Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural:

[...] las condiciones de la zona son excepcionales para el cultivo de la caña [...]. El valle geográfico del río del Cauca, Hawai y Perú son las únicas zonas del mundo donde la caña de azúcar se cosecha a lo largo de

todo el año, a diferencia de lo que ocurre en las demás zonas cañeras del mundo, en las cuales la cosecha de caña dura entre cuatro y seis meses.<sup>29</sup>

Al crecer la demanda de azúcar en el mercado internacional, los ingenios comenzaron a expandirse mediante la compra de tierras a lo largo y ancho del valle, lo que les permitió ampliar el área de cultivo e incrementar la disponibilidad de mano de obra. Adicionalmente, durante el periodo conocido como La Violencia, entre 1946 y 1958, la usurpación de tierras y el desplazamiento de una mano de obra constituida por los desposeídos de la confrontación bipartidista, había resultado ser un elemento funcional para consolidar las condiciones de auge económico del sector azucarero.<sup>30</sup> No obstante, la compra de tierras no fue suficiente para garantizar el crecimiento de la producción, pues el río inundaba con frecuencia los cultivos. Esta fue la razón por la que se buscó regular su caudal y se creó el embalse.

El proyecto fue posible también gracias a la existencia de una institucionalidad puesta a su disposición, en particular mediante la creación de la CVC y de la amplia colaboración de instituciones estatales y privadas con presencia local. La construcción de esta inmensa obra se fundamentó en consideraciones de orden “técnico”; se argumentó que se habían estudiado todas las alternativas y que ésta era “la más recomendable”:

Es importante señalar que en el proceso de definición del proyecto de Regulación del Río Cauca se estudiaron todas las alternativas viables, tales como la construcción de sólo diques, regulación de tributarios, dragado del río, cortes de meandros, y embalses en Timba, San Francisco y Salvajina con distintos volúmenes, combinados con diferentes alturas de diques en la planicie, siendo la más recomendable, en el momento actual, la alternativa de Salvajina más diques, como atrás queda expuesto. El proyecto fue aprobado por el Consejo de Política Económica y Social (Conpes) en su reunión del 10 de noviembre de 1978.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> MINISTERIO DE AGRICULTURA Y DESARROLLO RURAL. La Agroindustria del Azúcar en Colombia. In: **Agroindustria y competitividad. Estructura y dinámica en Colombia 1992 - 2005**. Bogotá, 2006. p. 3.

<sup>30</sup> MONDRAGÓN, Héctor. Como encadenaron a la madre tierra y a la gente. Una historia del norte del Cauca. **Revista Semillas**, Bogotá, n. 34-35, p. 36- 43, 2008. p. 2.

<sup>31</sup> CVC - Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca-. **Génesis y desarrollo de una visión de progreso**. Publicación de la Dirección General. Grupo de Sistematización y Transferencia de Experiencias Corporativas. Cali, 2004. p. 173.



El lenguaje técnico empleado resultó clave para producir la idea de que el proyecto era una oportunidad para resolver un gran problema, de manera razonable y en el beneficio de “el país”:

Por medio del embalse de Salvajina y de las demás obras proyectadas para la planicie, se logra el control de inundaciones de 68.900 hectáreas directamente anegables y se garantiza el drenaje de otras 62.800 hectáreas, para un total de 131.700 hectáreas en forma segura en un país que, como el nuestro, deriva su mayor ingreso de la actividad agrícola.<sup>32</sup>

Luego de la puesta en funcionamiento de la represa, en diciembre de 1985, José Castro Borrero, uno de los gestores de la CVC, escribió:

Desde aquellos días de 1954 hasta acá han pasado treinta abrumadores años y tal parece, para mí, que aquella quimera que parecía solo un esfumino, hecho de sueños e imposibles, no pudiera tener ninguna relación con las obras que ahora contemplan nuestros ojos. Pero es cierto, la quimera es hoy una bella realidad que para nacer rompió las rocas y puso a su servicio la naturaleza para que ella a su turno sirviera al hombre [...].<sup>33</sup>

La represa entró en funcionamiento en 1985. Aunque su construcción se hizo poniendo bajo presión a los habitantes de La Toma, acosándolos para que vendieran sus tierras y aceptaran las “generosas” ofertas de dinero que se les hacía; dicha presión se hizo en nombre de los más elevados intereses o del “bien común”, encubriendo los afanes particulares de los empresarios de la caña para presentarlos como si fueran los intereses de todos los habitantes de la región.

El proyecto generó profundos cambios ambientales, económicos y sociales, entre los que se destacan la inundación de las vegas del río, con sus fincas, minas, lugares de pesca y recreación, y el fin de la navegación con balsas de carga destinadas a los mercados regionales (Juanillo 2008). No obstante, haciendo uso de un lenguaje que todavía hoy se escucha en la región con frecuencia, la obra se justificó con ideas como “romper las rocas” y “poner a su servicio la naturaleza”,

---

<sup>32</sup> Ibidem. p. 174.

<sup>33</sup> Ibidem. p. 175.

todo ello al servicio “del hombre”. Lo que no se dijo fue a qué hombres beneficiaría; lo que parecía una “bella realidad” para los industriales del azúcar, tuvo efectos muy diferentes para los habitantes de La Toma y de otros poblados vecinos.

### **El río Cauca: “el mayor obstáculo para la modernización del desarrollo industrial, agroindustrial y urbano”**

El proyecto de construcción de un embalse había sido discutido desde los años treinta. El auge económico que vivía el Valle del Cauca a comienzos del siglo XX, fue amenazado por un verano prolongado en 1936, que trajo como consecuencia una pronunciada sequía. No se hicieron esperar las declaraciones, solicitudes y presiones de la dirigencia del nuevo departamento; desde aquel entonces se realizaron estudios para regular las aguas del río Cauca, que era una vieja aspiración de la clase dirigente para aprovechar el fértil valle. En 1965, un documento de la CVC contaba de esta manera parte de la historia:

Expertos agrícolas y representantes del poder económico y político de la región, como el entonces secretario de agricultura del Valle, Demetrio García Vásquez y el representante a la Cámara Domingo Irurita, hijo de agricultores, empezaron a pensar en proyectos de irrigación, construcción de represas, protección de las cuencas hidrográficas por medio de la reforestación, y control de las inundaciones mediante la canalización del río Cauca y de varios de sus tributarios.<sup>34</sup>

A medida que avanzaba la conquista del valle geográfico y se ampliaban las áreas de cultivo, el río se había convertido en una talanquera para los intereses de las elites vallecaucanas. Diferentes estudios insistían en que las crecientes del río y sus afluentes inundaban las zonas de cultivo y limitaban mayores avances en el aprovechamiento de las tierras. Dentro de estos estudios se destacan los siguientes títulos: “Desarrollo hidráulico del Valle del Cauca” (Parsons, Brinckerhoff, Hogan and Mac Donald de New York, de 1947); “Desarrollo unificado de energía y recursos hidráulicos en el Valle del Cauca” (OLAP, GyH y KTAM, de 1956), y el Proyecto de Salvajina (Departamento Hidroeléctrico CVC y Consultores: Acres

---

<sup>34</sup> CVC y Acres International Limited. **Proyecto de Salvajina, Volumen 1. Informe febrero 15 de 1965.** Diseño: Departamento Hidroeléctrico CVC. Cali: CVC, 1965. p. 39.

International Limited, de Cali, en 1965), que expresan con claridad los argumentos técnicos en que se basó la toma de decisiones sobre la construcción de la represa.

El Valle de Cauca empieza a enfrentar, como el mayor obstáculo para la modernización del desarrollo industrial, agroindustrial y urbano, la falta de control de las aguas que lo riegan – avenidas del Cauca y sus afluentes en el invierno y sequías en el verano-. Este desarrollo demanda además la provisión de energía eléctrica, dado que muchas empresas debían autoabastecerse a costos elevados ante la limitada oferta.

Las élites requerían de un mecanismo que les permitiera controlar el río, pero sus intereses resultaban antagónicos a los de los pobladores de las riberas aguas arriba. Para los empresarios y terratenientes el río era una amenaza; para los habitantes de La Toma el río era un eje central de su cotidianidad, suministraba peces, oro, y en sus ricas vegas se levantaban las mejores fincas.

La experiencia promovida por la agroindustria de la caña a lo largo del siglo XX en la zona plana, había generado profundas transformaciones para los campesinos allí asentados: de ser agricultores que adquirieron la tierra por la vía del terraje y las luchas agrarias, pasaron a ser asalariados, principalmente como corteros de caña y otros oficios de baja remuneración ligados a la producción de azúcar. Paradójicamente, el cultivo de la caña, que parecía no tener nada que ver en la vida de los habitantes de las zonas montañosas aledañas al valle geográfico, tendría efectos similares con la construcción del embalse.

Conocedores de los conflictos que se generarían, una vez aprobada la obra y antes de iniciar la construcción, comenzó un delicado proyecto destinado a asegurar la propiedad sobre la tierra en el área del futuro embalse. Como muestra del valor del proyecto para el desarrollo nacional, las tareas de promoción y difusión de sus bondades contaron en sus primeros momentos, incluso, con una visita presidencial. Se trataba de convencer a todos de las bondades del desarrollo.

### **Despojar para desarrollar**

El valor del proyecto hidroeléctrico y de control de aguas mediante el embalse gozaba de amplio consenso entre los industriales de la zona plana e inundable, pero no había sido consultado con los habitantes de la parte alta que

ahora sería inundada para construir la represa. La estrategia de convencimiento inició mediante el acercamiento a personas notorias de Suárez (las élites locales), una de las puntas de lanza para legitimar las supuestas ventajas del proyecto.

En adelante, las formas para convencer a los propietarios de las tierras inundables, acerca de las bondades del proyecto, combinaron la persuasión, el engaño y la presión. No solo se vinculó a los notables para legitimar las obras, hubo una compleja estrategia de compra de los predios, mediante diversas tácticas de “persuasión”. Empezaron comprando los terrenos de las partes altas y bajas del área a inundar; como consecuencia, los propietarios en la parte intermedia se veían presionados a vender. Así lo describe un habitante de la zona:

Como el primero vendió, el que sigue también vendió y se fueron dejando ilusionar y fueron vendiendo. Algunos de pronto dijeron, ‘no, yo lo mío no lo vendo en esa plata, porque es muy poquito lo que están dando y en esta finca he tenido una lucha muy tremenda y esta finca no la vendo porque soy padre de familia y esto es lo que estoy trabajando para que mis hijos más adelante vivirán ahí’. Pero da la casualidad de que ellos eran muy astutos, decían ‘no, porque de igual forma usted va a quedar trabajando aquí, además la plata que se le va a dar es suficiente y va a quedar con unos buenos empleos’. En ese orden si usted no vende el agua lo saca (Entrevista a Jorge González).

Aprovechando el desconocimiento que las personas tenían de los trámites legales, asegurándoles que el precio de compra los compensaba económicamente y amenazando con la intervención de abogados y bancos, fueron despojando a los propietarios de las vegas del río.

Era una finca de alrededor de tres hectáreas y les dieron 145 mil pesos por tres hectáreas, también amedrentándolo que si no recibían esa plata se la consignaban en el banco y después de eso tenían que meterle abogado para poder sacarla, entonces la gente tuvo miedo y recibía esas *bicocas*<sup>35</sup> (Entrevista a Carlino Ararat).

Los términos de la negociación que fueron impuestos y la presión para que vendieran eran tales, que los pequeños propietarios llegaron a considerar que no tenían otra opción. En este contexto, apareció una corte de abogados y funcionarios ofreciendo ayuda para realizar los trámites legales, burocráticos y

---

<sup>35</sup> Cantidades ínfimas de dinero.

bancarios, para finalmente estafar a los dueños de la tierra. Noralba Caracas cuenta lo que le sucedió a su padre:

Él [su padre] como no sabía ni leer ni escribir, entonces también lo robaron, o sea a él le hicieron firmar un papel y le dijeron que bueno, que la finca tenía tanto, y que esto y que lo otro; y cuando él ya fue a cobrar la plata le dijeron 'lo que usted firmó fue esto', y le robaron tanto... (Entrevista a Noralba Caracas Carabalí).

Luego de presionar a los propietarios de las tierras de la orilla del río a vender, se iniciaron las obras de construcción. Se trató de una obra de ingeniería de enormes proporciones en la que se construyeron túneles para desviar el río y hacerlo pasar por debajo del lugar en que se construiría el muro, se adecuaron vías para el transporte de maquinarias y materiales, se removió tierra de la base del río y de sus orillas, se crearon campamentos y lugares de trabajo; dejando huellas que todavía hoy se pueden ver en los alrededores. También hubo cambios como producto de la presencia de una gran cantidad de trabajadores que vinieron de otras partes para la construcción.

La huella física más visible que dejó el proyecto tiene que ver con las transformaciones producidas en las tierras que fueron inundadas; en poco tiempo, el río se transformó en un inmenso lago. Desde entonces el río ya no fue más un espacio común en el cual realizar las actividades cotidianas que antes realizaban; ahora era una propiedad privada "de la empresa": "Fue un proceso bastante complicado y la empresa logró lo que quería, que era construir su hidroeléctrica y los *paganinis*<sup>36</sup> fueron las personas de la región, que tenían sus sitios, sus casas, sus parcelas ya establecidos y les tocó salir" (Entrevista a Azael Balanta Marroquín).

Como sucede con frecuencia en las zonas de producción extractiva, se incrementó la presencia de trabajadores venidos de afuera, lo que generó procesos de descomposición social:

[...] pero la descomposición social que hubo en ese tiempo fue terrible. Se propagaron mucho los embarazos tempranos, se aumentó la prostitución; cuando lo de Salvajina fue cuando se propagó el consumo de sustancias psicoactivas, porque hasta ese momento [...] yo me

---

<sup>36</sup> Los perjudicados, los que pagaron las consecuencias.

acuerdo, yo estaba muy muchacho pero me acuerdo, uno casi no encontraba viciosos, la verdad era esa (Entrevista a Eduar Mina).

Cuando terminaron la construcción, las tierras inundadas no solo impedían realizar actividades cotidianas ligadas al río y sus aguas, también se produjo un fuerte proceso de fractura de relaciones familiares y de vecindad que habían sido construidas a lo largo de los años:

En ese tiempo pasábamos en canoa de un lado a otro porque aquí en La Toma hubo personas de Mindalá [un asentamiento en la otra orilla del río] que venían hacia acá y conseguían mujeres acá, se casaban y se iban para allá; entonces, ellos viajaban para acá y nosotros teníamos familiares allá entonces teníamos como una comunicación de ambas partes (Entrevista a Jorge González).

Estos lazos producto de relaciones históricas construidas entre habitantes de ambas orillas del río, soportados en redes de caminos, compadrazgos, uniones familiares y formas de producción agrícola basadas en el intercambio de productos y mano de obra, cambiaron sustancialmente con la inundación. La “solución” que se creó para resolver el problema de comunicación originado por la inundación del río y los caminos, fue la instalación de *planchones*<sup>37</sup> que atraviesan la represa en horarios específicos; sin embargo, este nuevo servicio de transporte no resuelve los problemas de comunicación. Los flujos que antes eran permanentes y determinados por las propias necesidades, decisiones y anhelos de los habitantes, quedaron sometidos a los tiempos y condiciones dispuestos por la empresa responsable de la hidroeléctrica.

La represa se construyó en medio de una crisis en la producción de café, debida a la roya.<sup>38</sup> Este cultivo, que había sido base para el sustento económico de los habitantes de La Toma desde comienzos del siglo XX, empezó a marchitarse y el cambio de clima generado por la construcción de la represa empeoró la situación, al afectar también a otros cultivos. En este contexto, lo que para los campesinos caficultores era una crisis, para los industriales era una nueva oportunidad. Si las tierras parecían poco productivas, la posibilidad de incentivar su venta era mayor.

---

<sup>37</sup> Embarcaciones de carga y pasajeros.

<sup>38</sup> Enfermedad del café, ocasionada por el hongo *Hemileia vastatrix*, que afecta las hojas del arbusto.

La emigración motivada por la construcción del embalse y la pérdida de las fincas fue otro de los impactos de este proyecto. Según se dice, fueron muchos los que tuvieron que abandonar su territorio e irse a otros lugares. Aunque en ocasiones se habla de la migración como una posibilidad de mejorar las condiciones de vida de los que se van, la situación de quienes fueron despojados de sus tierras no parece ser la mejor: “A nosotros nos duele porque esa gente están sufriendo mucho en la ciudad, han sufrido, han perecido muchos y a nosotros nos duele porque esa gente es sangre de nuestra sangre [...]” (Entrevista a Jorge González).

La manera en que se ve el río hoy en día es muy distinta a la que había antes de la inundación; si el antes era sinónimo de vida, ahora, con la represa, es visto como sinónimo de muerte. La construcción transformó de manera radical la vida de los habitantes de La Toma y de otras comunidades cercanas. La inundación produjo cambios profundos en la relación con la tierra y con el río; la producción agrícola, la minería, la pesca y la navegación, que allí se practicaban, se acabaron. Y para hacer aun más crítica la situación, muchas personas se vieron forzadas a buscar alternativas de trabajo en lugares distantes, luego de ser despojadas de sus tierras.

Lo que para los habitantes de La Toma constituía un territorio vital, habitado históricamente, para los industriales y los funcionarios de instituciones públicas y privadas era un espacio para generar riqueza, crecimiento económico y mejores condiciones para la modernización de la región.

### **Resistir al desarrollo**

A pesar de que no dispongo de documentación suficiente para ilustrar las formas de resistencia de estas poblaciones a los proyectos de esclavización, sucede lo contrario en relación con los proyectos de desarrollo de la segunda mitad del siglo XX, algunos de los cuales todavía hoy están presentes en la región. Ilustraré brevemente la emergencia de procesos organizativos que buscan resistir a los embates del desarrollo, en especial aquellos ocurridos en las últimas décadas del siglo XX y lo que va corrido del XXI. De esta manera, espero mostrar cómo las proyectos de desarrollo no ocurren en espacios vacíos, ni al margen de relaciones

de poder de las que participan poblaciones con intereses particulares y con frecuencia opuestos a los del desarrollo. Como afirmó de manera contundente una activista del Proceso de Comunidades Negras –PCN– en una intervención pública en la Universidad del Cauca, en casos como estos las organizaciones de comunidades negras sí se oponen al desarrollo; pero no al bienestar de la población en sí mismo, sino a este particular modelo de desarrollo orientado desde intereses particulares de ciertas élites, que para justificar el despojo lo presentan bajo el ropaje de proyectos orientados al bienestar general y la distribución de la riqueza.<sup>39</sup>

Tristemente, algunos procesos de organización dirigidos a la defensa de los territorios y las poblaciones afectados por proyectos de minería y de generación energética como los que se encuentra en La Toma, entre otros, han sido acusados de ser “enemigos del desarrollo”, queriendo significar con ello que los intereses que allí se defiende son “particulares” y se oponen, por ende, “al de todos”, al “interés común”. Estos argumentos, que buscan socavar las resistencias, intentan aniquilar cualquier expresión de oposición y allanar el camino para nuevas formas de despojo, basadas en la apropiación de recursos locales y la expropiación del control sobre los mismos.

En el caso al que aquí me refiero, los procesos organizativos recientes han vivido trayectorias complejas en las que es posible observar la transformación constante de los problemas, así como de las formas de resistencia. Todo ello ocurre en un escenario de cambio permanente, en el que se posicionan con fuerza las retóricas y las prácticas legalistas del multiculturalismo, sustentadas en otros saberes expertos como los de la ingeniería, la antropología y la ecología, entre los más notables. Ante este panorama, las prácticas de resistencia se moldean en la relación de oposición a dichos saberes y prácticas, teniendo como resultado una necesaria apropiación de las tecnologías en contra de las cuales se construyen los proyectos políticos alternativos. Intentaré mostrar en esta tercera parte del artículo, cómo ha operado esta dinámica en el caso de La Toma.

---

<sup>39</sup> Intervención de Marilyn Machado en el Conversatorio *Territorios de ser y no ser. Comunidades negras, extractivismo y alternativas de Buen Vivir*, realizado en la Universidad del Cauca, Popayán, 8 de noviembre de 2013.



### **La producción de energía: “A ellos les genera plata, a uno no le genera nada”**

A pesar de los procesos organizativos que se gestaron para denunciar los impactos generados por el represamiento del río, sus voces han sido sistemáticamente ignoradas. Las decisiones que se tomaron lo hicieron recurriendo a un lenguaje experto, en el que se exaltaba el dominio sobre la naturaleza y la incorporación de tierras a la economía. La violencia ejercida sobre los habitantes de la región se encubrió con esta retórica desarrollista, sustentada en conocimientos de ingeniería, trámites administrativos, amenazas sobre consecuencias jurídicas y acciones de gobierno en nombre del bienestar de la nación.

El modelo de desarrollo que se estaba consolidando se sustenta en el despojo. Para producir esta nueva riqueza, fue necesario redefinir quién toma las decisiones, quién controla los recursos y, sobre todo, quién recibe los beneficios. En el caso del proyecto de La Salvajina, los habitantes de La Toma, que nacieron y crecieron lejos del valle dominado por la caña, finalmente terminaron como asalariados de los ingenios, hasta donde tuvieron que llegar por la pérdida de las fuentes de trabajo locales ocasionadas por el represamiento; corriendo igual suerte que los campesinos negros de la parte plana. Debido a estos cambios también llegaron a Cali, se instalaron en las zonas más pobre de la ciudad y desde entonces han estado “trabajando de día para comer noche” en las más disímiles posibilidades que ofrece el rebusque.

En este contexto se consolidó un proceso de organización, que parece ser una de los pocos impactos positivos que dejó este proyecto; se generó una fuerte oleada de movilización que reclamaba que se revisaran los impactos producidos y se generaran estrategias para resolver necesidades históricas de la zona, producto de la precaria presencia estatal: acueductos, energía eléctrica, salud, escuelas, entre otras. Sin embargo, los procesos de organización enfrentaron diversos obstáculos; incluso, algunos líderes locales se opusieron, aprovechando su posición de autoridad y el reconocimiento que tenían, para desmotivar la organización.

A pesar de las presiones y dificultades, mucha gente se unió por la defensa de sus derechos y marcharon hacia Popayán. En el proceso se fue conformando

una organización que a través de la movilización condujo a la firma de un documento en el que las instituciones responsables se comprometían a generar proyectos para contrarrestar el impacto de la inundación y mejorar las condiciones de vida de los habitantes. El documento firmado es conocido como el Acta del 86 y muchos de los compromisos allí suscritos siguen sin cumplirse. Es por ello que para muchos de los habitantes locales, la historia no se puede repetir:

Primero llegó CVC fue la que empezó con todo eso; unos decían que no iban a hacer una represa sino que iban a hacer carreteras y a la hora se convirtió en represa. [...]. Encima de eso querían desviar este río [Ovejas], pero la gente ya estaban prevenida de que se venía el impacto ambiental que se vino cuando esa represa. [...] A ellos les genera plata, a uno no le genera nada (Entrevista a Ligia Mina).

No obstante, el proyecto hidroeléctrico de La Salvajina no se limitó al control de las aguas del río Cauca y del área inundada. Desde muy temprano en su concepción, el proyecto de regulación del caudal del río Cauca, se planteó una segunda fase en la que se incluiría el desvío del río Ovejas. Así se establece en otro estudio, realizado por la subdirección técnica de la CVC, titulado “Transvase parcial de río Cauca al sistema Calima y desviación del río Ovejas al embalse de Salvajina”.<sup>40</sup>

Como mencioné anteriormente, los ríos Ovejas y Cauca están estrechamente ligados a la historia de lo que hoy se conoce como el corregimiento de La Toma. Los primeros pobladores llegaron a Gelima y comenzaron un proceso de apropiación de este territorio, del que hoy también hacen parte las veredas de El Hato, Dos Aguas, Yolombó, El Porvenir y La Toma; manteniendo también relaciones con las actuales veredas de Mindalá y San Vicente, sobre la orilla occidental del río Cauca. Tanto por las actividades económicas como por la relación entre familias, la afinidad política o las tradiciones compartidas, los lazos entre los habitantes de ambas orillas han sido la base sobre la cual se dio forma a este territorio.

---

<sup>40</sup> CVC. **Informe de estudios y obras a cargo de la CVC. Trasvase parcial del Río Cauca al sistema Calima Desviación del Río Ovejas al embalse de Salvajina línea de transmisión Pasto-Tumaco.** Cali: CVC, Subdirección técnica, 1989.

La represa, al contrario, fue motivada por empresarios que no tienen relación con la historia local ni con sus necesidades, cuyo interés ha sido el control sobre las aguas del río y la propiedad de las tierras de sus orillas. Aunque fue construida con recursos del Estado, la Salvajina se diseñó para proteger las inversiones particulares de los industriales de la zona plana, generando a cambio unos impactos a nivel local, por los que ahora nadie responde. Entre otras cosas porque luego de resolver los problemas a los cañeros, el Estado privatizó el embalse y ahora no es claro a quién se puede demandar para que responda por los efectos que produjo la obra.

Según datos de la Empresa de Energía del Pacífico S.A (EPSA), en 1995 [La Salvajina] pasó de la CVC a sus manos, pues EPSA fue creada para responder al cumplimiento de la Ley 99 de 1993, según la cual se debía independizar la gestión ambiental del negocio eléctrico. El 5 de junio de 1997 el Gobierno nacional vendió en subasta pública el 56,7% de las acciones de EPSA a un consorcio formado por Houston Industries y Electricidad de Caracas. En el año 2000, este consorcio cedió su participación accionaría a Unión Fenosa de España. En marzo de 2009, Gas Natural SDG S.A., adquirió el 100% de las acciones de Unión Fenosa S.A., convirtiéndose a su vez en el beneficiario real del 63,82% de las acciones de EPSA. Finalmente, el 14 de diciembre de 2009 pasó a ser propiedad de Colener S.A.S., sociedad que pertenece en un 100% a Colinversiones S.A. [nombre que usó la compañía hasta el 15 de abril de 2002 que hoy se denomina Celsia] Tienen también participación en las utilidades de 'La Salvajina' Inversiones Argos S.A. [Hoy Grupo Argos S.A. es el accionista mayoritario de Celsia] y Banca de Inversión Bancolombia S.A. Corporación Financiera (Notiagen 2012).<sup>41</sup>

La privatización de la producción de energía eléctrica hace más clara la relación entre el proyecto del embalse y los intereses económicos que la orientan; sin embargo también hace más difícil identificar al responsable de los impactos. Para los nuevos y sucesivos dueños, los impactos fueron ocasionados por otros (es decir, no por ellos o por la empresa de la que ahora son propietarios), por la que no deberían ser señalados como responsables; al contrario, las acciones de mitigación que pudieran emprender, deberían ser vistas como evidencia de su responsabilidad social empresarial.

---

<sup>41</sup> <http://notiagen.wordpress.com/2012/04/02/la-salvaje-salvajina-el-despojo-y-el-oro-ensuarez/>. Consulta: 14 de febrero de 2013

Para las comunidades locales, la experiencia ganada luego de la construcción de la represa ha permitido responder mejor ante nuevos proyectos; si con Salvajina solo fue posible organizarse cuando la construcción ya estaba culminado, ahora se ha producido una respuesta mejor informada y con amplia participación de organizaciones negras, campesinas e indígenas. No obstante, no solo ha sido necesario consolidar nuevas formas de organización, sino que ahora se hace frente a un problema que parece más complejo.

Después de 1986 muchas condiciones cambiaron. La pretendida obra de desvío del río Ovejas se justifica en nombre de la producción de energía; una vez más la retórica del desarrollo sirve para presionar a los habitantes del territorio donde se ubica el recurso. Adicionalmente, se introducen tecnologías como los Planes de Manejo Ambiental (PMA), recurriendo de nuevo a estudios científicos y pruebas de laboratorio, que supuestamente garantizarían que se cause el menor daño posible, mediante soluciones científicas y neutras.

Frente a las nuevas circunstancias, las comunidades locales también recurren a nuevas estrategias de defensa. Incluso, se han apropiado del lenguaje jurídico y técnico que antes era patrimonio exclusivo de las empresas, las instituciones de Estado y sus legiones de tecnócratas: “Amparadas en la Ley 70 de 1993, la cual legisla los derechos de las comunidades negras en Colombia, los habitantes de Suárez realizaron un estudio propio que determinó que entre los 41 impactos del desvío, sólo 5 serían positivos”.<sup>42</sup>

La Ley 70 de 1993 ha sido una de las herramientas de las que se han valido los líderes locales y las organizaciones. A pesar de que se trata de una ley orientada a la defensa de derechos étnicos para comunidades negras, ha sido difícil llevarla a la práctica pues algunas de las condiciones que ésta exige para que una comunidad sea reconocida como sujeto de derechos étnicos, no se cumplen o no aplican en la región; una de ellos es la existencia de territorios baldíos ocupados por poblaciones negras, susceptibles de ser titulados colectivamente. Como vimos en momentos anteriores, la comunidad de La Toma se asienta sobre un territorio en el que sus antepasados han vivido desde el siglo XVII por lo menos, y cuyas tierras

---

<sup>42</sup> VÉLEZ TORRES, Irene; VÉLEZ GALEANO, Hildebrando. Op. Cit., p. 10.

compraron a comienzos del siglo XX. Es decir que, además del asentamiento ancestral que da legitimidad a esta presencia, hay propiedad legal sobre la tierra.

Lo paradójico de esta situación es que algunas interpretaciones de la Ley 70 han apuntado a que ésta solo aplica allí donde no haya propiedad privada sobre la tierra, desconociendo las particularidades de los procesos históricos de apropiación y defensa del territorio, que en este caso se sustentan en una apropiación por compra, hace ya casi un siglo. A pesar de ello, los habitantes de La Toma han logrado demostrar que, aun con esta interpretación restrictiva de la norma, no se puede desconocer su presencia ancestral, y por ende sus derechos como comunidades negras.

Aunque en algunas ocasiones los problemas producen desmovilización y apatía, en este caso la defensa del río produjo un efecto contrario: se convirtió en una posibilidad de fortalecimiento organizativo, motivó un relevo generacional en el liderazgo y propició una mayor apropiación y reconocimiento del territorio, incluyendo sus fuentes de agua. La constitución de un consejo comunitario en 1994, además del proceso de difusión de la legislación étnica, jugaron un papel importante en las nuevas dinámicas políticas locales.<sup>43</sup> Hasta ahora, el desvío del río Ovejas está detenido.

### **Enemigos del desarrollo**

Las respuestas organizativas de las comunidades locales, a pesar de ser efectivas frente a los proyectos de generación de energía, se enfrentaron a un nuevo problema. Los grupos paramilitares llegaron a la zona y comenzaron a señalar a los líderes de ser enemigos de los proyectos de desarrollo.<sup>44</sup> Estos grupos comenzaron a hacer presencia sistemática a mediados de mayo de 2000 y desplegaron su violencia e intimidación en los municipios de Jamundí, Santander de Quilichao, Buenos Aires, Suárez y Puerto Tejada. Se trataba del Bloque Calima y su frente Farallones que bajo el mando de Ever Velosa, alias HH, intentaron eliminar la supuesta base social de la guerrilla.

---

<sup>43</sup> Los consejos comunitarios son formas de autoridad local contempladas en la Ley 70 de 1993, la principal norma relativa a los derechos de comunidades negras reconocidas como grupo étnico.

<sup>44</sup> Acerca de los efectos de la presencia de grupos armados y la noción de enemigos del desarrollo, ver Arboleda (2012)

Lo paramilitares usaron el argumento de que los líderes de La Toma eran cómplices de la guerrilla pues se oponían al desarrollo que significaría el desvío del río Ovejas. Las amenazas no se hicieron esperar: mensajes telefónicos de texto, llamadas, visitas de hombres extraños al territorio, presencia de grupos armados, retenciones y retenes, hicieron parte de la estrategia de intimidación.

En el 2004 nosotros no aguantamos tanta presión. Entonces hicimos una reunión, una asamblea grande allá en la vereda y a la gente yo les dije: hermano aquí ya no, esto no da para uno estarse escondiendo más, porque era mucha la zozobra, entonces decidimos ir a frentiar a los paramilitares y fuimos y hablamos con el jefe. La primera pregunta fue: ¿a nosotros por qué nos persiguen? Ese man dijo, “a ustedes los persiguen porque están en contra del desarrollo de este país”. Entonces se fueron debatiendo los temas, el primer tema que se debatió fue [sobre el río] Ovejas; que por qué no dejábamos desviar Ovejas. Entonces dijimos, nosotros no vamos a dejar desviar porque de qué va a vivir la gente, el río Ovejas para nosotros significa la vida y la vida no se negocia y si usted por ejemplo nos van a matar a nosotros por defender a la vida, entonces hágale, porque ese es un legado y esa es una lucha que no vamos a doblegar y mucho menos para dárselo a una multinacional que le ha hecho tanto daño a la gente (Entrevista a Lisifrey Ararat).

Las amenazas no desaparecieron, aunque la presión disminuyó temporalmente hasta que se produjo el ingreso de retroexcavadoras para la explotación del oro de las orillas del río Ovejas. Con la presencia de esta forma de minería a mediana escala y con uso intensivo de maquinaria pesada, los volúmenes de extracción de oro se incrementaron; con esta rentabilidad creciente aparecieron nuevos conflictos, ahora entre los mismos habitantes del lugar.

[...] llegó una cantidad de retroexcavadoras para sacar tierra y se formó una ciudadela a la orilla del Ovejas. Había tiendas, compraban el oro, sacaban el oro, otro iban a minear, otros de negocio, tomando traguito como en toda zona minera [...], como esas máquinas sacaban la tierra, la gente caía en esos huecos a sacar y se hacía sus buenos granitos de oro, pero no teníamos como la visión del daño que nos estaban causando, hasta que llegó el momento y dijimos no! eso hay que pararlo, nos van acabar con el río. Y allí empezó la primera lucha contra esas retroexcavadoras. Empezaron las amenazas, no únicamente por los dueños de las máquinas, porque el negociante tenía estrategias de negocio [...] Cuando nosotros como líderes íbamos a atacar y decirle que tenían que irse, le decían a uno: “mire, la gente se está beneficiando”. Entonces ese líder de la tierra que tenía oro, decía: “es que ustedes están bien y por qué tienen que venir a sacar esta gente de aquí”, empezaba a

revolucionar al resto de gente y claro, querían ponernos a chocar con la misma comunidad (Entrevista a Aníbal Vega).

Los impactos ambientales de este tipo de entable minero son innegables: grandes cantidades de tierra removida, alteración de los cauces del río, contaminación de las aguas, afectación de las formas de vida acuática, disminución de las fuentes de alimentación debido a la disminución de la vida animal en el río, entre otros. Aun así, el impacto más difícil de afrontar es el de los conflictos que amenazan las redes sociales locales y sus formas de organización; tanto las amenazas como los conflictos internos generados, buscan este propósito.

La forma en que la vida ha transcurrido al menos durante los últimos cuatrocientos años entre las vertientes de Cauca y Ovejas, es un asunto de menor importancia para los técnicos, burócratas y actores armados. Proyectos como el desvío del río Ovejas o la introducción de retroexcavadoras para minería, poco consideran los arreglos comunitarios que incluyen significados, memoria, costumbres y rutinas de trabajo, entre muchos otros intangibles, que no caben dentro de las propuestas técnicas y económicas de estos proyectos de desarrollo y sus afanes de enriquecimiento y acumulación incesante.

A pesar de las aparentes diferencias, es importante insistir en algunos rasgos comunes a los proyectos mineros legales e ilegales, y los de generación de energía eléctrica. Tanto unos como otros actúan en la lógica de extracción de recursos y en nombre del bienestar de la población; buscan apropiarse del oro, el agua y la tierra, argumentando que con ello se produce riqueza y bienestar. Sin embargo, tanto los unos como los otros promueven los conflictos locales y actúan desconociendo los impactos que producen a largo plazo. Si bien es cierto que la explotación de oro y la generación de energía eléctrica han producido riquezas enormes, también es cierto que la idea de bienestar que se oculta detrás de estos proyectos, desconoce otros valores que están presentes en la forma en que los habitantes de La Toma se han relacionado con los recursos que hay en su territorio; esto sin contar con que dicha riqueza se distribuye en lugares bien distantes de aquellos en que se produce y entre gente distinta a la que la produce.

Hoy en día la mayoría de los habitantes de La Toma tiene claras las consecuencias de la inundación, pero en la década de los ochenta no era tan claro

lo que iba a suceder. Era difícil imaginar que el río se fuera a inundar y que alcanzara la profundidad que tiene luego de la construcción de la represa; era una obra inconcebible. A pesar de lo extraño que pueda sonar, el desarrollo no siempre hace parte del deseo de todos; al menos no de la misma manera.

### **Algunas reflexiones finales**

La región suroccidental de Colombia ha sido considerada desde la época colonial como un área privilegiada para la producción de riqueza, lo que se refleja en un sinnúmero de proyectos para la producción de oro, café, caña de azúcar y energía eléctrica, entre otros. En este artículo he analizado dos momentos en la historia de la región, en los cuales la producción de riqueza ha estado ligada a dos proyectos civilizatorios distintos: primero, el proyecto evangelizador; luego, el proyecto desarrollista.

En el primer momento, la presencia de los jesuitas ilustra la relación entre evangelización y colonialismo. Aunque es común que se lo analice a partir de las prácticas de sometimiento que despliega, el colonialismo no es solo un dispositivo de control militar y administrativo de territorios y poblaciones; no opera solo mediante la coerción. Dicho control solo es viable y sostenible en tanto logra desplegar y sedimentar un conjunto de instituciones y saberes, que definen las maneras aceptadas de entender el orden social del momento, y el lugar que ocupan espacios y grupos humanos en el ordenamiento que allí se establece. En este sentido, el colonialismo ibérico que se inaugura en el siglo XV se sostuvo sobre un discurso teológico, fundado en gran medida sobre argumentos como el de la expansión de la Cristiandad, y a través de instituciones como la Iglesia.

El colonialismo hizo necesario para los colonizadores producir una explicación plausible sobre el lugar de los habitantes de las tierras por colonizar. Es así, que el gobierno de los nativos americanos fue objeto de tempranas reflexiones políticas y teológicas, entre las que destaca la conocida Controversia de Valladolid (1551); así como de la creación de instituciones para la administración de sus gentes y territorios, que se reflejan en la extensa legislación de Indias y la creación de entidades como la mita, la encomienda y los resguardos. Todo esto fue determinante en la definición del lugar que ocuparían los habitantes nativos del



Nuevo Mundo en el orden colonial. Los indígenas fueron tempranamente incorporados a este orden en el ambivalente lugar de súbditos e infieles; es decir, de poblaciones que deberían ser gobernadas en el plano material, regido por la corona española, y en el espiritual, a cargo de la Iglesia.

A diferencia de los indígenas, las poblaciones y territorios africanos no eran desconocidos para los europeos, como tampoco lo era la práctica de la esclavitud. De tal manera que la esclavización de amplios contingentes de población africana, no fue objeto de las mismas reflexiones, ni su tratamiento en las tierras en proceso de colonización fue realizado mediante las mismas instituciones.<sup>45</sup> Como evidencia de estas diferencias, la esclavitud y la producción de oro fueron fundamentales para la cristianización de los nativos.

[...] la misión de los pueblos americanos era el objetivo, mientras que la evangelización de los africanos supuestamente ya había sido concluida cuando llegaron a América, dado que llevaban nombres cristianos. [...] ellos no fueron trasladados a América para ser evangelizados sino para servir de instrumento a la evangelización de los pueblos indígenas.<sup>46</sup>

La cristianización de los indígenas también fue objeto de tratados escritos, entre los que se cuenta el *De procuranda indorum salute*, escrito por el jesuita José de Acosta en 1558. Como evidencia del distinto lugar que ocuparon los grupos humanos sometidos al colonialismo, es interesante notar que un tratado similar, referido a la cristianización de los africanos, solo fue escrito hasta 1647: *De instauranda Aethiopum salute*, del también jesuita Alonso de Sandoval.

Estas consideraciones de orden religioso y político las que llevaron a establecer una marcada diferencia en el trato dado a indígenas y afrodescendientes. Los primeros, rápidamente incluidos en el orden colonial como súbditos de la corona, que por lo tanto no se podía esclavizar. Los africanos y sus descendientes no fueron considerados de la misma manera, pues su relación con

---

<sup>45</sup> Un debate similar al de Valladolid se había dado casi un siglo antes en relación con la esclavización de los africanos. Entre 1434 y 1437, el papa convocó a una consulta sobre la legitimidad de la expansión portuguesa en África (ver Castañeda (1996: 292).

<sup>46</sup> GAREIS, Iris. La evangelización de la población indígena y afro, y las haciendas de los jesuitas de la América española: logros y desencuentros. In: NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. (comps.), **Esclavitud, economía y evangelización. Las haciendas de los jesuitas en la América virreinal**. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005. p. 53.

los europeos estaba previamente marcada por las guerras de cruzada y nociones como las de Guerra Justa, que estaban en la base de los argumentos que justificaban la esclavización. Los tratados de los jesuitas también contribuyeron a sentar las bases para la expansión de esta visión del mundo, afectada por el contexto social y político de la Europa de la época. Un aspecto fundamental, que resulta necesario tener en cuenta si se quiere comprender el peso de los argumentos religiosos en una empresa profundamente marcada por intereses económicos.

Así como la producción de oro en las minas de los jesuitas durante el periodo colonial se fundamentó en el control sobre los cuerpos y las almas de los esclavizados, la construcción del embalse de la Salvajina, se basó en la capacidad de gestión sobre los riesgos potenciales de las inundaciones causadas por el río. Es por ello que los proyectos de desarrollo del siglo XX hicieron su entrada en el Alto Cauca, apoyándose en el uso de un conjunto de lenguajes y prácticas que se condensaron en la figura de los 'estudios técnicos', cuyo propósito era librar a los habitantes de la región de las amenazas que suponía el río.

Dado que hoy en día es común que gran cantidad de problemas sean entendidos en términos de presencia o ausencia de Estado, es necesario revisar su utilidad en el estudio de problemáticas relativas a las formas en que opera el poder en diversos escenarios y momentos, así como en relación con grupos humanos específicos. La esclavización, por ejemplo, tuvo que ver menos con las leyes que la regían, que con las formas de control de los cuerpos y las almas de los esclavizados que se llevaban a la práctica en actividades y por parte de esclavistas concretos.

En esta dirección, resultan útiles nociones como la de gubernamentalidad, propuesta por Foucault,<sup>47</sup> que permite dar cuenta de la multiplicidad de formas en que se expresa el gobierno, incluyendo al Estado pero sin restringir el análisis a su accionar. De esta manera, es posible llamar la atención sobre la imbricación que se produce entre los saberes que permiten que los humanos sean pensados y pensables en términos de seres gobernables, las tecnologías que se despliegan

---

<sup>47</sup> FOUCAULT, Michel. **Seguridad, territorio, población**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

para materializar dicho gobierno, y las subjetividades que emergen en relación con estos saberes y prácticas.

Retomando esta perspectiva, he buscado mostrar la manera en que ha operado el gobierno en dos momentos históricos distintos. En un primer momento, en relación con las tecnologías de gobierno que fueron desplegadas en nombre de una razón teológica: la evangelización como saber y como práctica, en nombre del cual era posible esclavizar a unas poblaciones para acrecentar el reino de la Cristiandad. En este caso, las tecnologías se expresan en las prácticas de esclavización, las normas de comportamiento impuestas, las formas de adoctrinamiento, las visitas e informes sobre el funcionamiento de las minas y haciendas, las disposiciones sobre alimentación, vestido y tiempos de trabajo de los esclavizados, entre otras.

La evangelización fue presentada como el propósito fundamental del control geopolítico que se establecía a través del Atlántico. Para ello, se argumentó, se requería fundar pueblos, establecer autoridades, controlar recursos, crear misiones, formar clérigos, construir iglesias, esclavizar hombres y mujeres, y otras tantas prácticas propias del mundo cristiano de la época. Se buscaba, en últimas, imponer un credo y sus prácticas, para sostener un tipo de sociedad y sus privilegios.

A pesar de que un análisis como éste podría centrarse en el análisis del papel jugado por la corona española o las formas que adquirió la administración colonial civil en el Nuevo Mundo, he preferido un análisis centrado en la relación entre dos prácticas de gobierno. Al hacerlo de esta manera, me interesa acercarme más a las prácticas que a las instituciones; antes que asumir la existencia de una Iglesia colonial abstracta, acercarme a la experiencia concreta de un lugar y momento en los que fue posible pensar y llevar a la práctica la esclavización. De esta manera, antes que asumir la esclavitud o la evangelización como instituciones omnipotentes e idénticas en todo momento y lugar, señalar algunas de sus lógicas y expresiones particulares para comprender la manera en que operaron en un contexto específico.

En el momento en que emergen los proyectos de desarrollo, las razones y prácticas son distintas; las tecnologías de este momento se basan en nuevos

saberes expertos: los de la academia, no los de la Iglesia. Son tecnologías múltiples y variadas, que se expresan en conceptos técnicos, estudios, políticas estatales, informes y declaraciones, en los que se señala la urgente necesidad de acelerar el crecimiento económico e incorporar nuevos territorios y recursos al dominio de la economía, y gestionar los riesgos que significa la naturaleza no domesticada. Aparejado a ellos, aparecen instituciones y expertos que recomiendan, sugieren, prescriben, y hasta imponen mediante el recurso a estas tecnologías, una nueva comprensión de las situaciones, una problematización de las mismas y unos procedimientos para resolverlas.

Cuando las tecnologías de gobierno no funcionan, la coerción parece ser una alternativa, ya sea por vías legales o ilegales. El gobierno también puede ser objeto de resistencias, algunas de las cuales plantean formas alternativas de entender y hacer. En ocasiones, los sujetos que hablan en nombre de la resistencia se apropian de los saberes y técnicas con las que se les ha querido gobernar, dando pie a un nuevo uso de los saberes expertos y esgrimiendo sus propios estudios, informes y procedimientos legales. Esta apropiación no está exenta de conflictos; supone jugar en el terreno de los arreglos del poder establecido y tratar de confrontarlo, al mismo tiempo que se aceptan sus reglas, se expresan las luchas en sus términos y se recurre a muchas de sus tecnologías.

Tal como ha sido señalado por Inda,

[...] aunque las prácticas gubernamentales puedan buscar crear tipos específicos de sujetos, esto no significa que su éxito esté garantizado. Los individuos tienen la capacidad de negociar los procesos a los cuales son sometidos, y de hecho lo hacen. [...] es entonces importante mirar no sólo las formas de identidad individual y colectiva que promueven las prácticas de gobierno, sino también las diferentes formas en que agentes particulares negocian estas formas: cómo las acogen, adaptan o rechazan.<sup>48</sup>

## Referencias

ARARAT, Lisifrey et al. **La Toma. Historias de territorio, resistencia y autonomía en la cuenca del Alto Cauca**. Popayán: Observatorio de Territorios

---

<sup>48</sup> INDA, Jonathan. Analítica de lo moderno: Una introducción. **Tabula Rasa**. n. 14, p. 99-123, enero-junio 2011. p. 112.

Étnicos, Universidad Javeriana Bogotá y Consejo Comunitario del corregimiento de La Toma, 2013.

ARBOLEDA-MUTIS, Zohanny. **'Enemies of Progress, Enemies of Development': Black Communities' Territorial Claims in Northern Cauca, Colombia.** 2012. Tesis - Masters of Arts in Development Studies, Specialization: Conflict, Reconstruction and Human Security (CRS), The Hague, The Netherlands, International Institute of Social Studies, 2012.

CASTAÑEDA Delgado, Paulino. **La teocracia pontifical en las controversias sobre el Nuevo Mundo.** México: Universidad Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Jurídicas, 1996.

COLMENARES, Germán. **Haciendas de los jesuitas en el Nuevo Reino de Granada siglo XVIII.** Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1998.

COLMENARES, Germán. Problemas de la estructura minera en la nueva granada (1550-1700). **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura.** Universidad Nacional de Colombia, v. 6-7, p. 5-56, 1972.

CVC – Corporación Autónoma Regional del Valle del Cauca-. **Génesis y desarrollo de una visión de progreso.** Publicación de la Dirección General. Grupo de Sistematización y Transferencia de Experiencias Corporativas. Cali, 2004.

CVC. **Informe de estudios y obras a cargo de la CVC. Tránsito parcial del Río Cauca al sistema Calima Desviación del Río Ovejas al embalse de Salvajina línea de transmisión Pasto-Tumaco.** Cali: CVC, Subdirección técnica, 1989.

CVC y Acres International Limited. **Proyecto de Salvajina, Volumen 1. Informe febrero 15 de 1965.** Diseño: Departamento Hidroeléctrico CVC. Cali: CVC, 1965.

FOUCAULT, Michel. **Seguridad, territorio, población.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

GAREIS, Iris. La evangelización de la población indígena y afro, y las haciendas de los jesuitas de la América española: logros y desencuentros. *In*: NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. (comps.), **Esclavitud, economía y evangelización. Las haciendas de los jesuitas en la América virreinal.** Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005.

GUTIÉRREZ, Alberto, Fernán E. González y Jorge E. Salcedo. **Destierros, incertidumbres y establecimientos. Trayectorias y recorridos de la Compañía de Jesús (1604-2000).** Bogotá: Editorial Javeriana, 2012.

INDA, Jonathan. Análisis de lo moderno: Una introducción. **Tabula Rasa.** n. 14, p. 99-123, enero-junio 2011.

JUANILLO MINA, Ismael. **Los Otros desplazados en Colombia.** Colombia: Artes gráficas del Valle, 2008.

MARZAHN, Peter. **Una ciudad en el imperio. El gobierno, la política y la sociedad de Popayán en el siglo XVII**. Popayán: Universidad del Cauca, 2013.

MINISTERIO DE AGRICULTURA Y DESARROLLO RURAL. La Agroindustria del Azúcar en Colombia. *In: Agroindustria y competitividad. Estructura y dinámica en Colombia 1992 - 2005*. Bogotá, 2006.

MONDRAGÓN, Héctor. Como encadenaron a la madre tierra y a la gente. Una historia del norte del Cauca. **Revista Semillas**, Bogotá, n. 34-35, p. 36- 43, 2008.

NAVARRETE, Cristina. **Génesis y desarrollo de la esclavitud en Colombia siglos XVI y XVII**. Cali: Universidad del Valle, 2005.

NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. Prólogo. *In: NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. (comps.), Esclavitud, economía y evangelización. Las haciendas de los jesuitas en la América virreinal*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005.

NOTIAGEN. **La salvaje Salvajina: el despojo y el oro en Suárez**. 2012. Disponible en: <<http://notiagen.wordpress.com/2012/04/02/la-salvaje-saljajina-el-despojo-y-el-oro-en-suarez/>>. Consultada en: febrero 14 de 2013.

PACHECO, Juan. **Los jesuitas en Colombia. Tomo I (1567-1654)**. Bogotá: Editorial San Juan Eudes, 1959.

—. **Los jesuitas en Colombia. Tomo II (1654-1696)**. Bogotá: s.e, 1962.

—. **Los jesuitas en Colombia. Tomo III (1696-1767)**. Bogotá: Oficina de publicaciones de la Pontificia Universidad Javeriana, 1989.

TARDIEU, Jean-Pierre. La esclavitud de los negros y el plan de Dios: la dialéctica de los jesuitas en el virreinato del Perú. *In: NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. (comps.), Esclavitud, economía y evangelización. Las haciendas de los jesuitas en la América virreinal*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005.

VARGAS, Pedro. **Historia del Real Colegio Seminario de san Francisco de Asís de Popayán**. Bogotá: Editorial ABC, 1945.

VÉLEZ TORRES, Irene; VÉLEZ GALEANO, Hildebrando. **Acaparamiento del agua y despojo de la tierra en el alto cauca: Estudio crítico sobre (in)justicia hídrica y derecho al agua en Colombia**. . 2012 Disponible en: <<http://www.canadians.org/sites/default/files/publications/RTWColombia-1.pdf>> Consultado en: febrero 14 de 2013.

WEST, Robert. **La minería de aluvión en Colombia durante el período colonial**. Bogotá: Imprenta nacional, 1972.

**Entrevistados** (entrevistas realizadas entre octubre de 2012 y febrero de 2013)

Carlino Ararat

Lisifrey Ararat

Azael Balanta Marroquín

Noralba Caracas Carabalí

Jorge González

Eduar Mina

Ligia Mina

Aníbal Vega

**DE LA ETNOGÉNESIS NEGRA DEL PACÍFICO AL MOVIMIENTO ÉTNICO  
AFROCOLOMBIANO: ANOTACIONES PARA UNA POSIBLE COMPARACIÓN CON  
LA EXPERIENCIA BRASILEIRA\***

Óscar Almario García<sup>1</sup>  
Universidad Nacional de Colombia  
Facultad de Ciencias Humanas y Económicas  
Departamento de Historia  
Etnohistoria y Estudios sobre Américas Negras

Recebido 15/10/2013

Aprovado 15/03/2014

**Resumen:** El artículo expone la experiencia que conduce de la resistencia a la esclavitud a la etnogénesis negra en el Pacífico neogranadino y colombiano (siglos XVIII-XX). Analiza cómo con el movimiento étnico-territorial afrocolombiano contemporáneo, tanto los antecedentes históricos como las comunidades descendientes en el Pacífico, devienen clave para sus reivindicaciones y representaciones actuales. Territorios ancestrales, ejercicio de la autonomía e identidad étnica se tornan inseparables, y el pasado es reapropiado como autorepresentación, con lo cual los discursos expertos y la memoria colectiva experimentan tensiones renovadas. La historia comparada de las experiencias colombiana y brasilera puede arrojar nuevas luces sobre la esclavitud, los esclavizados y sus descendientes, pero también debe procurar sobreponerse tanto al metarrelato occidental que niega la identidad afroamericana como al imperio de la memoria colectiva que la esencializa en función de la reivindicación.

**Palabras claves:** Etnogénesis – Afroamericano – Comparación.

FROM BLACK ETHNOGENESIS ON THE PACIFIC COAST TO THE AFRO-  
COLOMBIAN ETHNIC MOVEMENT: NOTES ON A POSSIBLE COMPARISON WITH  
THE BRAZILIAN EXPERIENCE

**Abstract:** This paper shows the experience that leads the black ethnogenesis in the Neogranadin and Colombian Pacific from resistance to slavery (XVIII-XX centuries). It analyzes the way both historical backgrounds and descendant communities in the Colombian Pacific become a key element for their contemporary vindications and representations with the current Afrocolombian ethnic-territorial movement. Due to the fact that ancestral territories, ethnic identity and the exercise of autonomy become inseparable, the past is re-appropriated as self representation, and expert discourses and collective memory experience updated tensions. The compared history of Colombian and Brazilian experiences could shed new light on slavery, the enslaved and their descendants. It should also ensure to overcome not only the western metanarrative, which denies

---

\* El artículo sintetiza documentación, pesquisas y argumentos desarrollados durante dos décadas de investigación del autor, que en lo fundamental se cumplieron en los marcos institucionales y con recursos de la Universidad Nacional de Colombia.

<sup>1</sup> E-mail: oalmario@unal.edu.co



their Afro-American identity, but also the collective memory empire, which essentializes it through vindication.

**Keywords:** Ethnogenesis – Afro-American – Comparison.

El artículo expone la experiencia libertaria de la gente negra en el Pacífico sur neogranadino, que se manifiesta desde el siglo XVIII como resistencia molecular a la esclavitud, pero que después la Independencia y a lo largo del siglo XIX se consolida y extiende por todo ese territorio como colectivo diferenciado. En el siglo XX, su presencia poblacional y territorial, aunque muy interferida por distintos factores asociados al nacionalismo y el sistema mundo, no obstante resurge en la última década como parte de la redefinición de las identidades en el país contemporáneo. Se argumenta que ese pasado libertario, identidad singular y territorio ancestral, reivindicados por la memoria colectiva y el conocimiento histórico-social, actúan como sustrato analítico y posibilidad narrativa para el movimiento étnico-territorial afrocolombiano que irrumpe en el contexto de la adopción de la Constitución Política de 1991 y se proyecta hasta el presente. La orientación multiculturalista de la constitución, al tiempo que puso en práctica políticas culturales novedosas con efectos en la producción de la diferencia étnica en el país, también obligó al movimiento étnico-territorial afrocolombiano a construir su propia representación del pasado, presente y futuro, con la cual se pasa del “olvido” de la esclavitud y la ancestralidad de sus comunidades a su recuerdo, pero que ahora se remonta hasta África. Se retoma esta doble experiencia, histórica y contemporánea, con un doble propósito, por una parte para analizar las tensiones discursivas en torno a las nuevas identidades protagonizadas por los académicos y el movimiento étnico afrocolombiano, y por otra para evidenciar que la recurrencia al pasado para explicar el presente interpela tanto la estricta cientificidad de los primeros como la mera ideología del segundo. Hemos procurado comprender este proceso, la región y su gente desde la perspectiva etnohistórica y a la luz de la categoría de *etnogénesis* por su potencial investigativo puntual y aunque no se trata de forzar una continuidad histórica con lo contemporáneo, reconocemos no obstante unas constantes o sedimentos que conectan ambos procesos. La complejidad de estas cuestiones en Colombia y sus

similitudes y diferencias con el caso brasilero, ameritan explorar la perspectiva comparativa.

### **La etnogénesis de la gente negra en el Pacífico**

Hasta hace poco tiempo la cuestión del carácter y orígenes de los grupos étnicos del Pacífico y su relación con la construcción del Estado nacional colombiano era, en lo fundamental, marginal en la historiografía y la antropología del país. Sin embargo, esto empezó a cambiar notablemente desde la década del ochenta del siglo pasado y sobre todo en la del noventa, como consecuencia de fenómenos globales y nacionales que se expresaron en ideologías y políticas como el ambientalismo, el multiculturalismo, el nuevo derecho y los movimientos sociales. No obstante, en los últimos años ha vuelto decaer el interés por la región y su estudio.<sup>2</sup> Adicionalmente, debe tenerse en cuenta que esta reciente relevancia del Pacífico colombiano, contrasta con la trascendencia de vieja data que las ciencias sociales y humanas de América Latina le asignan a cuestiones como la esclavitud y la posesclavitud atlánticas, las sociedades indias y mestizas de mesoamérica y los Andes, el mundo amazónico o los procesos de construcción del Estado Nacional y la modernización, para mencionar los principales. Con lo cual queremos subrayar la doble marginalidad que en principio ha tenido el Pacífico para los colombianos en general y la academia en particular, tal vez como otro rostro de la exclusión y la discriminación. En tanto no resulta fácil inscribir el Pacífico colombiano en alguno de los grandes modelos de análisis utilizados para comprender los procesos históricos y las sociedades latinoamericanas y caribeñas, este deviene en marginal para la investigación social.

---

<sup>2</sup>En esas décadas del siglo XX convergieron agentes e intereses distintos sobre el Pacífico con consecuencias en diversos órdenes del análisis social: la planificación gubernamental, los estudios ambientales, históricos y etnográficos, así como en lo referente a la definición de sujetos de nuevo derecho como los étnicos y sus territorios autónomos y protegidos, sin que se pueda olvidar que el contexto de conflicto interno armado agrega un factor muy importante, entre otros. En la actualidad, se presenta un nuevo período en el que la región ha vuelto a perder importancia, según el más reciente y pertinente estudio sobre estos distintos momentos en la producción de la diferencia étnica en Colombia, véase RESTREPO, Eduardo. **Etnización de la negritud: La invención de las 'comunidades negras' como grupo étnico en Colombia**. Popayán: Universidad del Cauca, 2013.

La historia de la esclavitud y posesclavitud en el Pacífico sur neogranadino y colombiano no solo es compleja en sí misma sino en buena medida desconocida todavía. En efecto, se trata de una frontera minera tardíamente conquistada para el dominio colonial (provincias de Raposo, Micay, Iscuandé, Barbacoas y Tumaco), cuya principal actividad económica en el siglo XVIII residía en la minería del oro de aluvión laborada con fuerza de trabajo esclavizada “criolla” y africana, condicionada por la geo-ecología de la selva húmeda tropical, en la que se refugiaban también varios grupos indígenas sobrevivientes del tremendo impacto de la conquista/colonización. En términos administrativos, ese espacio dependía de la gobernación de Popayán que aportaba con la economía del oro el principal renglón productivo del virreinato del Nuevo Reino de Granada a la corona española. El Pacífico deviene marginal para el proyecto nacional independiente por el desplome de la minería del oro, la disolución en la práctica de la esclavitud y la imposibilidad de su sustitución por otro sistema o algún otro producto significativo.<sup>3</sup>

A partir de los iniciales aportes de la historia económica y social, y la etnografía, en la actualidad se asiste a una renovación teórica y metodológica para el abordaje de sus problemas de investigación, que se caracteriza entre otros rasgos por la intención de restituirle presencia e identidad a los sujetos subalternos. Desde la etnohistoria en particular, se procura ir de los eventos, datos

---

<sup>3</sup> No es del caso presentar aquí toda la literatura producida al respecto, pero los siguientes trabajos son emblemáticos e inspiraron a varias generaciones de estudiosos: WEST, Robert C. **Colonial Placer Mining in Colombia**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, Louisiana State University Studies, Social Science Series, n.2, 1952 y \_\_\_\_\_. **The Pacific Lowlands of Colombia: a Negroid Area of the American Tropic**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1957; GRANDA, Germán de. **Estudios sobre un área dialectal hispanoamericana de población negra. Las tierras bajas occidentales de Colombia**. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, 1977; COLMENARES, Germán. **Historia económica y social de Colombia II. Popayán: una sociedad esclavista. 1680-1800**. Bogotá: La Carreta, 1979; WHITTEN, Norman E.; FRIEDEMANN, Nina S. de. La cultura negra del litoral ecuatoriano y colombiano: un modelo de adaptación étnica. **Revista Colombiana de Antropología**, n.17. p. 75-115, 1974; FRIEDEMANN, Nina S. de; AROCHA, Jaime. **De Sol a Sol: Génesis, Transformación y Presencia del Negro en Colombia**. Bogotá: Planeta, 1986; APRILE-GNISET, Jaques. **Poblamiento, hábitats y pueblos del Pacífico**. Cali: Universidad del Valle, 1993; WADE, Peter. **Gente negra. Nación mestiza**. Santafé de Bogotá: Editorial Universidad de Antioquia, Instituto Colombiano de Antropología, Siglo del Hombre Editores, Ediciones Uniandes, 1997; HOFFMANN, Odile. Sociedades y espacios en el litoral pacífico sur colombiano (siglos XVIII-XX). In: AGIER, Michel; ÁLVAREZ, Manuela Álvarez; HOFFMANN, Odile; RESTREPO, Eduardo (eds.). **Tumaco: haciendo ciudad, historia, identidad y cultura**. Bogotá: ICAN/IRD, Universidad del Valle, 1999. p.15-53.

y registros de tipo residual y aparentemente inconexos, a los entramados sociales, las redes de sentido de las acciones y la reconstitución de subjetividades desconocidas o negadas. Estrategia con la que, entre otros logros, hemos podido identificar, documentar y analizar un proceso de *etnogénesis*, por cuanto condujo al surgimiento de un sujeto social nuevo, que a su vez es portador de una identidad étnica diferenciada: *los grupos negros del Pacífico sur*, cuya subjetividad no es reducible a la clásica dicotomía *esclavo o libre*. Razones por las cuales conviene presentar en forma sintética sus características principales, diferenciando dos fases del mismo, una inicial durante el siglo XVIII y una segunda durante los siglos XIX y XX.

Dicho problema se aborda desde la perspectiva etnohistórica,<sup>4</sup> ante todo por el intento de combinar estrategias de investigación que apuntan a superar, como dice Martha Bechis, la Antropología clásica sin historia y la Historia clásica sin antropología.<sup>5</sup> Asimismo, admitimos un supuesto importante de esta perspectiva, que postula la existencia de un proceso continuo de creación de la realidad social y que este, a su vez, influye en la definición de las identidades sociales, por lo cual ambos fenómenos se generan y construyen socialmente.<sup>6</sup> De ello deducimos que los procesos de configuración de las sociedades son inseparables de los fenómenos de formación de las identidades de los grupos que las constituyen. Aunque lo más frecuente es que la etnohistoria de América se ocupe del protagonismo de los diferentes grupos indígenas en su historia, varios trabajos indican que sus enfoques son también aplicables a otros sujetos históricos, como los afroamericanos o descendientes de africanos, como lo muestran, entre otros, el de José Maurício Arruti para explicar la formación de los

---

<sup>4</sup> No abordamos aquí en forma amplia las cuestiones de definición y redefinición que entraña el campo disciplinar de la *etnohistoria*, para lo cual remitimos al breve pero imprescindible ensayo de COHN, Bernard S. *Etnohistoria*. In: SILLS, David L. (Dir.). **Enciclopedia internacional de las ciencias sociales**. Madrid: Aguilar, [1968] 1977, vol. 5. p. 113-127; o a síntesis más recientes, como las de MÜLLAUER-SEICHTER, Waltraud; MONGE, Fernando. **Etnohistoria. (Antropología histórica)**. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2009; y DE ROJAS, José Luis. **La etnohistoria de América. Los indígenas, protagonistas de su historia**. Buenos Aires: SB, 2008.

<sup>5</sup> Véase BECHIS, Martha. **Piezas de etnohistoria del sur sudamericano**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.

<sup>6</sup> GARCÍA, Claudia. **Etnogénesis, hibridación y consolidación de la identidad del pueblo miskitu**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007.

quilombos en Brasil<sup>7</sup> y el nuestro sobre los grupos negros del Pacífico sur colombiano.<sup>8</sup>

La evidencia documental permite establecer que desde las primeras décadas del siglo XVIII, es decir, desde los inicios del segundo ciclo del oro,<sup>9</sup> un conjunto de fenómenos configuraron una situación en la que coexistían en tensión esclavitud y libertad. Que los negros esclavos trabajaran para sí días y que, además, una parte de los negros fuera libre, expresa las condiciones sui géneris del sistema esclavista en la frontera selvática del Pacífico, en la cual coexistieron en forma simultánea y complementaria esclavitud y libertad, pero no en tanto graciosa concesión de los esclavistas, sino como manifestación de una racionalidad económica que se impuso por las circunstancias, lo que no obstante tendría implicaciones no previstas en otros órdenes, como el de la vida cotidiana y las identidades. En realidad, la introducción de esclavos africanos a esa frontera resultaba problemática por varias razones, en principio por la mayor demanda de estos en el área atlántica, pero también por otros factores, como sus altos costos dentro del sistema de licencias españolas, la muy probable ineficacia del “privilegio” francés y las dificultades adicionales para recurrir al contrabando. Sin olvidar que el Estado colonial neogranadino se había resistido a la solicitud de los mineros para que se adoptaran estímulos fiscales y financieros que incrementaran la producción, lo que se convirtió en una fuente de tensiones entre las autoridades reales y los mineros, que en últimas se plasmó en una brecha que separaba los derechos de la Corona al quinto y el ocultamiento sistemático de la verdadera producción por parte de los mineros.

El hecho de que *el trabajo para sí* de los esclavos fuera una práctica recurrente y que paralelamente se dieran formas de trabajo *concertadas* con los libres a lo largo del segundo ciclo del oro, puede explicarse desde esa misma racionalidad económica de los esclavistas, dada su intención de incrementar, en

---

<sup>7</sup>ARRUTI, José Maurício. **Mocambo. Antropologia e História do processo de formação quilombola**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

<sup>8</sup>ALMARIO GARCÍA, Óscar. **Los renacientes y su territorio. Ensayos sobre la etnicidad negra en el Pacífico sur colombiano**. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana, Concejo de Medellín, Colección pensamiento político contemporáneo, n. 5, 2003.

<sup>9</sup> El primer ciclo se presentó en el siglo XVI, simultaneo al saqueo, explotación y desestructuración de los grupos indígenas; seguido por un período recesivo en el siglo XVII.

condiciones de escasez de mano de obra, la productividad de la actividad minera, pero que tuvo consecuencias cualitativas en la experiencia cotidiana de esa sociedad. Los acuerdos debieron pactarse, de hecho, entre los *mineros* o *administradores de minas*, quienes representaban a los mineros propietarios en realidad ausentes de la frontera, y los esclavos, quienes, a su vez y con seguridad, “especializaron” a algunos de los suyos en esos tratos. Mediante ellos, el esclavo se obligaba a vender el oro rescatado a la mina a la que pertenecía y el administrador a consignar fielmente la entrega de lo beneficiado. Esa práctica y su frecuencia, la convirtieron en un hábito o costumbre, cuya persistencia tal vez explique la recurrente compra de la libertad personal por los esclavos, lo que devela la consolidación de una estrategia libertaria de la gente negra, consistente en la voluntad de adquirir la libertad de toda la familia o al menos de buena porción de ella. Por su parte, los *libres*, además de concertar sus labores y recompensas con los mineros (horas de las jornadas y días de trabajo, recibir una cantidad del oro beneficiado, posibilidades para asentarse en pequeñas chacras en terrenos de las minas o reclamados por ellas, entre otras), también pudieron mantener fuertes lazos de solidaridad y reciprocidad con las cuadrillas originarias. De este modo, empezó a configurarse, entre los esclavos y los libres, un sistema de valores comunes, una “economía moral” de la gente negra (en sentido thompsoniano), que va a influir en que la producción minera y la propia vida cotidiana, en vez de ser causas de alienación de su existencia, más bien la hicieron más humana y fuente de afirmación como colectividades.

Como una proyección particular de ese universo de valores comunes, tomará forma una estrategia no violenta y más o menos legal de los esclavos para filtrarse hacia la libertad, en la que se articulan aspiraciones individuales, de la familia negra y, en último término, de las sociedades negras locales, fenómeno que una historiografía convencional reduce a simple dimensión jurídica con la categoría de “automanumisión”, pero que resulta insuficiente para definir una dinámica que es mucho más compleja. Desde nuestra perspectiva y en el contexto de esta experiencia, esclavos y libres no constituyen dos categorías sociales antagónicas de la gente negra, sino los polos inseparables de una dinámica

libertaria que, en últimas, se va a materializar en la inviabilidad del sistema esclavista y la consiguiente apropiación colectiva de los territorios por los libres.

Se ha buscado demostrar que la noción de “automanumisión” es insuficiente para dar cuenta de la compleja y rica dinámica libertaria de la gente negra, por lo que hemos utilizado el concepto de *desesclavización* o proceso mediante el cual los negros esclavos de estas provincias se filtraron hacia la libertad en forma más o menos pacífica.<sup>10</sup> Ahora bien, dicho proceso no siguió una sola ruta o vía, sino que se sirvió de distintos medios para consolidarse, como los días de trabajo “para sí” de los esclavos, la automanumisión personal, la compra de la libertad de los miembros de la familia, la concertación del trabajo libre, entre otros. Asimismo, este proceso de desesclavización corrió paralelo a otro, que hemos denominado la *territorialización* o apropiación colectiva del territorio por los grupos negros en libertad. Con el concepto de *territorialización* nos referimos a un proceso de apropiación territorial, individual y colectiva, que se deriva de la conquista de la libertad por los grupos negros, lo que permitiría entender su etnogénesis como un proceso que conlleva a una identidad territorializada.

Las embrionarias dinámicas etnogenéticas de la gente negra la condujo desde la experiencia esclavizada a la libertaria, de la mina a las comunidades y el territorio, a la diáspora por la llanura aluvial del Pacífico sur a través de los ríos, el monte y el mar. *Población y sociedad* son, por eso, los conceptos y ámbitos que de alguna manera resumen la cristalización de ese complejo proceso. Según los datos del último Censo del Gobierno de Popayán de 1797 y la Relación que lo acompaña, de una población total de 18.795 personas en las provincias del Pacífico sur, 48,8% eran esclavos y 33,4% libres (que en su amplia mayoría debieron ser negros que habían alcanzado la libertad), por lo que tenemos un significativo 82,2% de negros, entre esclavos y libres. Los indígenas representaban el 12,1%; los blancos, el 5,4%, y los clérigos, el 0,1%.<sup>11</sup> En síntesis, la amplia mayoría de la población negra y los

---

<sup>10</sup>Que retomamos de lo expuesto por FERNÁNDEZ-RASINES, Paloma. **Afrodescendencia en el Ecuador. Raza y género desde los tiempos de la colonia**. Quito: Abya-Yala, 2001. p.59: “Desesclavización, o proceso por el cual un hombre o una mujer dejaba su condición de esclavitud, para pasar a la categoría de libre”. Sin embargo, el giro que le damos desde nuestra perspectiva enfatiza en las características colectivas del proceso, más que en lo individual.

<sup>11</sup>Véase los últimos censos coloniales de 1797 y 1804 en: TOVAR PINZÓN, Hermes; TOVAR M., Camilo; TOVAR M., Jorge. **Convocatoria al Poder del Número. Censos y Estadísticas de la Nueva**

datos de los otros grupos confirman la consolidación de varias tendencias demográficas a finales del siglo XVIII. En primer término, la sustitución de la mayoría de población indígena por la negra, pese a que los indígenas habían logrado detener su extinción, estabilizar sus poblaciones y empezar su recuperación. Negros e indígenas sumados representan el 95% del total de los habitantes. En segundo término, la vocación minera y el carácter esclavista de la región saltan a la vista, por cuanto la mayoría de los esclavos se concentraba en los reales de minas, localizados en las partes altas de los ríos, en el piedemonte de la cordillera Occidental. En tercer lugar, no obstante el pretendido modelo hispánico de población, el rígido sistema social de castas y el predominio de la minería esclavista, el control colonial presentó fisuras que permitieron que los esclavos se filtraran hacia la libertad, dieran forma al universo de los negros libres y originaran múltiples sitios y lugares que configuraron una suerte de sociedad paralela a la esclavista.

Las últimas relaciones de las autoridades coloniales, como la ya citada de 1797 y otra contemporánea firmada por el gobernador de Popayán, Diego Antonio Nieto, en 1804, revelan patéticamente que después de más de doscientos sesenta años de conquista y colonización de la región, de expansión de la frontera minera y establecimiento de la esclavitud, también hubo posibilidades para la identidad de la gente negra y la formación de sus comunidades libertarias, así como para las de otros grupos con sus respectivas dinámicas.

En cuanto a la segunda fase de la etnogénesis de estos grupos negros cabe decir, que el proceso de la Independencia acentuó la tendencia a la disolución del sistema esclavista pese a mantenerse vigente la esclavitud en el orden jurídico. La llamada libertad de vientres de 1821 y la manumisión jurídica definitiva de los esclavos de 1851, no tienen la misma importancia que la dinámica libertaria de la gente negra que la antecede y la trasciende. Cuando a mediados del siglo XIX el Estado republicano levantó la primera carta geográfica del país y sus provincias

---

**Granada. 1750-1830.** Santafé de Bogotá: Archivo General de la Nación, República de Colombia, 1994. p.319-335: "Censo del gobierno de Popayán (1797)" [Archivo General de Indias, Sevilla, *Santa Fé* 623] y "Relación...(5 de diciembre de 1797)", Ídem, firmados ambos por Diego Antonio Nieto, gobernador; y, AGN, sección Colonia, fondo Virreyes, tomo 16, folios 185-195, dto. 29. Popayán, septiembre 20 de 1804. Firmado por Diego Antonio Nieto. Los datos del gobernante provienen de un padrón de 1795 y por eso se explica que coincidan con los de la relación de 1797.



(Comisión Corográfica), esta identificó que en las del Pacífico sus pobladores negros se habían apropiado de hecho de los *baldíos nacionales* (antiguas *tierras realengas*) y se resistían al peonaje y las formas asalariadas, precisamente por disponer de los recursos del entorno en el que se asentaban sus comunidades. Ni las condiciones sociales (resistencia negra a la esclavitud), ni las ambientales (selva húmeda tropical), facilitaron otras posibilidades a los antiguos mineros para redefinir el sistema esclavista. Adicionalmente, la incapacidad de las élites hacendarias para generar un producto agroexportador desde el interior andino, las limitaron en cuanto a tratar de atraer a los pobladores del Pacífico o inducir su migración, con lo cual se consolidaría el proceso etnogenético en sus territorios.

A finales del siglo XIX, cuando el nacionalismo de Estado se afirma por una vía autoritaria y con el apoyo eclesiástico, lo que explica la presencia de los misioneros agustinos en la costa Pacífica sur colombiana, los grupos negros ya habían llevado a cabo posiblemente el componente más significativo de su proceso de etnogénesis o identidad étnica diferenciada, esto es, la conquista extensiva del territorio. Un complejo proceso agenciado por pobladores de muy diversa procedencia, que aunque eran portadores de experiencias diferentes, finalmente tuvieron que establecer un nuevo territorio y compartirlo. Tal como lo sintetiza una investigadora: “sólo a partir del siglo XIX empiezan a ‘compartir’ [estos grupos negros] una historia regional común: la del Pacífico”.<sup>12</sup>

Es precisamente mediante esta experiencia colectiva como la identidad étnica de estos grupos se va a materializar también como una identidad territorializada. En efecto, a partir de experiencias comunes como el origen africano, la colonización y la esclavitud, pero sobre todo con las dinámicas posteriores a consecuencia de la Independencia y la institucionalidad republicana, estos grupos negros dispersos se apropiaron a lo largo del siglo XIX de un territorio amplio, húmedo y selvático. No hubo un origen único del fenómeno pero sí condiciones similares en numerosos focos, que tienen que ver con los 65 *reales de minas* que registran los censos coloniales de finales del siglo XVIII y en los

---

<sup>12</sup> HOFFMANN, Odile. La movilización identitaria y el recurso de la memoria (Nariño, Pacífico colombiano). In: GNECCO, Cristóbal; ZAMBRANO, Martha (Eds.). **Memorias hegemónicas, memorias disidentes. El pasado como política de la historia.** Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, Universidad del Cauca, 2000. p. 97-120. p. 99.

cuales se concentraba la población esclavizada. Así como con los numerosos sitios y lugares de asentamiento de los *libres* (negros esclavos que alcanzaron la libertad en general por compra), los cuales tendieron a orbitar en torno a los primeros. Pero también con los escasos pero significativos *pueblos de indios*, y con el entramado de las “ciudades” de Barbacoas-Iscuandé-Tumaco como base de la inicial configuración de la región colonial, esclavista y minera, pero que después se des-configura en medio de la crisis monárquica española. De modo que lo que inicialmente fueron moleculares desplazamientos desde los antiguos recintos esclavistas en busca de la libertad y la formación de sociedades locales siguiendo el curso de los ríos y en dirección a sus bocanas en el mar, se generaliza y expande durante el siglo XIX como poblamiento negro, hasta configurar el Pacífico sur colombiano.

Dinámica que podemos observar en al menos tres dimensiones: *el crecimiento demográfico* (en cierta forma sorprendente para las características de la región), *el modelo de poblamiento* (inédito respecto del modelo “nacional” por basarse en una colonización de negros en la selva) y *la afirmación étnica de la gente negra sobre el territorio* (lazos comunitarios, religiosidad popular, valores comunes). Según el censo oficial de 1905, el poblamiento había alcanzado casi los 65.000 habitantes, cuando a finales del siglo XVIII era apenas de 19.000, y se duplicaría en las tres décadas siguientes hasta alcanzar los 131.000 habitantes en 1938. Crecimiento general que además reafirmaba el amplio predominio de los negros en el conjunto.<sup>13</sup>

No obstante, tanto los rasgos distintivos de esa transición demográfica y territorial del XIX al XX como sus consecuencias, ameritan varias precisiones. Por una parte, el poblamiento extensivo indica la apropiación del territorio en sentido cultural y simbólico por la gente negra como se ha dicho; pero por otra, también evidencia un cambio cualitativo en el modelo de poblamiento, del ribereño simple

---

<sup>13</sup>Censos oficiales de población de 1843 y 1870 (AGN); **Censo General de la República de Colombia. Levantado el 5 de marzo de 1912.** Bogotá: Imprenta Nacional, 1912. p.44; **Diario Oficial**, Año LIII, No. 16028, 24 de febrero de 1917; **Anuario General de estadística 1938.** Bogotá: Imprenta Nacional, 1939. p.9-10, 12, 14-15; VALDIVIA ROJAS, Luis. Mapas de densidad de población para el suroccidente 1843 y 1870. **Revista Historia y Espacio**, n.5, p.103-110, (abril-junio) 1980; RUEDA, José Olinto. Población y poblamiento. In: Leyva, Pablo (ed.). **Colombia Pacífico.** Bogotá: Fen-Biopacífico, Tomo 2, 1993, pp. 464-486.

a uno más complejo, en tanto se articularon lo ribereño tradicional (asentamientos y comunidades), lo costanero nuevo (poblados en las bocanas de los ríos en el mar) y lo portuario moderno (Tumaco y Buenaventura). Esta complejidad demográfica, territorial y social, resultaría paradójica para la identidad de la gente negra, porque si bien sintetizaba y expresaba que su gesta colonizadora del territorio había llegado a su máximo nivel, en adelante haría más difícil su control como territorio propio para ella; al tiempo, esa misma complejidad sociodemográfica, se convirtió en condición de posibilidad para que tomara forma otra fase de intervención y expansión tanto del nacionalismo de Estado como del sistema-mundo sobre la región y su gente.<sup>14</sup>

Ejemplo de ello será la tardía iniciativa misionera de los agustinos recoletos, que después de un siglo de virtual ausencia de la Iglesia católica en la región, representó tanto un renovado intento de control social de la gente negra como un reto para la continuidad de su identidad colectiva, todo ello en el contexto del fortalecimiento del nacionalismo de Estado por la adopción de la centralista, autoritaria y clerical Constitución Política de 1886 y la firma del Concordato con la Santa Sede en 1887. El Estado colombiano delegó en la Iglesia Católica la administración de los llamados Territorios Nacionales, es decir, los espacios periféricos al núcleo andino del país, por lo general selváticos, llanuras de transición o “desiertos”, que contaban con baja densidad demográfica y estaban habitados casi de forma exclusiva por grupos indígenas o de negros, mulatos y zambos. Aunque a ese respecto, los territorios que formaban el Pacífico sur colombiano quedaron más bien ambiguamente definidos, porque su administración política dependió en primera instancia del extenso departamento del Cauca y, después de su fragmentación en la primera década del siglo XX, de los departamentos de Cauca, Valle del Cauca y Nariño; mientras que su administración eclesiástica, y en buena medida educativa, aunque se repartía entre los obispos de Cali y Pasto, finalmente quedó en manos de los misioneros.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup>TAYLOR, Peter J. **Geografía política: Economía mundo, Estado-nación y localidad**. Madrid: Trama Editorial, 1994. Especialmente el capítulo I, El análisis de sistemas mundiales y la geografía política, p.1-43.

<sup>15</sup> Después de la Constitución Política de 1886, los territorios del departamento del Cauca eran básicamente los mismos que los de la extensa jurisdicción de la antigua gobernación de Popayán de

Paradójicamente, mientras el país nacional en construcción marginalizaba, naturalizaba y racializaba a la región y su gente negra e indígena, estas convirtieron el antiguo espacio de la esclavitud y el colonialismo, en *su* territorio, mediante una gesta anónima, molecular y “silenciosa” cumplida por ex esclavos y sus descendientes quienes, a partir de los *reales de minas*, primero dieron origen a múltiples *sitios de libres* y después formaron sociedades en libertad que se localizaron a lo largo de los ríos, hasta que con sus incesantes desplazamientos finalmente accedieron a sus bocanas en el mar (Océano Pacífico). De esta manera, los grupos negros “escribieron” otro capítulo de la diáspora (de la africana a la interna), en un proceso que narrativamente se puede representar como un éxodo múltiple que desde los recintos esclavistas localizados en el piedemonte de la cordillera Occidental y siguiendo el curso de los ríos por la llanura aluvial, llegó hasta el mar en una conquista extensiva del territorio.<sup>16</sup>

### **El movimiento étnico-territorial afrocolombiano**

El interés de esta sección no es tanto el análisis del movimiento étnico-territorial afrocolombiano en general, sino en cuanto a sus relaciones con la memoria colectiva y los discursos expertos como campo de tensión en el que es posible analizar los usos políticos de la cultura.

En un marco multiculturalista y como parte de la globalización, Colombia adoptó en 1991 una nueva Constitución Política que reconoce el carácter

---

los tiempos coloniales a la que pertenecían las provincias del Pacífico sur. Sin embargo, distintos fenómenos de diferenciación interna condujeron a su fragmentación a comienzos del siglo XX, a raíz de lo cual se conformaron los departamentos de Nariño con capital en Pasto en 1904, Caldas con capital en Manizales en 1910 y Valle del Cauca con capital en Cali en 1910. Cf. ALMARIO GARCÍA, Oscar. Nuevas Subregiones Políticas y Culturales en el Occidente de Colombia. In: VALENCIA LLANO, Alonso (Dir.). **Historia del Gran Cauca. Historia Regional del Suroccidente Colombiano**. Cali: Instituto de Estudios del Pacífico, Área de Desarrollo Histórico-cultural, Universidad del Valle, 1996. p.157-164.

<sup>16</sup> Mis trabajos, que están en deuda con los de muchos otros investigadores y los aportes de voceros étnicos y de la gente común, son: ALMARIO GARCÍA, Oscar. **Los Renacientes y su territorio. Ensayos sobre la etnicidad negra en el Pacífico sur colombiano**. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana/Concejo de Medellín/Colección pensamiento político contemporáneo, n. 5, 2003; \_\_. **La invención del suroccidente colombiano**. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana/Concejo de Medellín/Corporación Instituto Colombiano de Estudios Estratégicos, (2 tomos), 2005; \_\_. **Territorio, etnicidad y poder en el Pacífico Sur Colombiano, 1780-1930** (Tesis para optar el título de doctor en antropología social y cultural). Universidad de Sevilla, España, 2007; \_\_. **La configuración moderna del Valle del Cauca, 1850-1940**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2013.

pluriétnico y multicultural de la nación.<sup>17</sup> Con todo y a tono con las circunstancias políticas que condujeron a la nueva constitución, la prioridad estaba puesta en el rediseño de las instituciones para hacer posible un país más inclusivo en lo político, una democracia renovada y el estado social de derecho. Ahora bien, en ese contexto, los excluidos desde lo étnico o por su condición étnica, mostraron que precisamente una de las muchas contradicciones del sistema político colombiano radicaba en su incapacidad para incluir en la representación de lo “nacional” toda la diversidad étnica, social y cultural que contiene. Por otra parte, hay que tener en cuenta que *lo indígena* ha contado en el país con un contradictorio reconocimiento desde los tiempos coloniales y de la república temprana, que ha permitido las más aberrantes modalidades de exterminio, asimilación, proteccionismo e integración, y una tibia legislación sobre sus tierras de resguardo, autoridades autónomas y en casos lenguas, que no obstante no solo no han logrado desestimular la resistencia indígena al despojo, la exclusión y la desestructuración, sino que paradójicamente la han estimulado. Mientras que *lo negro* seguía sin tener posibilidad de reconocimiento y visibilidad tanto en el orden constitucional como en el imaginario colectivo. Todo esto hizo irrumpir *lo negro* como cuestión política en ese espacio constituyente, que sobre la gente negra se introdujera un artículo conocido como el Transitorio 55, condición que se explica precisamente porque lo que estaba en discusión era qué hacer con las poblaciones negras que de hecho y ancestralmente venían ocupando los territorios del Pacífico Colombiano y otros territorios, aunque sin títulos de propiedad legales. Con el Artículo Transitorio 55 y la Ley 70 de 1993, por primera vez, en casi dos siglos de vida independiente, se reconocía “otra” subjetividad étnica distinta a la indígena (que en sí misma es

---

<sup>17</sup> El reconocimiento constitucional de la diversidad étnica y cultural se pone de presente en la *Constitución Política de Colombia de 1991* de manera explícita en el *artículo 7*, que reconoce y protege la diversidad étnica y cultural de la nación colombiana; en el *artículo 8* que trata sobre la obligación del Estado de proteger la riqueza cultural de la nación; en el *artículo 9* que se refiere a la autodeterminación de los pueblos; en el *artículo 68, inciso 5*, que consagra el derecho al respeto de la identidad en materia educativa; en el *artículo 70*, que considera la cultura como fundamento de la nacionalidad colombiana y el reconocimiento por parte del Estado de la igualdad y dignidad de todas las culturas que conviven en el país, así como la necesidad de promover la investigación, la ciencia, el desarrollo y la difusión de los valores culturales de la nación, y en el *artículo 72*, que versa sobre la protección del patrimonio arqueológico de la nación.

plural) y se empezaba a identificar la cuestión territorial que le subyacía, lo que tendría enormes consecuencias para las nuevas identidades.<sup>18</sup>

Concretamente, todo esto configuró al Pacífico Colombiano como el espacio de lo étnico negro por excelencia en el país y desde entonces sobre ese territorio convergen intereses distintos y en pugna. Como las transnacionales que “redescubrieron” la naturaleza como fuente de riquezas; la nueva institucionalidad colombiana estructurada sobre el Estado social de derecho, la protección del medio ambiente y el multiculturalismo; y las comunidades negras que iniciaron un intenso y masivo proceso organizativo a lo largo y ancho del Pacífico con resonancias en todo el país, en función de la titulación colectiva de las tierras ancestrales, la organización de los consejos comunitarios para gestionarlos y la validación de los voceros que representarían ese proceso. Mientras que desde el orden constitucional del país se concibió la cuestión del reconocimiento de las “comunidades negras” como una moderada política de reparación histórica y protección cultural, y una todavía más modesta posición para validar sus territorios ancestrales; para la gente negra la ley 70 representó una enorme posibilidad de acción reivindicativa.

Dicha ley, las dinámicas organizativas en el Pacífico y el interés gubernamental, repercutieron también en un fenómeno de tipo académico, esto es, en la significativa producción de masa crítica sobre lo que estaba ocurriendo, cuestión tratada en un estudio reciente que presenta tres argumentos centrales que nos interesa retomar aquí, porque contribuyen a definir uno de los posibles puntos de la agenda de estudios comparados, la evolución de los discursos expertos a consecuencia de la producción de la diferencia étnica actual. Dicho estudio, centrado en el caso colombiano, propone tres grandes parámetros para su comprensión: primero, la configuración de cuatro vertientes principales sobre la temática de la nueva identidad étnica afrocolombiana, diferenciadas por sus

---

<sup>18</sup>La *Ley 70 de 1993* del Congreso de la República y los diferentes decretos reglamentarios de la misma, reconocen a las comunidades negras que han venido ocupando “tierras baldías” en las zonas rurales ribereñas de los ríos de la Cuenca del Pacífico como titulares colectivas de ellas, de acuerdo con sus prácticas tradicionales de producción y con el derecho a la propiedad colectiva. Asimismo, tienen como propósito establecer mecanismos para la protección de la identidad cultural y de los derechos de las comunidades negras de Colombia como grupo étnico diferenciado, y el fomento de su desarrollo económico y social, con el fin de garantizar que estas comunidades obtengan condiciones reales de igualdad de oportunidades frente al resto de la sociedad colombiana.

respectivos énfasis y recursos conceptuales (enfoque afrogénético, análisis regional múltiple, el socio-espacial y de las subjetividades contemporáneas, y distintas corrientes posestructuralistas); segundo, que para el análisis del fenómeno opera una inconveniente dicotomía, por cuanto ubica en un polo la supuesta inmanencia e intemporalidad de dicha identidad (esencialista) y en el otro el argumento de que su invención respondería a una racionalidad agenciada por sujetos étnicos en busca de recursos (reduccionista e instrumentalista); y tercero, la necesidad una “lectura alternativa” y no dicotómica de lo ocurrido, lo que supone asumir una perspectiva histórica.<sup>19</sup> Este último criterio resulta especialmente útil para los fines de esta comunicación en la que reflexionamos sobre las posibles relaciones entre las memorias colectivas activadas por el movimiento étnico y los conocimientos expertos que tratan de interpretarlas. La perspectiva histórica que nos guía coincide con lo expuesto por Restrepo, quien sostiene que su estudio: “[...] reconoce las sedimentaciones históricas que configuran las experiencias de la gente y la sedimentaciones que en un particular momento se involucran en un proyecto de reivindicación de carácter étnico”.<sup>20</sup> Con lo cual, Restrepo identifica los dos tipos de registros en presencia y acción: el de la experiencia social de larga duración o de las *sedimentaciones históricas*, que son las que se han tratado de documentar, comprender y explicar desde las distintas modalidades historiográficas y etnográficas, principalmente; y las de la experiencia social contemporánea o *sedimentaciones políticas*, que tienen que ver con el proyecto étnico reivindicatorio, de vocerías variadas. Sin embargo, entre ambos sustratos discursivos, “el histórico” y “el ideológico”, se producen fricciones, traslapes, contradicciones y desplazamientos, que ponen de presente que la cuestión de la memoria colectiva configura otro campo en disputa para las identidades y por consiguiente de tensión con los discursos expertos, incluidos los académicos que de una u otra manera se solidarizan con la causa de la

---

<sup>19</sup> RESTREPO, E. Op. Cit., p.14-18.

<sup>20</sup> Ibíd. p.19. En el contexto de Francia y sus antiguas colonias, un trabajo llama la atención sobre la aparente contradicción entre el olvido de la esclavitud y su recuerdo para explicar el presente, que la conciencia actualiza en función de nuevas ciudadanía e identidades de los descendientes de los esclavizados, véase VERGÈS, Françoise. **La memoria encadenada: Cuestiones sobre la esclavitud**; prólogo y traducción de Nathalie Hadj. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2010.

reivindicaciones étnicas. Tensiones que se expresan una veces como la autoridad del conocimiento científico o en otras como la autoridad de la memoria colectiva, con los evidentes riesgos de un conocimiento social pero vaciado de sociedades reales y conflictos, y de un discurso étnico que pretende ahorrarse la argumentación demostrativa en nombre del movimiento reivindicativo.

En las dos últimas décadas que median entre la Ley 70 y la actualidad, la variedad, calidad y densidad de los acontecimientos y dinámicas ha sido tan compleja, que escapa a cualquier posibilidad de sintetizarlas. En un extremo se encontraba la esperanza del reconocimiento y la inclusión, pero en el otro actuaban las fuerzas del dominio y los prejuicios raciales, en medio de los cuales tuvo que actuar uno de los movimientos sociales más creativos de América Latina. La organización de los consejos comunitarios y la titulación colectiva, las iniciativas por la etnoeducación y la Cátedra de Estudios Afrocolombianos, las disputas por darle forma a la vocería e interlocución del movimiento étnico, el principio de la consulta previa frente a los proyectos y planes gubernamentales o empresariales que pueden afectar negativamente los territorios y comunidades, la defensa de su autoridad y autonomía, son algunas de las iniciativas desplegadas. Pese a su carácter no violento los afrocolombianos se han tenido que enfrentar a condiciones muy difíciles, por las consecuencias del viraje del conflicto interno colombiano a la región con su secuela de asesinatos de líderes y comuneros, etnocidios, desplazamiento forzado y territorios étnicos vaciados de comunidades.<sup>21</sup> Muchas de las políticas e instrumentos diseñadas y mandatadas por la ley en distintas materias, pero sobre todo en relación con la preservación de las comunidades, la protección de los territorios y el desarrollo autónomo, dadas su no ejecución o por serlo en contravía, indican que el establecimiento se debate entre la violación de las disposiciones o la profundización de las políticas de reconocimiento, que es lo que reclama el movimiento étnico afrocolombiano. Circunstancias y voluntad política que enmarcan la reciente realización del primer Congreso Nacional de Consejos Comunitarios y Organizaciones Afrocolombianas,

---

<sup>21</sup> La literatura al respecto es copiosa, pero sugerimos ver TAUSSIG, Michael. La ley en una tierra sin ley. Diario de *limpieza*. In: CAÑEDO RODRÍGUEZ, Montserrat (Ed.). **Cosmopolíticas. Perspectivas antropológicas**. Madrid: Trotta, 2013. p. 225-249.



Quibdó, Chocó, del 23 al 27 de agosto de 2013, en el que se eligió la Autoridad Nacional Afrocolombiana, Negra, Raizal y Palenquera.

Desde dinámicas de base, pero haciendo parte del proceso descrito, se ha abierto otro frente de las reivindicaciones, concretamente en torno a la recuperación de territorios ancestrales pero que sufrieron el despojo histórico a manos del Estado, los propietarios privados o las empresas. Así como los territorios ancestrales del Pacífico sirvieron de base para el diseño de la legislación vigente y de inspiración al movimiento étnico, ahora se apunta también a la recuperación de territorios que les fueron expropiados a la gente negra en distintos lugares del territorio nacional, para lo cual se acude a la memoria colectiva, a la documentación histórica y a la acción con fines reivindicativos. Como lo ilustra muy bien el ya emblemático caso del corregimiento de La Toma, municipio de Suárez, departamento del Cauca.<sup>22</sup>

### **Hacia una historia comparada de las experiencias de Colombia y Brasil**

En esta sección nos cuestionamos sobre las posibilidades y desafíos que se abren al intentar una historia comparada entre las experiencias colombiana y brasilera en la que se articulen los pasados esclavizados, las formas de resistencia y las luchas actuales por la identidad.<sup>23</sup> Si se quiere, esta perspectiva tiene una pretensión más amplia todavía, algo así como un ideal Programa de Investigación colectivo, interinstitucional y supranacional que propenda por *otra historia/historia otra* de la esclavitud, de los esclavizados y de sus descendientes en América Latina, que esté dispuesta a superar tanto los modelos epistemológicos autoritarios predominantes en las ciencias sociales como el imperio de la memoria

---

<sup>22</sup>VERGARA FIGUEROA, Aurora. **Race, Gender, Class, and Land Property Rights in Colombia a Historical Ethnography of the Afrocolombians' Struggles Over Land.** A Dissertation Presented PhD-Sociology. University of Massachusetts Amherst. May 2013; ARARAT, Lisifrey (et. al.). **La Toma. Historias de territorios, resistencia y autonomía en la cuenca del alto Cauca.** Bogotá: Observatorio de Territorios Étnicos - Pontificia Universidad Javeriana / Consejo Comunitario Afrodescendiente del corregimiento de La Toma, 2013; ROJAS, Axel; VANEGAS MUÑOZ, Gildardo. **Poblaciones negras en el norte del Cauca. Contexto político organizativo.** Bogotá: Observatorio de Territorios Étnicos. Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

<sup>23</sup> Un trabajo no solo pionero sino convocante, por el paralelismo que establece entre ambos procesos, es el de ARRUTI, José Maurício. Direitos étnicos no Brasil y na Colômbia: notas comparativas sobre hibridação, segmentação e mobilização política de índios e negros. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 93-123, nov. 2000.

colectiva que tiende a esencializar las identidades en función del movimiento reivindicatorio.

En los albores de la historia crítica (*Annales*), uno de sus gestores, Marc Bloch, avizoró lo promisorio que podría ser la historia comparada para dicho proyecto, lo que implicaba diferenciarse de la historia tradicional al respecto que se había preocupado por tres grandes unidades de análisis a saber, las sociedades, las naciones y las civilizaciones. Aparte de establecer que la acción de comparar suponía tener en cuenta tanto “diferencias” como “similitudes” y de subrayar que el método comparativo era común a las ciencias sociales y humanas, Bloch también señaló que en la medida que se consolidaba y expandía se empezaban a considerar fenómenos sociales y humanos cada vez más complejos, cuya observación remitía a distintas escalas. Asimismo, el historiador francés expuso varios elementos con la intención de definir lo que a su juicio debía ser el objetivo concreto de la comparación histórica y sus distintas maneras de proceder: “[...] buscar las similitudes y las diferencias que existen entre series de fenómenos de naturaleza análoga que han sido tomados de diferentes medios sociales con el objeto de explicarlos”.<sup>24</sup> Al reflexionar sobre los posibles resultados del método comparativo en la investigación histórica, anticiparía una cuestión clave para su época pero que tenía el potencial de trascender hasta la nuestra. En efecto, Bloch indicó que con el método comparativo se podría hacer emerger lo no evidente y desconocido de la historia, explicar supervivencias que en apariencia eran sorprendentes, realizar interpolaciones entre las curvas de evolución y, mediante el uso de inferencias y analogías, recuperar los eslabones que faltaran en las cadenas explicativas de los fenómenos y procesos. Con lo cual anunciaba una suerte de “programa de investigación”, como diríamos hoy, en el que se alcanzan a entrever los distintos niveles implicados en el análisis, las influencias de sistemas desconocidos y lejanos en sistemas conocidos y cercanos, la filiación de fenómenos comunes no obstante originarse en contextos diferentes, la evidencia de líneas evolutivas de problemas pero sin olvidar por ello sus diferencias y singularidades: “Gracias él [el método

---

<sup>24</sup>BLOCH, Marc. Comparación. (*Revue de synthèse*, junio, 1930, pp.31-39). In: **Historia e Historiadores**. (Textos reunidos por: Etienne Bloch. Traducido por: F. J. González García). Madrid: Akal, 1999. p.105-112. p.108.

comparativo] medimos la originalidad de los sistemas sociales y por ello podemos esperar con llegar algún día a clarificarlos y a penetrar en lo más profundo de su naturaleza”.<sup>25</sup>

A efectos de una historia de la esclavitud y posesclavitud en clave crítica, estas sugerencias de M. Bloch se anticiparon en varias décadas a dinámicas y criterios de investigación que en la actualidad están en pleno desarrollo, y que en medio de la variedad de enfoques coinciden sin embargo en el cuestionamiento del metarrelato occidental. Nos referimos, entre otros, a los estudios poscoloniales, los estudios de la subalternidad, los decoloniales, las historias cruzadas, la microhistoria, la etnohistoria, la historia comparada, entre otras.<sup>26</sup> No obstante, cabe preguntarse sobre las posibilidades de una historia comparada en las actuales condiciones de la investigación, porque pese a los avances anotados, este campo de trabajo común todavía no está suficientemente abonado, sobre todo por razones de procedimiento e identidad disciplinar de los historiadores y del estado apenas en progreso de la historia comparada.<sup>27</sup> En efecto, el enfoque de las *modernidades múltiples*, que suele ser usado por los sociólogos de la historia y otro tipo de investigadores que se ocupan de la aplicación de perspectivas macroscópicas al estudio del pasado, no despierta el mismo entusiasmo entre los historiadores que desconfían de conceptos tan generales y alejados de su constatación mediante el trabajo de archivos, aunque también se advierten cambios en esa tensión.<sup>28</sup> La idea

---

<sup>25</sup> M. BLOCH. Comparación. Ob. Cit. p.112.

<sup>26</sup> SYMANSKY, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. Da cultura material da escravidão e do pós-emancipação: perspectivas comparadas em arqueologia e história. **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p.293-338, 2013.

<sup>27</sup> SCHRIEWER, Jürgen; KAELBLE, Hartmut (Eds.). **La comparación en las ciencias sociales e históricas. Un debate interdisciplinar**. Barcelona: Octaedro-ICE-UB, 2010. Uno de los objetivos perseguidos por un equipo de investigación de la Universidad Humboldt de Berlín que trabaja en este campo indica que: “[...] buscan realizar la ‘reconciliación’ entre el análisis comparativo de estructuras socioculturales y la reconstrucción de procesos históricos, tal como la sugieren los representantes más avanzados de la sociología histórica”. (Introducción, p.9).

<sup>28</sup> SASHSENMAIER, Dominic. El concepto de las modernidades múltiples y sus áreas adyacentes. In: SCHRIEWER, Jürgen; KAELBLE, Hartmut (Eds.). **La comparación...** Op. Cit., p.109-135. El reconocimiento de las distintas formas de modernidad que promueve este paradigma se sustenta en que: “[...] aunque ciertos sistemas, estructuras e instituciones culturales de carácter nítidamente moderno se hayan esparcido por el mundo, existen otras sociedades distintas, y a la vez igualmente modernas, que se apropian de ellos de muy diversas formas. Esto, según argumentan los protagonistas de las modernidades múltiples, crea distintas experiencias modernas, muy diferentes de las dinámicas de la modernidad europeas, y posteriormente, de las estadounidenses”. p.110. En esta propuesta es evidente el esfuerzo por des-occidentalizar nuestra visión de la modernidad y de pluralizarla, tratando de ir más allá de los límites impuestos por la homogenización: “La influencia

de provincializar Europa del historiador de la India Dipesh Chakrabarty, se mueve también en la perspectiva de interpelar “dos legados conceptuales de la Europa decimonónica” y esenciales para la idea de modernidad, el universalismo/historicismo (los fenómenos como parte de una unidad y de su desarrollo histórico) y lo político (como confirmación o realización de la modernidad misma). Todo ello en la perspectiva de superar dicotomías y falsas oposiciones, y en su lugar considerar las *contemporaneidades simultaneas* dentro de la modernidad.<sup>29</sup>

Sin el ánimo de ser exhaustivos, pero sí de referenciar algunas cuestiones que consideramos fundamentales en relación con la perspectiva de la historia comparada Brasil-Colombia con eje en la historia de la esclavitud y pos esclavitud, a continuación se exponen las siguientes:

- *De la lucha contra el racismo al multiculturalismo y la lucha por las identidades étnicas.* En las seis décadas que median entre la primera agenda de la UNESCO contra los prejuicios raciales con base en criterios científicos y la situación actual se ha configurado un panorama muy complejo de la cuestión. Con la posguerra, la derrota de los fascistas y la emergencia de un mundo bipolar en lo político, la cuestión de la diversidad cultural de la especie y los acuciantes problemas asociados (descolonización, democracia y desarrollo) adquirieron gran preponderancia, y se pensó que el liderazgo científico y campañas bien orientadas al respecto serían suficientes como para abatir o al menos mantener a raya los “rebrotos” del racismo y la xenofobia. Las declaraciones de la UNESCO (1950 y 1951), los celebrados textos de C. Lévi-Strauss (1952 y 1971) y los resultados de varias reuniones internacionales, testimonian tanto los esfuerzos realizados como sus limitaciones. De estas últimas nos interesa destacar, aparte de las conceptuales y éticas (en torno a las razas, las mitologías racistas, la

---

occidental es ciertamente importante para la génesis de las culturas políticas modernas en muchas partes del mundo; sin embargo, muchas sociedades civiles surgieron, al menos en parte, a partir de tradiciones locales e indígenas de solidaridad y tolerancia social, lo que contribuye a explicar las diferencias persistentes entre los distintos sistemas democráticos modernos”. p.111.

<sup>29</sup>CHAKRABARTY, Dipesh. **Al margen de Europa ¿Estamos ante el final del predominio cultural europeo?** Barcelona: Tusquets, 2008.

diversidad, lo transcultural), la que consideramos determinante por sus consecuencias: el desconocimiento de la dimensión política del problema del racismo y sus agentes. Este “vacío” de los científicos sociales de posguerra, habilitará la transformación de la en principio bien intencionada multiculturalidad que formularon, en ideología política multiculturalista en tanto y en cuanto instrumentalizada por Estados, poderes y discursos expertos. Con lo cual, la diversidad cultural y su preservación como patrimonio común de la especie, dejaron de ser asuntos más bien filosóficos o éticos para convertirse en políticas culturales, principios constitucionales y estrategias para la producción de nuevas poblaciones que, a diferencia del modelo de la homogeneidad cultural de la primera modernidad ahora admiten las diferencias étnicas como componente esencial de las estrategias de control y autocontrol. Como es sabido y se experimenta en todas las latitudes, estas dinámicas se acompañan también de una inédita conciencia sobre las identidades colectivas, en torno a la cual se están redefiniendo las resistencias de antaño, visibilizando sujetos colectivos antes negados y emergiendo las más variadas identidades. El vacío político dejado por el proyecto científico de posguerra en la actualidad se ha ido llenando al definirse la cultura como un campo de intereses en disputa.<sup>30</sup>

- *De la historia universal a las historias culturales, cruzadas y comparadas.* Como parte del proyecto científico de posguerra y concretamente sobre la esclavitud y sus consecuencias, la UNESCO identificó correctamente la importancia de cuestionar la idea de una “Historia Universal” por su carácter necesariamente eurocentrado, o lo que es lo mismo, procuró en cierta medida el descentramiento del metarrelato occidental. Por consiguiente, se convino en emprender un proyecto ambicioso y de gran formato, una historia crítica que en otra vía, desde África, matizara la

---

<sup>30</sup> Véase LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raza y Cultura**. Madrid: Cátedra, [1952, 1972, 1983] 2000; UNESCO. **El racismo ante la ciencia moderna. Testimonio científico de la Unesco**. (Versión española: José Ma. Castañeda). Ondarroa (Vizcaya): Ediciones Liber, 1961; ESCOBAR, Arturo. **El final del salvaje. Naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea**. Bogotá: CEREC/ICAN, 1999.

versión predominante y expusiera ese período trágico para los africanos y afrenta para la humanidad en general. El proyecto fue aprobado en la década del ochenta del siglo pasado pero apenas vio la luz casi treinta años después. En el ínterin, con la realización de varias reuniones en la región, se fue abriendo paso la idea de aportar la parte americana de esa nueva historia de África, de la esclavitud y la posesclavitud atlánticas. En ese contexto, también se dieron discusiones y establecieron criterios en torno a la valoración de la proyección de África en América en lo sociocultural, la definición del modelo atlántico de la esclavitud y sus unidades de análisis (plantación, ingenio, haciendas), las cuestiones políticas y culturales de la posesclavitud (abolición, países independientes y crisol cultural), entre otros temas. Sin embargo, como lo indican los desarrollos de la *historia comparada* y la *historia cruzada*, la posibilidad de otra historia de procesos amplios como el de la esclavitud atlántica y sus consecuencias, no consiste tanto en la sumatoria de historia regionales y locales, cuanto en el despliegue de metodologías que recaben evidencia suficiente con el fin de ilustrar la interactividad e intersubjetividad de estas experiencias originadas en la expansión europea y sus dispositivos materiales y simbólicos.<sup>31</sup>

- *Hacia otra periodización y otras unidades de análisis.* El desarrollo del modelo atlántico para el análisis de la esclavitud y sus consecuencias encuentra en la periodización utilizada y sus unidades de análisis correspondientes, su validación y pertinencia. Tales criterios, si bien han contribuido al conocimiento de este complejo proceso, también revelan sus contradicciones y limitaciones. En efecto, la pretendida secuencia de trata-esclavitud-abolición es presa del metarrelato europeizante y de su

---

<sup>31</sup> UNESCO. **História geral da África.** (8 vol.). Brasília: UNESCO-Ministerio de Educação Brasil, 2010; BENITEZ ROJO, Antonio. **La Isla que se repite. El Caribe y la perspectiva posmoderna.** Hanover, USA: Ediciones del Norte, 1989; KLEIN, Herbert S. **The Atlantic Slave Trade.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999; MINTZ, Sidney W. **Dulzura y Poder. El lugar del azúcar en la historia moderna.** México: Siglo XXI, 1996; TILLY, Charles. **Grandes estructuras, procesos amplios, comparaciones enormes.** Madrid: Alianza Editorial, 1991; MORENO FRAGINALS, Manuel. (Relator). **África en América Latina.** México: UNESCO - Siglo XXI, 1987; \_\_\_. **La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones.** (Prólogo de Joseph Fontana), Barcelona: Crítica- Biblioteca de Bolsillo, 1999.

consiguiente teleologismo, lo que en últimas deja incompleta la crítica y convierte lo ocurrido en un simple episodio “oscuro” de la civilización. Por ejemplo, la defensa de su humanidad y dignidad por los africanos esclavizados y sus descendientes se anticipó a los argumentos neo escolásticos al respecto, y otro tanto ocurrió con la cuestión de la libertad de los esclavos y la abolición de la esclavitud en los siglos XVIII y XIX, lo que hace legible el contraste entre los motivos ilustrados y los de los afroamericanos. De otra parte, las unidades de análisis privilegiadas y que se derivan de dicha periodización -como los deportados africanos, los dispositivos de la explotación (plantación, ingenio, haciendas) y los posteriores países “independientes”-, revelan su incapacidad para relacionar lo que subyace a esos momentos históricos y estructuras sociales, para desentrañar las distintas modalidades del colonialismo con sus diversos sistemas de explotación pero también con sus invenciones ideológicas y mitologías, y para penetrar en la dimensión subjetiva de las circunstancias y en las variaciones que esas experiencias contrastadas produjeron en los sujetos étnicos y sociales de la América atlántica.<sup>32</sup>

- *De las resistencias contra la esclavitud a las identidades étnicas.* En esa perspectiva, los múltiples registros y estudios acerca de la resistencia de los esclavizados en América, habría que transformarlos en una estrategia de investigación en busca de la impresionante diversidad de las identidades étnicas afroamericanas, de acuerdo con geografías, circunstancias, posibilidades y opciones. Diásporas, resistencias, transacciones, sociedades afrodescendientes y nuevas identidades étnicas, como otras unidades de análisis posible, al tiempo que están contribuyendo a restituirle historia a los supuestos pueblos “sin historia”, también están ayudando a redescubrir la unidad en la diversidad de lo afroamericano. Cuestiones que son inseparable de los estudios sobre los antecedentes de los grupos africanos originarios, sus persistencias,

---

<sup>32</sup> KLEIN S., Herbert - BEN, Vinson III. **La esclavitud en América Latina y el Caribe.** México: El Colegio de México – Centro de Estudios Históricos. (2ª ed.), 2013; MINTZ, Sidney W. **Dulzura y Poder. El lugar del azúcar en la historia moderna.** México: Siglo XXI, 1996.

adaptaciones e invenciones en América, y la dilucidación de la manera como se integraron lo estructural (económico-social) y lo subjetivo (experiencias colectivas) para configurar sujetos, acciones, sociedades y proyectos.<sup>33</sup>

- *Cuestiones comparativas Brasil-Colombia*. Similitudes y diferencias sugieren un posible tejido a constatar y terminar de tejer. Los cambios constitucionales en Brasil (1988) y Colombia (1991) no solo se inscriben en las tendencias analizadas, sino que respecto de lo étnico negro presentan rasgos comunes, como el reconocimiento de la existencia de los *quilombos* en Brasil (Art.216.5) y de las *comunidades negras* en Colombia (A.T.55), de la formalización de instrumentos legales para proceder a los títulos de propiedad colectiva de sus territorios, mediante el Art.68 y la Ley 70 respectivamente y una serie de decretos y disposiciones para consolidar, proteger y desarrollar estos colectivos. Al hilo de estas acciones legales, se perfila un nuevo relato acerca del pasado esclavizado, con lo cual el recurso de la memoria colectiva se convierte en parte sustantiva de los movimientos étnico-territoriales contemporáneos. Los vacíos, silencios y ausencias de los antecedentes, entronizados por las historias oficiales e incluso por ciertas perspectivas de las ciencias sociales, son ahora suplidos por la invención de otra representación de la historia, en la que se retoman los lugares y prácticas del pasado (*quilombos, palenques, cimarrones y sociedades libertarias*) para resignificarlos como metáforas y analogías en función de las aspiraciones identitarias presentes. Así como Territorio Remanente de Comunidad Quilombola concreta las conquistas de la comunidad afrodescendiente en Brasil, que proviene de variadas experiencias de resistencia; los territorios afrocolombianos y Consejos Comunitarios también materializan las luchas por el reconocimiento, la inclusión y la validación de sus asentamientos ancestrales. Comunidades

---

<sup>33</sup>PRICE, Richard. (Ed.). **Sociedades cimarronas. Comunidades esclavas rebeldes en las Américas**. México: Siglo XXI, 1981; \_\_. Algunas aportaciones duraderas de los estudios afroamericanos". In: LEÓN-PORTILLA, Miguel (Coord.). **Motivos de la antropología americanista. Indagaciones en la diferencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2001. p. 87-104; WOLF, Eric R. **Europa y la gente sin historia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.



remanentes del quilombo y comunidades negras ancestrales, son tanto categorías nuevas en el lenguaje social como expresiones de la actual producción de la diferencia étnica (en Brasil más de 2000 comunidades quilombolas y en Colombia casi dos centenares de consejos comunitarios con títulos colectivos y sin títulos e innumerables organizaciones en todo el territorio nacional). Los etnónimos cotidianos utilizados para la autoidentificación o la de los otros, las nociones plasmadas en materiales oficiales y académicos, los cambios semánticos que se advierten en el lenguaje común o formalizado de los actores (como en el caso de Colombia: *comunidades negras-afrocolombianos-afrodescendientes*), constituyen indicios muy valiosos acerca de los intrincados procesos de la identidad negra que todavía desconocemos. Las principales diferencias entre estas dos experiencias se explican por lo distintos que son sus dos sistemas esclavistas, el “atlántico” y el “pacífico”, lo que involucra entre otros aspectos temporalidades, efectivos demográficos, producciones, territorios, entramados sociales y modalidades de resistencia. Desde finales del siglo XVIII ese sistema declina y se disuelve en el Pacífico en medio de sus propias contradicciones, mientras que en Brasil se prolonga hasta 1888. Mientras que en Brasil el sistema esclavista atraviesa prácticamente toda su geografía y composición socioétnica (tres y medio millones de seres de procedencia africana), el Pacífico sur neogranadino era la frontera minera de la gobernación de Popayán (un poco más de 15000 personas de procedencia o descendencia africana), que fue definida por un emblemático historiador colombiano como un “sociedad esclavista”. Las grandes unidades de observación de la esclavitud atlántica, como la plantación, el ingenio o la hacienda, están ausentes en el caso del Pacífico sur tanto para el período colonial como republicano, dado el predominio de la minería del oro de aluvión en la selva húmeda tropical. La microescala de la mina, la cuadrilla, los distritos mineros y las precarias “ciudades” de esa frontera, así como la formación de la familia negra, la configuración de los grupos y asentamientos, de las relaciones entre esclavizados y libres, de las sociedades locales en libertad, y en últimas, de su proceso de etnogénesis,

se imponen como unidades de análisis en el caso colombiano. Sin embargo, según creemos, estas diferencias de escala y elementos a observar no tienen por qué inhibir las posibilidades de una historia comparada. Desde cuya perspectiva, el hilo conductor tal vez consista en las modalidades de resistencia que conducen a las identidades étnicas, más que en el “sistema esclavista” en sentido restringido. En esa perspectiva, hay que introducir y tener en cuenta de manera especial un componente “correctivo”, relacionado con el olvido de los “otros” subalternizados, es decir, los indígenas. En Colombia, la preocupación por el Pacífico y su gente negra, significó el paradójico olvido de la gente indígena y su historia, que es la otra presencia significativa en esos territorios. Mientras que en Brasil percibimos un mayor equilibrio en los estudios de estas dos subjetividades. Aunque el reto sigue abierto para ambas en cuanto a conocer en detalle los intercambios, cruces y relaciones entre negros e indígenas, y los procesos de mestizaje, mulataje y zambaje a que dieron lugar, tanto en lo social como en lo cultural.<sup>34</sup>

- *Otras cuestiones metodológicas.* La formación de los Estados nacionales en América Latina constituye un factor condicionante de las identidades étnicas que le antecieron, que fueron paralelas a ese proceso o que sucumbieron a sus políticas. Sin embargo, rastrear las resistencias étnicas en esas condiciones supone descentrar el paradigma estado-céntrico predominante en las ciencias sociales de la región y procurar el análisis desde el supuesto del sistemático desencuentro/encuentro de los tres grandes sujetos de la modernidad latinoamericana: las Etnias, la Nación y

---

<sup>34</sup>ARRUTI, José Maurício. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas y quilombolas. **Mana**, v.3, n. 2, p. 7-38, 1997; \_\_\_. Por uma história à contraluz: as sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o Mocambo. **Palmares Em Revista**, Brasília, v.1, n.1, p.71-96, 1997; GOMES, Flávio dos Santos. Africanos, tráfico atlântico y cimarrones en las fronteras entre la Guyana Francesa y la América portuguesa, siglo XVIII. **Fronteras de la Historia**. v.16-1, p.152-175, 2011; \_\_\_. Los cimarrones y las mezclas étnicas en las fronteras de las Guayanas. Siglos XVIII-XX. **Procesos Históricos**, v. VIII, n. 16, p.24-39, julio-diciembre, 2009; ABELLO VIVES, Alberto (Ed.). **Un Caribe sin Plantación. Memorias de la cátedra del Caribe colombiano**. San Andrés: Universidad Nacional de Colombia, sede Caribe - Observatorio del Caribe Colombiano, 2006; MÁRQUEZ CALLE, G. Oro vs. Plantaciones en el Caribe hispánico: aproximación ecológica y ambiental. In: ABELLO VIVES, A. (Ed.). Op. Cit., p. 103-124; MONTEIRO, John. **Negros da Terra. Índios e bandeirantes na formação de São Paulo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

el Estado. Encontrar esas presencias étnicas en medio del nacionalismo supone mucho más que recabar evidencia documental en el sentido convencional y en su lugar proceder “arqueológicamente” con paisajes, geografías y territorios, encontrar sus huellas detrás de proclamas, guerras civiles, relaciones laborales y partidos políticos; así como en dimensionar la verdadera escala de sus sociedades en fragmentos de la tradición oral, en su mundo cotidiano de fiestas, músicas, gastronomías y saberes médico-botánicos. Preguntándose por las redes que tejieron a distancia entre geografías como el andén pacífico y los valles interandinos del Cauca, el Patía y el Chota.<sup>35</sup>

## Referencias

ALMARIO GARCÍA, Oscar. Nuevas Subregiones Políticas y Culturales en el Occidente de Colombia. In: VALENCIA LLANO, Alonso (Dir.). **Historia del Gran Cauca. Historia Regional del Suroccidente Colombiano**. Cali: Instituto de Estudios del Pacífico, Área de Desarrollo Histórico-cultural, Universidad del Valle, 1996. p.157-164.

—. **Los renacientes y su territorio. Ensayos sobre la etnicidad negra en el Pacífico sur colombiano**. Medellín, Universidad Pontificia Bolivariana, Concejo de Medellín, Colección pensamiento político contemporáneo, núm. 5, 2003.

—. **La invención del suroccidente colombiano**. Medellín: Universidad Pontificia Bolivariana/Concejo de Medellín/Corporación Instituto Colombiano de Estudios Estratégicos, (2 tomos), 2005.

—. **Territorio, etnicidad y poder en el Pacífico Sur Colombiano, 1780-1930** (Tesis para optar el título de doctor en antropología social y cultural). Universidad de Sevilla, España, 2007.

—. **La configuración moderna del Valle del Cauca, 1850-1940**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2013.

---

<sup>35</sup>ZULUAGA, Francisco. **Guerrilla y sociedad en el Patía. Una relación entre Clientelismo Político y la Insurgencia Social**. Cali: Editorial Facultad de Humanidades, Universidad del Valle, 1993; ZULUAGA, Francisco; ROMERO, Mario Diego. **Sociedad, cultura y resistencia negra en Colombia y Ecuador**. Cali: Colciencias, Universidad del Valle, 1999; ROMERO, Mario Diego. **Sociedades negras en la costa pacífica del valle del cauca durante los siglos XIX-XX**. Cali: Gobernación del Valle del Cauca, 2002; WHITTEN, Norman E.; FRIEDEMANN, Nina S. de. La cultura negra del litoral ecuatoriano y colombiano: un modelo de adaptación étnica. **Revista Colombiana de Antropología**, n.17, p. 75-115, 1974.

APRILE-GNISET, Jaques. **Poblamiento, hábitats y pueblos del Pacífico**. Cali: Universidad del Valle, 1993.

ARARAT, Lisifrey (et. al.). **La Toma. Historias de territorios, resistencia y autonomía en la cuenca del alto Cauca**. Bogotá: Observatorio de Territorios Étnicos - Pontificia Universidad Javeriana / Consejo Comunitario Afrodescendiente del corregimiento de La Toma, 2013.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo. Antropologia e História do processo de formação quilombola**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

\_\_. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas y quilombolas. **Mana**, v.3, n. 2., p. 7-38, 1997.

\_\_. Direitos étnicos no Brasil y na Colômbia: notas comparativas sobre hibridação, segmentação e mobilização política de índios e negros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 93-123, nov. 2000.

\_\_. Por uma história á contraluz: as sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o Mocambo. **Palmares Em Revista**, Brasília, v.1, n.1, p.71-96, 1997.

ABELLO VIVES, Alberto (Ed.). **Un Caribe sin Plantación. Memorias de la cátedra del Caribe colombiano**. San Andrés: Universidad Nacional de Colombia, sede Caribe – Observatorio del Caribe Colombiano, 2006.

BECHIS, Martha. **Piezas de etnohistoria del sur sudamericano**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008.

BENITEZ ROJO, Antonio. **La Isla que se repite. El Caribe y la perspectiva posmoderna**. Hanover, USA: Ediciones del Norte, 1989.

BLOCH, Marc. Comparación. (*Revue de synthèse*, junio, 1930, pp.31-39). In: \_\_. **Historia e Historiadores**. (Textos reunidos por: Etienne Bloch. Traducido por: F. J. González García). Madrid: Akal, 1999. p.105-112.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Al margen de Europa ¿Estamos ante el final del predominio cultural europeo?** Barcelona: Tusquets, 2008.

COHN, Bernard S. Etnohistoria. In: SILLS, David L. (Dir.). **Enciclopedia internacional de las ciencias sociales**. Madrid: Aguilar, [1968] 1977, vol. 5, p. 113-127.

COLMENARES, Germán. **Historia económica y social de Colombia II. Popayán: una sociedad esclavista. 1680-1800**. Bogotá: La Carreta, 1979.

ESCOBAR, Arturo. **El final del salvaje. Naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea**. Bogotá: CEREC/ICAN, 1999.

FERNÁNDEZ-RASINES, Paloma. **Afrodescendencia en el Ecuador. Raza y género desde los tiempos de la colonia**. Quito: Abya-Yala, 2001.

FRIEDEMANN, Nina S. de; AROCHA, Jaime. **De Sol a Sol: Génesis, Transformación y Presencia del Negro en Colombia**. Bogotá: Planeta, 1986.

GARCÍA, Claudia. **Etnogénesis, hibridación y consolidación de la identidad del pueblo miskitu**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007.

GOMES, Flávio dos Santos. Africanos, tráfico atlántico y cimarrones en las fronteras entre la Guyana Francesa y la América portuguesa, siglo XVIII. **Fronteras de la Historia**, v.16-1; p.152-175, 2011.

\_\_. Los cimarrones y las mezclas étnicas en las fronteras de las Guayanas. Siglos XVIII-XX. **Procesos Históricos**, v. VIII, n. 16, p.24-39, julio-diciembre, 2009.

GRANDA, Germán de. **Estudios sobre un área dialectal hispanoamericana de población negra. Las tierras bajas occidentales de Colombia**. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, 1977.

HOFFMANN, Odile, Sociedades y espacios en el litoral pacífico sur colombiano (siglos XVIII-XX). In: AGIER, Michel; ÁLVAREZ, Manuela Álvarez; HOFFMANN, Odile; RESTREPO, Eduardo (Eds.). **Tumaco: haciendo ciudad, historia, identidad y cultura**. Bogotá: ICAN/IRD, Universidad del Valle, 1999, p.15-53.

\_\_. La movilización identitaria y el recurso de la memoria (Nariño, Pacífico colombiano). In: GNECCO, Cristóbal; ZAMBRANO, Martha (Eds.). **Memorias hegemónicas, memorias disidentes. El pasado como política de la historia**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, Universidad del Cauca, 2000. pp.97-120. p.99.

KLEIN S., Herbert; VIDAL LUNA, Francisco. **Slavery in Brazil**. New York: Cambridge University Press, 2010.

\_\_. **The Atlantic Slave Trade**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

\_\_.; BEN, Vinson III. **La esclavitud en América Latina y el Caribe**. México: El Colegio de México – Centro de Estudios Históricos. (2ª ed.), 2013.

\_\_. **The Atlantic Slave Trade**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raza y Cultura**. Madrid: Cátedra, [1952, 1972, 1983] 2000.

LOZANO LERMA, Betty Ruth. La población negra de Colombia: grupos étnicos, sectores de continuidad cultural y sectores no étnicamente diferenciados. In: GRUESSO, Delfín y CASTELLANOS, Gabriela (Eds.). **Identidades colectivas y reconocimiento. Razas, etnias, género y sexualidades**. Santiago de Cali: Programa Editorial. Universidad del valle, 2010. Capítulo 7. p. 145-167.

MÁRQUEZCALLE, G. Oro vs. Plantaciones en el Caribe hispánico: aproximación ecológica y ambiental. In: ABELLO VIVES, A. (Eds.). **Un Caribe sin Plantación**.

**Memorias de la cátedra del Caribe colombiano.** San Andrés: Universidad Nacional de Colombia, sede Caribe – Observatorio del Caribe Colombiano, 2006. p. 103-124.

MINTZ, Sidney W. **Dulzura y Poder. El lugar del azúcar en la historia moderna.** México: Siglo XXI, 1996.

MONTEIRO, John. **Negros da Terra. Índios e bandeirantes na formação de São Paulo.** São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

MORENO FRAGINALS, Manuel. Aportes culturales y deculturación. *In: \_\_.* (Relator). **África en América Latina.** México: UNESCO – Siglo XXI, 1987. p. 13-33.

\_\_. **La historia como arma y otros estudios sobre esclavos, ingenios y plantaciones.** (Prólogo de Joseph Fontana), Barcelona: Crítica- Biblioteca de Bolsillo, 1999.

MÜLLAUER-SEICHTER, Waltraud y MONGE, Fernando. **Etnohistoria. (Antropología histórica).** Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2009.

RESTREPO, Eduardo. **Etnización de la negridad: La invención de las 'comunidades negras' como grupo étnico en Colombia.** Popayán: Universidad del Cauca, 2013.

ROJAS DE, José Luis. **La etnohistoria de América. Los indígenas, protagonistas de su historia.** Buenos Aires: SB, 2008.

RUEDA, José Olinto. Población y poblamiento. *In: Leyva, Pablo (Ed.). Colombia Pacífico.* Bogotá: Fen-Biopacífico, Tomo 2, 1993. p. 464-486.

SASHENMAIER, Dominic. El concepto de las modernidades múltiples y sus áreas adyacentes. *In: SCHRIEWER, Jürgen; KAELBLE, Hartmut (Eds.). La comparación en las ciencias sociales e históricas. Un debate interdisciplinar.* Barcelona: Octaedro-ICE-UB, 2010. p. 109-135.

SCHRIEWER, Jürgen; KAELBLE, Hartmut (Eds.). **La comparación en las ciencias sociales e históricas. Un debate interdisciplinar.** Barcelona: Octaedro-ICE-UB, 2010.

SYMANSKY, Luís Cláudio; GOMES, Flávio. Da cultura material da escravidão e do pós-emancipação: perspectivas comparadas em arqueologia e história. **Revista de Historia Comparada**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 293-338, 2013.

TAUSSIG, Michael. La ley en una tierra sin ley. Diario de *limpieza*. *In: CAÑEDO RODRÍGUEZ, Montserrat (Ed.). Cosmopolíticas. Perspectivas antropológicas.* Madrid: Trotta, 2013. p. 225-249.

TAYLOR, Peter J. **Geografía política: Economía mundo, Estado-nación y localidad**. Madrid: Trama Editorial, 1994.

TOVAR PINZÓN, Hermes; TOVAR M., Camilo; TOVAR M., Jorge. **Convocatoria al Poder del Número. Censos y Estadísticas de la Nueva Granada. 1750-1830**. Santafé de Bogotá: Archivo General de la Nación, República de Colombia, 1994.

ROJAS, Axel; VANEGAS MUÑOZ, Gildardo. **Poblaciones negras en el norte del Cauca. Contexto político organizativo**. Bogotá: Observatorio de Territorios Étnicos. Pontificia Universidad Javeriana, 2012.

TILLY, Charles. **Grandes estructuras, procesos amplios, comparaciones enormes**. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

UNESCO. **El racismo ante la ciencia moderna. Testimonio científico de la Unesco**. (Versión española: José Ma. Catañeda). Ondarroa (Vizcaya): Ediciones Liber, 1961.

UNESCO. **História geral da África**. (8 vols.). Brasília: UNESCO-Ministerio de Educação Brasil, 2010.

VALDIVIA ROJAS, Luis. Mapas de densidad de población para el suroccidente 1843 y 1870. **Revista Historia y Espacio**, n.5, p.103-110, abril-junio, 1980.

VERGÈS, Françoise. **La memoria encadenada: Cuestiones sobre la esclavitud**; prólogo y traducción de Nathalie Hadj. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2010.

VERGARA FIGUEROA, Aurora. **Race, Gender, Class, and Land Property Rights in Colombia a Historical Ethnography of the Afrocolombians' Struggles Over Land**. A Dissertation Presented PhD-Sociology. University of Massachusetts Amherst. May 2013.

WADE, Peter. **Gente negra. Nación mestiza**. Santafé de Bogotá: Editorial Universidad de Antioquia, Instituto Colombiano de Antropología, Siglo del Hombre Editores, Ediciones Uniandes, 1997.

WEST, Robert C. **Colonial Placer Mining in Colombia**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, Louisiana State University Studies, Social Science Series, No.2, 1952.

—. **The Pacific Lowlands of Colombia: a Negroid Area of the American Tropic**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1957.

WHITTEN, Norman E.; FRIEDEMANN, Nina S. de. La cultura negra del litoral ecuatoriano y colombiano: un modelo de adaptación étnica. **Revista Colombiana de Antropología**, n.17, p. 75-115, 1974.

## COMUNIDADES NEGRAS EN COLOMBIA Y QUILOMBOLAS EN BRASIL: LOS CAMINOS DE LA ETNIZACIÓN Y EL ACCESO A LA TIERRA

Stella R. Cáceres<sup>1</sup>

Universidad Nacional de Colombia

Laboratorio de Antropología de la Arquitectura y el Espacio LAARES<sup>2</sup>

Universidad Federal de Río de Janeiro - Programa de Posgrado de Antropología y Sociología del Instituto de Filosofía y Ciencias Sociales

Recebido 15/10/2013  
Aprovado 15/03/2014

**Resumen:** Las políticas para amparar los derechos territoriales de las comunidades negras en Colombia y quilombolas en Brasil son un campo de comparaciones productivas en un universo marcado por la fluidez y la diversidad identitaria. La propuesta de esta reflexión es analizar desde una perspectiva general, crítica y no exhaustiva algunas ideas que surgieron para respaldar esos procesos que abrieron paso al desarrollo de legislaciones específicas, y que tuvieron sus diferencias dadas por los propios contextos nacionales, políticos y sociales.

**Palabras clave:** Políticas multiculturales – derechos étnico-territoriales comunidades negras – quilombolas Brasil, Colombia.

### BLACK COMMUNITIES IN COLOMBIA AND QUILOMBOLAS IN BRAZIL: THE PATHS OF ETHNICIZATION AND ACCESS TO LAND

**Resumo:** As políticas para amparar os direitos territoriais das comunidades negras em Colômbia e quilombolas em Brasil são um campo de comparações produtivas em um universo marcado pela fluidez e a diversidade identitária. A proposta desta reflexão é analisar desde uma perspectiva geral, crítica e não exhaustiva algumas das ideias que emergiram para respaldar os processos que abriram passo para o desenvolvimento de legislações específicas que tiveram suas diferenças dadas pelos próprios contextos nacionais, políticos e sociais.

**Palavras chave:** Políticas multiculturais – direitos étnico-territoriais comunidades negras – quilombolas Brasil, Colômbia.

### Introducción

Respecto a los análisis de las problemáticas sociales de las poblaciones negras en América Latina, los casos de Brasil y Colombia aparecen como aquellos en los cuales estas poblaciones adquirieron especial protagonismo desde la década de los 80, a partir de su movilización social, cultural y política. Según el historiador afrolatinoamericanista George Reid Andrews,<sup>3</sup> ambos países experimentaron una

<sup>1</sup> Email:lunsella@gmail.com

<sup>2</sup> <http://www.laares-ufrj.com>

<sup>3</sup> ANDREWS, George Reid. *Afro-Latinoamérica, 1800-2000*. Madrid: Iberoamericana - Frankfurt:



reciente ascensión del mundo afrodescendiente manifestada en la exaltación de la cultura negra y el reconocimiento de los aportes de grupos negros urbanos y rurales en los proyectos de nación. Antes de exponer el problema de la titulación colectiva para comunidades negras y quilombolas, propongo realizar un panorama general de comparaciones sobre las semejanzas y diferencias que han caracterizado a los grupos afrodescendientes en ambas naciones.

En términos demográficos, los dos países cuentan con la más densa presencia de población de origen africano en términos absolutos para América Latina. Brasil ocupa el primer lugar con el 45% (77 millones de personas), mientras que Colombia se sitúa en el segundo puesto, con un porcentaje de población negra que se encuentra entre el 20% y 26% del total de la población. Sin embargo, hasta finales de la década de 1980, existía en los dos países un discurso hegemónico que negaba la existencia particular de poblaciones negras, consideradas parte de la masa “indiferenciada” del conjunto de ciudadanos desde la abolición definitiva de la esclavitud, en consecuencia los diversos mecanismos de discriminación racial existentes también eran negados.

En ese contexto e de forma paralela merece destaque la “nacionalización” de las culturas negras, siguiendo la expresión utilizada por Robin Moore<sup>4</sup> caracterizada por la redefinición de las identidades nacionales hacia mediados del siglo XX sobre la base de la adopción de manifestaciones culturales consideradas negras, tales como la samba, en Brasil y la cumbia y el porro en Colombia. Sin embargo, a pesar de la apertura que implicó el populismo de mediados del siglo en ambos países, las condiciones de vida de la gente de ancestro africano continuaron por debajo de los promedios nacionales.

Las movilizaciones colectivas de corte étnico/racial conformadas a partir de las décadas de 70 y 80 y aún en desarrollo, abrieron espacio a debates sobre formas de reparación que, de diferentes maneras, pretenden consolidar políticas públicas para combatir el racismo y garantizar el acceso a salud, educación, trabajo y tierras, entre otras demandas. Es Brasil el país que registra el mayor número de

---

Vervuert, 2007.

<sup>4</sup> MOORE, Robin. **Música y mestizaje. Revolución artística y cambio social en La Habana, 1920-1940** Madrid: Colibrí, 2002.

esos movimientos, sin embargo esa ola de movimientos y gobiernos populistas que se extendió por la región y amplió los espacios de participación de grupos negros y mulatos, se dio inicialmente en términos de clase y no de raza. Aunque el caso de la Frente Negra Brasileira merece una consideración aparte, es consenso que la retórica de la etnicidad aparece mejor delineada desde la década de 1970 y ese impresionante flujo de movilización negra contemporánea es seguido, en términos de población e impacto político, por Colombia.<sup>5</sup>

Con el reconocimiento de la diversidad cultural por parte de los Estados nacionales, que han incluido en sus Constituciones y en legislaciones posteriores, decretos, normas y leyes relacionadas con las poblaciones negras, Brasil y Colombia entraron en la corriente del multiculturalismo, al igual que otros países de América Latina. Un debate que, a diferencia de Norteamérica y Europa, es identificado en nuestros contextos con la problemática de los derechos culturales y sociales de las llamadas minorías étnicas, las cuales devinieron en sujetos de derechos específicos.<sup>6</sup>

El multiculturalismo como política no es uno solo, pero en cualquiera de sus modalidades determina el lugar que la sociedad le da a las diferencias culturales, él estaría definido por la serie de ideas, actitudes y medidas con respecto a lo que, en un momento y un contexto dado se concibe como diferencia cultural. Si bien el multiculturalismo no está limitado al ámbito de la política y de las medidas estatales, esta reflexión tomará estas últimas como eje de análisis.

En los casos que nos ocupan el reciente reconocimiento institucional de la multiculturalidad pasa por la ruptura de los mitos de integración de la nación identificados como “democracia racial” en Brasil y “república mestiza” en Colombia. En el primero se soñó por mucho tiempo con un modelo de *democracia racial*, quiso erigirse como ejemplo para el mundo de armonía y comprensión entre “razas”. Por su parte, en Colombia, las ansias de una *república mestiza* se inspiraron en un modelo universalista, que intentaba promover la igualdad entre ciudadanos. Las discusiones y agendas de los movimientos sociales negros han

---

<sup>5</sup> ANDREWS, Op. Cit., p. 184.

<sup>6</sup> GROS, Christian. Derechos indígenas y nueva Constitución en Colombia. **Análisis Político**, Bogotá, n. 19, p. 8-24, 1993.

tenido como la más dura tarea desvirtuar esos mitos arraigados y ciertamente falsos, colocando en evidencia las enormes desigualdades, así como mecanismos más o menos explícitos de discriminación y segregación raciales, no superados con el paso de las décadas posteriores a la abolición de la esclavitud (13 de mayo de 1888 en Brasil y 13 de octubre de 1856 en Colombia).

Entre la abolición de la esclavitud y las nuevas Constituciones que ya cumplen más de dos décadas, todo lo que existía en términos de un ordenamiento jurídico para lidiar con la diferencia cultural era abiertamente omiso, cuando no permisivo frente al racismo, la discriminación y la inequidad social. El camino para la movilización de colectivos negros ha sido sinuoso, especialmente a la hora de establecer diferenciaciones cultural y socialmente marcadas, en razón de los ambiguos procesos de inclusión y ocultamiento de las marcas de la discriminación racial y también por los innegables procesos de mestizaje y producción cultural, así como por las tecnologías de “igualamiento” social dictadas por acciones y omisiones de las políticas socioeconómicas en periferias barriales y rurales.

Para autores como Wade y Gross, los grupos indígenas han sido fundamentalmente los protagonistas de los procesos de reivindicación de la diferencia en América Latina, antes que los afrodescendientes. En los países que adoptaron cambios multiculturales en su modelo institucional, los pueblos indígenas son más fácilmente asimilables como objeto de reconocimiento, llevando sin mayor apremio el rotulo del “otro” (WADE 1999). Por otro lado, grupos establecidos a partir de migraciones transnacionales y constituidos en minorías visibles, mucho más en Brasil que en Colombia, como es el caso de las colonias alemanas o japonesas y árabe entre otras no han sido tan relevantes como sujetos de problemática identitaria, ni desde la atención que la academia les ha dedicado, salvo algunas excepciones, ni objeto definido y prolongado de las políticas del Estado brasileño, evidentemente esa afirmación no tiene un carácter contundente y no ignoramos aquí las políticas e incentivos para atraer migrantes europeos hacia las tierras del sur. Pero la problemática sobre el intrincamiento de las poblaciones negras a las sociedades nacionales y su contribución a las mismas, no las asimila a la situación de los grupos poblacionales que migraron después del proceso de conformación de los Estados - nación.

¿Entonces en que reside la especificidad de colectivos negros movilizados durante las últimas décadas? Desde la perspectiva de los estudios culturales, Paul Gilroy (1993) considera que las poblaciones negras en América, al ser profundamente diversas y diferentes entre sí, comparten algunas características culturales e históricas como las memorias de la diáspora africana, la esclavitud y la emancipación. Sin embargo se trata de identidades híbridas e interculturales construidas en contextos tanto locales como transnacionales donde la globalización y las culturas pop también han hecho sus aportes.

La apuesta intelectual de los estudios culturales intenta superar las miradas localistas y particularistas de un cierto esencialismo que prevaleció en algún momento, especialmente sobre las poblaciones negras rurales. En un principio su situación se asimiló, bajo ciertos aspectos, a la de los grupos indígenas autóctonos, equivalencia controvertida que implicó idealizaciones sobre valores culturales compartidos y transmitidos totalmente al margen de las sociedades nacionales. En el otro lado de lo rural la categoría “campesino” jugó un papel importante en los procesos de ocultamiento racial, y este continúa a ser un tema poco investigado.

Por su parte, en el espacio urbano las dinámicas y flujos que caracterizan los universos culturales de los afrodescendientes hacen difícil trazar cualquier generalización sobre la negritud en la ciudad. Si bien existen grupos de poblaciones negras con elementos culturales comunes y una vocación explícita para exhibirlos como marcas identitarias, no es menos cierta la existencia de sectores significativos de población negra integrados a la esfera social mediante procesos de mestizaje y mediación cultural, cuyos productos han sido históricamente construidos a través de la complementariedad de elementos modernos, tradicionales y urbanos al mismo tiempo, donde el factor de la clase ha sido también decisivo, tal y como se ve en la actuación de trabajadores negros en la constitución de movimientos sindicales, que no siempre contemplaron reivindicaciones raciales.

África como referente cultural y mítico ha cumplido un importante papel en la construcción de identidades en el rescate de tradiciones y en la creación de nuevos modelos culturales que se proponen superar el estigma sufrido por las negritudes. De otro lado, muchos de los segmentos poblacionales negros no poseen

un referente identitario fijo y mucho menos étnico y colectivo, ni todos encuentran resonancia alguna en el vínculo ancestral con África. Basta recordar que cuando los gobiernos y las clases más acomodadas en Brasil le declararon la guerra a las manifestaciones culturales negras, tales como el samba, el candomblé y la capoeira, que este rechazo también fue compartido por las clases medias negras.<sup>7</sup> Claro que eso no niega que esas poblaciones negras fueran y continúen siendo, en los más variados contextos, víctimas de discriminación racial. Y aunque en muchos casos esas discriminaciones son denunciadas, éstas prácticas de las cuales la gente negra es objeto no configuran siempre bases para su movilización política.

Esas paradojas ciertamente se agudizan a la hora de discutir la aplicación práctica de políticas públicas, como las cuotas para el acceso a la educación superior y la dotación de tierras, acciones afirmativas que para su aplicación requieren la definición y clasificación de los sujetos que son objeto de la política, un proceso que carga inevitablemente con la arbitrariedad de cualquier sistema de clasificación.

En síntesis, el análisis de las identidades negras se complejiza por el hibridismo de las formas de participación de las poblaciones negras en las sociedades nacionales y sus expresiones y aunque el conjunto de experiencias negras fue históricamente definido, constituye un repertorio que está pautado desde la diversidad y no desde la homogeneidad y se da entre continuidades históricas y rupturas, con una permanente capacidad de mutación y asimilación de elementos culturales diversos y también de producciones originales, (HALL, 1992).

### **Titulaciones Territoriales Colectivas, el giro multicultural a media marcha**

Abordar la fluidez identitaria en términos comparativos entre los dos países del continente con mayor proporción de población negra representa ciertamente un desafío de calibre mayor, pero quizás uno de los terrenos de comparaciones fructíferas es el de las políticas para respaldar los derechos territoriales de las comunidades negras.

---

<sup>7</sup> ANDREWS, Op. Cit.

Las titulaciones colectivas de tierra para comunidades negras en Colombia y Brasil, posibilitadas a partir de las presiones sociales por cambios constitucionales, el diseño de legislaciones y un abanico de políticas públicas, han venido forjando la constitución de unos nuevos sujetos sociales y políticos: comunidades negras en Colombia y los *remanescentes* de quilombos en Brasil, dados por los marcos de las constituciones políticas nacionales de 1991 y 1988 respectivamente, que a su vez incluyeron los artículos transitorios ADTC 68 para Brasil<sup>8</sup> y AT 55 para Colombia.<sup>9</sup> Ambos artículos abrieron el paso al desarrollo de legislaciones específicas que tuvieron sus diferencias dadas por los propios contextos nacionales y políticos y son entonces un precedente para pensar y comparar procesos de etnización en ambos países.

Los *remanescentes* de quilombos en Brasil, apelan a una categoría bastante especial, problemática por sus orígenes, pues es tributaria de una legislación represiva de origen colonial que remite a un tipo de formación socio-espacial histórica que habría desaparecido con el final de la esclavitud, así como el palenque en Colombia.<sup>10</sup> Sin embargo, la categoría se positivó y asimiló en Brasil a

---

<sup>8</sup> **Ato das Disposições Constitucionais Transitórias — Constituição da República Federativa do Brasil — 1988:** ADTC. 68 “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

<sup>9</sup> **Artigo Transitorio 55 — Constitución Nacional de Colombia — 1991:** AT. 55 “Dentro de los dos años siguientes a la entrada en vigencia de la presente Constitución, el Congreso expedirá, previo estudio por parte de una comisión especial que el gobierno creará para tal efecto, una ley que les reconozca a las comunidades negras que hayan venido ocupando tierras baldías en las zonas rurales ribereñas de los ríos de la Cuenca del Pacífico, de acuerdo con sus prácticas tradicionales de producción, el derecho a la propiedad colectiva sobre las áreas que habrá de demarcar la misma ley. En la Comisión Especial de que trata el inciso anterior tendrán participación en cada caso representantes elegidos por las comunidades involucradas. La propiedad así reconocida solo será enajenable en los términos que señale la ley. La misma ley establecerá mecanismos para la protección de la identidad cultural y los derechos de estas comunidades, y para el fomento de su desarrollo económico y social”.

<sup>10</sup> Aunque en un determinado momento el Proceso de Comunidades Negras intentó usar la denominación palenque para agrupar las organizaciones de base por departamento en la región del Pacífico, la denominación es prácticamente desconocida en las comunidades locales, tanto porque el capítulo de la esclavitud parece borrado de las memorias nativas, como por los propios procesos de poblamiento y colonización de los ríos del Pacífico que no siempre estuvieron ligados al cimarronismo y sí al final de los ciclos de exploración minera. Y aunque hubo casos de cimarronismo en el Pacífico, la historiografía informa que ese fenómeno fue predominante en el Caribe del siglo XVII. Cf: ALMARIO, Oscar; CASTILLO, Ricardo. Territorio, poblamiento y sociedades negras en el Pacífico Sur colombiano. In: DEL VALLE, Jorge Ignacio. **Renacientes del Guandal, Grupos negros de los ríos Satinga y Sanquianga**. Bogotá: Universidad Nacional Sede Medellín y Proyecto BIOPACÍFICO, 1996.

través de las demandas de los movimientos sociales, la participación activa de la academia y la legislación hoy vigente.

En Colombia, el surgimiento de la etnicidad negra como fuente de derechos e instrumento político, confluye con el protagonismo que adquirió la región del Pacífico colombiano considerada como una de las reservas mundiales más ricas en biodiversidad y espacio de protección prioritaria del medio ambiente. Se trata de una región que abarca el pie de monte andino de 4 departamentos y el descenso del relieve hacia las aguas del océano Pacífico. Rica en aguas y bosques la región también se caracteriza por su bajo desarrollo y altos índices de pobreza. El 92 % de su población es negra, el 4% indígena y el 3% blanca.

El llamado desarrollo sostenible y la protección ambiental fueron aspectos protagónicos, que consignados en la Constitución Nacional de 1991, encontraron soporte en la región tornaron la región del Pacífico en objeto de intervención. La inclinación hacia esos intereses reflejaba a su vez los ecos de las agendas globales sobre la naturaleza y la ecología y la valoración de las identidades étnicas y culturales que desde una perspectiva ecológica se entrelazaban “armónicamente” con el medio ambiente. En Colombia la simbiosis entre etnicidad negra y la región del Pacífico forma parte (sin ser la única) de esta imbricación de problemáticas globales. En esta valoración contribuyó activamente una serie de estudios antropológicos e históricos sobre la caracterización étnico-regional del Pacífico.

Si vamos al texto de la Ley 70 de 1993, ésta además de delimitar la cuenca del Pacífico, los ríos que pertenecen a ella y a las zonas rurales ribereñas aledañas a la misma como su ámbito espacial, también introduce las nociones de “comunidad negra”, “ocupación colectiva” y “prácticas tradicionales de producción”. Sin embargo, al definir homogénea y genéricamente a una mayoría de las comunidades rurales de la cuenca del Pacífico, estas nociones no son útiles para abarcar las expresiones identitarias de otras regiones de Colombia atravesadas por circunstancias económicas diferentes, particularidades culturales y patrones de poblamiento bajo otro tipo de condiciones ambientales y sociales. Así, comunidades afrodescendientes de regiones como el Caribe o de las zonas de minería de los valles interandinos, con sus propias lógicas de inserción en la realidad nacional, encontraron un gran obstáculo frente al recorte geográfico

asumido por la Ley 70. Sin sombra de duda, esa regionalización es hoy uno de los mayores focos de crítica sobre la Ley.

Bajo esas premisas, la Ley 70 asumió a las comunidades negras de la región bajo una visión comunitaria y de espíritu colectivista e idealizó un cierto carácter sostenible subyacente a sus prácticas productivas y a sus formas de apropiación territorial.<sup>11</sup> La década de los 90 también es un momento en el que las personas negras intentaron, por primera vez, una movilización al margen de las formas políticas tradicionales. De acuerdo con Carlos Agudelo,<sup>12</sup> aquella época coincide con la generalización de la categoría “comunidad” para todos los colectivos negros organizados en Colombia. Todos los grupos constituidos por poblaciones negras y que articularon sus reivindicaciones con el hecho de ser negros recibieron esta denominación. En los casos rurales, esa definición implicó un proceso de etnización ligado a la exaltación de las diferencias culturales, en otros casos lo “negro” estaba asociado a la raza, condición de color y de discriminación, sin énfasis en las diferencias culturales.<sup>13</sup>

Hoy se entiende que esas primeras enunciaciones eran insuficientes para comprender el creciente proceso de vinculación de los pobladores del Pacífico al mercado de las economías extractivas tanto como mano de obra, como proveedores de recursos naturales y minerales lo cual tuvo como consecuencia la propia reducción de la oferta ambiental, los espacios de uso colectivo y en consecuencia la necesidad de intensificar la extracción de los recursos.<sup>14</sup>

Frente a la mirada crítica que se hace hoy, pasados veinte años de la promulgación de la Ley 70, es necesario enfatizar el contexto social en el que esa legislación surgió, pues estaba claro que esas comunidades enfrentaban el despojo de sus tierras. Sin ningún título que garantizase la posesión de las tierras por parte

---

<sup>11</sup> VILLA, William. El territorio colectivo de comunidades negras: más allá de la titulación *In: \_\_\_*; CADAVID, Marlyn Rosa Rivera. **Una aproximación al estado de la titulación colectiva**. Quibdó: Instituto de Investigaciones Ambientales del Pacífico, 1999.; HOFFMANN, Odile. **Comunidades negras en el Pacífico colombiano. Innovaciones y dinámicas étnicas**. Quito: Abya Yala, IFEA, IRD, CEMCA, CIESAS, 2007.

<sup>12</sup> AGUDELO, Carlos Efrén. **Poblaciones negras y política en el Pacífico colombiano: paradojas de una inclusión ambigua** 2002. Tese (Doutorado) - Institut des Hautes études de l'Amérique latine, Université Paris III, Paris, 2002.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> VILLA, William. El territorio colectivo... Op. Cit.; HOFFMANN, Odile. **Comunidades negras...** Op. Cit.



de los pobladores negros e indígenas, distintos proyectos de explotación económica y ocupación territorial avanzaban en la región: por un lado, los gestionados por empresarios independientes y multinacionales para la extracción de los recursos mineros y madereros, y por otro, los proyectos de construcción de infraestructura planteados por las instituciones estatales. A partir de ese panorama, Sandra Martínez<sup>15</sup> señala que la Ley 70 y el proceso organizativo que estimuló constituyen quizás el único medio con el que esas comunidades negras del Pacífico cuentan para defender sus derechos sociales, económicos y políticos.

Esta aseveración cobra mayor validez a la luz de del conflicto armado que se intensificó en una escala desconocida hasta los años noventa en esa región y cuya consecuencia más desastrosa ha sido el desplazamiento forzado y el asesinato de cientos de personas y comunidades que obtuvieron los títulos de las tierras, al tiempo que las perdieron. Líderes comunitarios indígenas y negros figuran entre las víctimas y muchos de esos crímenes permanecen impunes. Hoy es más que repetido entre los conocedores del proceso, que los títulos colectivos fueron insuficientes, que ellos no son protección contras las balas de la guerra y hay quien se pregunte si no fue retirar del mercado la tierra, mediante títulos colectivos, lo que desencadenó la fuerza y brutalidad con la que el conflicto armado y sus consecuencias que tomaron la región.

Evidentemente el conflicto armado en la región es un capítulo extenso y doloroso y sus particularidades merecen extensión en otro tipo desarrollo analítico. Entonces volvamos a la legislación colombiana. Con el Pacífico como meta para la titulación, no hubo dudas iniciales sobre los titulares de esos derechos, ni para los legisladores, agencias de apoyo y cooperación, ni tampoco para la academia que como ha sido resaltado contribuyó en gran medida, en la caracterización étnico-regional. Pero si la legislación fue más precisa y clara al definir los nuevos sujetos de derechos étnico-territoriales, también más restrictiva. Desde hace años comunidades negras de otras regiones del país luchan para

---

<sup>15</sup> MARTINEZ, Sandra Patricia. La política de titulación colectiva a las comunidades negras del Pacífico colombiano: una mirada desde los actores locales. **Boletín de Antropología Universidad de Antioquia**, Medellín, v. 24, n. 41, p. 13-43, 2010.

romper el sesgo geográfico de la Ley 70 y así ser contemplados con un título colectivo.

Por otro lado es necesario enfatizar que la región del Pacífico colombiano estaba afectada legalmente por una legislación especial anterior, la Ley 200 de 1936, que al declararla como territorio baldío de la nación le brindó un soporte jurídico más homogéneo, y facilitó la implementación de la Ley 70. Esta última fue formulada dos años después de promulgada la Constitución de 1991 y rápidamente reglamentada, si se compara con Brasil, por ejemplo ya en 1995 se promulgó el decreto 1745 que reglamenta el capítulo III de la Ley 70 de 1993. Sin embargo temas más agudos como el trámite de licencias, concesiones, autorizaciones para la explotación de los recursos naturales y acceso a los recursos genéticos todavía no han sido tocados.

Esa diferencia de tiempo en el desarrollo e implementación de las políticas no habla necesariamente de mayor eficacia por el lado colombiano, sino que denota tres importantes hechos, en primer lugar, para proceder a la titulación no fue necesario recorrer a algún tipo de desapropiación e indemnización, aunque requirió la negociación de límites con territorios indígenas, parques naturales y jurisdicciones municipales. En segundo lugar, todo el proceso fue administrado de forma centralizada por una única entidad de orden nacional, el Instituto Colombiano de la Reforma Agraria (INCORA) hoy conocido como Instituto Colombiano de Desarrollo Rural (INCONDOR). Finalmente debe destacarse la influencia internacional de agentes como el Banco Mundial, uno de los principales financiadores del proceso.

En contraste con Colombia, la definición de los colectivos negros beneficiarios de derechos territoriales en Brasil ha tenido un camino más intrincado, más amplio, pero también con resultados concretos menos contundentes, que levitan en gran medida en el ámbito de las expectativas. Una de las razones por las cuales la legislación brasileña tardó más tiempo para consolidarse es que la definición de los nuevos sujetos de derechos tuvo que incorporar las ambigüedades de una sociedad marcada por la pluralidad racial, el mestizaje y una difusa línea de color, con profundas desigualdades y atravesada por una compleja diversidad agraria.

El uso de una categoría histórica como quilombo<sup>16</sup> revela que la preocupación inicial estuvo dirigida a un tipo de preservación patrimonial de comunidades históricas que habían mantenido una cierta continuidad en el tiempo y el espacio. Un ejemplo que en Colombia estaría dado por las especificidades históricas y culturales de San Basilio de Palenque en el Caribe. Pero las centenas de comunidades negras demandantes de tierras en Brasil no siempre comportaban tan específicos patrones culturales, señales diacríticas y permanencias de larga duración y otros factores fueron entrando a complejizar la definición de los sujetos de derechos.

En el caso brasileiro, Arruti (1998) considera que los trabajos de identificación y “mapeo” de comunidades remanentes de quilombos en una determinada región no registran una situación ya “dada”, sino que son uno de los principales elementos que alteran el estado de la cuestión, en la medida en que sirven como propagadores de mayores informaciones sobre el tema en rincones donde el tema era desconocido hasta el momento, o como demostración de la importancia, positividad y utilidad de la demanda para comunidades que hasta entonces no creían en ella o temían sus consecuencias.

Ahora sabemos que no existía un mapa de los quilombos, no tanto por ignorancia del Estado, si no porque este se ha venido consolidando en el propio proceso. De este modo, los destinatarios de las políticas sociales, son al mismo tiempo objetos y agentes de los programas sociales. Al no tener una “realidad dada” como podría definirse la región del Pacífico colombiano asumida por la Ley 70, el caso brasileño requirió de pericias técnicas y antropológicas para la identificación y mapeo de comunidades *remanentes* de quilombos.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> De hecho el quilombo histórico, está lejos de ser definido de manera homogénea. Gomes (2005) reunió varios ejemplos con los cuales se puede construir un amplio abanico tipológico que va desde aquellos grupos que tuvieron una organización territorial de grande escala, militarizada, productivamente autónoma y regida por cierta jerarquía, como Palmares, hasta minúsculas asociaciones de esclavos huidos sin ninguna base territorial fija y que vivían de asaltos en caminos y de la solidaridad de las senzalas. De otro lado, el carácter productivo de los quilombos, resalta como estas nunca fueron unidades aisladas ni completamente autónomas del mundo del trabajo, ni del mercado.

<sup>17</sup> ARRUTI, José Maurício A. A emergência dos remanescentes: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 3, n. 2, p. 7-38, out 1997.

Los actuales territorios de las comunidades negras tienen una amplia gama de orígenes. En primer lugar están aquellos quilombos constituidos durante el período de la esclavitud, algunos se conservan, sin embargo, muchos núcleos de población negra se conformaron después de la abolición formal de la esclavitud.<sup>18</sup>

Además de esa situación colonial, los orígenes de los territorios negros brasileños también están asociados a donaciones de tierras realizadas a partir de la desagregación de haciendas dedicadas a los monocultivos de caña de azúcar, algodón y cacao; herencias de los amos a sus esclavos, compra de tierras por los propios sujetos, posibilitada por la desestructuración del sistema esclavista; tanto como tierras conquistadas por negros mediante su participación en guerras y luchas de insurrección al lado de las tropas oficiales.<sup>19</sup>

El cuadro de la diversidad territorial aumenta con las llamadas *terras de preto*, tierras de santo y tierras de santísima, que indican una territorialidad derivada de la propiedad de las órdenes religiosas, de la donación de tierras para santos y del recibimiento de tierras a cambio de servicios religiosos prestados a señores de esclavos por negros(as) sacerdotes de cultos religiosos afro-brasileños.<sup>20</sup>

Antes de los quilombos de la actual legislación, había en Brasil una serie de “ocupaciones *fundiarias* especiales” que incluían las situaciones descritas anteriormente, y que no se encajaban en las categorías corrientes de los censos catastrales y eran hasta entonces utilizadas por los órganos gubernamentales. Como resultado de las presiones populares, el Ministerio de la Reforma Agraria y los órganos vinculados a éste fueron obligados a reconocer su existencia y dar una definición operacional para estas formas.<sup>21</sup>

De este modo, algunos investigadores proponen que los actuales quilombos podrían inscribirse en un conjunto de situaciones que desestabilizaron la pretensión jurídica de la “Lei das Terras” de 1850 de moldear la sociedad brasileña bajo la noción de la propiedad privada de tierras. Existían así variables formas

---

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> ALMEIDA, Alfredo Wagner. Nas bordas da política étnica: os quilombos e as políticas sociais. **Territórios Quilombolas. Boletim Informativo do NUER**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 15-44, 2005.

<sup>20</sup> \_\_\_\_. Os quilombos e as novas etnias. In: O'DWYER, CANTARINO Eliane (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 40-80.

<sup>21</sup> Idem.

colectivas para el acceso y uso de la tierra, que actualmente se abrigan en la categoría de poblaciones y comunidades tradicionales.<sup>22</sup>

En términos simbólicos, la década de los 80 en Brasil fue muy importante para debatir el lugar del negro en la sociedad. Fue un momento de revisionismos y actos de conciliación donde también reaparece la figura de los quilombos como metáfora de resistencia (inspirada en el Quilombo de los Palmares). La revisión de la historia trazó en el campo simbólico de los movimientos sociales un recorrido hasta alcanzar el estatuto de tema constitucional. Como ícono de la resistencia negra, quilombo ganó el significado de una gran comunidad de negros fugitivos, notable por su capacidad de resistencia al asedio militar o económico de la sociedad colonial y nacional, y por la supuesta reproducción de un modo de vida africano en América.<sup>23</sup>

En ello fue trascendental el trabajo de Abdias do Nascimento que publicó en 1980 *“O Quilombismo”*, con el que pretendía definir el contenido simbólico que debería conferirse a los “quilombos”, movimiento social de resistencia física y cultural de la población negra que se estructuró no sólo bajo la forma de los grupos en fuga hacia la selva en la época de la esclavitud, sino también, en un sentido bastante amplio, bajo la forma de todo y cualquier grupo tolerado por el orden dominante en función de sus declaradas finalidades religiosas, recreativas, de beneficencia, etc.

Guardadas las proporciones, un equivalente al “quilombismo” en Colombia sería el cimarronismo, una ideología de la negritud promovida por la organización Cimarrón en los 80 y liderada por Juan de Dios Mosquera, nacida a partir de un grupo de estudios originalmente formado por estudiantes oriundos de la región del Pacífico y que se expandió bajo la forma de pequeños grupos de estudio por todo el país, marcando toda una generación de jóvenes negros cultos y urbanizados.<sup>24</sup> Vale la pena mencionar que la influencia del cimarronismo en Colombia fue sobre todo urbana. Aguarda por ser iniciada una agenda de investigación comparada entre el quilombismo de Abdias do Nascimento y el

---

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> ARRUTI, José Maurício A. Por uma história à contraluz: as sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o Mocambo. **Palmares em Revista**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 71-96, 1997.

<sup>24</sup> WADE, Peter. **Race and ethnicity in Latin America**. London: Pluto, 1997.

cimarronismo de Juan de Dios Mosquera.

En 1995<sup>25</sup> se comienza pensar en la reglamentación del ADCT 68 cuando, transcurridos 7 años de promulgada la Constitución, la expectativa social se ampliaba con los actos oficiales de reconocimiento de “Comunidades Remanentes de Quilombos” pero sin que hubiera ninguna claridad respecto a la parte administrativa de los procesos.<sup>26</sup>

Las tentativas de reglamentación de la ley fueron diversas y hubo varios ensayos en 1995, 1997, 1998, 1999 y 2001. Todas ellas indican la urgencia de regularización del artículo 68 del ADCT y al mismo tiempo chocan con la definición del sujeto de derecho, en los procedimientos de titulación, responsabilidades y competencias. Una certeza era los cientos de comunidades negras rurales y urbanas que permanecen sin ningún respaldo legal sobre sus territorialidades y estilos de vida. Pero ¿Cómo agruparlas a todas en la diversidad de sus conflictos, geografías, historias y modos de inserción económica?

Cada intento enfrentó un fuerte desacuerdo entre los diferentes sectores directamente involucrados, principalmente los de los grupos interesados y señalan el tipo de conflictos, que van desde la oposición a las normas establecidas para las titulaciones, las presiones de las élites económicas interesadas en las tierras ocupadas por las comunidades negras, hasta las disputas entre los órganos del gobierno que tendrían la atribución para conducir el proceso.

De esas reglamentaciones, dos ejemplos llaman la atención sobre la dificultad de atribuir responsabilidades y sobre la definición de los sujetos de la política. En 1999, en el gobierno de Fernando Henrique Cardoso bajo el argumento de que se trataba de un asunto del ámbito de la cultura, le cedió la responsabilidad de la titulación a la Fundación Cultural Palmares, órgano sin protestad para la realización de desapropiaciones.

Siguiendo la misma lógica, el Decreto no 3.912/2001, hoy derogado, legitimaba las comunidades a partir de “restos arqueológicos”. El párrafo único

---

<sup>25</sup> En ese año fueron importantes el marco de conmemoración del 4 centenario de la muerte de Zumbi dos Palmares y el I Encuentro Nacional das Comunidades Negras Rurales, en Brasilia (DF), el cual daría inicio a la *Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas* (CONAQ) fundada en 1996 en Bom Jesus da Lapa (Bahia).

<sup>26</sup> ARRUTI, José Maurício A. A emergência dos remanescentes... Op. Cit.

de su artículo 1o, apuntaba que solamente podría ser reconocida la propiedad sobre tierras de las comunidades que eran ocupadas por quilombos desde 1888 hasta 1988. Su texto tampoco consideraba la indemnización para ocupantes que no fueran quilombolas de las áreas. Eso hizo que el reconocimiento de los derechos territoriales de los llamados remanecientes de quilombos fuese visto en el plano de las *reparaciones de errores históricos* y no como derivado de una diferencia cultural en el presente.

Es así como 15 años después de promulgada la nueva Constitución brasileña, que el dispositivo constitucional fue finalmente reglamentado a partir del Decreto 4.883 que transfiere del Ministerio de Cultura al Ministerio de Desarrollo Agrario la competencia para reglamentar, reconocer, delimitar, demarcar y titular las tierras ocupadas por comunidades quilombolas; el Decreto 4.886 que establece la promoción de la igualdad racial y el Decreto 4.887 que reglamenta los procedimientos para el reconocimiento, demarcación y titulación de los territorios quilombolas. Este último Decreto sólo fue operacionalizado, a través de una Instrucción Normativa en septiembre de 2005.

### **Comparando las diferencias**

El carácter diferenciado de los caminos para designar los nuevos sujetos de derechos marca a su vez el nivel de expectativa frente a los sujetos titulares de beneficios. A partir del referente geográfico del Pacífico se tenía en Colombia cierta certeza de la totalidad de la población y hasta de la probabilidad de hectáreas a ser tituladas, mas de la mitad de las 10'000.000 de hectáreas de la región del Pacífico. Para el 2008, habían sido otorgados 157 títulos colectivos, equivalentes a 5.177.602 hectáreas a lo largo de toda la cuenca del Pacífico, donde vivían aproximadamente 62.474 familias negras, segundo o (INCODER, 2008). Hoy sabemos, claro está, que esa expectativa también adquirió nuevas demandas geográficas y que desafían los propósitos iniciales de la Ley 70.

Mientras que en Colombia se tendría un conjunto más o menos evidente de las comunidades negras rurales del Pacífico, sin afirmar que se trataba de una población homogénea, Brasil presenta todavía una indeterminación del número y localización de esas comunidades, que día a día vienen multiplicándose (ARRUTI,

1998). Esto justifica la dificultad de hacer un levantamiento que sintetice la proyección oficial de titulación, la cual se amplía en función de variados e inéditos conflictos protagonizados por los poderosos sectores ruralistas brasileños, que despliegan todo tipo de estrategias legales y de hecho para impedir la consolidación de un proyecto territorial quilombola.

El número de comunidades remanecientes de quilombos es incierto y las estimativas no oficiales admiten la probable existencia de más de 3.524 comunidades en todo el país.<sup>27</sup> A la fecha, Brasil ha reconocido 1.711 (certificación emitida por FCP) comunidades, que ocuparían unas 30 millones de hectáreas, con una población estimada en 2.000.000 de personas, pero de ese universo apenas 590 tienen algún tipo de proceso en desarrollo y sólo 120 títulos han sido expedidos, comprendiendo 933.895,46 hectáreas. Esas titulaciones beneficiaron 8.585 familias de 189 comunidades. Y aunque hay comunidades quilombolas en 24 estados de Brasil, apenas 13 estados han titulado algún territorio quilombola (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2009).

Quizás una de las dificultades en el acopio de información sobre titulación quilombola obedezca al hecho de que el proceso de identificación y mapeo de las comunidades ha sido realizado en Brasil por diferentes agencias estatales y es seguido por los trabajos de pericia antropológica e etnohistórica, sobre los cuales las asociaciones comunitarias, creadas por exigencia del modelo de titulación, muchas veces tienen poco control. Esas tierras también están bajo diversas jurisdicciones, dominios y formas legales. Así, dependiendo del tipo de forma legal que tengan la tierras, la titulación puede ser hecha por el Estado federal, los estados y los municipios y en algunos casos se requieren costosas indemnizaciones. Entonces, en el proceso intervienen actores institucionales no siempre articulados: la Fundación Cultural Palmares para el proceso de identificación, y para la demarcación el INCRA, o los institutos de tierras estaduais o el Estado Federal a través de la Secretaría de Patrimonio de la Unión SPU.

---

<sup>27</sup> DORIA, Siglia Zambrotti. **Confrontos discursivos sobre territorio no Brasil. O caso das terras remanescentes de quilombos.** Brasília, 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2001.; ALMEIDA, Alfredo Wagner. *Nas bordas da política...* Op. Cit.



En síntesis, el universo de las comunidades quilombolas se presenta abierto cuantitativa y cualitativamente disperso por todo el territorio brasileño y, también sujeto a todas las variaciones de condiciones socio-históricas, organizativas, políticas y geográficas (ARRUTI, 1998) y el número de ellas parece ir en aumento, pues frente a nuevos conflictos agrarios y urbanos nuevas comunidades se organizan.

### **Representaciones auto-atribuidas vs. representaciones pre-formateadas**

Colocadas los anteriores puntos, se entiende la resemantización que se construía para la categoría quilombo, que al despojarse de su carga museográfica o arqueológica; se ponía en sintonía con las demandas sociales. Sus trasfondos teóricos llevan a valorar los criterios de **auto-atribución**, como un elemento decisivo en la definición del sujeto. En términos teóricos el fundamento de toda la política se sustenta en la auto-atribución partiendo de que no habría autoridad de alguien externo al grupo para proceder, heterónomamente, a la atribución de identidad. Este gesto puede interpretarse como un paso dirigido hacia la descolonización de las identidades, como viene siendo sugerido por Will Kymlicka<sup>28</sup> quien aboga por el hallazgo de alguna fórmula que no continúe definiendo los grupos excluidos en función de una identidad que otros crearon para ellos.

Hasta la aparición de la teoría de Frederich Barth sobre los grupos étnicos, primaron las teorías esencialistas y culturalistas en su conceptualización. Su definición de etnicidad como una forma de interacción social, representó un corte definitivo con las visiones anteriores. Para Barth,<sup>29</sup> los grupos étnicos serían identificables a partir del establecimiento de fronteras que los separan de los otros grupos y no por algún contenido cultural específico del grupo. Dichas fronteras son móviles y construidas socialmente.

La etnicidad es un proceso de interacciones entre un grupo y su exterior, donde las características simbólicas culturales son movilizadas para generar

---

<sup>28</sup> KIMLICKA, Will. **Ciudadanía multicultural**. Barcelona: Paidós, 1996.

<sup>29</sup> BARTH, Frederick. **Ethnic groups and boundaries The social organization of the difference**. Oslo: Scandinavian University Press, 1969.

cohesión interna y diferenciación frente al exterior. En ese sentido, la cultura se define como algo móvil y en proceso de cambio permanente, de acuerdo a contextos y condiciones específicas. Esta aproximación considera que la realidad es 'construida' por la representación de los actores y esta construcción subjetiva hace ella misma, parte de la realidad que la mirada del observador debe tener en consideración".<sup>30</sup> Siguiendo las ideas de Eriksen,<sup>31</sup> la identidad sólo puede ser comprendida de manera contextualizada, relacional y situacional. Contextual, ya que no es posible concebirla por fuera del juego de intereses en el que se debate el grupo que la agencia. Relacional, en tanto que la referida frontera se traza frente al 'otro'. A su vez, este proceso de construcción identitaria desemboca en una perspectiva 'situacional' en la medida en que el observador debe trascender las representaciones de los actores y buscar el sentido de la acción en las interacciones y situaciones reales en las que se intervienen los actores.

Alfredo Wagner de Almeida<sup>32</sup> afirma que los actuales sujetos de la tradición se constituyen como tal al calor de la lucha inmediata, abandonando, de este modo, cualquier apelo a identidades ancestrales e inmemoriales en territorios consagrados. Con estas teorías que ubican la etnicidad en el terreno de la construcción de una auto-identificación positiva, podríamos pensar que Brasil superó así un cierto colonialismo de las identidades esencializadas y desplazó la autoridad de un saber experto para la vivencia del grupo quilombola, y el conflicto social y territorial que lo define.

La idea esencialista de cultura es apropiada por el campo político, tornándose al mismo tiempo un instrumento de autoafirmación identitaria y un lenguaje jurídico de atribución de derechos. En ese proceso la etnicidad deja de ser comprendida por algunas corrientes de la teoría social como un atributo a priori para convertirse en un artefacto producido en el campo discursivo y social.

En otras palabras, ese tipo de aproximación retira las identidades del campo de la cultura (en cuanto emanación de un modo de ser) y lo proyecta al campo de la política, por eso lo que al sentido común podría aparecer como escandalo moral o

---

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> ERIKSEN, Thomas Hylland. **Ethnicity and nationalism. Anthropological perspectives.** London: Pluto, 1993.

<sup>32</sup> ALMEIDA, Alfredo Wagner. Os quilombos... Op. Cit.

un fraude, la producción social de las identidades para finalidades. No es raro encontrar casos que registran una sobreposición de procesos: comunidades que demandan titulación a partir de la lucha quilombola y paralelamente llevan procesos corrientes de usucapión? o asentamiento a través de la reforma agraria. Estas múltiples tácticas de lucha están ahí para hablarnos de las contradicciones de los procesos de identidades híbridas e interculturales construidas a través de la complementariedad de elementos modernos y tradicionales entre continuidades históricas y rupturas.

Pese a que la identidad del grupo estaría dada por la frontera y no por el contenido, las lógicas identitarias de las comunidades recurren a procesos de objetificación, performatización cultural y 'esencialismo estratégico'. Los casos urbanos donde la territorialidad queda sometida a las lógicas extremadamente fluidas, por ejemplo, apelan a la exteriorización de la diferencia cultural antes que a las inocultables diferencias económicas y sociales. En ocasiones el esencialismo estratégico se torna una forma permanente de identificación, naturalizando y deshistorizando la presencia de afrodescendientes a partir de los diálogos con los modos hegemónicos de producción de la diferencia circunscrita a una "otrerización" minimalista de repertorios culturales.<sup>33</sup>

Paradójicamente, al no haber parámetros más o menos fijos para la demanda de una determinada comunidad quilombola, recurren a la etiqueta quilombola, además de los clásicos casos de disputas por tierras y luchas para el reconocimiento de las posesiones, otras situaciones como *terreiros* de candomblé en riesgo de desalojo, ocupaciones de edificios por parte de organizaciones sin techo como es el caso de Pedra do Sal en la región portuaria de Río de Janeiro<sup>34</sup> y colectivos que demandan espacios culturales y de ocio, como el caso de Camorim en Jacarepaguá también en Río de Janeiro (RODRÍGUEZ 2013), entre tantos otros casos que encuentran eco y sentido de oportunidad en las ambigüedades de la legislación. mediante la aplicación de sus propias reglas y la elaboración de sus interpretaciones, los actores pueden terminar socavando los objetivos de las

---

<sup>33</sup> RODRIGUEZ, Luz Stella. **Lugar, Memorias e Narrativas da Preservação nos Quilombos da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

<sup>34</sup> Idem.

políticas identitarias, dando así, giros imprevisibles.

Contradictoriamente, aunque hubo una apertura para asumir las más variadas formas de pensar la identidad negra en el caso brasileño, la territorialidad negra no escapó de ser abordada en las investigaciones antropológicas a partir de un arsenal de herramientas más conocido y correspondiente al modelo tradicionalmente atribuido a los pueblos indígenas. Así, están apareciendo casos en los que a las referidas comunidades quilombolas les han sido atribuidos cualidades y problemas restringidos hasta hace poco tiempo a las poblaciones aborígenes, tales como la posesión de una cultura de rasgos diacríticos y costumbres fácilmente identificables, el ejercicio de una ocupación colectiva y ancestral de la tierra de extensión continua y sujeta a formas tradicionales de producción, acordes con la naturaleza, asociadas por su vez a la imagen de guardianes de la naturaleza; cuando no les son endilgadas cuestiones relativas a la autonomía política y económica. De este modo, la presión de las causas ambientales y conservacionistas también fueron en Brasil, responsables por la construcción de categorías de lenguaje que dieron visibilidad a las reivindicaciones de la diversidad cultural y étnica y abrieron camino jurídico para su legitimación.

Por otro lado, frente a la aparente apertura que puede interpretarse de las formas como se definen los sujetos de los derechos étnicos en Brasil, el juego de las identidades, despojadas de esencialismos y creadas entre continuidades históricas y rupturas, con una capacidad de permanente transformación e hibridación de elementos culturales y conflictos sociales trae consigo varios interrogantes. El mismo régimen que promueve el derecho a territorios de uso común, también promueve la indistinción entre algo esencialmente relacional, mutable y plástico como las identidades sociales, por una parte y algo que tiende a ser fijo, sustantivo y delimitado por fronteras precisas como la tierra, por otra

Y es justamente frente al acceso a la tierra, objetivo de la política, que tendrían que evaluarse los impactos reales, las cifras mencionadas anteriormente dejan qué pensar. Mientras el universo de dichas comunidades tiende a multiplicarse, los órganos encargados de efectuar la política, acumulan procesos y burocracias entre pocos funcionarios y bastantes incapacidades logísticas, organizativas y financieras, especialmente para lidiar con el tema de las

desapropiaciones.

Es necesario ver con cautela la auto-identificación, alma del Decreto 4887 de 2003, pues esa aparente “amplia” dotación de derechos y territorios, parece que apenas queda enunciada y no logra trascender las esferas locales. Por un lado, frete al aumento de la demanda en un universo donde hipotéticamente “todo cabe”, se detecta una tendencia en la que los propios órganos encargados de orientar los procesos, comenzaron a desestimular informalmente las pretensiones de algunos colectivos, especialmente las de los más débiles en términos organizativos, vulnerando así el principio de la auto-atribución.

Por otro lado, no vemos en la legislación brasileña canales de representación para brindar un respaldo más institucionalizado a las comunidades en las escalas estatales y federales. En Brasil las asociaciones comunitarias no tienen foros regionales, y apenas se reúnen anualmente en un encuentro nacional de carácter informal, el cual no desempeña un rol normativo en las asociaciones o representativo frente al Estado. Mientras tanto en Colombia la Ley 70 de 1993 previó para los Consejos Comunitarios un lugar entre las agencias responsables por la toma de decisiones en cuanto al desarrollo de su región, a través de una Comisión Consultiva de Alto Nivel.

Entre las funciones de la Consultiva figuran: ser instancia de diálogo entre las comunidades negras y el Gobierno Nacional, difundir la información oficial hacia las comunidades negras y servir de interlocutora con los niveles directivos del orden nacional, haciendo seguimiento y evaluación de las normas que desarrollan los derechos de las comunidades que representan; buscar consensos y acuerdos entre las comunidades que representan y ser instancia de consulta previa de medidas legislativas o administrativas del ámbito nacional susceptibles de afectar directamente a las comunidades negras, raizales afrocolombianas o palenqueras.

Para tal fin, las organizaciones de base de las comunidades negras designan los representantes de esas comunidades ante la Comisión Consultiva de Alto Nivel y ante las comisiones consultivas departamentales y regionales por un periodo de tres años. Evidentemente es necesaria una evaluación más apurada sobre el funcionamiento real de la Consultiva, si bien ha cumplido su papel también es un

espacio que no ha estado totalmente ajeno a los tejemanajes de la politiquería tradicional; y aunque su voz no es siempre escuchada es un espacio fundamental para el empoderamiento de las comunidades negras colombianas. De hecho, la cooptación y “normalización” de la que son objeto las organizaciones sociales y comunitarias dentro de los esquemas de desarrollo oficiales, impiden hacer realidad el principio de la “participación local”, pues lo que termina por producirse es una instrumentación selectiva de la “participación” que deja por fuera aquellos rasgos tradicionales de participación comunitaria que nada tienen que ver con los modelos gerenciales de la modernidad de los cuales están impregnados los programas de política social.<sup>35</sup>

Por su parte, el Decreto 4887 de 2003 no apunta de forma directa indicios sobre las formas organizativas que las comunidades quilombolas pueden asumir. De esta forma, las asociaciones de quilombos han sido más orgánicas y dependientes de sus particularidades locales o regionales, y sus capacidades de gestión resultan de las articulaciones que consiguen tejer con ONGs e instituciones de intereses específicos como medio ambiente y desarrollo.

Por su parte, en Colombia el proceso de titulación se basó en la organización de Consejos comunitarios, responsables por todo el trabajo de argumentación sobre la forma y extensión de las áreas reivindicadas, demandadas directamente al INCORA/INCODER, un procedimiento que dispensa de la participación de pericias antropológicas. Además de su participación en el trabajo organizativo y en la demarcación del territorio, los Consejos comunitarios se constituyen en personas jurídicas y deberían ser tomadas por las autoridades municipales y estatales como la máxima autoridad a través de sus representantes legales y una junta directiva elegida por una asamblea comunitaria. Como autoridad les cabría a estos el papel de la administración del territorio y la construcción de un reglamento interno para el uso del territorio, teniendo que velar por el cumplimiento de este.

Sin embargo, ese papel está lejos de poder ser cumplido, pues los Consejos enfrentan entre sus mayores obstáculos la falta de recursos económicos y capacidad técnica para administrar el territorio. Desde el discurso oficial se habla

---

<sup>35</sup> MARTINEZ, Op. Cit.

de los Consejos como el resultado del “reconocimiento” de las estructuras comunitarias preexistentes entre los habitantes de la región, pero realmente ellos son una innovación institucional resultante de la Ley que no tiene antecedentes en la tradición cultural de las comunidades del Pacífico. Como estructura organizativa reciente estos atraviesan procesos de debilidad en su actuación externa y poseen relaciones limitadas con otros sectores sociales y urbanos.

Para Villa,<sup>36</sup> no existe un registro histórico o etnográfico de las formas tradicionales de autoridad en el manejo de los espacios colectivos o en el control social, que potencie estas nuevas formas de gobierno. En consecuencia, el nivel de reconocimiento de los consejos entre las comunidades como figuras de autoridad sobre el territorio es muy bajo o inexistente, el cual redundando a su vez en una débil gobernabilidad de los mismos, encuentra su explicación en el origen del consejos como una invención derivada de la Ley 70, donde el consejo aparece como una proyección del cabildo indígena y el territorio colectivo, como el espejo del resguardo.<sup>37</sup>

Tras 20 años de la Ley 70 y del enorme esfuerzo que ha representado la titulación colectiva, en muchas zonas de la región del Pacífico, se constata una gran paradoja; las comunidades tienen títulos pero han perdido el dominio y el control sobre los territorios. La pauta actual está marcada por la dramática realidad del desplazamiento forzado interno y hechos de violencia donde las comunidades siguen siendo víctimas del confinamiento, aún en zonas urbanas. Los títulos territoriales tampoco sirvieron para disminuir la presión que ejercen proyectos mineros, agroindustriales, urbanísticos, de infraestructura – los cuales continúan siendo realizados sin consulta previa y de la mano de la débil protección por parte del Estado.

## **Conclusión**

Probablemente una de las grandes transformaciones de esos procesos de etnización de los grupos poblacionales negros en ambos países haya sido pasar de una invisibilidad a una alta visibilidad tal vez sin entender muy bien qué agentes

---

<sup>36</sup> VILLA, William. El territorio colectivo... Op. Cit.

<sup>37</sup> Idem.

políticos y quiénes los están poniendo en contacto con agencias e instituciones, ni comprender del todo qué intereses de verdad tienen en su destino. Aunque también ganaron visibilidad los diversos conflictos sociales, agrarios y económicos que enmarcan a esas comunidades, salen a la luz las incapacidades técnicas y políticas de los Estados para lidiar con los problemas que aquejan a esas comunidades y resolver sus principales demandas.

Si bien ha sido el propio auge de las políticas multiculturales y el contenido positivo que se le ha adicionado a la identidad lo que nos permite hablar de esas emergencias étnicas, no puede desestimarse que estas se plantean como un marco de incorporación corporativa al Estado, la cual robustece cierta sensibilidad hacia las diferencias culturales sin actuar de fondo contra las exclusiones y jerarquías sociales, ni las inequidades económicas del conjunto de la sociedad.<sup>38</sup> Es cierto que algunas comunidades conquistaron sus derechos, pero estos nuevos derechos tienden a volverse contra sí mismos, restringiendo la capacidad de un cambio estructural, puesto que están constituidos por criterios condicionados a un cierto tipo de territorialidad e identidad.

Es preciso reconocer que políticas de reconocimiento étnico se han materializado conjuntamente con el agravamiento de las desigualdades sociales, la crisis económica y los conflictos políticos. Si su impacto sobre los colectivos beneficiados es todavía incierto, muy poco se ha dicho sobre aquellas poblaciones que no fueron favorecidas por las políticas multiculturales.<sup>39</sup>

En consecuencia, la capacidad de cambios sociales estructurales de ve restringida, porque en ciertas medidas las políticas terminan por una vía u otra condicionadas por criterios vinculados a un cierto tipo de territorialidad e identidad que trae consigo un universo de interlocutores, mediadores, especialistas y agencias del Estado, donde con frecuencia la pretendida autenticidad se convierte en una forma de medir la legitimidad social de la demanda.

Este hecho resalta las contradicciones emanadas de la promesa de dotación

---

<sup>38</sup> HALE, Charles R. Lutas territoriais, apropriações neoliberais e a paixão pelo possível. Conferencia de Apertura **Seminário Cartografias Sociais e Território na América Latina**, julio 21 a 23, Río de Janeiro UFRJ / IPPUR ETTERN.

<sup>39</sup> Ibidem.



de derechos y territorios como marco en países que se pretende multiculturales en medio de grandes desequilibrios económicos y sociales. Así, mientras no se resuelve de forma concomitante la extensión de políticas de distribución para las mayorías cada vez más pobres, ese pluralismo enfocado para las minorías étnicas se torna un pluralismo restrictivo.

## Referencias

AGUDELO, Carlos Efrén. **Politique et populations noires en Colombie. Enjeux multiculturalisme**. París: L'Harmattan Recherches Amériques Latines, 2004.

\_\_. **Poblaciones negras y política en el Pacífico colombiano: paradojas de una inclusión ambigua** 2002. Tese (Doutorado) - Institut des Hautes études de l'Amérique latine, Université Paris III, Paris, 2002.

ALMARIO, Oscar; CASTILLO, Ricardo. Territorio, poblamiento y sociedades negras en el Pacífico Sur colombiano. *In*: DEL VALLE, Jorge Ignacio. **Renacientes del Guandal, Grupos negros de los ríos Satinga y Sanquianga**. Bogotá: Universidad Nacional Sede Medellín y Proyecto BIOPACÍFICO, 1996.

ALMEIDA, Alfredo Wagner. Os quilombos e as novas etnias. *In*: O'DWYER, CANTARINO Eliane (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 40-80.

\_\_. Nas bordas da política étnica: os quilombos e as políticas sociais. **Territórios Quilombolas. Boletim Informativo do NUER**. Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 15-44, 2005.

ANDREWS, George Reid. **Afro-Latinoamérica, 1800-2000**. Madrid: Iberoamericana - Frankfurt: Vervuert, 2007.

BARTH, Frederick. **Ethnic groups and boundaries The social organization of the difference**. Oslo: Scandinavian University Press, 1969.

ARRUTI, José Maurício A. A emergência dos remanescentes: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 3, n. 2, p. 7-38, out 1997.

\_\_. Por uma história à contraluz: as sombras historiográficas, as paisagens etnográficas e o Mocambo. **Palmares em Revista**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 71-96, 1997.

DORIA, Siglia Zambrotti. **Confrontos discursivos sobre território no Brasil. O caso das terras remanescentes de quilombos**. Brasília, 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **Ethnicity and nationalism. Anthropological perspectives.** London: Pluto, 1993.

GROS, Christian. Derechos indígenas y nueva Constitución en Colombia. **Análisis Político**, Bogotá, n. 19, p. 8-24, 1993.

GROS, Christian. **Pour une sociologie des populations indiennes et paysannes de l'Amérique latine** Paris: L'Harmattan, 1997.

HALE, Charles R. Cultural Politics of Identity in Latin America. **Annual Review of Anthropology**, n. 26, p. 567-590, 1997.

\_\_. Lutas territoriais, apropriações neoliberais e a paixão pelo possível. Conferencia de Apertura **Seminário Cartografias Sociais e Território na América Latina**, julio 21 a 23, Río de Janeiro UFRJ / IPPUR ETTERN.

HOFFMANN, Odile. Conflictos territoriales y territorialidad negra, el caso de las comunidades afrocolombianas *In*: MOSQUERA, Claudia; PARDO, Mauricio (Eds.). **Afrodescendientes en las Américas. Trayectorias Sociales e Identitarias. 150 años de la abolición de la esclavitud en Colombia.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, ICANH, IRD ILSA, 2001.

\_\_. **Comunidades negras en el Pacífico colombiano. Innovaciones y dinámicas étnicas.** Quito: Abya Yala, IFEA, IRD, CEMCA, CIESAS, 2007.

GOMES, Flávio. **Palmares Escravidão e Liberdade no Atlântico Sul.** São Paulo: Contexto, 2005.

KIMLICKA, Will. **Ciudadanía multicultural.** Barcelona: Paidós, 1996.

MARTINEZ, Sandra Patricia. La política de titulación colectiva a las comunidades negras del Pacífico colombiano: una mirada desde los actores locales. **Boletín de Antropología Universidad de Antioquia**, Medellín, v. 24, n. 41, p. 13-43, 2010.

MOORE, Robin. **Música y mestizaje. Revolución artística y cambio social en La Habana, 1920-1940** Madrid: Colibrí, 2002.

RODRIGUEZ, Luz Stella. **Lugar, Memorias e Narrativas da Preservação nos Quilombos da Cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2012. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VILLA, William. Movimiento social de comunidades negras en el Pacífico colombiano. La construcción de una noción de territorio y región. *In*: INSTITUTO COLOMBIANO DE CULTURA HISPÁNICA. **Geografía humana de Colombia. Tomo IV. Los afrocolombianos.** Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1998.

\_\_. El territorio colectivo de comunidades negras: más allá de la titulación *In*: \_\_.; CADAVID, Marlyn Rosa Rivera. **Una aproximación al estado de la titulación**

**colectiva.** Quibdó: Instituto de Investigaciones Ambientales del Pacífico, 1999.

—. El Estado Multicultural y el Nuevo Modelo de Subordinación *In*: MONCAYO et al. **Debate a la Constitución.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia , ILSA, 2000. p.89-101.

WADE, Peter. Identités noires, identités indiennes en Colombia. **Cahiers des Ameriques Latines**, Paris, n. 17, p. 125-140, 1994.

—. **Race and ethnicity in Latin America.** London: Pluto, 1997.

## BRASIL E COLÔMBIA: DINÂMICAS ETNICORRACIAIS E TERRITORIAIS.

Vera Rodrigues<sup>1</sup>

Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira

Recebido 15/10/2013  
Aprovado 15/03/2014

**Resumo:** O contexto sociopolítico latino-americano, a partir dos anos oitenta do século XX, tem sido palco de novas reconfigurações nas relações entre Estado e sociedade. Isso está exemplificado, nos casos brasileiro e colombiano, a partir dos pleitos políticos das comunidades negras locais – quilombos e palenques, respectivamente – pelo reconhecimento de direitos etnicorraciais e territoriais. Essa dinâmica, associada ao cenário internacional favorável aos direitos humanos, multiculturalismos e cidadania, favoreceu a adoção de políticas públicas direcionadas a esses grupos sociais. Partindo desse cenário, o presente artigo analisa como tem transcorrido, em ambos os países, o tema das comunidades negras, as políticas a elas direcionadas, suas contradições e desafios.

**Palavras-chaves:** Comunidades Negras – Brasil – Colômbia.

### BRAZIL AND COLOMBIA: ETHNORACIAL AND TERRITORIAL DYNAMICS

**Resumen:** El contexto socio-político de América Latina, desde los años ochenta del siglo XX ha sido testigo de nuevas reconfiguraciones de las relaciones entre Estado y sociedad. Esto se ejemplifica en los casos de Brasil y Colombia, a partir de las reivindicaciones políticas de las comunidades negras - quilombos y palenques, respectivamente - el reconocimiento de los derechos territoriales y etnicorraciales. Esa dinámica, junto con el escenario internacional favorable a los derechos humanos, el multiculturalismo y la ciudadanía, a favor de la adopción de políticas públicas dirigidas a estos grupos sociales. A partir de esta situación, el presente artículo se analiza cómo ha transcurrido, en ambos países, el tema de las comunidades negras, las políticas dirigidas a ellos, sus contradicciones y desafíos.

**Palabras clave:** Comunidades Negras – Brasil – Colombia.

A importância de dialogar sobre a construção de políticas públicas para populações negras tornaram-se pauta de discussão com a realização da Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, ocorrida em Durban (África do Sul/2001). A partir desse momento desenharam-se planos, políticas, programas e metas regionais que envolveram essas populações, governos, agências multilaterais e movimentos sociais numa ciranda constante de demandas, práticas institucionais e mobilização social.

O ano de 2011 ofereceu um bom momento para uma análise do estado da arte dessas políticas no contexto latino-americano, tendo como ponto de partida as

---

<sup>1</sup> E-mail: vera.rodrigues@unilab.edu.br

avaliações de agentes do Estado e da sociedade civil sobre os dez anos do DDPA – Declaração e Plano de Ação de Durban em que delimita um conjunto de diretrizes a serem cumpridos pelos países no combate ao racismo e desigualdades decorrentes dentre as quais a garantia de direitos territoriais como expressa essa alínea:

Insta os Estados, de acordo com a normativa internacional dos direitos humanos e seus respectivos ordenamentos jurídicos, a solucionarem os problemas de propriedade de terras ancestrais habitadas por gerações de afrodescendentes e a promoverem a utilização produtiva da terra e o desenvolvimento abrangente destas comunidades, respeitando sua cultura e suas formas específicas de tomada de decisão.<sup>2</sup>

Os direitos territoriais contemplados sob a ótica dos Direitos Econômicos Sociais e Culturais (DESC) compõem a plataforma básica de reivindicações das comunidades negras. Retomando o estado da arte das políticas, cabe atentar para as iniciativas de cooperação internacional entre países latino-americanos e caribenhos no que tange à construção das políticas e aos debates sobre as categorias identitárias que permeiam esses processos. Essas iniciativas tiveram lugar nas conferências preparatórias para a revisão do DDPA: Conferência Regional das Américas sobre Avanços e Desafios no Plano de Ação da Conferência contra o Racismo (Santiago +5); Conferência Regional Preparatória da América Latina e Caribe para a Conferência de Revisão de Durban.

Em 2006, o Brasil sediou a Conferência Regional das Américas, visto como um espaço de avaliação das propostas apresentadas em Durban e de articulação das metas regionais para as políticas de igualdade racial entre os 35 países latinos e caribenhos participantes. O Brasil apresentou como avanços internos a criação da SEPPIR; as ações afirmativas no ensino superior; a aprovação da Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial e o Programa Brasil Quilombola. Se avanços existiram, não foram sem entraves. È o que ficou evidente quando a SEPPIR, à época coordenada por Edson Santos, ressaltou as dificuldades impostas pelas ações judiciais contra as ações afirmativas – notadamente as reservas de cotas raciais nas universidades – e as titulações dos territórios quilombolas. Nesse contexto, foram mantidas e reforçadas no documento oficial da conferência, as recomendações e reconhecimentos do DDPA quanto aos territórios tradicionais:

---

<sup>2</sup>Para acesso ao documento completo ver: [http://afrolatinos.palmares.gov.br/\\_temp/sites/000/6/pdf/Declaracao\\_Durban.pdf](http://afrolatinos.palmares.gov.br/_temp/sites/000/6/pdf/Declaracao_Durban.pdf)

*Reconhecemos* o direito à terra, territórios e recursos que nossas comunidades e povos possuam em razão de sua propriedade tradicional ou de outra forma tradicional de ocupação ou utilização, bem como direitos adquiridos sobre eles de outra maneira. Reconhecemos, também, o direito das nossas comunidades e povos à conservação e proteção do meio ambiente e da capacidade de produção de suas terras, bem como a importância da integridade dos territórios; *Recomendamos* aos Estados que implementem políticas e ações específicas para garantir uma participação política ativa dos povos afrodescendentes e indígenas e de seus representantes nos diferentes âmbitos decisórios de suas respectivas sociedades nacionais [...].<sup>3</sup>

Naquela ocasião, também foi evidenciado algo que continua a ser uma fragilidade no processo de implantação das políticas públicas: a inexistência de indicadores que possibilitem monitorar o andamento das políticas e aferir o impacto no público alvo. Essa questão pode estar na raiz da recomendação constante no relatório da conferência para que “os governos da região construam programas de ação para o fortalecimento das instituições governamentais que permitam a efetiva e contínua promoção da igualdade racial e o intercâmbio com a sociedade civil”, ainda que haja o reconhecimento positivo da criação de instâncias governamentais de combate ao racismo, de promoção da igualdade racial e dos direitos humanos nas estruturas de governo dos países da região.

Possivelmente essa recomendação direcionou como objetivo a ser atingido a questão de ampliação regional da cooperação e do intercâmbio de experiências na gestão das políticas públicas. Naquele momento Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Guatemala, Honduras, México, Panamá, Peru, Uruguai e Venezuela já tinham estabelecido algum canal de viabilização dessas políticas. Esse objetivo direcionou a “Conferência Regional Preparatória da América Latina e Caribe para a Conferência de Revisão de Durban” realizada em 2008.

Através da análise dos documentos gerados nesta conferência, é presumível a percepção sobre os pontos de tensão entre Estado e sociedade para a consecução do DDPa a começar pela sociedade civil na qual aparece uma questão, além daquelas de ordem geral, ligada diretamente aos territórios das comunidades negras no Brasil

---

<sup>3</sup> As recomendações constantes do DDPa – Declaração e Plano de Ação de Durban estão disponíveis em: [http://afrolatinos.palmares.gov.br/\\_temp/sites/000/6/pdf/Declaracao\\_Durban.pdf](http://afrolatinos.palmares.gov.br/_temp/sites/000/6/pdf/Declaracao_Durban.pdf)

e Colômbia. A consulta prévia deriva da ratificação por países como Brasil e Colômbia, da Convenção 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais que vigora desde 1991 e estabelecendo o direito dos povos à autodeterminação. Por esse direito, os povos devem ser consultados pelo Estado sempre que houver decisões a serem tomadas que afetem suas vidas e territórios, como nos casos de processos de licenciamento ambiental e grandes empreendimentos, tais como a construção ou ampliação de hidrelétricas e ferrovias.

Também é possível que a consulta prévia abranja a definição de políticas públicas para os povos em foco. No entanto, essa e outras medidas administrativas e judiciais não foram regulamentadas no Brasil. O que vem ocorrendo são pareceres antecipados oriundos das normas operacionais do Banco Mundial em casos de empreendimentos financiados por essa instituição e que afetam diretamente populações quilombolas e indígenas. O que se tem de mais próximo de uma regulamentação é a recente portaria interministerial nº 35 de janeiro de 2012 que institui um grupo de trabalho constituído por representantes ministeriais, INCRA e Fundação Palmares para que num prazo de cento e oitenta dias, estude, avalie e apresente uma proposta de regulamentação.

Na Colômbia, a consulta prévia também é um direito a ser concretizado; todavia há um diferencial em relação ao Brasil. Desde a revisão constitucional e ratificação da Convenção 169 da OIT, os povos indígenas e afrocolombianos vem recorrendo à justiça para demandar a aplicação desse mecanismo legal. O meio utilizado por eles tem sido a ADIN – Ação Direta de Inconstitucionalidade – que no Brasil também tem sido utilizada, porém por aqueles que se opõem à regularização territorial quilombola, como é o caso do partido Democrata, o qual através da ADIN 3239 busca invalidar o decreto 4887/2003 que trata da regularização territorial quilombola.

Cabe dizer que por medidas legislativas, situam-se aquelas protagonizadas pelo próprio Estado, ou seja, existe um embate dentro do próprio Estado que é ao mesmo tempo o violador e o garantidor de direitos. Até o momento, doze sentenças foram proferidas, a maior parte favorável aos povos, porém isso implica pensar que, apesar dessas sentenças, as violações ao direito da consulta prévia são

uma constante. Essa problemática, assim como as ausências de indicadores da política pública foram destacadas no pós-Durban no âmbito das conferências regionais latino-americanas de 2006 e 2008, porém não se esgotou nesse período. Nos anos seguintes, ocorreram os Encontros Ibero-americanos de Cultura, aos quais se tecem comentários logo a seguir a fim de desvelar parte de um cenário de construção de políticas públicas e das relações entre Brasil e Colômbia.

## 2008

A parceria Brasil-Colômbia teve início no I Encontro Ibero-Americano – nomeado como “I Encontro Afro-Latino e Caribenho” – organizado pelo Ministério da Cultura da Colômbia. O evento ocorreu na cidade de Cartagena das Índias, mais precisamente no palenque de *San Basilio*, reunindo ministros de cultura e representantes de organismos internacionais sob a chancela da SEGIB - Secretaria Geral Ibero-Americana, órgão oficial da Cúpula Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo. O objetivo era fomentar o intercâmbio de experiências sobre políticas públicas e ações específicas de valorização da cultura negra para a implantação da chamada “Agenda Afrodescendente nas Américas”.

Essa agenda funcionou como marco da cooperação multilateral e da configuração multicultural dos países ibero-americanos ao tomar a diversidade cultural como eixo comum de integração. Seguindo essa tendência, já no primeiro dia do evento, Zulu Araújo, na época presidente da Fundação Cultural Palmares, apresentou a proposta do “Observatório de Intercâmbios Afro-Latinos” como uma ferramenta virtual de partilha de dados oriundos de diferentes áreas do conhecimento, especialmente cultural e estatístico, bem como discutiu sobre a realidade social dos afro-latinos – termo adotado para designar a afrodescendência no contexto latino-americano em cada país.

A Fundação Cultural Palmares desde 2007 vinha desenvolvendo um eixo de trabalho voltado para a América Latina, o que culminou na participação da Fundação nesse I Encontro Ibero-americano. Essa foi a primeira reunião regional realizada por governos da América Latina e Caribe para se pensar políticas públicas de valorização da cultura negra. Por essa via, o Brasil apresentou avanços



na questão, conforme nos indica Santos:<sup>4</sup> “a adoção do sistema de cotas raciais nas universidades públicas; os Pontos de Cultura implantados em comunidades de periferia; o reconhecimento de territórios quilombolas e o combate à intolerância religiosa”.

Esse direcionamento para a política cultural gerou a “Carta de Cartagena”, um documento conjunto contendo considerações, compromissos e recomendações para os governos dos países da região. O modelo em que escrito o documento é uma aposta na política cultural como catalisadora de planos nacionais de desenvolvimento que atinjam as populações *afro-latinas*. Isso transparece nas considerações de que as políticas culturais devem contribuir para planos de desenvolvimento nacionais, bem como ao cumprimento das políticas públicas do projeto “Desenvolvimento do Milênio”, um plano global de combate à pobreza aprovado pela ONU em 2002.

Assim, desenvolvimento e combate à pobreza formaram um tripé juntamente com a cultura, tanto que a recomendação de campanhas de sensibilização com vistas ao auto-reconhecimento e valorização identitária passava pela inclusão da variável de pertencimento étnico nos censos e outras coletas de dado sobre moradia e qualidade de vida. Essa inclusão visava a produção de diagnósticos sociais que embasassem políticas públicas focadas nesses temas.

## 2010

Em 2010 foi a vez de o Brasil sediar o II Encontro em outra cidade símbolo: Salvador, agora a capital afrodescendente ibero-americana em função de ser considerada a cidade brasileira com a maior contingente de população negra fora do continente africano. Esse II encontro – fruto do compromisso assumido em 2008 na Colômbia – teve como tema “A Força da Diáspora Africana” e delineou a necessidade de avançar na elaboração da Agenda Afrodescendente nas Américas.

Esse avanço teve a marca da reflexão das políticas públicas de ações afirmativas para além da diversidade cultural como canal de intervenção ao se

---

<sup>4</sup> SANTOS, Sales Augusto dos. (Org.). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2005.

aproximar da ideia de “igualdade racial” nos termos já colocados no cenário brasileiro, mas não na Colômbia. Na fala da ministra da cultura colombiana, Paula Zapata, havia a necessidade do reconhecimento integral e não apenas lúdico. Como visto na primeira unidade desta tese, essa interpretação parte dos princípios traçados ainda por Fraser<sup>5</sup> quando aponta para a alteração no status social dos sujeitos como parte de uma política de reconhecimento inserida em um conceito amplo de justiça, o qual engloba tanto o reconhecimento quanto a distribuição de recursos e direitos.

Embora possa ser reconhecida como uma discussão embrionária, não gerou no documento oficial do evento – “Declaração de Salvador”,<sup>6</sup> uma postura diferenciada ou mais avançada do que foi a “Carta de Cartagena”.<sup>7</sup> O avanço ficou por conta da ênfase na cooperação internacional como instrumento de consolidação de diretrizes comuns nas políticas públicas, como demonstram os itens abaixo referentes às metas e objetivos a serem cumpridos pelos países signatários.

1. Envidar esforços para a criação de mecanismos institucionais e instrumentos de cooperação que reforcem a solidariedade entre América Latina, Caribe e África, no âmbito governamental e da sociedade civil;
2. Criar a Secretaria Pro Tempore da Agenda Afrodescendente nas Américas, designando a Fundação Cultural Palmares, do Brasil, para exercer esta função até o terceiro encontro;
3. Fortalecer o Observatório Afro-Latino e do Caribe com esquemas de cooperação nacional que permitam a circulação de conteúdos, com uma plataforma interativa que maximize a difusão e o acesso à informação, bem como o seu uso para a elaboração e execução de políticas públicas;

Dentro desses itens de cooperação, Brasil e Colômbia estreitaram laços através do acordo de Cooperação Cultural entre a Fundação Cultural Palmares e Fundação ACUA, instituição vinculada ao sistema ONU (Fundo Interamericano de

---

<sup>5</sup> FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452007000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 June 2011.

<sup>6</sup>Documento completo disponível em: [http://afro-latinos.palmares.gov.br/\\_temp/sites/000/6/pdf/DECLARACAO\\_Salvador\\_PT.pdf](http://afro-latinos.palmares.gov.br/_temp/sites/000/6/pdf/DECLARACAO_Salvador_PT.pdf)

<sup>7</sup>Para maiores informações ver: [http://afro-latinos.palmares.gov.br/\\_temp/sites/000/6/pdf/cartagena%5B1%5D.pdf](http://afro-latinos.palmares.gov.br/_temp/sites/000/6/pdf/cartagena%5B1%5D.pdf)

Desenvolvimento Agrícola – FIDA) e que realiza ações de apoio à instituições afro-colombianas, em especial àquelas vinculadas às comunidades negras regionais.

## 2011

O acúmulo resultante dos encontros anteriores transpareceu em 2011 durante o AFRO XXI - Encontro Ibero-americano do Ano Internacional dos Afrodescendentes realizado no mês de novembro em Salvador. Novamente reunidos, chefes de Estado e representantes de organizações negras afunilaram um pouco mais as discussões no sentido de propostas concretas direcionadas às políticas públicas. Observa-se nas citações retiradas das “Cartas” qual o papel do governo e da sociedade civil:

### CARTA DE SALVADOR (GOVERNOS)

Estabelecer o "Observatório de Dados Estatísticos sobre os Afrodescendentes na América Latina e no Caribe". O objetivo do Observatório será obter, a partir das informações dadas por instituições nacionais encarregadas de dados estatísticos, compilar e disseminar dados e estatísticas sobre a situação dos afrodescendentes nos níveis regional, nacional e local nas diferentes esferas da vida social incluindo, dentre outras coisas, educação, emprego, saúde, justiça, política, cultura, esportes e lazer, como apropriado, visando auxiliar os Governos, com base em suas funções e prioridades específicas, a formularem e implantarem políticas públicas para promover os direitos dos afrodescendentes. O local da sede e as disposições de custeio do Observatório serão determinados por acordo mútuo dos países participantes e da Secretaria Geral Iberoamericana; Estabelecer o "Fundo Iberoamericano em Benefício dos Afrodescendentes", baseado em contribuições voluntárias. Seu objetivo será financiar projetos e programas dedicados à preservação da cultura, memória e tradições africanas.<sup>8</sup>

As diretrizes acima sugerem que o diagnóstico social e o financiamento, enquanto fatores de direcionamento e sustentação das políticas públicas, ainda são insuficientes frente aos objetivos propostos. No primeiro ponto, ainda que possa parecer razoável a produção de pesquisas quantitativas e qualitativas sobre populações negras nas últimas décadas, essa ainda pode ser considerada recente e, portanto, insatisfatória na produção de dados que orientem o planejamento. Um exemplo disso é a não inclusão das categorias raça/cor e/ou grupo étnico nos

---

<sup>8</sup> A referida Carta de Salvador encontra-se disponível em: [http://afro-  
latinos.palmares.gov.br/\\_temp/sites/000/6/pdf/DECLARACAO\\_Salvador\\_PT.pdf](http://afro-latinos.palmares.gov.br/_temp/sites/000/6/pdf/DECLARACAO_Salvador_PT.pdf)

censos de alguns países latinos; sendo que essa é uma persistente demanda de organizações negras que vêem nesse ponto a real possibilidade de saírem de uma invisibilidade social e/ou de uma sub-representação numérica.

Já a criação de um fundo, o que pode ser pensado em termos de financiamento para projetos e programas, esbarra na resistência política que essa proposição sempre acarretou. Ainda, na conferência de Durban, a ideia de reparação financeira foi ponto de discordância entre os governos e por ocasião da aprovação do Estatuto da Igualdade Racial no Brasil, o mesmo ocorreu com o artigo 56 que trata do financiamento, o qual é alvo de críticas por ainda não ter saído do papel.

Voltando à Carta de Salvador, parece ainda mais remota a criação de um fundo com doações voluntárias. Nesse caso, caberia perguntar quem seriam os voluntários? E em sendo o Estado não deveria perder o caráter de espontaneidade para adquirir o de obrigação institucional?

CARTA DE SALVADOR POR LA DIGNIDAD, LOS DERECHOS Y EL DESARROLLO DE LAS PERSONAS, PUEBLOS Y COMUNIDADES AFRODESCENDIENTES.

Es urgente en especial lograr una atención inmediata a la afectación de las/os afrodescendientes por catástrofes medio ambientales asociadas al cambio climático. Así como enfrentar los nuevos peligros ante la propiedad de tierras y territorios ancestrales, manejo de recursos naturales, exclusión en la participación en las decisiones, y exclusión a las mayorías poblacionales de los beneficios económicos de estos sectores estratégicos en el modelo de desarrollo hegemónico y excluyente que genera desigualdades socioraciales inaceptables reconocida por los mismos Estados de la Región en la Conferencia de la CEPAL de 2010.

§ Exigimos la urgente adopción de estrategias de Desarrollo Humano sustentable hacia las comunidades y pueblos tradicionales valorizando y respetando las identidades culturales, saberes costumbres y valores. Que se cree un Fondo de Desarrollo para implementar intervenciones transformadoras de índole territorial, en zonas económicas especiales en amplias regiones de mayorías negras de los Estados iberoamericanos y caribeños y que se realicen reparaciones simbólicas a las memorias afrodescendientes y afrodiáspóricas [...]El Fondo de Desarrollo debe de seguir el modelo de experiencias que ya han dado resultados a nivel global y no sustituye la responsabilidad de los Estados, sino más bien multiplica los esfuerzos de los países desde una perspectiva regional.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup>Para acessar o documento completo ver: [http://www.movimientos.org/es/show\\_text.php3%3Fkey%3D20029](http://www.movimientos.org/es/show_text.php3%3Fkey%3D20029)

O documento divulgado originalmente em espanhol remete ao tom de denúncia característico da sociedade civil, mas sem deixar de ser propositivo e tocar em pontos fundamentais e amplos: o manejo dos recursos naturais e o modelo de desenvolvimento que se projeta sobre os territórios das comunidades negras. Ora, se às comunidades cabem o papel de “cuidadores” do meio ambiente numa extensão de preservação ambiental, por outro lado os direitos sobre os recursos minerais existentes em seus territórios não são respeitados na mesma proporção. Em países como Brasil e Colômbia estabelecem-se uma lógica cada vez mais contraditória nesse ponto, pois ocorre desde o conflito de interesses em áreas de preservação ambiental ou unidades de conservação por sobreposição às terras quilombolas, até a crescente pressão pelo monocultivo na lógica do agronegócio.

Assim, a questão ambiental insere-se na lógica do modelo de desenvolvimento vigente, o qual é questionado em sua essência por gerar desigualdades sociorraciais. No caso colombiano, tem-se os planos regionais de desenvolvimento que afetam diretamente às comunidades negras por possuírem lógicas de ação que não garantem as condições de reprodução física e socioeconômica. Isso ocorre, por exemplo, no âmbito dos conflitos gerados nos processos de implantação de obras como ferrovias, hidrelétricas, *carreteras (rodovias)* em que tais empreendimentos pautados na lógica desenvolvimentista causam danos e prejuízos. As tentativas de “freio” a isso são os acordos por ações mitigadoras de impacto junto às comunidades, porém essas ou não são cumpridas ou não vem a contento da necessidade e expectativa geradas.

No título da “Carta de Salvador” as palavras *dignidade, direitos e desenvolvimento* expressam no plano teórico, a incorporação das ideias de reconhecimento e distribuição em um conceito amplo de justiça à la Fraser.<sup>10</sup> Isso transparece na consideração de que é

“[...] inaceptable la escasa o nula representación política de las y los afrodescendientes en todas las estructuras de poder del Estado. Nos preocupa la nula participación técnica y directiva de afrodescendientes

---

<sup>10</sup> FRASER, Op. Cit.

en las Instituciones Internacionales como la ONU, OEA y la misma SEGIB”.<sup>11</sup>

Para melhor dimensionar essas avaliações apresenta-se a seguir um quadro ilustrativo do cenário latino-americano referente à legislação e às políticas direcionadas às populações negras em quinze países mapeados em bancos de dados de organizações governamentais e não governamentais:

**Quadro 1: Políticas Multiculturais na América Latina**

País	Reforma Constitucional	Legislação Específica	Ratificação Convenção 169 OIT	Implantação de Políticas Públicas		Observações
				Direitos Culturais	Direitos Territoriais	
<i>Argentina</i>	1996: Artigos 14 e 32 da Constituição da Cidade Autônoma de Buenos Aires.	<i>Não</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	Entre os dias 27 e 29 de junho de 2011, aconteceu a 1ª Plenária Nacional da Associação Civil África e sua Diáspora, em Buenos Aires. O encontro foi organizado no contexto das celebrações do Ano Internacional das e dos Afrodescendentes e deve gerar um documento para a

<sup>11</sup> A Carta de Salvador encontra-se disponível em: [http://afro-latinos.palmares.gov.br/\\_temp/sites/000/6/pdf/DECLARACAO\\_Salvador\\_PT.pdf](http://afro-latinos.palmares.gov.br/_temp/sites/000/6/pdf/DECLARACAO_Salvador_PT.pdf)

						construção de políticas públicas e de ações afirmativas para homens e mulheres negras na Argentina.
Bolívia	1981: Artigos 3, 4, 32, 102 e 395	Lei 234/2008 "Reconhecimento do Povo Afrodescendente da Bolívia: prevê igualdade jurídica, reconhecimento de instituições próprias, autoridades naturais e preservação cultural.	Sim	Sim. Reconhecimento da Saya (manifestação cultural composta por música e dança) como patrimônio cultural.	Não	Atualmente organizações afrobolivianas como o CADIC-Centro Afrobolíviano para o Desenvolvimento Integral e Comunitário lutam pela inclusão da população afrobolíviana no censo de 2012, já que no último censo (2001) foi ignorada. Ainda assim, estima-se em 35.000 o número de afrobolívianos.
Brasil	1988 : Artigos 68, 215 e 216.	Decreto 4.228, de 13 de maio de 2002. Instituiu o Programa	Sim	<b>Artigos constitucionais 215 e 216</b> que tratam dos direitos culturais e valorização	<b>Artigo 68:</b> reconhecimento de direitos territoriais às comunidades	Em 1989, a Lei 7.716 definiu os crimes resultantes de preconceito de raça ou

		Nacional de Ações Afirmativas; Decreto 4.886, de 20 de novembro de 2003. Institui a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial - PNPIR.		do patrimônio cultural. <b>Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003.</b> Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.	quilombolas. <b>Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003.</b> Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.	de cor;
Chile	Não	Tramita desde 2009, na Câmara Federal o PL 6655-17 que busca o reconhecimento da etnia "Afrodescendente" na nação chilena.	Sim	Não	Não	Na atualidade, a organização Alianza Afrochilena, entidade que reúne organizações afrochilenas busca inserir a variável



						“afrodescendente” no censo de 2012.
Colômbia	<b>1993:</b> Lei nº 70, de 27 de agosto	Lei nº 397, de 7 de agosto de 1997; Lei nº 725, de 2001 Decreto nº 4181, de 2007; Lei nº 1381, de 25 de janeiro de 2010.	Sim	Decreto 1122 de 1998: Cátedra de Estudos Afrocolombianos: projeto de educação nacional baseado na interculturalidade e valorização do patrimônio cultural, afrocolombiano.	Reconhecimento das comunidades negras que ocupam terras em zonas específicas, através de mecanismos de proteção da identidade cultural como grupo étnico, e o fomento de seu desenvolvimento econômico e social.	A exemplo da SEPPIR foi criada a Dirección de Comunidades Negras, Afrocolombianas, Raizales y Palenqueras, a qual é ligada ao Ministério do Interior e Justiça. Tem como objetivo a implementação de políticas públicas.
Costa Rica	<b>O artigo 33 da Constituição estabelece</b>	Não	Sim	Não	Não	Em 2005 o governo costarriquenho criou a

	<i>de forma genérica que “todo pessoa é igual perante a lei e não poderá fazer-se discriminação alguma contrária à dignidade humana”</i>					<i>Comissão de Educação e Inclusão de Estudos Afro-Costa-Riquenhos. No entanto, não foram elaboradas políticas públicas. Em 2001 Brasil e Costa Rica, iniciaram tratativas, através da SEPPIR e MRE, para um acordo bilateral centrado com foco em ações culturais.</i>
<i>Equador</i>	<i>A Constituição de 1998 reconhece aos afro-equatorianos os direitos coletivos às terras ancestrais. A nova constituição aprovada em 2008, reconhece o Equador como uma nação pluriétnica e multicultural e reafirma os direitos coletivos das</i>	<i>Lei dos Direitos Coletivos dos Povos Negros ou Afro-equatorianos, de 22 de maio de 2006.</i>	<i>Sim</i>	<i>Proteção à identidade cultural, com desenvolvimento econômico, social, cultural e político, além de incorporar seus representantes nos organismos e instituições do Estado.</i>	<i>Direitos coletivos dos povos negros ou afro-equatorianos, incluindo os direitos sobre suas terras ancestrais.</i>	<i>Em 2004 foi instaurado o SISPAE – Sistema de Indicadores Sociais do Povo Afro-equatoriano, único nesses moldes na América Latina. Além disso, em 2005 foi criado o CODAE-Corporación para El Desarrollo Afroecuadoriano, órgão estatal encarregado das políticas públicas e que deverá integrar o</i>

	comunidades afro-equatorianas às suas terras.					<i>Conselho da Igualdade.</i>
<i>Guatemala</i>	<i>Artigo 66:</i>	Não	<i>Sim</i>	reconocimiento limitado de las formas de vida, culturas y tierras de las "comunidades" o "grupos indígenas" o "étnicos"	Os garífunas (população afrodescendente da costa guatemalteca) possuem direitos coletivos equiparados aos povos indígenas.	<i>Apesar da criação de uma Comissão Presidencial contra a Discriminação e o Racismo (CODISRA no governo, não foram criadas políticas públicas. Também não há regulamentação da consulta prévia.</i>
<i>Honduras</i>	<i>Não</i>	Em 1994 Acuerdo Presidencial Nº 0719 - EP en que estableció las políticas de "Educación Bilingüe Intercultural" (EBI) para las etnias del país, pero además, por vez primera, el Estado reconoció el "carácter pluricultural y plurilingüístico de la sociedad_	<i>Sim</i>	Sim, educação pluricultural.	Sim, através de uma legislação variada, entre elas a Lei da Reforma Agrária, os garífunas (população afrodescendente da costa hondurenha) possuem direitos territoriais.	creación de la Comisión Nacional Contra el Racismo en Honduras, por medio del Decreto Ejecutivo PCM 002-2004, así como la creación y funcionamiento de la Secretaría de Estado (Ministerio) de los Pueblos Indígenas y Afrohondureños. <i>Em 2001 ocorreu no</i>

						<i>país o Congresso Mundial dos Afrodescendentes, promovido pela ONU, em que as ações afirmativas brasileiras foram destaque.</i>
<i>México</i>	Artigo 2 constitucional de reconhecimento como Estado multiétnico e pluricultural.	Não	<i>Sim</i>	Não	Não	<i>Em 2007 ocorreu o "Foro Afromexicano" reunindo entidades afromexicanas reivindicando um marco jurídico para reconhecimento de direitos e implementação de políticas públicas.</i>
<i>Nicaragua</i>	A <u>Constituição de 1987</u> reconhece as "comunidades da costa atlântica", seu direito à propriedade de suas terras comunais e à manutenção de suas identidades culturais.	Não	<i>Não</i>	Não	Em janeiro de 2003, foi aprovada a <u>Lei 445 de 2002</u> , que estabelece o procedimento para a titulação das terras comunais.	

<i>Panamá</i>	<i>Não</i>	Em 2005 o Decreto Ejecutivo 124 cria a <i>Comisión Especial para la elaboración de un plan de acción que garantice la inclusión plena de la etnia negra en la sociedad panameña. Em 2007 é criado o Consejo Nacional de la Etnia Negra, através do decreto nº 116.</i>	<i>Não</i>	Lei nº 9, de 2000. Declara o Dia 30 de maio de cada ano como sendo dia cívico e de comemoração da etnia negra em todo o território da República Panamenha .	<i>Não</i>	<i>Em 2010, depois de 60 anos do último censo em que a população afropanameña foi mensurada, o Panamá incluiu os quesitos “negro” e “afrodescendente” no censo nacional. A última vez que houve avalia em censo incluindo os afropanham . Além disso, houve um Foro para Construção de Políticas de inclusão social.</i>
<i>Peru</i>	<i>1993</i>	<b>Lei nº 28.761, de 2006.</b> Declara o dia 4 de junho de cada ano como o Dia da Cultura Afro-peruana.	<i>Sim</i>	Lei nº 28.761, de 2006. Declara o dia 4 de junho de cada ano como o Dia da Cultura Afro-peruana.	<i>Não</i>	Em 2005 foi criado o INDEPA - Instituto Nacional de Desenvolvimento dos Povos Andinos, Amazónicos e Afro-Peruano como organismo público descentralizado encarregado das políticas públicas. No entanto, o

						país não implementou políticas de ações afirmativas para a população afroperuana .
<i>Uruguai</i>	<i>Não</i>	<i>Em dezembro de 2006 foi aprovada a Lei 18.059 que institui o "Dia Nacional do candombe, a cultura Afro Uruguiaia e Equidade Racial.</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	Em 2004 foi criada Comissão honorária contra o racismo, a xenofobia e toda outra forma de discriminação, tendo como objetivo a formulação de políticas públicas . A mesma é integrada por representantes de ministérios, a ANEP (Administração Nacional de Educação Pública) e representantes de organizações da sociedade civil

Venezuela	Não	Não	Sim	Não	Não	O país possui o Escritório de “enlace” com as comunidades afro-descendentes, órgão ligado ao Ministério do Poder Popular para a Cultura. Tem como missão institucional propor políticas culturais e combate à discriminação, não evidenciando a formulação de políticas públicas específicas..
-----------	-----	-----	-----	-----	-----	--

Fonte; Quadro elaborado pela autora com base em dados do Observatório Afro-Latino e Caribenho; Comissão Pró-Índio de São Paulo; Cadernos Segib - PNUD nº 1 e Hooker.<sup>12</sup>

Nesse exercício de construção de um quadro referencial sociopolítico, tendo como parâmetro quinze países da América Latina e Caribe, alguns pontos requerem atenção pelo potencial explicativo para a situação geral em que se encontram os processos de construção de políticas públicas e mecanismos legais. Um primeiro ponto é a não adesão, caso da Nicarágua, Panamá e Uruguai ou adesão tardia à convenção 169. O Brasil a ratifica somente em 2003, quatorze anos depois de sua aprovação na OIT, sendo que somente em janeiro de 2012. Já a Colômbia, o faz no mesmo período em que ocorre a reforma constitucional, 1991.

A consequência da não adesão ou adesão tardia entre esses grupos de países citados, pode ser avaliada na posterior ausência de mecanismos legais e organização

<sup>12</sup> HOOKER, Juliet. Indigenous inclusion/black exclusion: Race, ethnicity and multicultural citizenship in Latin America. **Journal of Latin American Studies**, v. 37, n. 2, p. 285-310, 2005.

estratégica de políticas públicas, o quê para os grupos sociais significa a perda de um marco regulatório como suporte de suas reivindicações. Sem isso, permanece um vácuo normativo de sustentação dos pleitos por direitos culturais e territoriais bem como retarda possíveis avanços na conquista de direitos. Isso também denota a vontade política do Estado em atender esses pleitos, embora a adesão não signifique que não haja entraves a esse atendimento.

No Brasil, a aprovação da convenção 169 aguardou por quase uma década para ser votada no senado. Levando em conta que aprovação se deu com ma emenda do senador Romeu Tuma (PMDB-SP). Essa emenda suprimiu os termos "povos" e "território" do texto original da Convenção sob o argumento de que atentariam contra a soberania nacional e a Constituição brasileira, pois os territórios indígenas são propriedade da União com usufruto dos povos indígenas. Além disso, geram impasses artigos que tratam da autoidentificação e autodeterminação dos povos, os quais se traduzem na prerrogativa de autonomia decisória sob aspectos fundamentais de seus direitos, tais como propriedade da terra uso e gestão de recursos naturais.

Esses aspectos passam diretamente pelo direito de consulta prévia, o qual se constitui como um mecanismo de negociação e pressão na defesa de interesses, em casos que afetam direta e indiretamente. Isso ocorre, por exemplo, nos processos de empreendimentos hidrelétricos, ferroviários, mineradores, dentre outros que incidem sobre os grupos. Para se ter uma ideia do que isso significa, somente em janeiro de 2012, o Brasil Institui um grupo de trabalho interministerial com o objetivo de “estudar, avaliar e apresentar proposta de regulamentação da Convenção nº 169” no que tange aos procedimentos de consulta prévia dos povos indígenas e comunidades quilombolas.

Em março, ocorreu um seminário envolvendo governo, CONAQ e outros participantes – inclusive a ABA – para discussão do processo de regulamentação do direito de consulta prévia, livre e informada no Brasil. O documento final da CONAQ expressa três medidas para efetivação da consulta: 1) Constituição de um grupo de trabalho quilombola composto por representantes regionais; Definição do órgão de interlocução do governo federal para o tema em foco. Nesse caso, o órgão indicado não foi a SEPPIR como se poderia supor, mas a Secretaria Geral da Presidência da



República. Uma boa justificativa para a escolha é a posição estratégica dentro da estrutura governamental, além da competência funcional. Além disso, a CONAQ requer a definição de um cronograma para execução das medidas, bem como que o governo responsabilize-se também financeiramente pelas atividades decorrentes desse processo.

O posicionamento da CONAQ é de cobrança dos propósitos assumidos nessa etapa, o que é perfeitamente compreensível, mas a dependência financeira em relação ao Estado também é indicativo da relativa autonomia com que a organização pode agir ao subsidiar suas ações. Se isso vai comprometer ou não e até que ponto, o andamento do processo de consulta prévia é algo que só as próximas etapas dirão. O que é óbvio é a importância da regulamentação do direito de consulta prévia quilombola.

Há países que não possuem nenhum tipo de política como Argentina, Chile, Costa Rica, México, Uruguai e Venezuela. Em outros prevalecem o foco cultural, a exemplo da Bolívia, Panamá e Peru. Nessas circunstâncias prevalece uma ausência e não uma complementaridade de direitos que poderia ser essa sim, de maior interesse e benefício para os grupos. Possivelmente, isso ocorra porque se torna muito mais consensual e operante dar conta de ações de promoção e proteção de patrimônio material e imaterial do que garantir plenitude de direitos territoriais pois velhas feridas de sociedades fundadas na propriedade privada e distinção em quem pode ser ou não proprietário de terras são tocadas.

Brasil e Colômbia apresentam uma configuração semelhante na proposição de políticas de cunho educacional, cultural e territorial. Em 2013 e ainda enfrentando dificuldades de implantação/execução, se completará dez anos da Lei 10639/03 que estabelece a inclusão da história e cultura africana e afrobrasileira nos currículos escolares nacionais. Na Colômbia, desde 1998 existe a Cátedra de Estudos Afrocolombianos, um projeto nacional de etnoeducação nos níveis de pré-escola, básico e médio com a proposta de trabalho de um conteúdo multicultural e multiétnico, incluindo a formação de professores.

Na regulamentação territorial se assemelham os passos no processo de reconhecimento identitário e de titulação: enquanto que no Brasil a Fundação Cultural Palmares emite a certificação do reconhecimento como comunidade

quilombola; na Colômbia isso cabe a Dirección de Asuntos para Comunidades Negras, Afrocolombianas, Raizales y Palenqueras. Na etapa seguinte, a titulação fica a cargo do INCODER, órgão equivalente ao INCRA. Também a configuração das comunidades negras segue o formato de uma personalidade jurídica: Associações Comunitárias Quilombolas e Consejos Comunitarios.

Se os casos brasileiro e colombiano parecem dar um passo a frente no processo de reconhecimento de direitos, isso é contrabalançado pelas medidas iniciais que ainda precisam ser postas em prática ou que estão em estágio inicial em outros países. Na Guatemala, Panamá, Peru, Uruguai e Venezuela estão criando conselhos e comissões para elaborar as políticas demandadas, ou seja, em termos institucionais a caminhada está começando. Esse começo implica em outra medida que Bolívia e Chile ainda não tomaram e que é básica para a formulação de políticas públicas: dados censitários sobre as populações negras locais.

Diante da heterogeneidade da situação dos países e a consequente necessidade de estabelecer eixos comuns na construção de políticas públicas, algumas iniciativas começam a surgir. Uma delas é o projeto “Quilombo das Américas”. O mesmo resulta de uma parceria iniciada em 2006 entre SEPPIR, agências multilaterais como BID e SEGIB, além de parceiros governamentais de países latino-americanos que deram início a um estudo com vistas a produzir um diagnóstico sócio-econômico e cultural, além de focar na soberania alimentar das comunidades rurais negras do Brasil, Equador e Panamá.

No projeto “Quilombo das Américas” foi usado o conceito de “soberania alimentar” o qual enfatiza a autonomia alimentar, preservação cultural e hábitos alimentares, em sentido mais amplo do que permite a ideia de “segurança alimentar”, a qual vislumbra o acesso à alimentação básica, Mendes Pereira.<sup>13</sup> Em andamento, está a pesquisa coordenada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e outros parceiros institucionais, com foco no acesso à alimentação básica de crianças menores de cinco anos em 173 comunidades quilombolas. Na Colômbia, o estudo “Proyecto Regional Pacifico” promovido em 2007 por organizações de comunidades negras, setores da igreja católica e organizações não

---

<sup>13</sup> MENDES PEREIRA, Amauri. **A Construção Etnocêntrica do Conceito de Cidadania**. [2006] Disponível em: <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaaa/Mendes\\_Pereira2.rtf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaaa/Mendes_Pereira2.rtf)>. Acesso em: 21 out. 2010.

governamentais internacionais e abrangendo o território do pacífico colombiano (Narino, Cauca, Valle Del Cauca e Chocó) vinculou território e alimentação como direitos e exercício de autonomia a serem conquistados na região.

O relatório do “Proyecto Regional Pacifico” conclui que o monocultivo da palma africana, coca e ações de fumigação aérea comprometem a segurança e estabilidade nos territórios locais. Diante desse quadro, a participação da Colômbia no projeto “Quilombo das Américas” seria fundamental para uma leitura próxima e sistemática da situação local. No entanto, isso não ocorreu. Segundo relato<sup>14</sup> da coordenadora do Projeto “Quilombo das Américas”, Paula Balduino, o processo de diálogo institucional com o governo colombiano iniciado em 2006 através da Dirección de Asuntos para Comunidades Negras Afrocolombianas, Raizales y Palenqueras, ligado ao ministério da interior e justiça, foi aos poucos sendo suspenso a partir de 2010. Uma provável razão para isso, segundo ela, foram as “fragilidades internas” do órgão, a qual pode ser percebida na troca do ocupante do cargo de direção pelo menos cinco vezes durante o período de negociações.

Somente em 2011, durante o Afro XXI o diálogo foi retomado, só que dessa vez com outro órgão institucional: o ministério da cultura e uma organização da sociedade civil: o PCN – Processo de Comunidades Negras. Essa troca de parceiro institucional, esse deslocamento do âmbito da discussão e planejamento da “justiça” para a “cultura” e sociedade civil acarretou algumas questões. Uma delas, foi o possível enfraquecimento do poder decisório, já que o ministério da cultura não era o responsável pela condução de políticas públicas ou qualquer outra formulação ligada aos territórios das comunidades negras.

Somado a isso, somente a interlocução com o PCN, por conta da mobilização pode ter um contraponto interessante. Como resultado inerente ao desinteresse político do governo, a Colômbia acabou não participando do projeto. Ainda, a entrevistada acrescentou que espera ver a Colômbia participando de uma próxima etapa, mas por ora ela salienta que: “Nem todos os parceiros assumiram integralmente seus papéis. Foi um processo frágil para o objetivo proposto: cooperação para formatação de políticas públicas com eixos comuns e troca de

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada pela autora em jul/2012 para inclusão na tese de doutorado (antropologia) da mesma intitulada “Entre Quilombos e Palenques: um estudo antropológico sobre políticas públicas de reconhecimento no Brasil e na Colômbia”.

experiências”.<sup>15</sup>

Sob esse ponto de vista, também compartilha a socióloga colombiana Claudia Mosquera que esteve presente no Afro XXI e considera que o Estado promoveu iniciativas de políticas públicas mas não ações afirmativas consolidadas de fato. Esse é um argumento desenvolvido anteriormente em Mosquera<sup>16</sup> quando a autora questiona: “é possível desenvolver ações afirmativas em um país cujo chefe de governo nega a existência do racismo e da discriminação racial?”<sup>17</sup> referindo-se ao pronunciamento do ex-presidente Álvaro Uribe Vélez realizado em 2007, na cidade de Cali, durante encontro com lideranças do movimento social afrocolombiano.

A negação presidencial espelha o cenário de contradições, avanços e recuos que ocorre na Colômbia desde então. Exemplo disso é a série de planos nacionais e regionais com foco no desenvolvimento da população afrocolombiana, palenquera e raizal. Nesses planos estão contidas ações que, por vezes, se chocam com os interesses das comunidades negras e mesmo as prejudicam, como no caso da expulsão territorial causada pelos combates entre as forças do governo e grupos armados, tanto as FARC quanto os paramilitares.

Por fim, tendo o território como ponto nevrálgico para pensarmos a interface de cenários entre Brasil e Colômbia, cabe verificar as similitudes e diferenças entre os processos de titulação territorial entre os dois países com base na análise de Cáceres.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> Trecho da entrevista realizada com a coordenadora do Projeto “Quilombo das Américas”, Paula Balduino.

<sup>16</sup> MOSQUERA ROSERO-LABBÉ, Claudia. **Afro-reparaciones: memorias de la esclavitud y justicia reparativa para negros, afrocolombianos y raizales**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Centro de Estudios Sociales, 2009. p. xv.

<sup>17</sup> Questionamento realizado por MOSQUERA ROSERO-LABBÉ, Op. Cit. p.15.

<sup>18</sup> CÁCERES, Luz Stella Rodrigues. **Titulação Territorial para Comunidades Negras no Brasil e na Colômbia: Estado, capital e resistência étnica**. Artigo para a Associação de Estudos latino-Americanos, Rio de Janeiro, junho 11-14, 2009.

**Quadro 2: Semelhanças e Diferenças nos Processos de Titulação**

SIMILITUDES	DIFERENÇAS
Brasil e Colômbia partem de reformas constitucionais para estabelecer políticas de reconhecimento de direitos culturais e territoriais;	Brasil: terras não totalmente disponíveis para a titulação podem requerer desapropriação. Na Colômbia as terras são públicas ou já ocupadas pelas comunidades
Enquadramento jurídico dos direitos das comunidades na transitoriedade de artigos constitucionais	No Brasil o referente para definição de quilombo é histórico; Na Colômbia é geográfico
Interesses econômicos e políticos nos territórios capitaneados pelo agronegócio e megaprojetos de desenvolvimento.	Na Colômbia para dar início ao processo de titulação, basta o autorreconhecimento como comunidade negra. No Brasil é necessário a elaboração de relatório antropológico e histórico.
Estado e iniciativa privada formam alianças em projetos de desenvolvimento que afetam os territórios negros.	Colômbia: atingiu a meta de titulação; Brasil há defasagem entre a emissão de títulos e abertura de novos processos no INCRA.
Desrespeito à Consulta prévia como canal consultivo e deliberativo sobre projetos/empreendimentos que impactam os territórios.	Colômbia: Corpo legislativo estável. No Brasil, permanece a instabilidade, como se verifica através da ADIN contra o decreto 4887.
Atos de violência diversos contra as comunidades negras.	-----

Fonte: Cáceres, Luz Stella Rodrigues. Titulação Territorial para Comunidades Negras no Brasil e na Colômbia: Estado, capital e resistência étnica.<sup>19</sup>

A análise das semelhanças e diferenças joga luzes sobre os fatores de convergência e também de disparidades entre as políticas de titulação em curso. Assim, percebemos que no âmbito das semelhanças estão presentes os primeiros passos de construção da política, tendo como ponto comum, através das reformas constitucionais, tentativas de reconfiguração das relações Estado - sociedade. Essa reconfiguração parte da inclusão da alteridade no código legal, ou seja, é nesse momento que abrem-se os caminhos para a discussão das políticas de reconhecimento ou dito de outra forma, as ações afirmativas. Em decorrência disso, negros e indígenas, ignorados na construção dos pactos sociais que

<sup>19</sup> CÁCERES, Op. Cit.

moldaram as sociedades nacionais, passam a figurar na agenda política como novos sujeitos de direitos. No entanto, figuram nas margens, nos interstícios de uma legalidade transitória. Os artigos constitucionais (art. 68 e 55) em que estão inseridos seus direitos são instrumentos que necessitam de um corpo jurídico posterior que os legitime. Na abertura desse flanco torna-se mais acirrada (e necessária) a mobilização política das comunidades para garantir seus direitos na mesma medida em que crescem os interesses contrários aos mesmos.

Ainda tratando das similitudes, esses interesses transparecem na contradição existente entre um Estado que deve promover e garantir direitos, mas que se torna violador ao formar alianças com a iniciativa privada na implementação de grandes obras (hidrelétricas, ferrovias, portos, etc) que impactam direta ou indiretamente territórios negros. Isso é agravado por dois eventos: o descumprimento da consulta prévia e a violência perpetrada por agentes externos (fazendeiros, grileiros, força pública, etc).

Aqui cabe pautar que ao focarmos na violência, o caso colombiano possui um outro paradigma: o conflito armado (FARCS, paramilitares, exército) que por ser um fenômeno de larga escala, recorrência e duração não encontra paralelo naquilo que ocorre no Brasil. Até porque há uma consequência, ainda não observável na mesma medida, que é o *desplazamiento*, entendido como o deslocamento forçado de pessoas e/ou grupos de territórios sob conflito.

No terreno das diferenças se estabelece uma encruzilhada no jogo das definições sobre quem é o sujeito da titulação e quais são as terras a serem tituladas. Enquanto na Colômbia a delimitação para ambos é primordialmente geográfica: são as comunidades negras do pacífico colombiano. Essa região, esses sujeitos são pensados como intrínsecos um ao outro. Isso não deixa de ter uma noção histórica vinculada às zonas de trabalho escravo e localização de palenques, algo que guarda similaridades com a experiência brasileira.

Aqui o referencial é histórico, vinculado ao sujeito escravizado do período colonial, que em situação de fuga recria condições de vida estável em algum lugar ermo, isolado e único. Nessa leitura, os quilombos são inicialmente pensados numa lógica territorial de distanciamento da sociedade local e como lócus de preservação cultural e ambiental.

Para fins da titulação o que isso acarreta é a conformação ou não de um campo de debate intragoverno - não me refiro ao debate teórico e político - sobre quem são os sujeitos alvos da titulação. Sendo assim, não há maiores questionamentos na Colômbia, porém no Brasil sabemos que isso se torna um debate que perpassa vários campos e, por vezes, é acionado na tentativa de desconstrução da legitimidade do pleito quilombola. Em relação aos territórios, a diferença entre uma região previamente definida e uma visão que abarca o território nacional como um todo, incluindo terras devolutas, sobrepostas aos territórios indígenas ou reservas ambientais, complexifica os trâmites administrativos, em termos por exemplo, das desapropriações a serem feitas e que encarecem e tornam ainda mais moroso o processo final. Obviamente, que não se está culpabilizando as comunidades por existirem em diferentes configurações territoriais ou promovendo uma ideia de demarcação somente em modelos ideais, mas demonstrando apenas um fator do processo de titulação.

Os referentes históricos e geográficos ajudam a entender um outro aspecto do processo de titulação: o autorreconhecimento. No Brasil, o autorreconhecimento da comunidade é suficiente para que a Fundação Palmares emita uma certidão, um documento que oficializa a existência da mesma. No entanto, para o processo de identificação, demarcação e titulação junto ao INCRA a certidão da Palmares precisa vir acompanhada da realização de um estudo antropológico.

A necessidade do estudo já foi questionada pelas comunidades quilombolas e por organizações do movimento negro, já que significa um adendo inexistente na convenção 169 da OIT - Organização Internacional do trabalho que dispõe sobre o reconhecimento de direitos territoriais de povos tradicionais. Além disso, isso implica em mais uma etapa a cumprir no andamento processual e que esbarra em algumas dificuldades, por exemplo: o corpo técnico do INCRA não contava com antropólogos até bem pouco tempo e, ainda hoje o número é insuficiente para dar conta da dinâmica de processos abertos no país. Abaixo, uma amostra da demanda atual de processos:

**Quadro 3: Demanda de processos de titulação/ Brasil**

<b>BRASIL</b>	<b>REGIÃO</b>	<b>PROCESSOS ABERTOS</b>
1	Norte	104
2	Nordeste	625
3	Centro-Oeste	112
4	Sudeste	262
5	Sul	126
<b>TOTAL</b>		<b>1.229</b>

Fonte: INCRA/DFQ DEZ 2012

Retomando o terreno das experiências pessoais ao fazer uma releitura de minha trajetória profissional, algumas vezes foi possível acompanhar esses questionamentos, os quais surgiam principalmente nos momentos de tensão ocasionados pela percepção do tempo de demora até a titulação e de todas as etapas do RTID. A antropóloga Eliane Cantarino O'dwier argumenta que o papel e a importância do relatório antropológico reside na tradução que este faz das características e sentidos da demanda do grupo, tornando-as inteligíveis para o Estado e demais interlocutores durante o processo de definição de direitos.

Além desses fatores de ordem prática, cabe lembrar que desde o início das discussões sobre quilombos no país, setores conservadores da sociedade brasileira tentaram e ainda hoje tentam, encapsular as comunidades quilombolas no âmbito cultural, como "reminiscências" e/ou patrimônio material e imaterial. Dessa forma restringem e opõe resistências à visão de sujeitos históricos e políticos que demandam direitos para além dessa esfera. Essa interpretação remete a debates já empreendidos por intelectuais como Lélia Gonzales, Abdias do Nascimento e Muniz Sodré sobre o lugar social do negro no Brasil.

O autorreconhecimento das comunidades negras colombianas não necessita de um estudo técnico para sua validação junto ao INCODER pois entende-se essa prerrogativa como alinhada ao referente geográfico usado para definir os sujeitos de direitos, já que ser oriundo da região do pacífico equivale à caracterização histórica e cultural prevista pelo Estado.



Assim, não há lacunas de entendimento da categoria "comunidade negra" para as ações legais. Por outro lado, expõe outro tipo de encapsulamento dos sujeitos, dessa vez territorial, pois as comunidades negras do restante do país não encontram o mesmo suporte que as legítimas nos seus pleitos de reconhecimento. Um reflexo disso surge nos processos de titulação abertos no INCODER, os quais não fazem referência a outras regiões fora do pacífico colombiano. Além disso, mantém um patamar numérico menor que o Brasil como se pode avaliar pelo quadro abaixo:

**Quadro 4: Titulação de comunidades negras/Colômbia**

<b>COLÔMBIA</b>	<b>REGIONAL</b>	<b>HECTÁRES</b>	<b>No. SOLICITUDES</b>	<b>FAMILIAS</b>
1	Antioquia	9.150	3	190
2	Chocó	177.047	5	6.993
3	Cauca	100.000	1	3.800
4	Valle del Cauca	77.600	10	2.027
5	Nariño	90.355	8	1.306
<b>TOTAL</b>		<b>454.152</b>	<b>27</b>	<b>14.316</b>

Fonte INCODER/ OUT 2010

Por fim, um último aspecto refere-se ao aporte legal construído em ambos os países e que vem a sustentar a política de titulação. Voltando à Cáceres<sup>20</sup> a autora sustenta que a formação de um corpo de leis estável favorece é um fator a ser considerado na avaliação do percurso da política pública. Sem dúvida, ao contrastar com as ameaças de suspensão ao decreto 4887/03 percebe-se que as tentativas de fragilização dos direitos quilombolas passam pela via legal. Na Colômbia as comunidades negras tem feito uso de ações de inconstitucionalidade, similares à ADIN impetrada contra o decreto 4887/03, para fazer valer seus direitos. Esse movimento contrário ao que se dá no Brasil tem surtido efeitos positivos em alguns casos. Isso ocorre quando elas recorrem ao judiciário em ações que procuram evidenciar falhas, omissões ou prejuízos aos seus direitos causados pelo Estado ou outros agentes.

<sup>20</sup> CÁCERES, Op. Cit.

Entre fatores que denotam diferenças e similaridades, chega-se à conclusão de que a dinâmica dos processos territoriais que envolvem as comunidades negras brasileiras e colombianas trazem em suas interconexões um campo fértil de análise, o qual aponta para a efetividade das políticas públicas como respostas às demandas por concretização de direitos quilombolas e palenqueros.

### **Considerações Finais**

As interconexões entre Colômbia e Brasil pensadas a partir das comunidades negras e das políticas públicas de reconhecimento de direitos, permite pensar em aspectos diversos envolvidos na temática da regularização fundiária dos territórios e acesso às políticas públicas.

O ponto de partida dessas interconexões foram os dados relativos aos pontos de conflito existentes, contextos de ocorrência e agentes sociais envolvidos. Por essa via, comunidades e Estado estão atrelados em uma dinâmica de demanda por direitos territoriais e conquista de mecanismos de proteção legal, por meio das políticas públicas. Nesse processo, existem paradoxos e entraves decorrentes de interesses públicos e privados nos territórios, os quais são perceptíveis, principalmente, via obras de infraestrutura que impactam direta ou indiretamente territórios negros.

Nessa perspectiva, a efetividade da política pública com o consequente atendimento às demandas, constitui um desafio que vem sendo enfrentado nesse intrincado processo. Assim, a regularização fundiária com seus aspectos relativos à emissão de títulos, por exemplo, não significa o fim do processo de luta por concretização de direitos.

Essas questões orientam e complexificam análises futuras que ainda terão o desafio de desvelar à realidade social de países que buscam convergir políticas de equidade social com o atendimento de demandas cujos tons de especificidade, instigam pesquisadores, gestores públicos e todos os envolvidos com a busca por resolução de conflitos como os gestados pela perpetuação da opressão sociorracial.

### **Referências**

CÁCERES, Luz Stella Rodrigues. **Titulação Territorial para Comunidades Negras no Brasil e na Colômbia: Estado, capital e resistência étnica**. Artigo para a Associação de Estudos latino-Americanos, Rio de Janeiro, junho 11-14, 2009.

**CADERNOS SEGIB PNUD Nº 1**. Disponível em: <<http://segib.org/pt/node/4895>>. Acesso em: 06 jul. 2012.

**CARTA DE SALVADOR** Disponível em: <[www.seppir.gov.br/Afro XXI](http://www.seppir.gov.br/Afro%20XXI)> Acesso em: 06 jul. 2012.

**COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO** Disponível em: <[www.cpisp.org.br](http://www.cpisp.org.br)>. Acesso em: 04 jun. 2012.

**DDPA - Declaração e Programa de Ação de Durban** Disponível em: <[http://www.paulofreire.org/wp-content/uploads/2012/PME\\_Internacional/documentofinal\\_conferenciadurban.pdf](http://www.paulofreire.org/wp-content/uploads/2012/PME_Internacional/documentofinal_conferenciadurban.pdf)>. Acesso em: 06 jul. 2012.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 70, p. 101-138, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452007000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 June 2011.

HOOKER, Juliet. Indigenous inclusion/black exclusion: Race, ethnicity and multicultural citizenship in Latin America. **Journal of Latin American Studies**, v. 37, n. 2, p. 285-310, 2005.

**INCODER**. *Instituto Colombiano de Desarrollo Rural. Resoluciones de Titulación (Boletines de Prensa 2011)*. Disponível em: <[www.incoder.gov.co](http://www.incoder.gov.co)>. Acesso em: 04 Ago. 2011.

**INCRA - INSTITUTO DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA**. Quadro da Política de Titulação de Territórios Quilombola. Disponível em <[www.incra.gov.br](http://www.incra.gov.br)>. Acesso em: 10 jan. 2013.

MENDES PEREIRA, Amauri. **A Construção Etnocêntrica do Conceito de Cidadania**. [2006] Disponível em: <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/Mendes Pereira2.rtf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/Mendes_Pereira2.rtf)>. Acesso em: 21 out. 2010.

MOSQUERA ROSERO-LABBÉ, Claudia. **Afro-reparaciones: memorias de la esclavitud y justicia reparativa para negros, afrocolombianos y raizales**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Centro de Estudios Sociales, 2009.

OBSERVATÓRIO AFRO-LATINO E CARIBENHO. Disponível em: <[afro-latinos.palmares.gov.br](http://afro-latinos.palmares.gov.br)>. Acesso em: 05 mai. 2012.

SANTOS, Sales Augusto dos. (Org.). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2005.

SILVA, Vera Regina Rodrigues da. **Entre quilombos e palenques: um estudo antropológico sobre políticas públicas de reconhecimento no Brasil e na Colômbia.** São Paulo, 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-18122012-124012/>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

## DISCURSOS E PROPOSTAS ETNOEDUCATIVAS NO BRASIL E NA COLÔMBIA

Claudia Miranda<sup>1</sup>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Fanny Milena Quiñonez Riasco<sup>2</sup>  
Universidad Pedagógica Nacional

Jhon Henry Arboleda Quiñonez  
Colégio do México

Recebido 15/10/2013 Aprovado 15/03/2014
--

**Resumo:** Nas propostas Etnoeducativas de Educação no Brasil e na Colômbia estão em disputa discursos e práticas sociais examinados a partir dos estudos sobre Análise Crítica do Discurso nos termos de Norman Fairclough (2001, 2008, 2010). Os aspectos políticos que adornam o diálogo entre os movimentos sociais e o poder público de uma dada sociedade impõem novos desenhos teórico-metodológicos acerca das pesquisas sobre textos curriculares com ênfase na valorização do “outro” do discurso. Interessa uma aproximação para compreendermos quais seriam as interseções que nos aproximam quando examinamos as mudanças socioeducativas dos afrodescendentes em ambos os países, para saber das possibilidades de esboçarmos pedagogias alternativas orientando formas diversificadas de transposição do conhecimento a ser ensinado? No âmbito da defesa por espaços colaborativos e dialógicos- em países com grande expectativa de reordenamento socioeducativo de segmentos não-brancos - caberia defendermos *pedagogias decoloniais*? Fez sentido pensarmos com Frantz Fanon (2008) e Edward Said (1990, 1995, 2003) uma recomposição analítica sobre pedagogias alternativas emergentes.

**Palavras-chave:** Propostas etnoeducativas - Pedagogias decoloniais - Intercâmbio Colômbia-Brasil.

### ETHNIC EDUCATION SPEECHES AND PROPOSALS IN BRAZIL AND IN COLOMBIA

**Abstract:** In the ethnic education proposals related to the Education in Brazil and Colombia there is a dispute between the speeches and social practices investigated from studies on the Critical Analysis of the Discourse in Norman Fairclough's (2001, 2008, 2010) terms. The political aspects that adorn the dialogue between the social movements and the government of a given society inflict new theoretical and methodological drawings about the researches on curricular texts focused on valuing the "other" in the speech. Is an approach desirable for us to understand what would be the intersections that bring us together when we examine the African descendants' socio-educational changes in both countries, to know about the possibilities of roughing out alternative pedagogies guiding diversified forms of transposition of the knowledge to be taught? Concerning the defense for collaborative and dialogic spaces — in countries with great expectation of socio-

<sup>1</sup> E-mail: miranda1112@globo.com

<sup>2</sup> E-mail: famil2@latinmail.com

educational reordering of non-white segments — would it be advisable for us to defend *decolonial pedagogies*? It made sense to think together with Frantz Fanon (2008) and Edward Said (1990, 1995, 2003) of an analytical recomposition of emerging alternative pedagogies.

**Keywords:** Ethnic education proposals – Decolonial pedagogies – Interchange Colombia-Brazil.

## Introdução

Além das fronteiras paradigmáticas, enfrenta-se, no Brasil, um quadro insustentável de invisibilização dos “ranços coloniais” alimentados pelas distintas formas de subalternização do Outro, que resulta de processos de domínio cristalizados. Nas últimas décadas, a produção acadêmica no campo das Ciências Sociais<sup>3</sup> anuncia a existência de uma *fresta* na contramão da muralha do silêncio que alimenta a inércia e a banalização do mal do racismo. Por essa pequena abertura – a fresta –, a teoria social vem sendo desafiada a realocar os cânones científicos e, nesse sentido, os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros – NEAB's<sup>4</sup> - e grupos correlatos, instituídos em Universidades de prestígio, são espaços de consolidação de ambiências mais colaborativas entre os estudiosos interessados em novos ingressos em termos das pesquisas acadêmicas.

Ao relermos o artigo *A racialização no mundo* de Octavio Ianni<sup>5</sup> percebemos que a centralidade de sua análise está alinhada com as questões que o autor chamou de *forças sociais* que se movem nos entrecruzamentos do local, do nacional, do regional e do mundial. Ianni vai tratar a racialização como “um problema” e nesse caminho afirma o seguinte: “ainda que muitas vezes esses problemas pareçam únicos e exclusivos, como se fossem apenas ou principalmente “étnicos” ou “raciais”, a realidade é que emergem e desenvolvem no jogo das forças sociais, compreendendo implicações econômicas, políticas e culturais”.<sup>6</sup> Por outra parte, o autor destaca:

---

<sup>3</sup> Recomenda-se o artigo *Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial*. *Rev. bras. Ci. Soc. de Sergio Costa*. Cf.: COSTA, Sergio. *Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 117-134, 2006.

<sup>4</sup> A esse respeito indicamos o trabalho de Jose Jorge de Carvalho. Cf.: CARVALHO José Jorge. **Ações afirmativas para negros e índios no ensino superior: as propostas dos NEABs**. Universidade e Sociedade, Brasília, n. 29, p. 61-67, 2003.

<sup>5</sup> IANNI, Octavio. *A racialização do mundo*. **Tempo Social: Revista de Sociol da USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-23, maio de 1996.

<sup>6</sup> *Ibidem*. p. 1.

Uma pesquisa global demonstra que a consciência étnica está realmente em ascensão, como uma força política; e que as fronteiras dos estados nacionais, conforme se acham presentemente desenhadas, estão sendo crescentemente desafiadas por essa tendência. E, o que é da maior importância, as nações multiétnicas, em todos os níveis de modernização, têm sido afetadas. Quanto a isto, é particularmente indicativo que muitos estados nacionais, no âmbito da economia e tecnicamente avançada região da Europa Ocidental, recentemente têm sido perturbados por inquietações étnicas.<sup>7</sup>

A nosso ver, e, de olhos abertos para o problema racial pouco explorado no âmbito dos movimentos negros, de resistência contra-hegemônica, o argumento de fundo parece não absorver a densidade discursiva da perspectiva de “recomposição epistêmica” (grifos nossos) que sugere a centralidade da proposta de Du Bois (1868-1963), em *As almas da gente negra* (1999),<sup>8</sup> por exemplo. Como um dos primeiros pensadores afro-americanos, Du Bois discursou/teorizou a partir do campo acadêmico e considerou que “o problema do século XX” é, justamente, o problema racial. Nessa medida, reinsere a questão, direcionando-nos à proposta aqui apresentada, de analisar alguns aspectos dos discursos das políticas curriculares etnoeducativas no Brasil e na Colômbia.

*O problema do século XX*, a nosso ver, se re-configura e se mantém no século XXI. Ao criticar os objetivos da Educação destinada aos negros pelo sistema formal, chama a atenção para a reprodução das mazelas que refletem a rigidez do dominador. Atento aos objetivos da escola industrial nos Estados Unidos, Du Bois apontou para as tensões que esse projeto anunciava:

[...] quando afastamos nossos olhares do que é temporário e contingente do problema do Negro e os voltamos para a questão mais ampla da ascensão e da civilização dos homens negros na América temos o direito de indagar se esse entusiasmo pelo aprimoramento material atinge a estatura do problema; se ao fim das contas a escola industrial será a resposta final e suficiente para a educação da raça negra; e de fazer suavemente, mas com toda sinceridade, a indagação perene de todas as épocas: a vida nada mais é do que a comida e o corpo, nada mais do que a vestimenta? [...] começamos a achar que os preconceitos de raça, os quais mantêm os homens escuros e os negros em seus “lugares” são

---

<sup>7</sup> CONNOR *Apud* IANNI, Op. Cit., p. 2.

<sup>8</sup> DU BOIS, W.E.B. *As almas da Gente Negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

valiosos aliados dessa teoria, não importa quanto possam cercear a ambição e adoecer os corações dos seres humanos que lutam.<sup>9</sup>

A “inquietação”<sup>10</sup> de Du Bois - antes mesmos de pensarmos, em diferentes partes do mundo, as políticas compensatórias ou de reparação -, acentuou os arranjos complexos engendrados pelo projeto de perpetuação de lugares fixos destinados aos negros de seu país. Em sua interpretação sobre o período pós-escravista, passou a considerar como estratégia de reprodução e privilégio econômico, “a tendência nascida da escravidão e reativada pelo imperialismo enlouquecido [...] de considerar os seres humanos como parte dos recursos materiais da terra, a serem treinados com o olho apenas nos dividendos futuros”.<sup>11</sup>

Situado como o pai do *Pan-africanismo* contemporâneo e pai da *Negritude*<sup>12</sup> com forte penetração nos movimentos de luta pela libertação no continente africano,<sup>13</sup> Du Bois atuou politicamente desejando influenciar aqueles que, como ele, buscavam a verdade para desconstruir o projeto de desumanização dos povos afrodescendentes no mundo africano e na sua diáspora.

O que pretendemos ao recuperarmos os achados teóricos de Octavio Ianni<sup>14</sup> - sobre a existência de *algo de muito particular e simultaneamente de muito geral que faz com que as marcas raciais, ou fenotípicas, sejam reelaboradas socialmente como estigmas* - é acentuar o relevo dos estudos pós-coloniais que nos remetem ao pressuposto de uma aderência plurinacional para os trabalhos sobre a etnoeducação afro-brasileira e afro-colombiana. Por outro lado, Octavio Ianni<sup>15</sup> acertou profundamente quando sugeriu novas indagações sobre as “mutações”, um pressuposto que nos permite, hoje, experimentar um tipo de delineamento sobre o drama racial nas sociedades que mesmo nas suas experiências de embate e de

---

<sup>9</sup> Ibidem. p. 149.

<sup>10</sup> Repetimos o termo “inquietação” justamente para enfatizarmos o pressuposto de Octavio Ianni (IANNI, Op. Cit.) quando destaca, na sua primeira citação, - que incluímos já na introdução -, as novas configurações nos Estados nacionais da Europa que, mesmo em um período interpretado pelo autor, como sendo um período de acomodação socioeconômica, foram “perturbados” por “inquietação étnica”.

<sup>11</sup> DU BOIS, Op. Cit., p. 149.

<sup>12</sup> Alinhados/as com as análises de Kabenguele Munanga (MUNANGA, Kabenguele. **Usos e sentidos da Negritude**. Rio de Janeiro: Ática, 1988.), interpretamos a *Negritude* como um movimento anti-racista que buscou entender o mundo numa perspectiva do Outro racializado.

<sup>13</sup> MUNANGA, Kabenguele. **Usos e sentidos da Negritude**. Rio de Janeiro: Ática, 1988. p. 37.

<sup>14</sup> IANNI, Op. Cit.

<sup>15</sup> Idem.



denúncia com o foco nas *configurações rançosas do colonialismo*, são afetadas, a todo tempo, pelas manifestações e políticas de preservação de privilégios coloniais/patriarcais.

Dessa interpretação de Octavio Ianni, destacamos:

Há algo de muito particular e simultaneamente de muito geral que faz com que as marcas raciais, ou fenotípicas, sejam reelaboradas socialmente como estigmas, consubstanciando e alimentando a xenofobia, o etnicismo, o preconceito ou o racismo. Este pode ser o núcleo da questão: a metamorfose da marca em estigma. É claro que essa transformação é elaborada e reelaborada socialmente, tanto em termos de *senso comum* como de conhecimento que se propõe científico. São várias as interpretações relativas aos desenhos do mapa do mundo, ou aos movimentos da geografia e da história, nos quais muitas coletividades e muitos povos são localizados, classificados, hierarquizados e discriminados.<sup>16</sup>

Localizamos, acima, categorias já alinhadas com a crítica pós-colonial inaugurada por Frantz Fanon (1925-1961) e fomentada por Edward Said (1935-2003). *Descolonizar o pensamento, reconhecer as outras formas de interpretação da(s) história(s)*, são, por exemplo, interesses de nações inteiras fixadas em acordo com o modelo civilizatório do mundo colonial. A partir deste lugar pré-definido, inúmeros grupos foram racializados para atender à lógica da condição de inferioridade/subalternidade.

A partir desse desenho conceitual, vimos nos discursos etnoeducativos, alguns reflexos do ideário de comunidades representativas que emplacam um modo de desestabilizar um tipo de “fixação identitária”, um fenômeno que se converteu em um produto da eficácia das relações assimétricas de poder inauguradas a partir da aventura colonialeuropéia. Apostar na produção de conhecimentos periféricos como uma modalidade a ser cunhada como um *lócus* de enunciação implicaria, conforme nosso exame, em uma outra aderência mais política para a dimensão educacional.

Na crítica de Frantz Fanon e de Edward Said o que ficou fora da Europa foi previamente definido como não-*lócus*. Conseqüentemente, a história colonial na

---

<sup>16</sup> Ibidem. p. 19.

América Latina, precisaria de novos contornos. Para Said<sup>17</sup> o principal objetivo de Frantz Fanon “foi acusar o Europeu por ter dividido os seres humanos em uma hierarquia de raças que desumanizou e reduziu os subordinados tanto ao olhar científico como ao desejo dos superiores”. *O resto do mundo é*, notadamente, uma expressão que reafirma a divisão citada por Said, a partir de uma interpretação que Fanon faz da falta de visão européia sobre “um novo homem que deveria nascer”.

Aqui no Brasil, Octavio Ianni<sup>18</sup> admite que o parâmetro da história universal tem escorregado entre o eurocentrismo, o ocidentalidade, o arianismo, a civilização judaico-cristã e o capitalismo. Por conseguinte, as pesquisas que são emblemáticas na conformação de um estado da arte sobre a “questão do negro no Brasil”, apontam em disparada, aquelas produzidas pela Escola Paulista de Sociologia,<sup>19</sup> um núcleo de estudos que se converteu em uma referência para os estudiosos da teoria social e para outras pesquisas interseccionais.

Por outra parte, mas ainda nesse eixo de construção de um campo de pesquisa, nota-se a emergência de trabalhos<sup>20</sup> que renovam as concepções antes balizadoras. Ganham relevo pesquisas acadêmicas oriundas dos intelectuais orgânicos dos movimentos sociais que migram para as universidades, conforme aponta Miranda.<sup>21</sup> São propostas de teses e dissertações defendidas que se concentram nas Ciências Sociais. Com tudo, não poderíamos deixar de apontar uma maior penetração dos estudos das relações raciais, ao longo das últimas décadas, no eixo “Educação e Desigualdades”. Sob tal influência, aderimos ao temário. E, com base nas proposições sobre a questão do dilema racial no Brasil e os seus interstícios, como é, por exemplo, incluir a realidade multicultural de países tais como a Colômbia nos confrontamos com outras teses e,

---

<sup>17</sup> SAID, E. **Fora do Lugar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 52.

<sup>18</sup> IANNI, Op. Cit.

<sup>19</sup> A “Escola Paulista de Sociologia” tem, na sua composição, nomes tais como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique entre outros pensadores. Foi responsável, conforme vasta literatura sobre a sua missão acadêmica e política, por revitalizar as pesquisas, dentre outras propostas, sobre a escravidão dos africanos no Brasil e nas Américas. É responsável por mudanças significativas no campo da historiografia.

<sup>20</sup>Cf. levantamento realizado por Miranda, Di Pierro & Aguiar. Cf.: MIRANDA, Cláudia; PIERRO, Maria Clara Di; AGUIAR, Francisco Lopes (Org.) **Bibliografia Básica sobre relações raciais e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

<sup>21</sup> MIRANDA, Cláudia. **Narrativas subalternas e políticas de branquidade: o deslocamento de afrodescendentes como processo subversivo e as estratégias de negociação na academia**. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

conseqüentemente, com as percepções sobre o lugar de importância da produção de Frantz Fanon e Edward Said - dessa vez menos na crítica literária e mais nos discursos sobre a “colonização epistêmica”.

Para avançarmos nas análises sobre os discursos e propostas etnoeducativas no Brasil e na Colômbia, aproximamo-nos de trabalhos desenvolvidos no âmbito da América Latina por serem esses últimos signatários de um pensamento que tende a desestabilizar o instituído. Vislumbramos uma maior coerência na defesa de “racionalidades possíveis”, para problematizarmos as confluências latino-americanas. Passou a ser imperativo considerarmos o quadro teórico que inclui os/as pesquisadores/as do Grupo Latino-americano Colonialidade/Modernidade, um coletivo transdisciplinar sensível às práticas dialógicas com intelectuais orgânicos dos movimentos sociais. Vislumbramos, assim, participar ativamente de uma produção conceitual que insere a educação comparada e, ao mesmo tempo, provoca adesões significativas para considerarmos estudos dessa magnitude.

São, por isso, achados teóricos que se entrecruzam e permitem que indaguemos sobre as negritudes que se sobrepõem e que persistem como categoria de identidade negra nas Américas e na Diáspora Africana. Por ser essa a condição *sinequa non* dos/as afrodescendentes no mundo onde são interpelados/as pelas estratégias coletivas de resistência, entendemos como centralidade, dar enfoque para as perspectivas que reconhecem, nos movimentos sociais, formas outras de interpretação dos sujeitos ditos insurgentes e de seus conhecimentos.

Em *Indisciplinar lascienciassociales:geopolíticas delconocimiento y colonialidaddel poder: perspectivas desde lo andino*,<sup>22</sup> livro que resultou da reunião do referido grupo, em Quito, os/as organizadores/as defendem que a expressão “geopolíticas delconocimiento”, se refere aos processos contrários, porém relacionados quais sejam: as *geopolíticas do conhecimento* que constituem um desenho imperial e um *projeto de descolonização epistêmica*. Assim, as geopolíticas

---

<sup>22</sup> WALSH, Catherine; SCHIWY, Freya; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Indisciplinar lascienciassociales. Geopolíticas delconocimiento y colonialidaddel poder: perspectivas desde lo andino**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2002.

se articulam criticamente ao formato colonial e suas heranças no presente. Isso porque alcançam ter como eixo contextual a história local e os desenhos globais. Nessa perspectiva, América Latina é uma consequência e um produto da geopolítica do conhecimento, do conhecimento geopolítico mais fabricado do que legítimo. Imposto pela “modernidade”, em um processo onde ela mesma se retroalimenta e impulsiona sua auto-definição – *modernidade*.<sup>23</sup>

A nosso ver, e sob essa inspiração, *a colonização pode ser interpretada, sobretudo, como um fato social total que fixa as diferenças pelo “dispositivo da brancura”*<sup>24</sup> e sobrevive pelos engendramentos que garantem sua mutação permanente. Pensando a partir dessa vertente, consideramos o caso do Brasil e o caso da Colômbia como representativos do ideário que parte do reconhecimento da aposta intelectual advinda dos movimentos afro-latinos diante da eficácia do “dispositivo da brancura”.<sup>25</sup>

A agenda por uma etnoeducação afro-colombiana se dá com roupagens africanizadas, se assim pudermos considerar. A pulsação das recomendações ratificadas pela “Lei 70” - que passa a considerar o Estado o agente de promoção de reconhecimento e de garantia do direito das comunidades negras, para criar suas próprias instituições e comunicação -, tocam o Brasil com mais veemência e apelo, a partir do Governo Lula (2003-2010). Foi possível participarmos da organização e desenvolvimento, em diferentes oportunidades dadas pelo intercâmbio acadêmico e pela cooperação entre o governo de ambos os países, de alguns espaços dialógicos que agregaram gestoras/es públicas/os, estudiosas/os, acadêmicas/os e ativistas do movimento social do Brasil e da Colômbia entre outros países, para a proposta de uma agenda afrolatina para as Américas. No período de atuação do então Ministro Gilberto Gil (2003-2008), o Brasil e a Colômbia realizaram encontros e seminários incluindo, com êxito, o “II Encontro Ibero-americano de Ministros da Cultura para a agenda Afrodescendente” e o “Encontro de Pensadores que fez parte do II Encontro Afro-

---

<sup>23</sup> Ibidem.

<sup>24</sup> Cf. CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La Hybris del Punto Cero: ciencia, raza e ilustración en La Nueva Granada**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana; Instituto de estudios sociales y Culturales Pensar, 2010.

<sup>25</sup> Cf. Idem.

latino” (MinC /Fundação Cultural Palmares). A agenda de aproximação se deveu, para além dos esforços do Ministério da Cultura do Brasil e de sua equipe gestora, aos esforços de ativistas situados à época, no trabalho de mapeamento proposto com base no projeto de cooperação com os países da América Latina intitulado “Processo de mapeamento das dimensões da cultura”, entre os anos de 2007 e 2010, onde nos incluímos.

Esses seriam alguns dos antecedentes que se desdobram em justificativas irrefutáveis para pensarmos a educação comparada envolvendo o Brasil e a Colômbia e suas respectivas políticas etnoeducativas com foco no lugar do discurso que se mantém como escopo para outras conquistas. Ensaíamos, portanto, um delineamento de características que saltam aos olhos nos textos que anunciam essas propostas que podem refletir *nuances* do ideário dos respectivos movimentos negros.

A utopia que nos orienta, nessa empreitada, se deve a crença na possibilidade de juntamente com os estudos sobre modernidade/decolonialidade, reinserirmos como *locus* investigações que auxiliem outros contornos epistêmicos. Saberes subalternizados, como sugere o Grupo Latino-americano de investigação Colonialidade/Modernidade. Ao considerarmos as chamadas “inquietações étnicas”, tais como aquelas apontadas por Octavio Ianni,<sup>26</sup> como sendo parte da agenda dos movimentos contra-hegemônicos de cooperação no âmbito das relações internacionais, quiçá, poderíamos reinscrever as teses sobre a probabilidade de outras *epistêmes* na região da América Latina, enfraquecendo na justa medida, os discursos e as metanarrativas sobre a inexistência de um pensamento, de uma teoria social ou de abordagens que põem no centro de suas preocupações, o fomento de uma racionalidade latino-americano. Em um movimento que, entendemos, segue em paralelo, situamos nosso trabalho como uma contribuição para a educação comparada.

---

<sup>26</sup> IANNI, Op. Cit.

Robert Cowen<sup>27</sup> recomenda que leiamos o global por outras lentes nos estudos de educação comparada por ser essa uma opção capaz de promover percepções diferenciadas sobre o que é significativo no mundo social sobre o qual procuramos agir:

As vozes da Educação Comparada já não se manifestam em unísono. Os debates não são cumulativos. As velhas vozes silenciam-se [...] estão lendo o mundo errado. Novas agendas de atenção e ansiedade deslocam as perplexidades normais. Sobre igualdade de acesso à educação, mudanças curriculares, aprimoramento da formação docente e daí por diante – comuns no período de entusiasmo pelo poder do método científico. Um novo sentimento de culpa em relação ao neo-imperialismos atrai para a educação comparada a teorização radical e crítica praticada no Chile ou no Magreb ou no Brasil. O próprio mundo político passa por uma releitura.<sup>28</sup>

Nesse caminho, entendemos que as vozes da afro-américa são *Outras* e suas narrativas partem de movimentos na contracorrente. Constituem-se como contra-discursos históricos. Já não são silenciadas pelas armadilhas do *dispositivo de lablancura*,<sup>29</sup> e, conforme as análises de Catherine Walsh<sup>30</sup> torna-se indispensável a constituição de espaços de politização do debate sobre a diversidade cultural no contexto das propostas neoliberais de educação formal. Essas vozes assumem como práticas de “ressurgência” a reorientação epistêmica. Como um fenômeno da natureza discutido pela Oceanografia, a ressurgência (ou afloramento) consiste na subida de águas profundas, na maioria das vezes ricas em nutrientes para regiões menos profundas do Oceano. Sua forma mais espectacular se dá na medida em que os ventos mais persistentes, ao longo da Costa, deslocam a água em um movimento que acompanha a rotação da Terra. Seus nutrientes experimentam novos imbricamentos e passam a promover outros fenômenos que antecedem a base da cadeia alimentar. Nessa dinâmica da natureza, os peixes, bem com outros

---

<sup>27</sup> COWEN, Robert. Formações políticas e sistemas educacionais *In*: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas. M.; UNTERHALTER, Elaine. **Educação Comparada: panorama internacional e perspectivas**. Brasília: UNESCO CAPES, 2012. v.2. p. 408.

<sup>28</sup> Idem.

<sup>29</sup> CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La Hybris del Punto...** Op. Cit.

<sup>30</sup> WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica, pedagogia de-colonial. *In*: Interculturalidad Crítica. Pedagogia Decolonial. *In*: VILLA, Wilmer; BONILLA, Arturo Grueso (Orgs). **Diversidad, interculturalidad y construcción de ciudad**. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2008.

organismos marinhos, que também se desenvolvem em grandes quantidades, são alimentados e, em seguida, retroalimentam a pesca.

Com base no movimento acima descrito, os discursos insurgentes passam a penetrar espaços de outras confluências também naturais e já esperadas. Na gênese da crítica pós-colonial, é Frantz Fanon quem anuncia a rotação da Terra. Em *Orientalismo* e posteriormente em *Cultura e Imperialismo*, Edward Said anuncia os ventos mais agressivos que podem desalinhar o mundo das coisas. Defendemos que na ética de Fanon, por exemplo, é possível que localizemos uma tradução das possibilidades de afloramento/ressurgência, apontadas também, nas dinâmicas recentes conforme os textos/discursos que interpretamos como influenciados pelos movimento(s) negro(s) com os quais dialogamos - no Brasil e na Colômbia.

Assim, vimos um movimento em ascensão de intelectuais-acadêmicos-afrodescendentes e de intelectuais orgânicos em espaços colaborativos, nas respectivas dinâmicas de politização da crítica ao instituído como política educacional. A idéia de “descolonização epistêmica” passa a ser traente para situarmos tais provocações discursivas com vistas ao desalinhamento do pensamento pedagógico que, a nosso ver, visam ampliar as perspectivas que tendem a cruzar as contranarrativas sobre o lugar do *Outro* do discurso educacional no Brasil e na Colômbia.

Vimos, nesse conjunto de argumentos, aquilo que Cowen<sup>31</sup> chamou, acima, de *novas agendas de atenção e ansiedade que deslocam as perplexidades normais*. Isso porque são também *questões sobre igualdade de acesso à educação, mudanças curriculares, aprimoramento da formação docente*.

São especificidades de produções de segmentos nomeados colonialmente como *Tribais e Indígenas*, e, na contemporaneidade, a luta por direitos coletivos como o território, pelos direitos relacionados com a preservação da memória e das ancestralidades, passam a refletir junções multidimensionais com inúmeras interseções provocadas pelas formas de insurgência afro-latina. Esforcemo-nos agora para incluímos, vez por todas, o Brasil como parte da América Latina.

---

<sup>31</sup> COWEN, Robert. Formações políticas e sistemas educacionais In: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas. M.; UNTERHALTER, Elaine. **Educação Comparada: panorama internacional e perspectivas**. Brasília: UNESCO CAPES, 2012. v.2 p. 408.

## **Etnocurrículos: discursos e aproximações entre Brasil e Colômbia**

No centro dos estudos sobre *pedagogias alternativas*,<sup>32</sup> estão as políticas curriculares de etnoeducação no Brasil e na Colômbia. E nesse sentido, os espaços interseccionais que podemos considerar para o relevo necessário às especificidades de ambos os países, podem ser os mesmos que vimos na teorização de “diferencia colonial” de Catherine Walsh (2007). Suas análises indicam que a interculturalidade significa:

[...] processos de construção de um conhecimento outro, de uma prática política outra, de um poder social (e estatal) outro e de uma sociedade outra; uma forma outra de pensamento relacionada com e contra a modernidade/colonialidade, e um paradigma outro que é pensado a través da práxis política.<sup>33</sup>

Nas propostas Etnoeducativas estão em disputa discursos e práticas sociais quando esses são examinados a partir dos estudos sobre análise crítica do discurso nos termos de Norman Fairclough (2010).<sup>34</sup> Os aspectos políticos que adornam o modelo de diálogo instituído entre os segmentos fixados em lados opostos do ordenamento colonial, ainda presente pelas *inspirações da metrópole*, ou se quisermos, pela *colonização epistêmica*, apontam para novos desenhos teórico-metodológicos para que invistamos em pesquisas sobre textos/propostas curriculares comprometidos/as com a valorização do “Outro” do discurso educacional.

Não apenas por isso, parece tenso o debate sobre o que os respectivos Estados propõem sobre educação intercultural com foco na condição afrodescendente de uma população pouco inserida nos espaços de maior representação. Ao mesmo tempo, nota-se uma maior percepção das condições reais de denúncia das respectivas políticas de invisibilização da presença africana em inúmeros relatos.

---

<sup>32</sup>MIRANDA, Claudia. Frantz Fanon na formação de professores: teorias e outras práticas para os currículos a partir da lei nº 10639/2003. In: SOUZA, MARIA ELENA. **Relações raciais no cotidiano escolar. Diálogos com a lei 10.639/03** (Org.) 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rovel, 2013.

<sup>33</sup> Ibidem. p. 47.

<sup>34</sup> FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.



Para uma rápida ilustração, destacamos aspectos do argumento do pesquisador afro-cubano Esteban Morales Domínguez que, em seu livro *La problemática racial em Cuba: algunos de sus desafíos*<sup>35</sup> localiza um crescimento do tema do racismo no país. A partir do Projeto “Cofradía de lanegritud” uma iniciativa comunitária que agrega intelectuais e pessoas diversas, os participantes têm discutido suas identidades, seus laços como sujeitos diaspóricos e, por outro lado, as agruras da invenção da diferença e das assimetrias de poder que os deixam em desvantagem sócio-racial. Com as experiências promovidas no âmbito dessa iniciativa, o autor acredita em um maior alcance da tomada de consciência racial dos que aderiram ao projeto.<sup>36</sup> Isso porque ainda que em alguns casos, o racismo possa emergir como institucional é preciso enfatizar que não é exercido pelas instituições, pelo Partido Comunista de Cuba (PCC) ou pelo governo. O racismo aparece mais como um fenômeno cultural, social, econômico e político: “se trata de un fenómeno que atañe a toda sociedad y la característica principal de la lucha es que tiene como aliados al gobierno y al PCC. Y el primer aliado es Fidel Castro; el primero que habló del tema en 1959 y quién también lo retomó después que resurgió”.<sup>37</sup> Domínguez acrescenta que foi durante o período especial, que o presidente apoiou a retomada do problema racial incluindo tal discussão nos Congressos de Pedagogia, na União dos Escritores e Artistas de Cuba (ANEAC) e em outros encontros.

Na Colômbia, após a promulgação da “Lei 70” (1993), passou a ser uma exigência a formulação das diretrizes curriculares posteriormente denominadas “Lineamentos Curriculares para la Cátedra de Estudios Afrocolombianos” (2001), elaboradas pela Comissão Pedagógica Nacional de Comunidades Negras, uma instância vista como legítima e que contou com a participação coletiva de docentes e ativistas reconhecidos pelas instituições de interesse. O *I Foro Nacional de Etnoeducación Afrocolombiana* (Ministério de Educación de Colômbia, 2002), apresentou como objetivo geral “promover el conocimiento y apropiación de la etnoeducación afro-colombiana, como un proyecto de educación intercultural para

---

<sup>35</sup> DOMÍNGUEZ, Esteban Morales. **La problemática racial em Cuba: algunos de sus desafíos**. Havana: Editorial José Martí, 2013.

<sup>36</sup> Ibidem. p. 282.

<sup>37</sup> Ibidem. p. 263.

todos los niveles del sistema educativo colombiano, que contribuye a la consolidación de una nación pluriétnica y multicultural”. Com base em nosso quadro analítico, os esforços relatados por Domínguez sobre a performance da Cofradía de lanegritud, em Cuba, visam em um mesmo caminho de luta anti-racista, *promover o reconhecimento e apropriação da etnoeducação*. Além desses objetivos se reconhece, na Colômbia, a urgência de novas agendas etnoeducativas afro-colombianas. Conforme se enfatizou nas memórias do fórum de etnoeducação, em Bogotá, “es necessário que las instituciones formadoras de docentes reformulen sus currículos, teniendo en cuenta los lineamientos de la política etnoeducativa afro-colombiana y la Cátedra de Estudios Afrocolombianos,” (2002, p.1).

Em um mesmo período, no Brasil, logo após a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade de um currículo que podem contemplar conteúdos de história e cultura afro-brasileiras e africanas, as *Diretrizes nacionais para a educação das relações étnico-raciais*<sup>38</sup> apresentam a seguinte justificativa:

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão. A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser particularmente apoiada com a promulgação da Lei 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas.<sup>39</sup>

A análise do discurso de Fairclough<sup>40</sup> nos orienta a considerar como fundante, nesse processo, a arena de disputa retórica que compromete os Estados e os movimentos em disputa. São discursos que defendem propostas vigentes que

---

<sup>38</sup> BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília. 2004.

<sup>39</sup> Ibidem. p. 11.

<sup>40</sup> FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

se convertam em um mosaico de possibilidades para novas inscrições dependendo do segmento implicado. A prática discursiva, conforme vimos no documento da *Cátedra de Estudos Afrocolombianos*, um dos eixos da política de etnoeducação da Colômbia,<sup>41</sup> reflete aspectos do ideário presente no I Fórum de Etnoeducação Afrocolombiana e se constitui de maneira convencional, mas, ao mesmo tempo, de maneira criativa. Isso porque “contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças) como é, mas também contribui para transformá-la”.<sup>42</sup>

Segundo Fairclough,<sup>43</sup> as relações que estão no centro do sistema de educação dependem da consistência e da durabilidade de padrões discursivos no interior e exterior dessas relações para sua reprodução. Do mesmo jeito, “estão abertas a transformações que podem originar-se parcialmente no discurso: na fala da sala de aula ou no debate educacional”.<sup>44</sup> As propostas no Brasil e na Colômbia se aproximam na medida em que denunciam a falta de fluidez da dinâmica pedagógica para intervir nos processos de subalternização do Outro do discurso educacional.

Assim, a produção/sistematização do conhecimento das comunidades que participam das instâncias propositivas é mediada pela intenção ou, quem sabe, pela urgência imperiosa de demarcar lugares autônomos com respeito às formas em que a chamada sociedade estabelecida valida e reconhece um corpo de conhecimentos e saberes mais periféricos e menos coloniais.

O reconhecimento formal de subgrupos étnico-raciais específicos e da natureza multicultural das sociedades nacionais, do direito consuetudinário como direito público oficial, direitos de propriedade coletiva (especialmente em relação à terra), o *status* oficial para a língua de minorias em regiões em que estas predominam e, por último, a garantia de educação bilíngue, são itens em destaque na análise de Juliet Hooker.<sup>45</sup> Considerando o panorama apresentado pela pesquisa

---

<sup>41</sup> MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL. *Cátedra de Estudios Afrocolombianos: Lineamientos Curriculares*. Bogotá: Maya, 2001.

<sup>42</sup> *Ibidem*. p. 92.

<sup>43</sup> FAIRCLOUGH, Norman. *Op. Cit.*

<sup>44</sup> *Ibidem*. p. 92.

<sup>45</sup> HOOKER, Juliet. Inclusão indígena e exclusão dos afro-descendentes na América Latina. **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 89-111, nov. 2006.

da referida autora, podemos considerar traços da dinâmica que identifica a América Latina como um complexo desafiado a garantir, para os segmentos em “desvantagem colonial”, maior mobilidade sócio-educativa:

os casos do Brasil e da Colômbia sugerem como enfrentar no futuro a exclusão da maioria dos afro-descendentes que não pôde conquistar, com base na diferença cultural, direitos coletivos. A adoção simultânea de direitos culturais e outros tipos de estratégias anti-racistas, como a ação afirmativa ou medidas relacionadas aos direitos civis, ainda é uma exceção na América Latina.<sup>46</sup>

Admite-se a relevância da luta dos segmentos marginalizados dentre aqueles representados como “diferentes” no seu próprio lugar. Essas especificidades ratificam a centralidade de pesquisas sobre a presença africana na América Latina e a propensa coesão de demandas no campo da História Comparada e mais especificamente, da Educação Comparada, em termos de estudos contínuos sobre as dinâmicas dos movimentos sociais e as arenas de disputa.

Apontamos algumas perguntas centrais para a validação de nossa análise miúda sobre os discursos que caracterizam as propostas curriculares etnoeducativas. O que seria pertinente focarmos nos trabalhos sobre discursos e propostas etnoeducativas afro-centradas? São esses temas correlatos no âmbito dos estudos sobre políticas curriculares? Em que medida podemos contribuir para análises que cruzem a luta política e a luta por justiça epistêmica em sentido mais amplo?

A defesa por uma etnoducação, no Brasil, se converteu, no âmbito do Movimento Negro, em uma disputa por espaços de representação incluindo o ingresso no mundo acadêmico, sobretudo nas duas últimas décadas. Se por um lado, as políticas educacionais adotadas nos últimos anos pelo Ministério de Educação refletem os ganhos do modo de negociar a etnoeducação, do outro, faz-se necessário nosso fortalecimento no campo da pesquisa comparada para, em outros espaços de ressurgência/afloramento, ampliarmos as nossas análises sobre essas outras configurações epistêmicas sugeridas por Catherine Walsh (2007).

---

<sup>46</sup> Ibidem. p. 19.

Alguns temas podem ser destacados tais como: o conteúdo programático dessas propostas passa a incluir o *estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros, a cultura negra e o negro na formação da sociedade nacional, o resgate da contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do país*. Para a análise de fundo, compartilhada com Norman Fairclough<sup>47</sup> o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais apresenta traços que segundo Fairclough<sup>48</sup> podem ser considerados como parte da linguagem sendo essa uma forma de prática social já que na sua visão, o discurso é moldado por uma prática social: “o discurso é moldado e restringido pela estrutura social num sentido mais amplo e em todos os níveis. Pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares como o direito e a educação”.<sup>49</sup>

O autor concorda que o discurso é uma prática e não uma representação do mundo. Sendo assim, entendemos que no texto das diretrizes para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004)<sup>50</sup> e no texto dos “Lineamientos para la Cátedra de Estudios Afrocolombianos” está presente como pano de fundo, “um discurso que contribui para a constituição de dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem”.<sup>51</sup>

Em suas diferentes etapas discursivas vimos o reflexo do ideário dos movimentos: a luta por justiça e por uma agenda educacional anti-racista ganharam centralidade. Por isso e, em termos de itinerário dos movimentos sociais focados na luta por justiça curricular, dessa vez, é incontestável a abrangência alcançada em termos de representação nos respectivos textos. Pode-se considerar que os ganhos em termos de políticas já elaboradas e executadas, na atualidade, são desdobramentos de uma agência coletiva de um movimento que se voltou para o *fosso educacional* como o elemento de questionamento e luta política tendo como objetivo a “re-inscrição da questão racial”, como já apontado no início de nossa análise.

---

<sup>47</sup> FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança...** Op. Cit.

<sup>48</sup> Ibidem. p. 90.

<sup>49</sup> Ibidem. p. 91.

<sup>50</sup> BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília. 2004.

<sup>51</sup> FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança...** Op. Cit., p. 91.

Entende-se que um *movimento em ascensão*<sup>52</sup> de intelectuais acadêmicos/as em diálogo com intelectuais orgânicos privilegia a garantia do acesso ao ensino público, o que parece ser um reflexo do posicionamento dos/as intelectuais que se inclinaram no sentido de criar táticas contra a má formação das populações afrodescendentes. Como agente da transformação, o Movimento Negro Brasileiro pode ser interpretado como sujeito histórico responsável pela garantia da implementação de políticas voltadas para a diminuição das desigualdades raciais ainda vigentes. Adotou, nesse processo, algumas táticas para a visibilidade das condições estruturais das populações negras no sentido de agregar os grupos que dependem de tais medidas.

Portanto, a educação que emerge das pautas dos movimentos negros do Brasil e da Colômbia, pelas aproximações já reconhecidas nos espaços de cooperação, onde atuamos - conforme já destacado -, passa a ser o “desdobramento de uma configuração afrolatinoamericana”. Algo que se retroalimenta a partir dos anos de 1970 implicando diferentes coletivos promotores de espaços não formais de fortalecimento identitário, como vem ocorrendo agora com a *Cofradía de La Negritud* em Cuba.

Nos processos dinâmicos de luta e insistente denúncia da invisibilidade das condições precárias nas respectivas sociedades, os agentes políticos adotaram, como parte do seu ideário, a defesa por políticas focadas no drama racial que se refletem nas orientações para o reconhecimento de sua pertença e respeito a sua identidade negra. Para associações que se dividem com base num *continuum* de cor, a re-inscrição do continente africano nas suas respectivas histórias, tende a promover outras interpretações acerca da condição humana, da sustentabilidade e das questões da cultura da violência, por exemplo.

Os pontos de contato que colocam lado a lado as apostas discursivas aqui em foco são justamente aqueles que localizamos no texto de Frantz Fanon quando

---

<sup>52</sup> Segundo o estudo de Miranda (MIRANDA, Claudia. **Narrativas subalternas...** Op. Cit.) professores/as e/ou alunos/as em espaços de prestígio - como é o caso dos programas de mestrado e doutorado de universidades públicas -, carregam uma bandeira de luta pela participação na esfera pública, incluindo, em sua agenda, o item “reconhecimento do seu direito de participar” desenvolvendo ciência a partir de uma lógica afrocentrada e que, portanto, contempla formas de humanização de multidões que sofrem com a “injustiça racial”.

afirma: “se há um vício ele não está no indivíduo, ele está no meio”.<sup>53</sup> No capítulo “O Negro e o reconhecimento” de *Peles Negras, Máscaras Brancas*<sup>54</sup> que se refere ao cotidiano na Ilha da Martinica, observamos a seguinte análise:

é o meio, é a sociedade que é responsável pela sua mistificação. Isto dito, o resto dirá por si só. Esabemos do que se trata. Do fim do mundo. Às vezes eu me pergunto se os inspetores do ensino e os chefes da administração estão conscientes de seu papel na colônia. Durante 20 anos insistem com seus programas, em fazer do negro um branco.<sup>55</sup>

Nessa medida, examinar nuances do discurso sobre o lugar de importância dos documentos curriculares em destaque, foi também aceitar como *guión*, esse pressuposto fanoniano. Encontramos assim, *nuances* do esforço discursivo dos movimentos sociais adornando os textos dos documentos curriculares aqui apresentados.

Como desdobramento desses empenhos na luta anti-racista no Brasil, é criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), pelo Ministério da Educação visando enfrentar as injustiças nos sistemas educacionais. Conforme o texto de apresentação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004), os programas de alfabetização e de educação de jovens e adultos, as coordenações de educação indígena, diversidade e inclusão educacional, educação no campo e educação ambiental, agregados em uma mesma instância do governo, permitiram articulações necessárias ao encaminhamento das etapas de consolidação do projeto anunciado na contracorrente do racismo à brasileira.

Em um esforço que se converte em um divisor de águas, o Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, pode elaborar propostas documentadas que passaram a orientar trabalhos de formação docente e de revisão curricular.

No âmbito da proposta que se configura como oficial na Colômbia, a dinâmica que institui a Comissão Pedagógica Nacional de Comunidades Negras é analisada como legítima e um marco na luta política dos afro-colombianos. Por

---

<sup>53</sup> FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008. p. 177.

<sup>54</sup> *Ibidem*.

<sup>55</sup> *Ibidem*. p. 180.

outra parte, o sistema integrador oferecido pelo Estado, conforme indica a literatura disponível, não é suficiente para a efetivação da proposta idealizada pela comunidade de interesse. Seriam esses, alguns entraves reconhecidos nas análises que alcançamos realizar.

### **Algumas conclusões**

Pensamos com Catherine Walsh<sup>56</sup> o lugar dos discursos com os quais nos confrontamos. Entendemos que é a partir das esferas que constituem os respectivos Estados (no Brasil e na Colômbia), e que se comprometem com as urgências da Sociedade mais ampla, que poderemos ampliar as frestas onde se localiza a luta pelos direitos humanos. Em outros termos, o discurso que nasce da experiência afrodescendente e que estão refletidos nos textos das políticas curriculares etnoeducativas apresentam, de fato, as tensões já mapeadas em outras análises. Não obstante, e, em diálogo com a proposta que analisa o discurso e a mudança social, preferimos a concepção de que “a ideologia está localizada tanto nas estruturas que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras”.<sup>57</sup>

Nos textos das respectivas propostas, localizamos ainda, a agenda “perturbadora” e permeada pelas “inquietações étnicas” citadas por Octavio Ianni.<sup>58</sup> Podemos supor ao que tudo nos indica que nas últimas décadas, os governos na América Latina têm sido desafiados a recolocar - sob pressão mundial de diferentes organizações dos movimentos sociais e dos acordos de cooperação -, suas narrativas e sua dinâmica de recomposição sócio-racial para contemplar reivindicações daqueles/as historicamente inferiorizados/as nos processos de dominação que foram engendrados para perpetuar modelos e arranjos de fixação subalterna de segmentos inteiros.

Aceitamos a noção de que o Brasil e a Colômbia são espaços marcados por um aprisionamento cultural e que esses contextos ainda estão estruturados por

---

<sup>56</sup> WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado y sociedad: luchas decoloniales de nuestra época**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2009.

<sup>57</sup> FAIRCLOUGH, Op. Cit., p. 119.

<sup>58</sup> IANNI, Op. Cit.



uma retórica inibidora de outras vozes nos processos de educação formal. Sob diferentes orientações reconhecemos a produção e o avanço temático que inclui os descritores: “desigualdades raciais”, “relações raciais e educação”, “ações afirmativas e universidade pública” entre outras categorias. Os marcos legais das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais estão presentes em inúmeros quadros analíticos adotados em trabalhos sobre pluralidade e diversidade no Brasil e também na Colômbia.

Seria relevante a efetivação de outros estudos comparativos que tenham como centralidade os saberes ancestrais que despontam nos termos que mereceriam maior relevo nas novas incursões teóricas sobre o outro do discurso educacional.

## Referências

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília. 2004.

\_\_. **Lei 10639** de 9 de janeiro de 2003.

\_\_. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-raciais**. Brasília: MEC; SECAD, 2006.

CARVALHO José Jorge. **Ações afirmativas para negros e índios no ensino superior: as propostas dos NEABs**. Universidade e Sociedade, Brasília, n. 29, p. 61-67, 2003.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Tejidos Oníricos: movilidad, capitalismo y biopolítica em Bogotá (1910-1930)**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2009.

\_\_. **La HybridelPunto. Cerro: ciencia, raza e ilustración em La Nueva Granada**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana; Instituto de estudios sociales y Culturales Pensar, 2010.

\_\_.; GROSFUGUEL, Ramón. **El girodecolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más alládel capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana – Instituto Pensar, 2007.

COSTA, Sergio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 117-134, 2006.

COWEN, Robert. Formações políticas e sistemas educacionais *In*: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas. M.; UNTERHALTER, Elaine. **Educação Comparada: panorama internacional e perspectivas**. Brasília: UNESCO CAPES, 2012. v.2.

DOMÍNGUEZ, Esteban Morales. **La problemática racial em Cuba: algunos de sus desafios**. Havana: Editorial José Martí, 2013.

DU BOIS, W.E.B. **As almas da Gente Negra**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

\_\_. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

\_\_. **Los Condenados de la Tierra**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sergio A.; HUNTLEY, Lynn. **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HOFFMANN, Odile. **Afrodescendientes de las Américas: trayectorias sociales e identitárias: 150 años de abolición de la esclavitud en Colombia**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia; ICANH, IRD, ILSA, 2002.

HOOKER, Juliet. Inclusão indígena e exclusão dos afro-descendentes na América Latina. **Tempo Social: Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 89-111, nov. 2006.

IANNI, Octavio. A racialização do mundo. **Tempo Social: Revista de Sociol da USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 1-23, maio de 1996.

JIMÉNEZ, Leonardo Reales. **Situación de los afrodescendientes de Colombia y el cumplimiento de los objetivos de desarrollo Del Milênio**. Informe alternativo de Colômbia, 2005.

LANDER, Edgardo, Cienciassociales: saberes coloniales y eurocêntricos. *In*: \_\_. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y cienciassociales: Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

MINISTÉRIO DE EDUCACIÓN NACIONAL. Cátedra de Estudios Afrocolombianos: Lineamientos Curriculares. Bogotá: Maya, 2001.

\_\_. Decreto 1122 de 1998.

\_\_. Lei 115 ou Lei Geral da Educação, fevereiro de 1994.

\_\_. Ley 70 de las comunidades negras. América Negra. n. 6 diciembre. 1993.

MIRANDA, Cláudia. Frantz Fanon na formação de professores: teorias e outras práticas para os currículos a partir da lei nº 10639/2003. *In*: SOUZA, Maria Elena.

**Relações raciais no cotidiano escolar. Diálogos com a lei 10.639/03** (Org.) 2ª ed. Rio de Janeiro: Rovellet, 2013.

\_\_\_ **Narrativas subalternas e políticas de branquidade: o deslocamento de afrodescendentes como processo subversivo e as estratégias de negociação na academia.** Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

\_\_\_; PIERRO, Maria Clara Di; AGUIAR, Francisco Lopes (Org.) **Bibliografia Básica sobre relações raciais e educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Usos e sentidos da Negritude.** Rio de Janeiro: Ática, 1988.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_ **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_ **Fora do Lugar.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

UNIVERSIDAD PEDAGÓGICA NACIONAL. **Expedición Pedagógica Nacional: Al encuentro con nuestra cultura afrocolombiana.** Universidad Pedagógica Nacional: Bogotá, 2003.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado y sociedad: luchas decoloniales de nuestra época.** Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2009.

\_\_\_ **Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder Entrevista a Walter Mignolo.** OEL – Organización de Estudios Latinoamericanos. Disponível em: <<http://www.campus-oei.org/salactsi/walsh.htm>>. Acesso em 20/4/2006.

\_\_\_ **Interculturalidad crítica, pedagogia de-colonial.** In: Interculturalidad Crítica. Pedagogia Decolonial. In: VILLA, Wilmer; BONILLA, Arturo Grueso (Orgs). **Diversidad, interculturalidad y construcción de ciudad.** Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2008.

\_\_\_; SCHIWY, Freya; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **Indisciplinar las ciencias sociales. Geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder: perspectivas desde lo andino.** Quito: Universidad Andina Simón Bolívar; Abya-Yala, 2002.

## EDUCACIÓN SUPERIOR: UN ESPACIO DE INCLUSIÓN Y VISIBILIZACIÓN PARA LOS AFRODESCENDIENTES EN COLOMBIA

Maguemati Wabgou<sup>1</sup>

Universidad Nacional de Colombia  
Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales  
Departamento de Ciencias Políticas

Recebido 15/10/2013  
Aprovado 15/03/2014

**Resumen:** El artículo apunta al tema de la educación inclusiva o pluralista en Colombia, que afianza una condición de pasado y presente donde la educación ha sido y sigue siendo un campo de privilegios, exclusiones, promoción y reproducción de desigualdades. En este sentido, busca hacer aportes que se articulan en torno a cuatro puntos relacionados con la transversalidad de los temas afro en toda la oferta de cursos, cátedras, programas, extensión, entre otros en la Educación Superior de Colombia, así como el acceso de estudiantes afrodescendientes, su permanencia y graduación en este sistema de Educación Superior Colombiana.

**Palabras clave:** Afrodescendientes – Colombia – Educación superior.

### HIGHER EDUCATION: A SPACE FOR INCLUSION AND VISIBILITY FOR AFRICAN- COLOMBIANS

**Summary:** The article addresses the issue of pluralist or inclusive education in Colombia, which clinches a condition of past and present where education has been and continues to be a field of privileges, exclusion, promotion and reproduction of inequalities. In this sense, it seeks to make contributions that are articulated around four points related to cross-cutting subject matters on Afro-descendants through all the courses, lectures, programs, and extension offered by the Higher Education of Colombia; the access of Afro-descendant students to Colombian Higher education system, as well as their permanence and graduation.

**Keywords:** Afro-descendant People – Colombia – Higher Education.

### Introducción<sup>2</sup>

Abordar el tema de la *inclusión de las personas afrodescendientes* en la *educación superior* colombiana implica precisar que la educación superior juega un rol estratégico en el proyecto de progreso económico, social y político con el que está comprometido Colombia. Por lo tanto es necesario contar con una

---

<sup>1</sup> E-mail: mwabgou@unal.edu.co.

<sup>2</sup> Este artículo es fruto de reflexiones nutridas desde los escenarios de debates brindados por el Encuentro de Investigadores Afro, organizado por la Secretaría de Cultura, Patrimonio y Turismo de Barranquilla, Viernes, 7 de octubre de 2011; y el “XIII Seminario Construcción Cultural Afroamericana y su Inserción Social: Conmemoración Día Nacional de la Afrocolombianidad”, organizado por la Corporación Ancestros, Universidad del Cauca, Ministerio de Cultura, E. Santa Elena, Popayán, Martes 21 de mayo de 2013. Nuestros agradecimientos a las/os organizadoras/es de estos eventos.

universidad con buena capacidad de formar las generaciones de hombres y mujeres, jóvenes y adultos, para que puedan asumir de manera competente y responsable los compromisos que demanda la construcción de una sociedad incluyente y pluralista.

Así mismo, la sociedad colombiana requiere que se refleje efectivamente el carácter multicultural y pluriétnico de la “nación” en el seno de las instituciones educativas de nivel superior; lo que impulsaría la eclosión de la diversidad cultural y étnico-racial del país y enriquecería las Instituciones de Educación Superior (IES), dentro de un marco general de las relaciones tridimensionales *Universidad-Sociedad civil-Estado*. Dada la evolución del campo universitario colombiano en sus diferentes planos (académico, político, científico, económico y social), se busca evidenciar sus principales problemas y la necesidad de hacer cambios fundamentales en los procesos de acceso a la educación superior, igual que en la orientación de los contenidos de los programas, la forma de alentar los procesos de aprendizaje favorables a la mayor inclusión, permanencia y graduación de hombres y mujeres afrodescendientes.

En este sentido, este trabajo aboga por la educación inclusiva o pluralista que afianza una condición de pasado y presente donde la educación ha sido y sigue siendo un campo de privilegios, exclusiones, promoción y reproducción de desigualdades.<sup>3</sup> Pues expone la situación general de la educación superior en Colombia **(I)** antes de hacerse la pregunta sobre ¿por qué no se le da la atención debida a la educación superior relacionada con la inclusión de los afrodescendientes en Colombia? La búsqueda de respuestas a esta pregunta conlleva la necesidad de explorar alternativas para su mayor inserción en la educación superior **(II)**, concebida como una herramienta potente y un canal esencial para la consolidación de lógicas y estrategias de visibilización y resistencia de los afrodescendientes en diversas esferas públicas del país.

---

<sup>3</sup> Para mayor entendimiento de este aspecto de la educación, véase LAO-MONTES, Agustín. **Reformas de Educación Superior en búsqueda de la Democracia Inter-Cultural y la Descolonización de la Universidad: Debates Necesarios, Retos Claves, Propuestas Mínimas.** [S.l.]: [s.n.] 2008. Disponible en [http://www.mineducacion.gov.co/cvn/1665/articles-175889\\_archivo\\_pdf1.pdf](http://www.mineducacion.gov.co/cvn/1665/articles-175889_archivo_pdf1.pdf). Consulta en agosto de 2010.

## Educación Superior en Colombia

Históricamente la universidad siempre ha tenido dificultades para adaptarse a los cambios de su entorno. En ocasiones el proceso de adaptación ha tardado décadas; en otras, por el contrario, el proceso ha sido relativamente rápido, pero en todos ellos ha conllevado tensiones dentro de la comunidad académica, rupturas, discontinuidades.<sup>4</sup>

Iniciamos la presentación del sistema de la educación superior colombiano con la descripción de algunas de sus características, de las cuales se destaca una serie de *reformas* que este sistema educativo ha padecido, sobre todo durante todo el siglo XX. Pues consideramos que una de las más importantes fue la que se implementó en la década de los 80 con el fin de responder a una situación de proliferación<sup>5</sup> desorganizada de las universidades en el país, de desarticulación entre la educación superior y la realidad del país, y de alta deficiencia en la docencia y en la investigación. Por consiguiente, Sverdlick, Ferrari, Jaimovich<sup>6</sup> reportan que:

Según el Instituto Internacional para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (IESALC), los rasgos más significativos de este proceso de reforma iniciado por la Ley 80 de 1980 fueron: el ordenamiento de las modalidades de Educación Superior (formación intermedia profesional, formación tecnológica, formación universitaria y formación avanzada) y la reestructuración del Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior (ICFES) como institución rectora de los destinos de la Educación Superior. Durante la década del '90, la educación superior fue nuevamente reformada interviniendo particularmente en:

- Una sustitución de las modalidades de educación superior por campos de acción (técnica, ciencia, tecnología, humanidades, arte y filosofía) para los siguientes tipos de instituciones: técnicas profesionales, instituciones universitarias, o, escuelas tecnológicas y universidades.
- El principio de autonomía universitaria. Con respecto a este principio, las universidades tienen facultades para darse y modificar sus estatutos; designar sus autoridades académicas y administrativas; crear, organizar y desarrollar sus programas académicos; definir y organizar sus labores formativas, académicas, docentes, científicas y culturales; otorgar los títulos correspondientes; seleccionar a sus profesores, admitir a sus alumnos y adoptar sus correspondientes regímenes; y establecer,

---

<sup>4</sup> MISAS ARANGO, Gabriel. **La educación superior en Colombia: Análisis y estrategias para su desarrollo**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2004. p.30.

<sup>5</sup> Hubo una proliferación de diferentes modalidades, jornadas, carreras y programas cada vez más diferenciados, igual que una expansión cuantitativa de las instituciones y de los alumnos.

<sup>6</sup> SVERDLICK, Ingrid; FERRARI, Paola; JAIMOVICH, Analía. *In: \_\_. Desigualdad e inclusión en la educación superior: Un estudio comparado en cinco países de América Latina*. Buenos Aires: Laboratorio de Políticas Públicas, 2005. Serie Ensayos & Investigaciones, n. 9. p.61-62

arbitrar y aplicar sus recursos para el cumplimiento de sumisión social y de su función institucional. • La reestructuración del ICFES para hacerlo más permeable a las nuevas políticas del gobierno.

A continuación, se destaca la Ley 30 de 1992, por la cual se organiza el sistema de la educación superior en Colombia, y que el gobierno actual (de Juan Manuel Santos) ha intentado modificar por medio de una Reforma integral que, según el Ministerio de Educación,

[...] busca consolidar los avances alcanzados en los últimos años y potenciar el acceso y la calidad de la oferta educativa para generar más y mejores oportunidades a todos los colombianos mediante la organización del Sistema de Educación Superior, de un sistema de calidad y un incremento significativo de las fuentes de recursos para el sector [...] Surge de la necesidad de organizar el sistema de educación superior en Colombia para responder a las necesidades de formación de calidad que demanda la sociedad en su búsqueda de mayor equidad, bienestar y desarrollo [...] La Reforma plantea los siguientes cuatro objetivos, siempre en el marco del principio de la autonomía universitaria, la equidad, la ética, la excelencia académica, el pluralismo y la participación: **1.** Generar las condiciones para que haya una mejor oferta de educación superior. **2.** Generar las condiciones para que más colombianos de escasos recursos y población vulnerable ingresen y se gradúen de la educación superior. **3.** Adecuar el sistema de educación superior con la realidad nacional y armonizarlo con las tendencias regionales e internacionales. **4.** Y fortalecer los principios de buen gobierno y transparencia en el sector.<sup>7</sup>

Contrariamente a esta versión oficial sobre los motivos y objetivos de una reforma a la educación superior, Múnera<sup>8</sup> considera que “la reforma está dirigida a reestructurar el mercado laboral en función de las nuevas formas de acumulación del capital y de la inserción acrítica y subordinada en la economía global”. Por lo tanto, esta nueva propuesta de reforma ha sido rechazada por el conjunto de la comunidad universitaria: en octubre de 2011, se convocó un *paro nacional universitario contra el proyecto de reforma a la Ley 30* que

---

<sup>7</sup> Ver MINISTERIO DE EDUCACIÓN . **ABC de la Reforma a la Educación Superior en Colombia.** Disponible en <http://www.mineducacion.gov.co/1621/w3-article-283356.html> Consulta en noviembre de 2011.

<sup>8</sup> Ver MÚNERA Leopoldo. **El XYZ de la Reforma a la Ley 30 de 1992 (Ley de Educación Superior).** [S.l.]: [s.n.]. 2011. Disponible en [http://redidesal.org/docs/article/218/20111101\\_Co\\_Munera\\_leopoldo\\_ELXYZ-de-la-Reforma-Ley-30-de-1992.pdf](http://redidesal.org/docs/article/218/20111101_Co_Munera_leopoldo_ELXYZ-de-la-Reforma-Ley-30-de-1992.pdf). Consulta en noviembre de 2011.

busca salirle a las sutilezas del proceso privatizador rechazando los créditos financieros como el principal instrumento para que los **jóvenes** accedan a la educación superior y exigiéndole al gobierno la financiación suficiente no del servicio educativo sino del DERECHO A LA EDUCACION y evitar que por la vía de las *instituciones mixtas* las instituciones públicas pasen de lo público al derecho privado.<sup>9</sup>

A su vez,

El Paro Nacional Universitario en lo fundamental persigue **tres objetivos centrales** en medio de las múltiples problemáticas que tienen las universidades públicas del país:

**1.** Que *el proyecto de Ley sea retirado del Congreso de la República* y se abra una discusión nacional en la que participen todos los sectores de la sociedad colombiana en la definición de un proyecto de ley que consulte las necesidades del país en materia de educación superior y se revista por las dinámicas de su elaboración y pertinencia de la mayor legitimidad social posible.**2.** Un sistema de *financiación pública de la educación superior* que dote a las universidades públicas de presupuestos suficientes, adecuados y oportunos que le permitan a las instituciones cumplir con la función social que les ha sido asignada con excelencia académica y calidad. **3.** Defender la *Autonomía Universitaria* como fundamento esencial de la vida de las instituciones de educación superior en la definición de sus formas de gobierno, la administración de sus recursos, la renovación permanente de sus programas y la definición de la pertinencia de sus investigaciones, así como de sus sistemas de control y evolución institucional.<sup>10</sup>

El paro terminó en noviembre del mismo año con el retiro del proyecto por parte del Gobierno nacional y el Congreso de la República colombiana, constituyéndose en lo que el autor considera “el éxito más importante alcanzado en algo más de medio siglo de movilizaciones”.<sup>11</sup> Esta situación lleva a reflexionar en torno al Sistema de ingreso a la educación superior.

### **Sistema de acceso o ingreso a la educación superior en Colombia.**

Teniendo en cuenta que la mayoría de las instituciones de educación superior se concentra en las regiones de Bogotá, Antioquia, Valle, Santander y en Atlántico, el *sistema de ingresos* regido por el Examen de Estado para el acceso a las universidades públicas. Como producto de la reforma implementada en la

---

<sup>9</sup> Ver MEDINA, Carlos. **Paro nacional universitario: contra el proyecto de reforma a la Ley 30.** [S.l.]: [s.n.], 2011. Disponible en [http://www.camega.org/inicio/index.php?option=com\\_content&view=article&id=468:carlos-medina-gallego&catid=40:articuloscarlos&Itemid=72](http://www.camega.org/inicio/index.php?option=com_content&view=article&id=468:carlos-medina-gallego&catid=40:articuloscarlos&Itemid=72). Consulta en noviembre de 2011.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Ibidem.



década de los años 80, es un examen administrado por el Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior (ICFES) que comenzó a ser utilizado obligatoria e ininterrumpidamente por las universidades públicas a partir del año 1968. En realidad, el objetivo del examen es comprobar niveles mínimos de aptitudes y conocimientos:

Es una prueba académica de carácter oficial [...] En sus comienzos, el examen incluía cuatro pruebas de aptitud (verbal, matemática, razonamiento abstracto y relaciones espaciales) y cinco pruebas de conocimiento (ciencias sociales y filosofía, química, física, biología e inglés) [...] Durante la segunda mitad del Siglo XX, el examen de Estado sufrió varias modificaciones asociadas a las reformas. En el 2000, se vuelve a modificar el examen con la intención de atender los problemas vinculados con la desigualdad en el acceso del ICFES, se buscaba evaluar a los alumnos en sus competencias y no por sus conocimientos. En forma paralela a esta modificación, algunas de las instituciones reservaron un porcentaje de sus cupos exclusivamente para aspirantes de *ciertas etnias*, grupos sociales o zonas especiales del país, ofrecieron becas para facilitar el pago de las matrículas y proveyeron a los aspirantes cursos de pre ingreso. Aunque el examen de Estado es obligatorio, hay algunas universidades que no lo utilizan. Del total de 29 universidades públicas, 24 utilizan el resultado del examen como mecanismo de admisión: 12 de ellas lo emplean como mecanismo exclusivo, y 12 lo complementan con un examen propio y/o con entrevista y/o con pruebas específicas para carreras determinadas. Algunas de las universidades que tienen examen propio son las Universidades del Magdalena, Atlántico, Guajira, Cartagena, Antioquia, Colegio Mayor de Cundinamarca y la Universidad Nacional de Colombia. Algunos estudios postulan que la autonomía universitaria es la que les permite a las instituciones la definición de mecanismos propios de selección.<sup>12</sup>

En este sentido, llama la atención el caso de la **Universidad Nacional de Colombia (UNAL)**<sup>13</sup> que, igual que ciertas instituciones de educación superior que

---

<sup>12</sup> Al respecto, el Artículo 109 de la Ley 30 estipula que “las instituciones de Educación Superior deberán tener un reglamento estudiantil que regule al menos los siguientes aspectos: Requisitos de inscripción, admisión y matrícula, derechos y deberes, distinciones e incentivos, régimen disciplinario y demás aspectos académicos”. SVERDLICK, Ingrid; FERRARI, Paola; JAIMOVICH, Analía. Op. Cit., p. 63.

<sup>13</sup> Un recorrido histórico sobre la evolución de la UNAL lleva a Sverdlick, Ferrari y Jaimovich (p. 68) a mencionar que “la Universidad Nacional de Colombia es una de las instituciones más grandes y tradicionales de ese país. Su origen data del año 1867 cuando, a través de la ley 66, se crea con el nombre de Universidad Nacional de los Estados Unidos de Colombia. En sus comienzos la universidad tenía 355 estudiantes, 45 profesores y seis escuelas: Derecho, Medicina, Ciencias Naturales, Literatura y Filosofía, Ingeniería y el Instituto de Artes y Oficios. En 1936, se sanciona la primera ley orgánica de la Universidad en la que se establece que estaría constituida por facultades, escuelas profesionales, institutos de investigación, el Conservatorio Nacional de Música, el

gozan del principio de autonomía, adoptó un *sistema de acceso propio* que le permite utilizar un examen de admisión propio, teniendo en cuenta el condicionamiento de dicha admisión por los *cupos* disponibles en cada período académico. Además, el candidato tiene que acumular un total de puntaje según las respuestas a las 120 preguntas contenidas en una prueba *multiple choice* del examen; respuestas que tienen un puntaje ponderado diferente (240 puntos máximo) en función de la carrera seleccionada por el/la aspirante. En este sentido, el puntaje de admisión debe ser superior o igual al del último estudiante que se admitió en la carrera para la cual se solicita ingreso. En suma, para acceder a los programas de grado de esta institución universitaria, es necesario obtener el título de bachiller y presentar un buen desempeño en el examen de admisión implementado por la Universidad; así mismo, cabría la posibilidad de matricularse en cualquiera de los programas que ésta ofrece.

Pues, la Universidad Nacional de Colombia no ha sido estado exenta de las derivaciones de distintas reformas: desde su creación hasta la actualidad ha padecido efectos derivados de distintas reformas de los cuales mencionamos la implementada por el Rector Patiño en el año 1965 con el fin de moderar la orientación profesionalista de la UNAL. A partir de esta reforma se desarrollaron los estudios de posgrados en la universidad durante la década de los años 70, sobre todo en las áreas de Ingeniería, Ciencias y Agronomía. En este contexto, Misas Arango hace unas consideraciones críticas con respecto a esta serie de reformas y las transformaciones provocadas en los términos siguientes:

La historia de las reformas emprendidas en la Universidad Nacional de Colombia a lo largo del último medio siglo está marcada por la tensión y el compromiso entre las diferentes especies de capital simbólico existentes dentro del campo profesoral. El hecho de que ninguna de las reformas fuera llevada a término de forma completa refleja, de una parte, que nunca se ha logrado construir en la Universidad una jerarquía legítima del campo y, de otra, que fue necesario adecuar el espíritu de

---

Observatorio Astronómico Nacional, Museos y el Instituto Nacional de Radium (Universidad Nacional de Colombia, Catálogo 1991-1992). Asimismo, la ley establecía que el gobierno universitario quedaría en manos del Rector y del Consejo Directivo, conformado por nueve miembros: entre los que figuraban el Ministro de Educación, el Rector y siete vocales –de los cuales dos eran estudiantes y dos profesores-. En esa misma fecha, la Universidad construiría su ciudad universitaria denominada <<Ciudad Blanca>>”.

cada reforma a la correlación de fuerzas en el momento que se realizaron.<sup>14</sup>

Aquí, surge una respuesta fundamental a la pregunta formulada anteriormente sobre el ¿por qué no se le da la atención debida a la educación superior relacionada con la inclusión de los afrodescendientes en Colombia? Esta respuesta reposa en que las autoridades no han formulado todavía políticas integrales de educación superior acerca de las funciones principales de la misma de cara a la sociedad colombiana en su totalidad, esencialmente marcada por las diversidades étnico-raciales. Es más, esta diversidad es todavía entendida por algunos sectores de las clases dirigentes como un “problema”, más que como una oportunidad de enriquecerse y aprender sobre la variedad de vidas, costumbres, pensamientos, culturas, etc. de los “otros”, que también son personas que tienen derecho a ejercer *plenamente* su ciudadanía colombiana. Aún, no se han apropiado plenamente la idea según la cual la educación superior

[...] asume sus tareas sociales a través de la docencia, investigación y proyección social, formando profesionales idóneos, desarrollando el conocimiento, explorando sistemáticamente soluciones para los problemas del entorno y participando directamente con la comunidad en los análisis y en las acciones orientadas a resolver problemas urgentes y a mejorarlas condiciones de vida.<sup>15</sup>

Para alcanzar este objetivo, es necesario apostar por una *educación superior incluyente*, sobre todo en un Estado cuya “nación” es considerada multicultural y pluriétnica.

### **Una educación superior incluyente en Colombia**

El análisis sobre la educación incluyente superior colombiana parte del diagnóstico en torno a la problemática de inclusión que conlleva la cuestión de la participación. Por un lado, la *inclusión* se define como un proceso enfocado en las personas que hacen parte de un grupo social determinado, el cual debe participar en los asuntos sociales, políticos, económicos y culturales del distrito capital para la toma de decisiones. Es más, la inclusión es un proceso participativo, inacabado y

---

<sup>14</sup> MISAS ARANGO, Gabriel. Op. Cit., p. 148.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 14.

continuo que parte de las personas concretas y sus necesidades (recursos, valores, etc.) y con el que se construye mediante la libertad y elección de las personas a quien va dirigido el apoyo. Por otro, la *participación* es un proceso de implicación e intervención de los ciudadanos en distintos mecanismos de trabajo, con el fin de incidir en la toma de decisiones relacionadas con su vivencia: se caracteriza por su capacidad dinámica y transformadora en la medida que puede abrir posibilidades o espacios de intervención de personas o grupos determinados, siguiendo dinámicas que conllevan tensiones, divergencias, disensiones y acuerdos.

La necesidad de precisar el significado de la inclusión en el ámbito de la educación, conduce a apuntar el derecho a la educación, que implica y convoca la adaptabilidad del sistema educativo; es decir, su capacidad para adaptar su enseñanza a las necesidades de los estudiantes, sus familias y la sociedad. Así mismo, Fulvia Cedeño considera que una educación incluyente es la que:

[...] ve a todos los estudiantes como capaces de aprender; ***ánima y honra todos los tipos de diversidad***, incrementando la posibilidad de una igualdad de oportunidades y con ello, la mejora de la calidad educativa. Una educación incluyente descansa en una actitud y en un sistema de valores y creencias. La educación inclusiva se centra pues en cómo apoyar las cualidades y detectar las necesidades de cada uno y de todos los estudiantes en la comunidad educativa, para que se sientan bienvenidos y seguros y alcancen el éxito [...] Hoy en día, la creciente diversidad de estudiantes en nuestro sistema educativo es un importante tema de debate y preocupación. Entre las diferencias se encuentran la lengua, la cultura, la religión, el sexo, la discapacidad, el estado socioeconómico, el marco geográfico y muchas más que denotan la multiculturalidad existente en la educación básica, media y superior. Frente a esta realidad, a menudo, encontramos que la diversidad es entendida como un problema, más que como una oportunidad de enriquecerse y aprender sobre la variedad de vida de otras personas, y también sobre lo que significa ser humano.<sup>16</sup>

En este nivel de análisis, consideramos que una de las herramientas más potentes para impulsar la educación incluyente en Colombia son las *Políticas de Acción Afirmativa* o las *Acciones Afirmativas*. También denominadas las Acciones positivas

---

<sup>16</sup> FULVIA CEDEÑO, Angel. **Colombia, hacia la educación inclusiva de calidad**. [S.l.]: [s.n.], 2011. Disponible en [http://fundacionchasquis.org/formacionydemocracia.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=97:colombia-hacia-la-educacion-inclusiva-de-calidad&catid=6:publicaciones-antioreses&Itemid=9](http://fundacionchasquis.org/formacionydemocracia.org/index.php?option=com_content&view=article&id=97:colombia-hacia-la-educacion-inclusiva-de-calidad&catid=6:publicaciones-antioreses&Itemid=9) Consulta en noviembre de 2011.p. 03

o la Discriminación positiva, las Acciones Afirmativas son un conjunto de medidas establecidas por el Estado con el fin de garantizar la igualdad de oportunidades para poblaciones tradicionalmente excluidas y proteger el patrimonio cultural que entraña su historia y su presencia en la vida del país. En otros términos, recurrimos a las políticas de Acciones Afirmativas porque ayudarían a revertir las desigualdades que viven las poblaciones negras de este país; esto es, a atender los derechos y las necesidades de hombres y mujeres negros: recordamos que el hecho mismo de la desigualdad en la distribución de recursos y oportunidades es una forma de racismo (racismo estructural). Es aquí donde la necesidad de aprobación de Acciones Afirmativas como fundamento para una *política pública*, que promueva de manera efectiva los derechos de las comunidades afrodescendientes, negros/as y raizales en Colombia se vuelve una temática de discusión necesario, pese a su carácter complejo y polémico.

En Colombia, existen diversos programas vigentes de políticas afirmativas; de las cuales se destacan las que están dirigidas a estudiantes en condición de pobreza en general, en el campo del sistema educativo. Pero, se encuentran otras que se enfocan en la promoción de grupos étnicos tales como los indígenas mediante *mecanismos de admisión especial o cupos especiales de admisión*,<sup>17</sup> *no existencia de puntajes mínimos o no requisito de puntaje mínimo*,<sup>18</sup> *admisión*

---

<sup>17</sup> En palabras de SVERDLICK, Ingrid; FERRARI, Paola; JAIMOVICH, Analía. Op. Cit., p. 99, los *Cupos Especiales de Admisión* “son aquellos dirigidos particularmente a grupos poblacionales vulnerables o en situación de vulnerabilidad social o cultural. A través de estas acciones se asigna un cierto número de cupos en programas de grado a los aspirantes que pertenecen a una condición socioeconómica o grupo poblacional específico: etnia indígena, madres cabeza de familia, reinsertados, desplazados, etc. Los inscriptos bajo estas categorías deben competir entre ellos por los cupos asignados, en el caso en que la universidad tenga programas de este tipo. Este tipo de programas son los más comúnmente desarrollados por las Universidades. Cerca del 62% de las universidades públicas han desarrollado algún tipo de programa de admisión especial bajo estos parámetros. Las Universidades que han desarrollado un mayor número de programas de este tipo son la de Nariño, y la Tecnológica de Pereira, que cuenta con 5 de estos programas. No obstante, la cobertura es muy baja ya que sólo alcanza al el 2% del total de admitidos”.

<sup>18</sup> La Acción que implica el *No requisito de puntaje mínimo* es la que consiste en “no exigir un puntaje mínimo para ingresar a las instituciones. En este sentido, posibilita el acceso a estudiantes de peores condiciones socioeconómicas en aquellos casos en que existen pocos aspirantes o aspirantes con nivel académico similar. Un ejemplo de este tipo de programa es el de la Universidad de Amazonía, en la que, a partir de 1998, se eliminó el puntaje mínimo en los resultados del ICFES y se estableció como único requisito la presentación de la tarjeta con los resultados de la prueba”. Ibid.

alternativa a través de cursos preuniversitarios o cursos selectivos,<sup>19</sup> entre otras.<sup>20</sup> Lo que pasa es que,

aunque gran parte de las universidades públicas colombianas cuentan con estos programas, según los datos disponibles, *tienen una baja cobertura y se encuentran poco diversificados y difundidos; en la mayoría de los casos no existen mecanismos de seguimiento y evaluación ni de los programas ni de los estudiantes cobijados por éstos.*<sup>21</sup>

A continuación, presentamos la tabla 1 con los tipos de acciones afirmativas implementados en 2002 por las universidades públicas colombianas, en el que se pone de manifiesto el predominio de los *cupos especiales* para comunidades indígenas, como uno de los tipos más desarrollados.

**Tabla 1:** Programas de admisión especial Universidades Públicas

Tipo de programa	Sub-tipo	Univ.	Porcentaje (%)
Cupos especiales a sectores poblacionales específicos	Comunidades Indígenas	16	55.2%
	Municipios	9	31.0%
	Comunidades Negras	4	13.8%
	Reinsertados	7	24.1%
	Desplazados	2	6.9%
	Discapacitados	1	3.4%
	Mínimo un programa	18	62.1%
Cursos selectivos o Cursos Preuniversitarios		3	10.3%
No requisito de puntaje mínimo		2	6.9%

**Fuente:** Sánchez y otros (2002), tomada de Sverdlick, Ferrari, Jaimovich. p.100

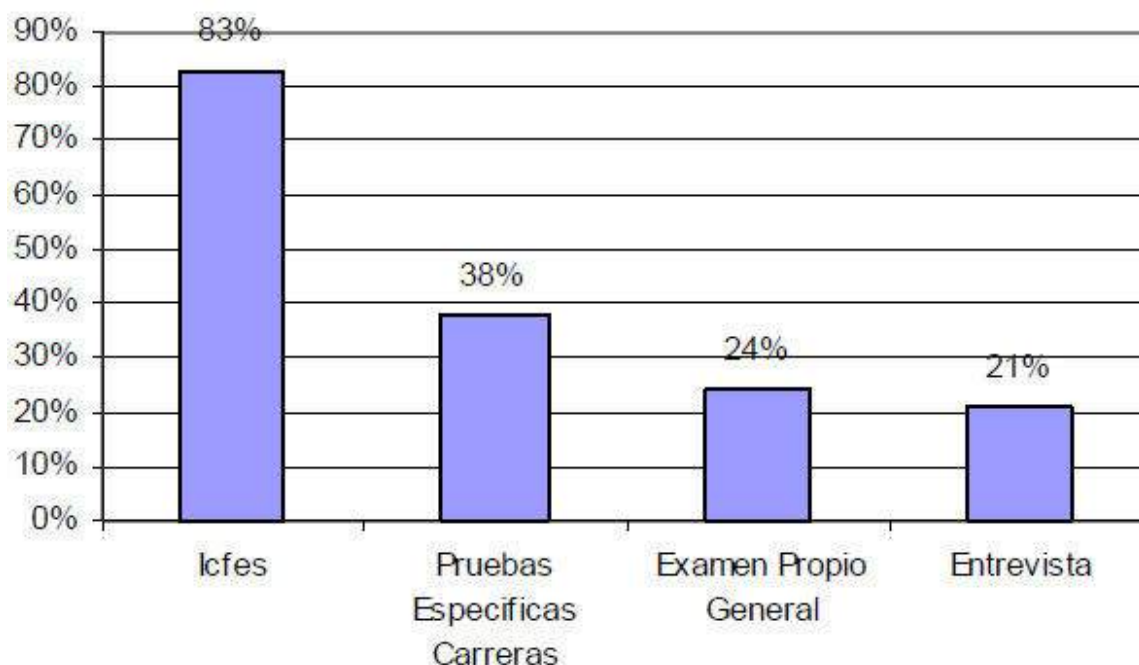
<sup>19</sup> Los *Cursos selectivos o preuniversitarios* son estos cursos que “tienen como objetivo facilitar el ingreso a estudiantes de menores recursos. En el conjunto de universidades públicas no se encuentra este mecanismo lo suficientemente desarrollado como un mecanismo de admisión especial. Las Universidades de Caldas y Quindío lo han aplicado para la selección de estudiantes en programas a distancia, mientras que en la Universidad Tecnológica del Chocó se utiliza para facilitar el ingreso a aspirantes que no alcanzan el puntaje mínimo de las pruebas del ICFES exigidos en los procesos de admisión”. Ibid.

<sup>20</sup> En el *sentido amplio* más amplio del término, se encuentra el crédito educativo de ICETEX - Instituto Colombiano de Crédito Educativo y Estudios Técnicos en el Exterior-, como otro tipo de acciones desarrolladas a nivel gubernamental, aun si en un *sentido estricto* no podría ser incluida dentro de políticas afirmativas. Dirigido a estudiantes y profesionales que posean méritos académicos y personales, y carecen de recursos económicos suficientes para financiar sus estudios, el crédito ICETEX es una ayuda reembolsable que permite al alumno tener oportunidades de ingreso, continuación y culminación a/de sus estudios superiores. Además, existen fundaciones privadas que otorgan becas a estudiantes de “primera generación” de universitarios y en condiciones socioeconómicas vulnerables; así, se otorgan los fondos (financiación) más bien a organizaciones no gubernamentales para que los administren a favor los estudiantes becarios.

<sup>21</sup> SVERDLICK, Ingrid; FERRARI, Paola; JAIMOVICH, Analía. Op. Cit., p. 99.

En seguida, el gráfico 1 muestra que en el año 2002, el *examen de admisión* según los criterios de ICFES es el mecanismo de admisión el más aplicado por las universidades del país, seguido de las *pruebas específicas*, el *examen propio* a la universidad y las *entrevistas*.

**Gráfico 1:** Mecanismos de admisión en universidades públicas



**Fuente:** Sverdlick, Ferrari, Jaimovich (p. 64)

En materia de aplicación de *Políticas de Acción Afirmativa*, la Universidad Nacional de Colombia (UNAL) ha desarrollado el Programa de Admisión Especial (PAES)<sup>22</sup> que consiste en establecer un 2% de los cupos que tiene la universidad para los integrantes de las comunidades indígenas<sup>23</sup> y los mejores bachilleres de municipios pobres. Pues en su plan de desarrollo, la universidad expresa que a pesar de los esfuerzos realizados de 1998 a 2001, los estudiantes admitidos por el programa PAES

<sup>22</sup> Además de los cupos, el programa de Mejores Bachilleres de Municipios Pobres “otorga a los beneficiarios una reducción de arancel y un crédito cuyo monto se determina por el análisis de la situación socioeconómica. El mantenimiento de este préstamo-beca a lo largo de la carrera estará sujeto al rendimiento académico de cada estudiante. Para acceder a este programa los aspirantes a los cupos establecidos deberán obtener el puntaje mínimo de ingreso ordinario. Cf. SVERDLICK, Ingrid; FERRARI, Paola; JAIMOVICH, Analía. Op. Cit., p. 101.

<sup>23</sup> Además de los cupos para las comunidades indígenas, “el programa exenta del pago del derecho de inscripción y otorga rebajas de arancel y un crédito -completo- para solventar los gastos de matrículas. Sin embargo, los aspirantes para estos programas deben rendir el examen de admisión y deben obtener como puntaje mínimo el que obtenga el último aspirante admitido, distinto a los beneficiarios de este programa, en la carrera que requiere menor puntaje de admisión en toda la universidad” (Ibíd.).

representan sólo el 4.10 % del total de admitidos. Aquí se evidencia el problema<sup>24</sup> de cupo de estas políticas que se limita solamente a los indígenas y los mejores bachilleres, excluyendo esta misma posibilidad a los afrodescendientes hasta hace poco (Acuerdo 013 de 2009 del Consejo Superior Universitario de la Universidad Nacional de Colombia, con vigencia a partir del primer semestre de 2010).<sup>25</sup> Esto nos lleva a centrar la reflexión sobre la necesidad de tener en cuenta o fortalecer el eje étnico-racial afro en las políticas de acciones afirmativas de las instituciones de educación superior en general, y en las universidades públicas del país, en particular.

### **Educación Superior e Inclusión de los afrodescendientes: Transversalidad de los temas afro, Acceso de estudiantes afrodescendientes, Permanencia y Graduación en la Educación Superior**

La cuestión más importante de la universidad actual es su adaptación a los cambios que la sociedad exige, tanto en relación a las enseñanzas que imparte como a la investigación que realiza.<sup>26</sup>

Retomando una línea de reflexión que desarrollamos en un trabajo anterior,<sup>27</sup> en el que intentamos responder a la pregunta ¿es lo étnico racial y el género importante para las políticas públicas? para ahondar en el debate sobre la pertinencia del enfoque étnico-racial en el análisis de las políticas públicas; nos parece adecuado precisar que la noción “afrodescendiente”, concebido como grupo étnico-racial cobra mayor relevancia a la hora de articularse con el sistema de educación superior en Colombia ya que

---

<sup>24</sup> Precisamos que En todos casos, existen críticas a estos programas de acción afirmativa ya que algunos autores como Gómez (2001; citado por Sverdllick, Ferrari y Jaimovich, Ibid.) sostienen que “[...] *no promueven la equidad en las universidades [...] en lugar de modificar radicalmente los criterios y procedimientos de admisión y evaluación de estudiantes, se aplica una política limitada de cuotas de admisión para algunos estudiantes de origen indígena y de los municipios más pobres del país*”.

<sup>25</sup> Más adelante, volveremos sobre este acuerdo “por el cual se crea el programa de admisión especial a mejores bachilleres de población negra, afrocolombiana, palenquera y raizal”.

<sup>26</sup> - BRICALL, Josep María. **Universidad 2 mil**. Madrid: Comisión de Rectores de las Universidades Españolas (CRUE), 2000. p. 07.

<sup>27</sup> WABGOU, Maguemati; ROTH, André-Noel. Análisis de políticas públicas y perspectiva étnico-racial y de género. In: WABGOU, Maguemati; ROTH, André-Noel (Eds). **Las políticas de las diversidades: Identidades y emancipación**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia; Facultad de Derecho Ciencias Políticas y Sociales; Instituto Unidad de Investigaciones Jurídico-Sociales Gerardo Molina, 2009. p. 15-36.



las políticas públicas abarcan todos los niveles de gobierno, incluyendo a los actores formales e informales y afectan profundamente la vida cotidiana de cada individuo en la sociedad. Además, desbordan los límites de la legislación para abarcar las cuestiones ejecutivas, los reglamentos y las regulaciones: son procesos en acción que implican no sólo la aplicación de una ley sino también su reforzamiento y su evaluación.<sup>28</sup>

Siendo las políticas de Acción Afirmativa un componente o una forma de las políticas públicas, deben ser integrales y promover efectivamente la equidad; esto es, englobar todos los sectores y las dimensiones de la vida cotidiana de los/as ciudadanos/as y no limitarse sólo a algunos aspectos tal como lo acabamos de evidenciar anteriormente en el caso de las Universidades en general, y de la Universidad Nacional de Colombia, en particular.

La vocación de una universidad es, en la actualidad, responder o satisfacer a necesidades sociales básicas de supervivencia y aportar a los individuos las herramientas necesarias tanto para realizar plenamente como Ser Humano, como construir su identidad y definir sus formas de pertenencia a una sociedad cada vez más multicultural<sup>29</sup>, donde el reto de la interculturalidad no deja de plantearse como alternativas viables y pertinentes para la educación superior colombiana. Es en estas condiciones que la educación permitirá a los nuevos miembros de la sociedad colombiana reconocer los símbolos que identifican su sociedad, asumiendo su pasado o su historia para proyectarse hacia el futuro mediante la construcción de un proyecto o un modelo de sociedad incluyente donde jóvenes y mujeres afrodescendientes, educados/as en el sistema de educación superior, puedan realizarse plenamente como ciudadanos/as. La educación superior colombiana debe recuperar las experiencias acumuladas y arraigadas en las tradiciones del Estado en cuya construcción han participado tanto los/as africanos/as esclavizados/as en Colombia como sus descendientes. Ha llegado la hora de dar sentido a los símbolos, valores, la idiosincrasia, las memorias, historias, costumbres sociales, el conocimiento sobre el entorno natural y social

---

<sup>28</sup> Ibid., p.18

<sup>29</sup> KYMLICKA, Will. **Las odiseas multiculturales: las nuevas políticas internacionales de la diversidad**. Barcelona: Paidós, 2009.

para afianzarlas en las políticas de educación superior del país. En palabras de Misas Arango, esta actitud permitirá:

[...] trabajar productivamente para originar la riqueza que asegure el bienestar colectivo y para satisfacer las necesidades sociales fundamentales. Las necesidades sociales son materiales y simbólicas [...] Las dinámicas sociales actuales han puesto de presente la importancia social del conocimiento y la creatividad, y se ha hecho evidente que éste constituye la fuerza productiva fundamental de la época en la cual la ciencia y la técnica determinan el ritmo de producción de la riqueza y, por tanto, el desarrollo social. Las innovaciones producidas en el conocimiento y en las dinámicas del trabajo obligan a la educación superior a evaluar y reorientar sus estrategias, y a plantearse las posibilidades reales de flexibilización y diversificación que le permitan adecuarse a las nuevas posibilidades y exigencias, *sin renunciar a sus fines legítimos y sin perder su identidad* [...] El país requiere la competencia técnica necesaria para emplear de la manera más eficiente sus recursos para defender y ampliar su patrimonio cultural y material, para asegurar y fortalecer los vínculos sociales, y para hacer frente a los retos de la globalización y de la sociedad del conocimiento. Aunque las acciones orientadas a enfrentar este conjunto de problemas no dependan exclusivamente de la educación superior, es evidente que ésta tiene una responsabilidad central en la caracterización sistemática de los problemas y en el análisis de sus posibles soluciones.<sup>30</sup>

No será posible alcanzar este ideal educativo, descrito por Misas Arango, con lógicas imperantes de exclusión, racismo, discriminación, marginación e invisibilización de las nuevas generaciones de afrodescendientes del país en los meandros o intersticios de las estructuras de la educación<sup>31</sup> superior. Más allá de las limitaciones estructurales relacionadas con la supervivencia cotidiana, la pobreza de educación básica y secundaria, sobre todo en zonas rurales donde viven muchos de ellas, también aspiran acceder, cursar, permanecer y graduarse en universidades públicas y privadas del país. Es perentorio o inaplazable impulsar este ideal ya que cuando cualquier universidad o instituto de educación superior del país incluye a un mayor número de los afrodescendientes está contribuyendo al enriquecimiento de la comunidad académica y el resto de la sociedad colombiana.

---

<sup>30</sup> MISAS ARANGO, Gabriel Op. Cit., p. 13-14.

<sup>31</sup>Ver GARCÉS ARAGÓN, Daniel. Trayectorias educativa afrocolombiana en el periodo republicano. **Revista Internacional Magisterio**, n. 46, p.18-23, septiembre-octubre, 2010, que, en un corto artículo, muestra la situación de la educación para los afrodescendientes de Colombia marcada por evidencias de racismo, segregación, discriminación y marginación en su contra.

Pues, como vimos más arriba, existen graves problemas en la educación superior en Colombia debido a la falta de visión y audacia en las proyecciones de políticas de educación superior mediante la implementación de distintas reformas a lo largo de la historia de este segmento superior de la educación. A parte de las limitaciones en términos estructurales, relacionados con una cobertura insuficiente, una calidad muy desigual de las instituciones (entre zonas urbanas y rurales; y entre lugares con mayor población afro y no afro, siguiendo las lógicas del racismo estructural) y de los programas, y una poca racionalidad de la oferta que, en esas condiciones, se orienta más por la rentabilidad de las formaciones ofrecidas que por las necesidades sociales; identificamos la falta o la exigua inserción y graduación de jóvenes (hombres y mujeres) afrodescendientes en las universidades del país.<sup>32</sup>

Lo anterior, lleva a insistir en la pertinencia del papel de la Educación superior para la inclusión de los afrodescendientes con el fin de incrementar su visibilización, luchar contra *el racismo, la discriminación y la exclusión de jóvenes (hombres y mujeres afrodescendientes de cara al acceso a este sector importante de la educación)*. Lo que contribuiría a aumentar su grado de participación ciudadana y crear propuestas que garanticen igualdad de oportunidades y derechos para la *equidad étnico-racial* en el marco de un Estado social de Derecho.

En este orden de ideas y con el fin de propulsar la inclusión de los afrodescendientes en la educación superior de la “nación pluriétnica y multicultural” de Colombia, es necesario plantear planes estratégicos de articulación en torno a cuatro puntos relacionados con la Transversalidad de los temas afro, el Acceso de estudiantes afrodescendientes, su Permanencia y Graduación en la Educación Superior.<sup>33</sup>

**1. Transversalidad.** Promover la transversalidad de las temáticas afro en toda la oferta de cursos, cátedras, programas, extensión, etc. de la Educación superior es

---

<sup>32</sup> La situación se vuelve más crítica y desalentadora cuando nos interrogamos acerca del número de personas afrodescendientes que estén actualmente cursando programas de doctorado o que poseen el título de Doctorado en el país.

<sup>33</sup> Esta parte del trabajo está muy marcada por los textos de GARCÉS ARAGÓN, Daniel. **Lineamientos. Política de Educación Superior Inclusiva** (mimeo) y \_\_. **Criterios de Construcción de Lineamientos de Política Pública para el Pueblo Afrocolombiano.** (mimeo).

una meta importante para que se vuelva inclusiva para los afrodescendientes del país. Además, se debe impulsar la conformación de grupos de investigación y publicaciones sobre la temática afrodescendiente en todas las Facultades, Escuelas e Institutos de las Universidades con énfasis en las Facultades de Derecho, Ciencias Humanas, Sociales y Políticas mediante incentivos, promociones, convocatorias especiales de financiación de iniciativas o grupos de investigación en la materia, entre otros. Y, como garantía de lo anterior, se debe apostar por la realización de un seminario permanente que pueda desencadenar diferentes propuestas de cátedras y la formación (o capacitación) permanente de docentes en temas afros; por cierto existe una necesidad de definir tiempo y formas de vinculación de los docentes interesados en estas formaciones de acuerdo con los programas de trabajo: es aquí donde la cátedra de estudios afrocolombianos recobra fuerza como una herramienta de “diálogo multicultural”<sup>34</sup> ya que provee nociones elementales o “lo que todos debemos saber sobre los negros”.<sup>35</sup>

**2. Acceso de los afrodescendientes a la educación superior.** Claro está que la educación superior inclusiva debe contar con algunos lineamientos de base que deben elaborarse, teniendo en cuenta la necesidad de encontrar mecanismos concretos para incrementar la presencia afrodescendiente en el sistema educativo superior del país. Esta necesidad debe contemplar la cuestión del acceso de estas poblaciones en todos los niveles del sistema educativo (Técnico Profesional, Tecnológico o Profesional Universitario). Es aquí donde llama la atención el acceso de estas poblaciones a las Universidades privadas y públicas de las cuales se destaca la Universidad Nacional de Colombia, una de las estructuras centrales de este sistema educativo superior (con carácter público) donde se debe hacer más esfuerzos para la inclusión de las poblaciones afrodescendientes de la “Nación” colombiana ya que “construir Nación” implica concebir la Universidad Nacional de

---

<sup>34</sup> Idem. **La educación afrocolombiana: escenarios Históricos y Etnoeducativos: 1975-2000.** Colombia: Rudecolombia, 2008. p.309-325.

<sup>35</sup> ARRIAGA COPETE, Libardo. **Cátedra de estudios afrocolombianos: nociones elementales y hechos históricos que se deben conocer para el desarrollo de la Cátedra de Estudios Afrocolombianos o lo que todos debemos saber sobre los negros.** Colombia: Ingenieros Gráficos Andinos (IGASA), 2002.

Colombia como una entidad comprometida con el proceso de construcción de una nación incluyente de la diversidad étnico-racial, cultural y regional del país.

Esta necesidad implica incluir a estas poblaciones afrodescendientes, más allá de los límites de los esquemas rígidos de admisión de la Universidad Nacional de Colombia que debe ser plural. Así mismo, el examen de admisión de los afrodescendientes a esta universidad no puede ser igual que el que se aplica a los demás: tiene que ser diferente para estas comunidades afrocolombianas, negras, palenqueras y raizales dado que, debido a su historia marcada por la esclavización y la discriminación, el racismo estructural, una calidad de educación en las zonas desde donde provienen, tienen dificultades de acercarse al conocimiento en las mismas condiciones que el resto de la población mayoritaria.

Esta impronta histórica y estructural de racismo, discriminación y esclavización contribuye fuertemente a consolidar los desequilibrios que afectan su capital social y justifica la necesidad de que la posición de la Universidad Nacional de Colombia pueda sustentarse en una Reparación histórica y en Acciones Afirmativas.<sup>36</sup> Teniendo en cuenta el concepto de Reparación como punto de partida de las Acciones Afirmativas, las cuales tienen un marco político especial, se debe afianzar, de forma consensuada, el modelo de cuotas (asignación de cupos) a las poblaciones afrodescendientes como un trato diferencial que contribuya a impulsar la mayor presencia afro en la UNC. El carácter consensuada de la fijación de estas cuotas cobra especial relevancia en la medida que debe ser el resultado de unas discusiones y negociaciones entre las directivas de esta universidad, las asociaciones o los grupos de estudiantes universitarios afrocolombianos de

---

<sup>36</sup> Al respecto, referenciamos a DELGADO, Ramiro. La educación y el patrimonio cultural, nodos de los procesos de Reparación de las comunidades afrodescendientes. In: MOSQUEA ROSERO-LABBÉ, Claudia; BARCELOS, Luiz Claudio (Eds.) **Afro-reparaciones: Memorias de la esclavitud y justicia reparativa para negros, afrocolombianos y raizales**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Trabajo Social, Centro de Estudios Sociales, Grupo de Estudios Afrocolombiano (GEA-CES), 2007. p.573-584, que asume los procesos educativos como aquellos a través de los cuales es posible orientar propuestas para el desarrollo de acciones afirmativas y de reparación para las poblaciones afrocolombianas. A modo de ilustración, GARCÍA SÁNCHEZ, Andrés. Políticas étnicas afrocolombianas en educación superior: dinámicas identitarias en la Universidad de Antioquia”, In: MOSQUEA ROSERO-LABBÉ, Claudia; BARCELOS, Luiz Claudio (Eds.) Op. Cit., p. 661-689, devela la experiencia de la Universidad de Antioquia en el campo de las reivindicaciones políticas de los afrocolombianos.

distintas ciudades del país, y los profesores involucrados a la enseñanza e investigación sobre temas afros. Esta actitud negociadora evitaría descontentos y críticas de medidas como la que fue plasmada en el “ACUERDO 013 DE 2009” del Consejo Superior Universitario de la Universidad Nacional de Colombia “por el cual se crea el programa de admisión especial a mejores bachilleres de población negra, afrocolombiana, palenquera y raizal”, con vigencia a partir del primer semestre de 2010, y que acordó que:

se destinará un 2% adicional de los cupos previstos para cada programa curricular, para los aspirantes inscritos por este programa de admisión especial que aprueben los exámenes programados para el ingreso, con un puntaje superior o igual al del último admitido en toda la universidad, en el periodo correspondiente (Art. 3).

Por último, más allá de la organización de Foros como el I y II “Foro Internacional de Educación Superior Inclusiva”, se requiere impulsar iniciativas que permitan intercambiar experiencias con las Universidades que han alcanzado mayores adelantos en materia de inclusión de población afrodescendiente en la educación superior tanto a nivel internacional -por ejemplo el caso de Brasil donde la mayoría de universidades federales, estatales y privadas aplican acciones afirmativas mediante cuotas- como a nivel nacional en donde existen ciertas universidades públicas y algunas privadas que aplican programas de admisión especial para esta población.

**3. Permanencia de los grupos étnicos en la educación superior.** Por lo anterior, se hace necesario garantizar un sistema de acompañamiento a los estudiantes afrodescendientes ingresados en las Universidades con el fin de identificar y resolver los problemas con que arrastra el estudiante por su formación académica que suele ser baja, comparado con los demás estudiantes oriundos de Bogotá u otras zonas urbanas más favorecidas. En este orden de ideas, la Universidad debe brindar acompañamiento académico para efectos de la adaptación al ritmo de trabajo universitario, especialmente en las áreas de: lenguaje (redacción de textos, comprensión de lectura y expresión oral), matemáticas, entre otras.

**4. Graduación de los grupos étnicos en la educación superior.** Aquí, afianzamos los planteamientos de Garcés Aragón<sup>37</sup> en torno a los tres puntos siguientes:

- Fomentar la formación de líderes de grupos étnicos en el nivel de postgrado.
- Promover la consolidación de grupos de investigación y programas de formación avanzada en temas de diversidad cultural y la interculturalidad.
- Identificar y replicar experiencias exitosas de las organizaciones de los grupos étnicos, el sector productivo y las IES sobre la puesta en marcha de programas de inserción laboral de egresados pertenecientes a grupos étnicos.

Para que esta última etapa se cumpla, traemos a colación los planteamientos del profesor Medina citado anteriormente con respecto al perjuicio creado por el sistema de la educación superior, junto con las sutilezas del proceso privatizador, a los *jóvenes* que han liderado el paro nacional universitario: en este sentido, pensamos que **la juventud afrodescendiente** es uno de los sectores más perjudicados de esta población juvenil colombiana al que se debe prestar mayor atención porque está en la fase más delicada y vulnerable de la formación su personalidad y carácter. El carácter sostenible de sus proyecciones profesionales se fundamenta en esta etapa crucial de su vida asociada con la educación superior. El país y otros entes involucrados en el proceso educativo deben ofrecer lo mejor de sí para la tarea reproductiva y evolutiva de esta juventud afrodescendiente con sed y ganas de ser educada.

Igualmente, se debe tener en cuenta la relación de **género** en la implementación de políticas de Acción Afirmativa para propulsar unas *políticas de equidad de género en la educación superior con enfoque diferencial étnico-racial*. Esta idea invita a explorar las posibilidades, los significados y los retos de las políticas de educación superior, como una apuesta a favor de la inclusión de las mujeres afros en la educación superior, con el fin de concretar y fortalecer su empoderamiento y liderazgo en la sociedad actual.

---

<sup>37</sup> GARCÉS ARAGÓN, Daniel. Trayectorias educativa afrocolombiana en el periodo republicano. *Revista Internacional Magisterio*, n. 46, p.18-23, septiembre-octubre, 2010.

## Conclusión

Cualquier política de educación superior para el país debe responder a los problemas señalados en términos general y étnico-racial. Además de aprehender las transformaciones ocurridas en la sociedad colombiana en estos términos, hacer un balance general de las exigencias actuales en este sector superior de la educación de cara al futuro y proponer ideas orientadoras para los procesos de formación en el sector. Uno de los objetivos de este artículo ha sido precisamente llamar la atención sobre la situación poco alentadora de jóvenes, hombres y mujeres afrodescendientes frente a la educación superior y proponer una opción para la orientación de las políticas de educación superior mediante los principios de educación incluyente, con enfoque diferencial relacionado con los afrodescendientes. Esta opción es viable porque afianza una definición de la política de educación superior que reconoce la conexión entre esta educación y el proyecto de progreso o desarrollo económico, cultural y político en el que está comprometida Colombia desde la Constitución de 1991. Esta orientación de política de educación superior es la que ayudaría a definir el tipo de ciudadano/a que requiere Colombia mediante las funciones principales de la docencia, investigación y extensión, conectadas a una sociedad compleja al cumplir con tareas sociales de la educación superior y con el ideal de formación que responda a las aspiraciones de la mayor parte de los integrantes de la sociedad.

Pues aclaramos que la Universidad Nacional de Colombia incluyó un Programa de Admisión especial para los afros solamente a partir del año pasado (teniendo vigencia el primer semestre de 2010), con el ACUERDO 013 DE 2009 que fue controversial por no haber tenido en cuenta las sugerencias que hizo el Colectivo de Estudiantes Afros de la Universidad Nacional (CEUNA) y algunos profesores de la UNAL interesados en la problemática afro en general que fueron invitados a reuniones previas. Este Acuerdo otorgó un 2% adicional de los cupos previstos para cada programa curricular para los aspirantes inscritos en el programa de admisión especial para los mejores bachilleres de la población negra, afrocolombiana, palenquera y raizal de estratos 1 o 2 pertenecientes a los colegios ubicados en municipios pobres con población mayoritariamente afrodescendiente.



En este contexto,

el sector educativo debe responder a las demandas y necesidades educativas de los grupos étnicos con estrategias para la ampliación de la oferta de programas académicos, la adecuación y flexibilización en el diseño curricular, la diversificación de las modalidades de aprendizaje y con la articulación entre conocimiento científico y otros saberes.<sup>38</sup>

Por lo tanto, más allá de la constitución en 2009 del “Comité de Educación Superior Inclusiva – Intercultural”, se debe instalar mesas de trabajo permanentes de discusión y negociación entre las directivas de las universidades, los representantes de distintos sectores afrodescendientes, las asociaciones de estudiantes universitarios afrocolombianos de distintas ciudades del país (incluyendo las experiencias aculadas en esta materia por Universidades como la Universidad Tecnológica del Chocó, la Universidad del Pacífico, la Universidad del Atlántico, la Universidad de Antioquia, entre otras) y los expertos en la materia, con la mayor apertura, compromiso real, seriedad y garantías posibles que permitan la continuación de procesos de construcción, renovación e implementación de los Lineamientos de Política de Educación Superior Inclusiva.

### Referencias

ARRIAGA COPETE, Libardo. **Cátedra de estudios afrocolombianos: nociones elementales y hechos históricos que se deben conocer para el desarrollo de la Cátedra de Estudios Afrocolombianos o lo que todos debemos saber sobre los negros.** Colombia: Ingenieros Gráficos Andinos (IGASA), 2002.

BRICALL, Josep María. **Universidad 2 mil.** Madrid: Comisión de Rectores de las Universidades Españolas (CRUE), 2000.

DELGADO, Ramiro. La educación y el patrimonio cultural, nodos de los procesos de Reparación de las comunidades afrodescendientes. *In: MOSQUEA ROSERO-LABBÉ, Claudia; BARCELOS, Luiz Claudio (Eds.) Afro-reparaciones: Memorias de la esclavitud y justicia reparatoria para negros, afrocolombianos y raizales.* Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Trabajo Social, Centro de Estudios Sociales, Grupo de Estudios Afrocolombiano (GEA-CES), 2007. p.573-584.

---

<sup>38</sup> Ibidem, p.08.

FULVIA CEDEÑO, Angel. **Colombia, hacia la educación inclusiva de calidad.** [S.l.]: [s.n.], 2011. Disponible en <[http://fundacionchasquis.org/formacionydemocracia.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=97:colombia-hacia-la-educacion-inclusiva-de-calidad&catid=6:publicaciones-anteriores&Itemid=9](http://fundacionchasquis.org/formacionydemocracia.org/index.php?option=com_content&view=article&id=97:colombia-hacia-la-educacion-inclusiva-de-calidad&catid=6:publicaciones-anteriores&Itemid=9)>. Consulta en noviembre de 2011.

GARCÉS ARAGÓN, Daniel. **La educación afrocolombiana: escenarios Históricos y Etnoeducativos: 1975-2000.** Colombia: Rudecolombia, 2008.

\_\_. Trayectorias educativa afrocolombiana en el periodo republicano. **Revista Internacional Magisterio**, n. 46, p.18-23, septiembre-octubre, 2010.

\_\_. **Lineamientos. Política de Educación Superior Inclusiva** (mimeo).

\_\_. **Criterios de Construcción de Lineamientos de Política Pública para el Pueblo Afrocolombiano** (mimeo).

GARCÍA SÁNCHEZ, Andrés. Políticas étnicas afrocolombianas en educación superior: dinámicas identitarias en la Universidad de Antioquia. In: MOSQUEA ROSERO-LABBÉ, Claudia; BARCELOS, Luiz Claudio (Eds.) **Afro-reparaciones: Memorias de la esclavitud y justicia reparativa para negros, afrocolombianos y raizales.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Trabajo Social, Centro de Estudios Sociales, Grupo de Estudios Afrocolombiano (GEA-CES), 2007. p. 661-689.

KYMLICKA, Will. **Las odiseas multiculturales: las nuevas políticas internacionales de la diversidad.** Barcelona: Paidós, 2009.

LAO-MONTES, Agustín. Reformas de Educación Superior en búsqueda de la Democracia Inter-Cultural y la Descolonización de la Universidad: Debates Necesarios, Retos Claves, Propuestas Mínimas. [S.l.]: [s.n.] 2008. Disponible en <[http://www.mineduacion.gov.co/cvn/1665/articles-175889\\_archivo\\_pdf1.pdf](http://www.mineduacion.gov.co/cvn/1665/articles-175889_archivo_pdf1.pdf)>. Consulta en agosto de 2010.

MEDINA, Carlos. **Paro nacional universitario: contra el proyecto de reforma a la Ley 30.** [S.l.]: [s.n.], 2011. Disponible en <[http://www.camega.org/inicio/index.php?option=com\\_content&view=article&id=468:carlos-medina-gallego&catid=40:articuloscarlos&Itemid=72](http://www.camega.org/inicio/index.php?option=com_content&view=article&id=468:carlos-medina-gallego&catid=40:articuloscarlos&Itemid=72)>. Consulta en noviembre de 2011.

MISAS ARANGO, Gabriel. **La educación superior en Colombia: Análisis y estrategias para su desarrollo.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2004.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN . **ABC de la Reforma a la Educación Superior en Colombia.** Disponible em: <<http://www.mineduacion.gov.co/1621/w3-article-283356.html>>. Consulta en noviembre de 2011.

MÚNERA Leopoldo. **El XYZ de la Reforma a la Ley 30 de 1992 (Ley de Educación Superior)**. [S.l.]: [s.n.]. 2011. disponible en <[http://redidesal.org/docs/article/218/20111101\\_Co\\_Munera\\_leopoldo\\_ELXYZ-de-la-Reforma-Ley-30-de-1992.pdf](http://redidesal.org/docs/article/218/20111101_Co_Munera_leopoldo_ELXYZ-de-la-Reforma-Ley-30-de-1992.pdf)>. Consulta noviembre de 2011. Consulta en noviembre de 2011.

SVERDLICK, Ingrid; FERRARI, Paola; JAIMOVICH, Analía. **Desigualdad e inclusión en la educación superior: Un estudio comparado en cinco países de América Latina**. Buenos Aires Laboratorio de Políticas Públicas, 2005. Serie Ensayos & Investigaciones N° 9.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE COLOMBIA (2009): **Acuerdo 013 DE 2009(Acta 06 del 24 de junio), Por el cual se crea el programa de admisión especial a mejores bachilleres depoblación negra, afrocolombiana, palenquera y raizal**. Disponible en <[http://www.tumacopacifico.unal.edu.co/descargas/document/ACUERD\\_013\\_2009\\_AFROS.pdf](http://www.tumacopacifico.unal.edu.co/descargas/document/ACUERD_013_2009_AFROS.pdf)>. Consulta en octubre de 2011.

WABGOU, Maguemati; ROTH, André-Noel. Análisis de políticas públicas y perspectiva étnico-racial y de género. *In*: WABGOU, Maguemati; ROTH, André-Noel (Eds). **Las políticas de las diversidades: Identidades y emancipación**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia; Facultad de Derecho Ciencias Políticas y Sociales; Instituto Unidad de Investigaciones Jurídico-Sociales Gerardo Molina, 2009.

## REFORMA CONSTITUCIONAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL E COLÔMBIA: UM (BREVE) APONTAMENTO ANALÍTICO

Cristiano Rodrigues<sup>1</sup>

Universidade Federal do Mato Grosso  
Instituto de Educação

Recebido 15/10/2013  
Aprovado 15/03/2014

**Resumo:** Este artigo analisa a trajetória política dos movimentos negros no Brasil e na Colômbia, concentrando-se na relação entre estado, sociedade civil e adoção de políticas públicas específicas para afrodescendentes. O final da década de 80 marca, no Brasil e na Colômbia, o momento em que o Estado, através de dispositivos constitucionais, estabelece novos direitos sociais e territoriais para afrodescendentes. Tendo como eixo central o debate suscitado por essas transformações constitucionais este trabalho analisa, primeiramente, o modo como os movimentos negros promoveram uma revisão em relação ao debate público sobre a questão racial e seus desdobramentos posteriores para os afrodescendentes. Em seguida, enfocam-se processos de negociação e elaboração de leis e políticas públicas assegurando direitos sociais às populações negras. Por fim, estabelecem-se nexos entre a reformulação constitucional nestes países e a organização de uma pauta política marcada pela reordenação das noções de cidadania, território e raça/etnicidade.

**Palavras-chave:** reforma constitucional – movimentos negros – direitos étnico-raciais.

### CONSTITUTIONAL REFORM, PUBLIC POLICIES AND RACIAL INEQUALITIES IN BRAZIL AND COLOMBIA: AN ANALYTICAL OVERVIEW

**Abstract:** This article analyzes how the growth of ethno-racial social movements has contributed to the adoption of specific legislation for black populations in Brazil and Colombia. In both countries, the late 1980s and early 1990s represent the moment in which the state, through constitutional reforms, officially assured ethno-racial rights to black populations. Framed by these constitutional reforms, this paper explores the political contexts in which black movements emerged, their articulations with civil society and state, and their influence on public policy. In both countries black organizations have been effective in establishing cultural and material policy changes. Through a comparative approach on this subject, we can understand more distinctly the nuances within the respective movements' work, as well as how their particular conflicts, impasses, and contradictions shaped the social and political contexts in which they continue to operate.

**Keywords:** constitutional reform – black movements – ethno-racial rights.

---

<sup>1</sup> E-mail: cristianor@gmail.com

## Introdução

Brasil e Colômbia, no contexto latino-americano, têm sido os únicos países a, de maneira contínua e consistente, elaborar um conjunto expressivo de legislações e políticas públicas de inclusão racial nas últimas duas décadas. Pode-se creditar à rearticulação dos movimentos negros nestes países e à promulgação de suas novas cartas constitucionais, em finais dos anos 1980, a responsabilidade por incluir a temática racial de forma indelével na vida política nacional.<sup>2</sup>

No Colômbia, a promulgação da constituição em 1991 oficializa um “giro multicultural” em curso no país. De um país que, até então, procurava exibir uma unidade sociopolítica baseada na ideia de “um Deus, uma raça, uma língua”, para a celebração de uma nação multicultural e pluriétnica.<sup>3</sup> O artigo transitório 55 (AT55), presente no texto constitucional de 1991 e, ainda mais importante, a adoção da Lei 70, de 1993, conhecida como lei da Negritude, propõe uma das mais avançadas legislações para a população negra na América Latina.<sup>4</sup>

No Brasil, a constituição de 1988, embora de maneira menos abrangente que a carta colombiana, também representa uma importante alteração para o campo das relações raciais no país. Do texto constitucional constam duas legislações específicas sobre a temática racial. O artigo 5º tornou inafiançável o crime de racismo e o artigo 68 das disposições transitórias forja a figura jurídica dos remanescentes de quilombo. Além disso a carta constitucional também considerou a diversidade cultural e racial do país um de seus mais importantes patrimônios (Art. 215 e 216).

Essas mudanças, aparentemente drásticas, em relação ao reconhecimento da pluralidade cultural interna aos países não pode ser compreendida fora do contexto. O “giro multicultural” observado no Brasil e Colômbia também ocorreu em outros países latino-americanos, revelando o caráter transnacional dessas proposições. Ainda nas décadas de 1980 e 1990 pelo menos 15 países do

---

<sup>2</sup> WADE, Peter. Afro-latin studies: reflections on the field. **Latin American and Caribbean Ethnic Studies**, v.1, n. 1, p. 105–124, 2005.; GUIMARÃES, Antônio S. A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.

<sup>3</sup> AGUDELO, Carlos E. **Populations noires et action politique dans le Pacifique colombien**. Paradoxes d'une inclusion ambigue. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – IHEAL, Paris, 2002.

<sup>4</sup> PASCHEL, Tianna. The Right to Difference: Explaining Colombia's Shift from Color-Blindness to the Law of Black Communities. **American Journal of Sociology**, v. 116, n. 3, p. 729-69, 2010.

subcontinente promoveram reformas de caráter multicultural em suas cartas magnas. Todas elas garantindo algum tipo de direito a minorias étnicas, principalmente para grupos indígenas mas também, em casos particulares, para afrodescendentes.<sup>5</sup>

Movimentos sociais latino-americanos, por seu turno, também inovam ao propor formas de transformação societal que se deem tanto ao nível dos aparelhos do estado quanto a partir de ações concretas dirigidas à sociedade civil. Nesse contexto, “o giro multicultural” é tanto uma reação a contextos políticos nacionais e internacionais quanto um processo de ressignificação e reinvenção do papel desempenhado por grupos marginalizados dentro do Estado-nação.

Este artigo trata exatamente desta relação entre o reconhecimento legal das especificidades culturais e políticas de populações afrodescendentes no Brasil e Colômbia *vis-à-vis* a ampliação de espaços de negociação e implementação de políticas públicas racialmente sensíveis que tal reconhecimento enseja.

O artigo analisa a contribuição dos movimentos negros brasileiros e colombianos para as reformas constitucionais de seus respectivos países e o impacto de tais reformas na formulação e implementação de políticas públicas e legislações específicas para afrodescendentes. O artigo está dividido em três partes. Na primeira, analisa-se o contexto colombiano, enfatizando-se o processo de emergência do movimento negro no país, o papel desempenhado por suas organizações e seus aliados no processo constituinte e os desdobramentos posteriores em termos da adoção de legislações e políticas públicas para os afro-colombianos. Na segunda parte, enfoca-se o contexto brasileiro e, por fim, procede-se a uma análise comparativa entre os casos estudados apontando para seus avanços, impasses e perspectivas.

---

<sup>5</sup> HOOKER, Juliet. Indigenous inclusion black exclusion: race, ethnicity and multicultural citizenship in Latin America. **Journal of Latin American Studies**, v. 37, p. 285-310, 2005.

## **Emergência do Movimento Afro-Colombiano**

De acordo com Wade,<sup>6</sup> a Colômbia é o segundo país da América Latina, depois do Brasil, com a maior proporção de afrodescendentes em sua população. O contingente populacional afro-colombiano é bastante diversificado do ponto de vista histórico, cultural, étnico e político. Seis regiões socioculturais concentram a maior parte da população negra do país. São elas: a Costa do Caribe, a Costa do Pacífico (principalmente no departamento do Chocó), as regiões ribeirinhas de Magdalena, Cauca e Patía, e os Arquipélagos de San Andrés e Providência.<sup>7</sup> Ainda que dados oficiais sejam escassos e imprecisos, estima-se que cerca de 15 a 30 por cento da população do país seja composta por afrodescendentes. Na região da Costa do Pacífico, esse percentual chega a quase 90 por cento da população.<sup>8</sup>

Por conta dessa grande diversidade histórica, geográfica e cultural presente entre os povos descendentes de africanos na Colômbia, em muitos relatos acadêmicos este grupo populacional é descrito a partir de quatro terminologias análogas mas que preservam a dimensão de escolha/pertencimento identitário e/ou territorial que marcam suas particulares étnico-raciais internas. Negro(a), afro-colombiano(a), palenquero(a) e raizal são as terminologias que tentam garantir um balanço entre a dimensão racial e/ou étnica desse pertencimento. Enquanto as categorias negro e afro-colombiano apontam para um acento maior na dimensão de pertencimento racial, palenquero e raizal acionam a identidade étnica e a territorialidade como liames da solidariedade étnica. Palenquero se refere ao habitante de um Palenque, que a exemplo do quilombo brasileiro, se trata de uma forma de assentamento de difícil acesso para onde se dirigiam negros cimarrones (aqueles que se rebelavam contra os senhores de escravos ou fugiam do cativoiro). Devido ao seu isolamento geográfico, os palenques acabaram por se constituir em comunidades autóctones, com o desenvolvimento de práticas

---

<sup>6</sup> WADE, Peter. The Cultural Politics of Blackness in Colombia. *American Ethnologist*, v. 22, n. 2, p. 341-357, 1995.

<sup>7</sup> GRUESO, Libia. **El proceso organizativo de comunidades negras en el pacífico surcolombiano**. Bogotá, 2000. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Estudios Políticos, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2000.

<sup>8</sup> WADE, Peter. The Cultural Politics... Op. Cit.

culturais, tradições e línguas próprias.<sup>9</sup> Raizal, por sua vez, faz referência a um grupo étnico Afro-Caribenho, habitante do arquipélago de San Andrés e Providência, falando a Língua San Andrés, Providencia Creole e inglês crioulo.

Wade<sup>10</sup> afirma que a ideologia racial dominante na Colômbia se assemelha àquela da maioria dos países latino-americanos. Ou seja, a Colômbia é um país que exorta interna e externamente a imagem de uma nação mestiça. Tal ideologia de mestiçagem é composta por elementos paradoxais. Por um lado, componentes brancos europeus epitomizam modernidade e civilização sendo, portanto, mais valorizados. Por outro, indígenas e descendentes de africanos são percebidos negativamente. Um ponto a ser ressaltado, no entanto, é que no caso colombiano a “questão indígena” ocupa um lugar especial no imaginário social e político da nação. A população afro-colombiana, contudo, tem sido política e socialmente invisibilizada.<sup>11</sup>

Segundo Asher,<sup>12</sup> o estado colombiano vêm, pelo menos desde finais do século XIX, reconhecendo grupos indígenas como culturalmente diferentes e articulando legislações em prol de seus direitos. A lei 89 de 1890, por exemplo, garantia às comunidades indígenas o direito à titulação coletiva de suas terras e reconhecia a autoridade dos conselhos indígenas (cabildos) para governar e gerenciar assuntos dentro de suas reservas. Nos anos 1950 e 1960, quando o governo federal procurou dissolver as reservas, as comunidades indígenas, apoiadas por uma parcela significativa da *intelligentsia* do país, resistiram à apropriação forçada de suas terras. Assim, embora compondo 2% da população nacional, os indígenas detém 22% do território na forma de reservas. A reforma constitucional de 1991 também lhes assegurou importantes direitos, incluindo a

---

<sup>9</sup> San Basílio de Palenque, localizado próximo a Cartagena, na região norte da Colômbia é o único, entre os vários palenques que existiram nos séculos XVI e XVII, a resistir até os dias atuais. Composto por aproximadamente 3.500 habitantes, San Basílio foi declarado, em 2005, Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade pela UNESCO. Em San Basílio a língua oficial é o Palenquero, considerado por muitos pesquisadores a única língua crioula baseada no Espanhol ainda praticada no mundo (Cf. [http://www.unesco.org/culture/intangible-heritage/11lac\\_uk.htm](http://www.unesco.org/culture/intangible-heritage/11lac_uk.htm)).

<sup>10</sup> WADE, Peter. **Blackness and race mixture: the dynamics of racial identity in Colombia**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.

<sup>11</sup> FRIEDEMANN, Nina de. **La saga del negro. Presencia africana en Colombia**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 1993.

<sup>12</sup> ASHER, Kiran. **Black and Green: Afro-Colombians, Development, and Nature in the Pacific Lowlands**. Durham: Duke University Press, 2009.



garantia de representação política, com a reserva de dois assentos no Senado para políticos indígenas.<sup>13</sup>

As comunidades negras, por seu turno, foram sistematicamente ignoradas dentro da sociedade colombiana.<sup>14</sup> Após a abolição da escravatura, ocorrida em 1851, a população negra se dispersou ao longo da costa do Pacífico, juntando-se a palenques existentes ou formando novos assentamentos. Para Friedemann e Arocha,<sup>15</sup> a busca pelo isolamento tinha um duplo significado para as comunidades afro-colombianas: tratava-se tanto de um ato de resistência e independência quanto uma forma de fugir das perseguições e da discriminação racial. No entanto, às comunidades negras não foi garantido nenhum direito especial sobre as terras que habitavam e, o reconhecimento de que se tratavam de grupos culturalmente distintos veio a acontecer apenas com a inclusão do AT55 na Constituição de 1991.

Apenas nos anos 1970 a base do movimento negro colombiano passa a se articular, ainda que de forma dispersa e desorganizada. As organizações negras pioneiras tinham características bem distintas. De um lado, organizações de caráter mais urbano, compostas principalmente por intelectuais, estudantes universitários e pessoas vindas da classe média. Sua mobilização política acentuava o peso do racismo e da discriminação racial na vida dos afro-colombianos e, ao mesmo tempo, buscava aumentar a conscientização étnico-racial deste contingente população. De outro lado, organizações de caráter mais rural, de base classista e, embora compostas majoritariamente por negros, apenas implicitamente ressaltando a solidariedade racial como elemento de coesão.<sup>16</sup>

Para Wade,<sup>17</sup> no momento em que os antropólogos passam a denunciar a tradição e a identidade como sendo processos “inventados” o movimento negro colombiano surge exatamente afirmando-se sobre processos de construção e transformação de identidades sociais, de dinâmicas raciais e a ativação política de identidades étnicas. Assim:

---

<sup>13</sup> ASHER, Op. Cit.; WADE, Peter. **Race and Ethnicity in Latin America**. London: Pluto Press, 1997.

<sup>14</sup> FRIEDEMANN, Nina de. **La saga del negro...** Op. Cit.

<sup>15</sup> \_\_.; AROCHA, Jaime. **De sol a sol: Genesis, transformación y presencia de los negros en Colombia**. Bogotá: Planeta, 1986.

<sup>16</sup> WADE, Peter. **The Cultural Politics...** Op. Cit.; ASHER, Op. Cit.; PASCHEL, Op. Cit.

<sup>17</sup> WADE, Peter. **The Cultural Politics...** Op. Cit.

A recente mobilização política de negros na Colômbia desafia noções acerca da 'invisibilidade' da negritude e das dificuldades estruturais de mobilização política. Também levanta questões sobre a análise de políticas culturais e a desconstrução de 'invenções' culturais sem com isso invalidá-las como lócus de solidariedade étnica.<sup>18</sup>

Em 1976, Juan Dios Mosqueros, juntamente com outros militantes negros, funda em Pereira, capital do departamento de Risaralda, o Soweto, uma organização composta majoritariamente por estudantes universitários. Trata-se de um grupo de militantes insatisfeitos com o tratamento dado à questão racial dentro das organizações de esquerda da época e que tomaram para si a tarefa de construir um movimento social em melhores condições de compreender as múltiplas formas de opressão e marginalização a que afro-colombianos estavam sujeitos.

Na mesma época é fundado, em Bogotá, o Centro para Investigação e Desenvolvimento da Cultura Negra. Esta organização era responsável pelo jornal *Presencia Negra* e seus militantes eram fortemente influenciados pelos trabalhos de Martin Luther King Jr., Franz Fanon, Malcolm X e Angela Davis. Escritor e figura política, Manuel Zapata Olivella, foi outro pioneiro a discutir questões relacionadas à identidade negra, cultura e as contribuições dos negros para a sociedade colombiana. Zapata foi o fundador da Fundação Colombiana para Pesquisas Folclóricas, grupo responsável por organizar o 1º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado em Cali em 1977.<sup>19</sup> Em 1982, o grupo Soweto deu lugar ao Cimarrón, com sede em Buenaventura, cidade portuária do Departamento do Valle de Cauca. Uma organização de caráter urbano, composta por intelectuais e bastante influenciada pelo Movimento por Direitos Civis dos Estados Unidos e as lutas contra o *apartheid* na África do Sul.<sup>20</sup>

Essas organizações pioneiras não lograram grande sucesso em ampliar o debate público sobre a questão étnico-racial no país. As comunidades do Chocó, através de entidades tais como a Organização dos Bairros Populares do Chocó e a Associação Camponesa do Atrato foram melhor sucedidas em suas práticas mobilizatórias. Influenciando as populações locais a realizar greves civis,

---

<sup>18</sup> Ibidem. p. 341.

<sup>19</sup> WADE, Peter. **Race and Ethnicity**... Op. Cit.

<sup>20</sup> Idem.

conseguiram, em alguns momentos, ampliar cenários de negociação com autoridades estatais.<sup>21</sup> Assim, algumas medidas governamentais foram tomadas para garantir o direito territorial de comunidades afro-colombianas do Pacífico.

Foi necessário, contudo, uma transformação de ordem estrutural na sociedade colombiana para que o debate público sobre a marginalização de afro-colombianos se consolidasse. A crise institucional vivida pelo país nos anos 1980, em grande parte por conta do narcotráfico e da desconfiança populacional em relação ao sistema político bipartidário de governo, desencadeou na proposta de reformulação constitucional, cujo objetivo era estancar o processo de erosão social então em curso.<sup>22</sup>

As organizações do movimento negro aproveitaram a janela de oportunidade gerada por esse processo e, em conjunto com outros atores sociais, influenciou para que a carta constitucional reconhecesse a diversidade cultural como elemento constitutivo da sociedade colombiana.

---

<sup>21</sup> PASCHEL, Op. Cit.

<sup>22</sup> Diferentemente da maioria dos países latino-americanos, a Colômbia se caracteriza por uma constante e longínqua predominância de um sistema político bipartidário. Liberal e Conservador, os dois partidos mais tradicionais foram criados ainda no século XIX, na década de 1840. No início, tais partidos eram ideologicamente contrastantes. Os conservadores, em sua maioria latifundiários, defendiam um estado centralizado e católico. Os liberais, por outro lado, propunham uma clara separação entre Igreja e estado, chegando a promover, em alguns momentos, uma perseguição eclesiástica. O Partido Liberal era, nesse momento, composto por membros de uma elite liberal, comerciantes e industriais emergentes. Porém, ao longo dos anos, a rivalidade entre os dois partidos, entremeadada por curtos períodos de coalizão, foi responsável pelo crescimento exponencial da violência no país. Ainda no século XIX, no período entre 1931 e 1899, houve 7 guerras civis ocasionadas por disputas entre os dois partidos.

Depois de um período relativamente tranquilo, em abril 9 de 1948, José Eliécer Gaitán, candidato a presidente pelo partido liberal foi assassinado supostamente por ordem do governo conservador, dando início a um período de 10 anos de guerra civil, conhecida como *La Violencia*. A população de Bogotá e outras regiões do país ocupou as ruas e entrou em confronto com a polícia. O episódio, conhecido como *Bogotazo* ou *nueve de abril*, terminou com a morte de aproximadamente 5 mil pessoas. Após o fim da Guerra Civil, em 1958, liberais e conservadores firmaram um acordo para a formação da Frente Nacional, que consistia em uma coalizão entre os dois partidos, de modo a que pudessem se intercalar no governo. Tal acordo vigorou, juridicamente, de 1958 a 1974, mas na prática se estendeu até 1978 e pouco se alterou nos anos 1980. Um dos muitos efeitos deletérios dos períodos de *La Violencia* e da Frente Nacional foi a emergência e a consolidação das guerrilhas e grupos paramilitares. O Exército de Libertação Nacional (ELN), as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o Movimento 19 de Abril (M-19) surgem nesta época. Cf: BUSHNELL, David. **The Making of Modern Colombia: a nation in spite of itself**. Berkeley: University of California Press, 1993.

## Reforma Constitucional Colombiana e a Institucionalização da Questão Racial

A erosão do sistema político colombiano, em decorrência do alto índice de violência civil em várias regiões do país, do crescimento exponencial do narcotráfico, da corrupção endêmica e da incapacidade do estado em controlar seu território, obrigou o governo a promover acordos com as guerrilhas e diferentes movimentos sociais, em prol de uma nova constituição. O estado, contudo, não demonstrava qualquer interesse em reconhecer as especificidades das reivindicações da população negra.<sup>23</sup>

Diante de um cenário pouco favorável e contando com limitações de ordem institucional-organizativa, além de escassos recursos materiais e falta de apoio externo, os movimentos negros colombianos se viram obrigados a promover uma coalizão entre seus diferentes setores a fim de construir uma unidade que lhes permitisse participar da ANC para reivindicar direitos.

Em 1990, o governo colombiano promoveu uma série de encontros em todas as regiões do país para garantir legitimidade ao processo de reforma constitucional. 80% da população votou favoravelmente ao processo de reforma constitucional e, então, foram realizadas eleições populares para escolha de representantes juntos à ANC.<sup>24</sup> As organizações negras iniciaram contatos em nível nacional com o intuito de apresentar candidatos unificados à constituinte. Apesar de terem participado do pleito com dois candidatos, nenhum representante afro-colombiano foi eleito para compor a ANC.<sup>25</sup>

Segundo Paschel,<sup>26</sup> a inabilidade das organizações negras em se fazerem representar junto à ANC tem a ver com dificuldades internas e externas ao movimento. Fragmentação ideológica e regional, falta de recursos materiais e simbólicos e dificuldades em estabelecer uma identidade coletiva unida em torno de um objetivo comum formavam os principais obstáculos enfrentados pelas organizações afro-colombianas de então. Diversas conferências foram realizadas

---

<sup>23</sup> AROCHA, Jaime. Afro-Colombia Denied. *NACLA Report on the Americas*, v. 25, n.4, p. 28-31, 1992.; \_\_.; FRIEDEMANN, Nina de. Marco de referencia histórico cultural para la ley sobre los derechos étnicos de las comunidades negras en Colombia. *América Negra*, v. 5, p. 155-172, 1993.

<sup>24</sup> VAN COTT, Donna Lee. *The friendly liquidation of the past: the politics of diversity in Latin America*. Pittsburgh: University of Pittsburg Press, 2000.

<sup>25</sup> WADE, Peter. *Race and Ethnicity...* Op. Cit.; GRUESO, Op. Cit.

<sup>26</sup> PASCHEL, Op. Cit.

em nome de organizações que se auto-intitulavam representantes nacionais do movimento e que divergiam fortemente entre si, dando um senso de descontinuidade às tentativas de unificação do movimento. As divisões entre organizações de caráter mais urbano, que usualmente empregavam estratégias em torno da noção de igualdade racial, e as organizações de caráter mais rural, cujas reivindicações giravam em torno das noções de diferença étnico-cultural e direitos territoriais, exerceram, contudo, maior influência na (in)capacidade articulatória do movimento negro para o processo constituinte.<sup>27</sup>

Do ponto de vista das dificuldades externas, de acordo com Van Cott,<sup>28</sup> as organizações afro-colombianas receberam pouco apoio às suas demandas por direitos especiais junto à constituinte. Políticos e representantes da elite se opunham frontalmente à adoção de legislação específica para as comunidades afro-colombianas por receio de que se fosse exacerbar ainda mais os conflitos armados no país, acrescentando a eles uma dimensão inter-étnica. Além disso, grassava entre os colombianos de um modo geral a percepção de que afro-colombianos eram mais integrados à sociedade que grupos indígenas e não eram vítimas de discriminação racial. Já os delegados da ANC consideravam as organizações indígenas conciliatórias e as negras beligerantes.<sup>29</sup>

Mesmo sem conseguir eleger um candidato próprio para a ANC as organizações do movimento negro encontraram em Francisco Rojas Birry, um líder indígena da região da costa do pacífico, que mantinha relações de proximidade com organizações negras do Chocó, um importante defensor dos afro-colombianos dentro da ANC. Para além disso, as organizações afro-colombianas passaram a empregar uma série de atividades com o objetivo de chamar atenção para suas questões e influenciar a opinião pública e os demais delegados da ANC para a necessidade de se incluir legislação específica para as comunidades negras dentro do texto constitucional. Tais atividades incluíam marchas, a formação de alianças com grupos indígenas e a realização de uma campanha de envio de 25.000

---

<sup>27</sup> GRUESO, Op. Cit.; PASCHEL, Op. Cit.

<sup>28</sup> VAN COTT, Op. Cit.

<sup>29</sup> Idem.

telegramas para políticos e delegados da ANC, exigindo a inclusão de afro-colombianos na constituição.<sup>30</sup>

Em contraste com o foco dado às populações indígenas, apenas próximo ao fechamento da ANC um artigo relativo às comunidades negras é incluído. Trata-se do Artigo Transitório 55, que previa a criação de uma comissão especial, composta por representantes das comunidades envolvidas, responsável por redigir o texto final da lei que finalmente regulamentaria os direitos territoriais das comunidades negras da costa do Pacífico, dentro do prazo de dois anos. Apesar dos esforços de algumas setores dos movimentos negros para uma definição abrangente de comunidades negras, o texto do artigo 55, que se repete com pequenas alterações no artigo primeiro da lei 70, estabelece que o governo reconhece:

as comunidades negras que ocupam terras baldias nas zonas rurais ribeirinhas dos rios da bacia do Pacífico, de acordo com suas práticas tradicionais de produção, o direito à propriedade coletiva sobre as áreas que serão demarcadas pela mesma lei.

Em agosto de 1993, o então presidente colombiano César Gaviria, em visita à costa do Pacífico, sancionou a lei 70, também conhecida como “lei das comunidades negras”. O texto final da lei 70 é composto por 68 artigos distribuídos em 8 capítulos e revela tanto aspectos de uma mudança sem precedentes na legislação étnico-racial do país quanto explicita suas principais limitações. A lei 70 tem dois objetivos, definidos no artigo 1, o primeiro relativo ao reconhecimento do direito territorial coletivo de comunidades negras vivendo na região da costa do Pacífico, e o segundo devotado ao estabelecimento de mecanismos de proteção social e econômica para os demais afro-colombianos. A lei compreende ainda que as comunidades negras se constituem em um grupo étnico distinto, mantendo cultura e tradições próprias. Segundo Paschel,<sup>31</sup> as principais limitações da lei podem ser observadas não apenas pelo que nela está escrito, mas principalmente pelo que omite.

---

<sup>30</sup> PASCHEL, Op. Cit.; AGUDELO, Carlos E. Nuevos actores sociales y relegitimación del estado. Estado y construcción del movimiento social de comunidades negras em Colombia. **Análisis Político**, n. 43, Mayo/Agosto, 2001.; GRUESO, Op. Cit.

<sup>31</sup> PASCHEL, Op. Cit.

Assim, apesar das muitas referências ao racismo e à desigualdade racial nas reuniões da Comissão Especial e no processo de formulação da Lei 70 mais geral, a lei apenas menciona racismo e discriminação enfrentados pelos afro-colombianos no artigo 33, que não está vinculado a qualquer proposta concreta, sanção de atos racistas, ou políticas claras para abordar estas questões. Embora a maioria da população negra fosse e continue sendo urbana, a palavra "urbano" é utilizada apenas uma vez na legislação em uma disposição que define zonas rurais como estando para além do "perímetro urbano".<sup>32</sup>

Para outros estudiosos,<sup>33</sup> contudo, a principal limitação da lei 70 está em um certo mimetismo da legislação relativa aos grupos indígenas. Arruti,<sup>34</sup> por exemplo, discute o quanto o pressuposto de que comunidades negras e indígenas seriam similares acabou por produzir uma legislação que fomentou um tipo de organização social e política à qual as comunidades negras tiveram que se adaptar, ao invés de se ter criado uma legislação de acordo com a experiência vivida por estas comunidades. Ademais, o enfoque principal da lei acaba sendo a terra e o território em detrimento da pluralidade étnica. Por fim, o excessivo acento da lei 70 no caso das comunidades negras que habitam o Pacífico também tem representado dificuldades para afro-colombianos vivendo em outras regiões do país e, o fato de a lei ser bastante indefinida e sujeita a interpretações divergentes, ofereceu ao estado as ferramentas para que não efetivasse as medidas protetivas necessárias para se melhorar as condições de vida das populações negras. Apesar de suas limitações, a lei 70 na Colômbia representa uma ampliação de cenários de visibilidade e recursos institucionais para o movimento negro.

### **Pós Lei 70: Formulação de Legislações e Políticas Públicas Específicas**

Num processo que se inicia com as preparações para a Assembléia Nacional Constituinte e tem seu ponto culminante na aprovação da lei 70, de 1993, o estado colombiano não apenas retira as populações afro-colombianas da invisibilidade política como abre espaço para a consolidação institucional da temática étnico-

---

<sup>32</sup> Ibidem. p. 762.

<sup>33</sup> ARRUTI, José M. Direitos Étnicos no Brasil e na Colômbia: notas comparativas sobre hibridização, segmentação e mobilização política de índios e negros. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, p. 93-123, 2000.; NG'WENO, Betina. **Turf Wars: Territory and Citizenship in the Contemporary State**. Stanford: Stanford University Press, 2007.; ASHER, Op. Cit.

<sup>34</sup> ARRUTI, José M. Direitos Étnicos no Brasil... Op. Cit.

racial no país, dando às organizações do movimento negro ferramentas para interpelar o estado a fim de que este coloque em prática uma série de ações previstas nas legislações federais, convenções e tratados internacionais dos quais o país é signatário. Dessa forma, ao se falar em população negra, afro-colombiana, palenquera e raizal um conjunto de ações legais e políticas públicas têm sido levadas a cabo por instâncias locais e nacionais do governo colombiano, com o intuito de diminuir as desigualdades existentes entre grupos sociais minoritários em relação ao restante da população do país. A efetividade e o alcance de tais ações são, no entanto, temas controversos e objetivo de intenso debate.<sup>35</sup>

Com o intuito de aumentar o alcance da lei 70 e corrigir alguns equívocos na elaboração da mesma, o governo colombiano sancionou uma série de decretos e outros elementos jurídicos que buscam regulamentar e clarificar seus objetivos. Os temas mais importantes presentes em tais decretos constam leis que versam sobre: a titulação e propriedade coletiva de terras pelas comunidades negras (Decreto 1745 de 1995); a criação da Cátedra de Estudos Afro-colombianos no sistema de ensino público (Decreto 1122 de 1998); e a necessidade consulta prévia às comunidades negra sobre tentativas – públicas ou privadas – para que se explorem recursos naturais dentro de seu território (Decreto 1320 de 1998).

Em relação à garantia de territórios coletivos para as comunidades negras, foco central da lei 70, de acordo com informações da Comissão Intersetorial para Avanço da População Afro-colombiana, Palenquera e Raizal, entre 1996 e 2010 foram titulados 159 territórios, distribuídas em 6 departamentos (Antioquia – 12, Valle de Cauca – 30, Nariño – 41, Chocó – 57, Cauca – 17, Risaralda – 2) e beneficiando aproximadamente 63 mil famílias.

Tão logo se deu início, em 1996, ao processo de titulação coletiva de terras, as comunidades negras passaram a ser as principais vítimas de deslocamento forçado no país.<sup>36</sup> No mesmo lugar em que foi titulado o primeiro território, no

---

<sup>35</sup> AGUDELO, Carlos E. Nuevos actores sociales... Op. Cit.; NG'WENO, Op. Cit.; ASHER, Op. Cit.; DIXON, Kwame. Transnational Black Social Movements in Latin America: Afro-Colombians and the Struggle for Human Rights. In: STAHLER-SHOLK, Richard; VANDEN, Harry E.; KUECKER, Glen D. (Orgs). **Latin American Social Movements in the Twenty-First Century: Resistance, Power, and Democracy**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

<sup>36</sup> Deslocamentos internos forçados são constantes ao longo de toda a história colombiana, por conta dos inúmeros conflitos armados. Entre 1946 e 1958, no período conhecido como *La Violencia*,



município de Riosucio, às margens do Rio Atrato, no Chocó, iniciou-se o processo de deslocamento forçado. Em 26 de dezembro de 1996, apenas alguns dias após receber o título coletivo, a região foi invadida por grupos paramilitares que, em menos de 20 dias, assassinaram os moradores que resistiram à invasão e geraram o deslocamento de mais de 20 mil afro-colombianos.<sup>37</sup>

Em 1997, o governo colombiano sancionou a lei 387, que pretendia criar “medidas para a prevenção do deslocamento forçado, a atenção, proteção, consolidação e estabilização socioeconômica dos deslocados vítimas da violência na República da Colômbia”, bem como “garantir atenção especial às comunidades negras e indígenas submetidas ao deslocamento em correspondência com seus costumes, e propiciando o retorno a seus territórios”. A lei, contudo, não surtiu os efeitos desejados. Segundo Rodriguez, Alfonso e Cavalier<sup>38</sup> cerca de 12% de todos os afro-colombianos se encontram em situação de deslocamento forçado.

Apesar de um contexto sociopolítico adverso, como demonstra a situação dos deslocados, o estado colombiano tem procurado estabelecer outras medidas que promovam maior integração da população afro-colombiana. Destaca-se, por exemplo, a lei 152 de 1994, Lei Orgânica do Plano de Desenvolvimento, assegura a participação de membros da sociedade civil junto ao Conselho Nacional de Planejamento, permitindo que representantes das comunidades negras tenham maior acesso à instâncias decisórias sobre a formulação de planos que incidam sobre suas comunidades e seu próprio desenvolvimento (artigo 9).<sup>39</sup>

---

milhares de pessoas foram obrigadas a ceder suas terras e se descolar para os centros urbanos, para que se desenvolvesse um novo modelo agro-industrial. Nesse período, os grupos – legais e ilegais – vinculados aos partidos conservador e liberal eram os principais responsáveis por promover tais deslocamentos. A partir dos anos 1980, as guerrilhas e grupos paramilitares, para permitir a expansão das áreas de cultivo de coca, tornam-se os principais agentes promotores dos deslocamentos forçados. Por essa razão, áreas consideradas importantes para o plantio e/ou escoamento de drogas, bem como regiões ricas em recursos energéticos e minerais são as mais afetadas pelo deslocamento. E Bogotá, Medellín, Cali e Barranquilla são os grandes polos receptores dos deslocados. Cf: ASHER, Op. Cit.; AFRODE, Op. Cit.

<sup>37</sup> AFRODES (Asociación Nacional de Afrocolombianos Desplazados) - Global Rights **DEL DICHO AL HECHO HAY MUCHO TRECHO**. Análisis de Marcos Normativos y Políticas Públicas para Población Afrocolombiana en Situaciones de Desplazamiento Forzado o Confinamiento. Bogotá, Febrero 2010.

<sup>38</sup> RODRÍGUEZ, Cesar; ALFONSO, Tatiana; CAVELIER, Isabel. **El Desplazamiento Afro: tierra, violencia e derechos de las comunidades negras en Colombia**. Bogotá: Univesidad de los Andes, 2010.

<sup>39</sup> Além de participação junto ao Conselho Nacional de Planejamento, representantes das comunidades negras têm assento em outras 20 instituições e/ou conselhos consultivos em níveis federal, departamentais e locais.

A lei 115 de 1994, Expansão da Lei Geral de Educação, estabelece que a etnoeducação seja inserida dentro do currículo escolar para que comunidades étnicas possam ter acesso a conhecimentos culturais e lingüísticos pertinentes à sua história dentro do sistema educacional formal. A lei também propõe a formação de educadores para que sejam capazes de atuar com base nos princípios da etnoeducação (artigo 55).

Já o decreto 4181 de 2007 cria a Comissão Intersetorial para o Avanço da População Afro-colombiana, Palenquera e Raizal. Esta Comissão está vinculada ao Ministério do Interior e Justiça e tem por objetivo avaliar a situação da população afro-colombiana, bem como a legislação nacional e internacional vigente em relação à esta população para, então, orientar ações que visem superar as desigualdades e vulnerabilidade a que estão submetidas estas comunidades.

A lei 649 de 2001, diz respeito à concessão de 2 lugares étnicos na Câmara dos Deputados para a comunidade afro-colombiana. Segundo a lei, todos que pretenderem utilizar tal mecanismo legal para sair candidatos pelas comunidades afro-colombianas para serem eleitos à Câmara devem ser membros de sua comunidade e terem sido previamente aprovados por uma organização registrada junto ao Ministério do Interior.

O documento CONPES (Conselho Nacional de Política Econômica e Social) 3310 de 2004, por sua vez, trata da adoção de políticas de ação afirmativa para a população negra e afro-colombiana. Mas, segundo Mosquera, León e Rodriguez,<sup>40</sup> o documento CONPES não chega a ser, necessariamente, um programa de políticas públicas. Para os autores, o documento refere-se mais ao interesse estatal em investir na educação básica, saúde e moradia da população rural. Assim, o enfoque do documento recai sobre as populações vivendo em condição de pobreza e impactadas pela exclusão e discriminação étnico-racial. Tais ações, segundo os autores, se constituem, na verdade, em políticas assistenciais para melhorar o nível de subsistência de alguns grupos sociais.

---

<sup>40</sup> MOSQUERA, Claudia; LEÓN, Ruby; RODRIGUEZ, Margarita. **Escenarios post-Durban para pueblos y personas negras, afrocolombianas, raizales y palenqueras**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas, 2009.

Após a aprovação do documento CONPES, apenas as cidades de Bogotá e Medellín formularam projetos de ação afirmativa para a população negra. Em Bogotá foram adotadas medidas de estímulo à participação de afrodescendentes em processos de formação e execução de planos de desenvolvimento distritais e locais. Também foram implementadas uma série de políticas públicas visando o reconhecimento da diversidade cultural e garantia de direitos da população negra da cidade. Em Medellín foi criado, em 2006 o Conselho Municipal para Assuntos e Políticas Públicas das Comunidades Afrodescendentes. Entre os objetivos do Conselho constam: estimular a participação da população negra em decisões que os afetem e na formulação e execução de projetos dentro do plano municipal de desenvolvimento. Também consta entre os objetivos do Conselho garantir a participação negra nas esferas cultural, social, econômica e política do município.<sup>41</sup>

Mosquera, León e Rodríguez<sup>42</sup> afirma que, embora ações locais representem um avanço para a implementação de políticas racialmente sensíveis, elas requerem um maior comprometimento estatal. Para tal os autores propõem a criação de uma “Secretaria Nacional de Políticas para Promoção da Igualdade Racial e Diferenças Culturais”, com o objetivo de aprofundar a adoção de políticas públicas de caráter multicultural, aumentar a participação de afro-colombianos em espaços de prestígio e radicalizar a democracia. Tal secretaria ficaria responsável por desenvolver programas em torno de quatro núcleos centrais. No âmbito da educação superior ficaria responsável pela execução de programas de ação afirmativa similares àqueles em curso no Brasil. Em relação ao mercado de trabalho a Secretaria buscaria implementar medidas para fortalecer empreendimentos de afro-colombianos, bem como promover incentivos ou políticas de cotas para maior inserção de negros em empresas privadas. Na área de combate ao racismo e discriminação racial, os autores propõem medidas que penalizem situações de racismo e discriminação, ao mesmo tempo em que se elaborem campanhas de prevenção e capacitação. No âmbito das reparações simbólicas seriam propostas medidas de ressignificação sobre a memória da

---

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Idem.

escravidão e pós-escravidão, assim como ações de impacto intersubjetivo, tais como a construção de museus nacionais e comunitários.<sup>43</sup>

### **Movimento Negro Brasileiro e a Politização da Questão Racial**

O Brasil vive, a partir da década de 1970, um período de mudanças expressivas no tocante ao debate sobre racismo e desigualdades raciais no país. Tal mudança, como bem discutida por Figueiredo e Grosfoguel,<sup>44</sup> contou com o apoio fundamental de ativistas negros e de acadêmicos. O ativismo negro desestabilizou os alicerces do mito da democracia racial ao acenar ao espaço público com demandas de cunho indentitário e redistributivo, demonstrando a indissociabilidade entre elas. Do lado dos intelectuais, data das décadas de 1970 e 1980 os primeiros estudos acadêmicos mais sistemáticos em que o cruzamento de dados censitários com as categorias raça e classe (e em alguns poucos casos gênero) são realizados.<sup>45</sup> Há também, nessa época, um aumento expressivo de pesquisas lidando com temas anteriormente apontados por Florestan Fernandes sobre a singularidade das relações sociais entre brancos e negros no país.<sup>46</sup> E autoras como Fúlvia Rosemberg e Elza Berquó produzem importantes estudos que versam sobre segregação racial no ambiente escolar, no mercado de trabalho e nas escolhas afetivo-sexuais dos brasileiros brancos e não-brancos.<sup>47</sup>

Essa alteração temática no que tange ao significado do racismo na sociedade brasileira produziu, e ainda produz, resultados positivos e contraditórios na vida política do país. O aprofundamento de direitos e a participação social e política dos negros na vida pública têm trazido à baila a necessidade de se pensar meios efetivos para se combater o racismo e oferecer

---

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> FIGUEIREDO, Ângela; GROSGOUEL, Ramón. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e negação do racismo no espaço universitário. **Sociedade e Cultura**, v.12, n.2, p. 223-234, 2009.

<sup>45</sup> HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.; CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. **Mulher negra**. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

<sup>46</sup> FIGUEIREDO, Ângela; GROSGOUEL, Ramón. Op. Cit.

<sup>47</sup> ROSEMBERG, F. Segregação Espacial na Escola Paulista. In: LOVELL, Peggy. (Ed.). **Desigualdade no Brasil Contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 1991.; BERQUÓ, Elza. Como se casam brancos e negros no Brasil. In: LOVELL, Peggy. (Org). **Desigualdade no Brasil Contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

uma visibilidade positiva às identidades negras. Obviamente que, tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista político-normativo, há um intenso e controverso debate sobre como combater o racismo.<sup>48</sup>

Não apenas no plano intelectual, mas sobretudo no plano das ações coletivas, a década de 1970, ainda sob forte repressão estatal, pode ser considerada um marco fundamental para uma parcela significativa dos movimentos sociais no Brasil. Há, neste período, uma eclosão de lutas políticas as mais diversas, consonantes com fenômenos semelhantes no cenário internacional, com seus emblemáticos protestos estudantis de maio de 1968, na França, os movimentos por direitos civis e feministas norte-americanos, os movimentos de defesa homossexual e ambientalistas, bem como as lutas por independência em vários países africanos e pelo fim dos regimes ditatoriais na América Latina.

Nesse contexto, as organizações do movimento negro que re-emergem em todas as regiões do Brasil no início da década de 1970 partilham junto com os demais movimentos sociais da época um profundo interesse pela redemocratização do país e trazem como elemento novo – tanto em relação às organizações negras precedentes quanto em relação ao conjunto de movimentos sociais contemporâneos – a denúncia sistemática do mito da democracia racial e um projeto político de inserção da população negra nas esferas decisórias, tendo em vista uma partilha equânime de poder entre negros e brancos.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> A controvérsia sobre o papel das desigualdades raciais e das formas mais adequadas de combater o racismo no Brasil tem sido capitaneada, *grosso modo*, por duas “escolas” distintas de pensamento. De um lado há àqueles que, ancorados por perspectivas neo-freudianas, veem com suspeição políticas públicas e pesquisas racialmente focalizadas. Para estes pesquisadores, ao acentuar a categoria raça (que biologicamente não existe) estaríamos regredindo em termos de relações raciais e, em última instância, americanizando e/ou subestimando as especificidades das relações raciais brasileiras. Do outro lado dessa fronteira, estão pesquisadores e ativistas mais alinhados com uma forma de pensamento social cujas raízes estão nos trabalhos seminais de Florestan Fernandes, mas que ganha maior corpo teórico a partir dos estudos desenvolvidos por Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle e Silva. Para estes pesquisadores a análise de dados estatísticos e censitários ao longo do século XX revela claramente que, desigualdade sociais e desigualdades raciais caminham lado a lado. Neste sentido, a necessidade de adoção de políticas públicas racialmente sensíveis estaria mais que provada pelo grande número de pesquisas realizadas nas últimas décadas.

<sup>49</sup> DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo Revista do Departamento de História da UFF**, v. 12, p. 113-136, 2007.; GUIMARÃES, Antônio S. A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.; COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

Do ponto de vista da constituição de um auto-reconhecimento e da formulação de uma consciência política para posterior institucionalização do movimento, Gonzalez<sup>50</sup> considera momentos históricos os encontros para discussão do racismo e o processo de exclusão dos negros do mercado de trabalho patrocinados pelo CEAA (Centro de Estudos Afro-Asiáticos) da Universidade Cândido Mendes, e organizados pela militante negra e historiadora Beatriz Nascimento, a partir de 1973. Desses encontros nasceram em 1975 e 1976, no Rio de Janeiro, o IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras) e a SINBA (Sociedade de Intercâmbio Brasil-África). Em outros lugares do país também emergiram diversas organizações negras. No Rio Grande do Sul havia o Grupo Palmares, que, em 1971, foi responsável por propor o dia 20 de novembro, presumível data d morte de Zumbi dos Palmares em 1695, como dia nacional da consciência negra. Em São Paulo surgiram organizações que pensavam a constituição de um movimento negro com projeção nacional, com destaque para o Grupo Evolução, criado em Campinas, em 1971, por Thereza Santos e Eduardo Oliveira e Oliveira; o CECAN, Centro de Cultura e Arte Negra, de 1975; e a Associação Casa de Arte e Cultura Afro-Brasileira (ACACAB), fundada em 1977. Em Salvador é criado, em 1974, o bloco afro Ilê Ayê, que fomentou todo um clima para afirmação do movimento negro na Bahia, e o Grupo NEGO – Estudos Sobre a Problemática do Negro Brasileiro, de onde saiu o quadro inicial de militantes do MNU da Bahia.<sup>51</sup>

A criação do Movimento Negro Unificado (MNU), em 1978, como reação à discriminação sofrida por quatro atletas negros no Clube Tietê e à morte de um operário negro, Robson Silveira da Luz, devido a torturas policiais representa um marco para o ativismo negro contemporâneo. Sem negligenciar a pluralidade de identidades negras passíveis de serem politizadas, o MNU, já no seu ato de criação,

---

<sup>50</sup> GONZALEZ, Lélia. **The Black Woman's Place in the Brazilian Society**, 1984. Disponível em <[www.eliagonzalez.org.br](http://www.eliagonzalez.org.br)>. Acesso em 11 de outubro de 2011.

<sup>51</sup> GONZALEZ, Op. Cit.; BAIROS. Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Marise; WHITE, Evelyn C. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Criola/Pallas, 2000.; HANCHARD, Michael. **Orfeu e o Poder: Movimento Negro no Rio de Janeiro e em São Paulo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.; GUIMARÃES, Antônio S. A. Nacionalidade e novas identidades raciais no Brasil: uma hipótese de trabalho. In: SOUZA, Jessé. (Org.). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília: UnB, 2002. p. 387-414.

ao politizar a diversidade étnica e cultural do país, tenta demonstrar como afro-brasileiros têm sido ao longo da história do país tratados como os outros, ainda que o discurso oficial de integração harmônica aponte para o lado oposto, e que as desigualdades sociais presentes no país poderiam – e deveriam – também ser traduzidas em termos raciais.

O processo de reorganização política do movimento negro brasileiro, sob forte influência da criação do MNU, tinha uma estratégia clara de articular demandas de cunho anti-racista aos projetos políticos de outros grupos marginalizados, aumentando em escala e alcance sua capacidade de impactar o estado e a sociedade civil. Esta estratégia está claramente apresentada no programa de ação do MNU, lançado em 1982, que reivindica, entre outras coisas: o fim do mito da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação dos movimentos negros em movimentos de massas; alianças das lutas de raça e classe; organização para combate a violência policial; organização em sindicatos e partidos políticos; luta pela inclusão de conteúdos sobre a História da África e dos negros nos currículos escolares; e busca pelo apoio internacional no combate ao racismo no país.<sup>52</sup>

Ainda nesse primeiro momento, alguns ativistas negros também iniciam sua participação nos partidos políticos que começaram a se reorganizar. O PMDB, PDT e PT foram os principais partidos que, a partir das chamadas Comissões de Negros, contribuíram para que determinadas demandas do movimento negro fossem incluídas nas discussões políticas da década de 80.

### **Da Reforma Constitucional às Políticas de Promoção da Igualdade Racial**

No curso da transição democrática, que tem na promulgação da Constituição de 1988 o seu momento máximo, o movimento negro conseguiu abrir a caixa de Pandora das relações raciais brasileiras. O debate sobre o mito da democracia racial e os mecanismos sociopolíticos necessários para se promover igualdade racial ensejou uma abertura de oportunidades políticas e discursivas sem precedentes na história do país.

---

<sup>52</sup> DOMINGUES, Op. Cit.

Com a eleição indireta de Tancredo Neves e José Sarney no Colégio Eleitoral em 1985, dá-se um passado decisivo para a elaboração da nova Constituição. Após a morte de Tancredo Neves, em abril do mesmo ano em julho de 1985, José Sarney decide pela manutenção da promessa de campanha e envia ao Legislativo a Proposta de Emenda Constitucional nº 43, atribuindo poderes constituintes ao Congresso Nacional, que deveria se reunir a partir de 1º de fevereiro de 1987.

Seguindo outra proposta de Tancredo Neves, Sarney nomeia uma Comissão Provisória de Estudos Constitucionais para elaboração de um anteprojeto de constituição. Essa comissão foi presidida pelo jurista Afonso Arinos de Mello Franco e ficou conhecida como “Comissão de Notáveis”, e contava com 50 integrantes, representando diversas perspectivas políticas e ideológicas. Não houve, porém, a indicação de nenhuma personalidade negra pra compor a Comissão. Depois de um período tenso de negociações, Hélio Santos, integrante do PMDB paulista e presidente do recém-criado Conselho da Comunidade Negra de São Paulo, passou a integrar a Comissão.<sup>53</sup>

Após a nomeação de Hélio Santos, diversas organizações do movimento negro passaram a articular uma série de eventos, em diferentes partes do país para a elaboração de propostas que viriam a ser incorporadas às discussões da Comissão Pré-Constituinte. Entre o conjunto de encontros municipais e estaduais organizados pelo movimento negro para discutir a participação da comunidade negra no processo constituinte, dois merecem destaque: o Primeiro Encontro Estadual “O Negro e a Constituinte” realizado na Assembléia Legislativa de Minas Gerais e I Encontro de Comunidades Negras Rurais, com o tema “O negro e a constituição”, realizado no Maranhão.<sup>54</sup>

A estes eventos se seguiram diversos outros e, nos dias 26 e 27 de agosto de 1986, foi realizada em Brasília a Convenção Nacional do Negro pela Constituinte, que contou com a presença de representantes de 63 entidades dos movimentos

---

<sup>53</sup> SANTOS, Ivair. **O movimento negro e o Estado (1983-1987)**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

<sup>54</sup> SILVÉRIO, Valter R. A (re)configuração do nacional e a questão da diversidade. In: SILVÉRIO, Valter R.; ABRAMOWICZ, Anne. (Org.). **Afirmando diferenças: montando o quebra cabeças da diversidade na escola**. Campinas: Papirus, 2005. p. 87-108.



negros brasileiros de 16 estados, num total de 185 inscritos. O documento aprovado durante a convenção, e entregue aos constituintes, continha entre as suas inúmeras propostas duas que acabariam incluídas nos texto constitucional: tipificação do preconceito racial como crime inafiançável e com pena de reclusão; e garantia do título de propriedade de terras às comunidades remanescentes de quilombos, quer no meio urbano ou rural.<sup>55</sup>

O texto final, aprovado pela Comissão Pré-Constituinte, contava com 436 artigos permanentes e 32 disposições transitórias. Apesar de seu conteúdo progressista e democrático, o Presidente Sarney, talvez por se opor ao regime parlamentarista de governo defendido pela Comissão, decidiu-se por não enviar o texto à Constituinte, encaminhando-o ao Ministério da Justiça, onde o texto foi arquivado.<sup>56</sup>

A Assembléia Nacional Constituinte (ANC) foi então instalada em 1º de fevereiro de 1987 e teve seus trabalhos concluídos em 2 de setembro de 1988, com a votação e aprovação do texto final da Constituição Brasileira. A ANC foi dividida em oito comissões temáticas e 24 subcomissões temáticas, responsáveis pela preparação dos anteprojetos básicos que, após apreciação e consolidação pela Comissão de Sistematização eram votados pela plenária da ANC.<sup>57</sup>

Por determinação do regimento interno da Constituinte a temática racial foi incluída e debatida dentro da VII Comissão, de Ordem Social, na Subcomissão dos Negros, Populações Indígenas, Pessoas Deficientes e Minorias Sociais. De 23 de abril a 8 de maio de 1987, a subcomissão realizou 8 audiências públicas para confecção do anteprojeto. De acordo com o Relatório Final da Subcomissão, a temática racial foi discutida nos dias 23 de abril (em painel sobre preconceito, discriminação e estigma), 28 de abril (dedicado exclusivamente à questão racial), 4 de maio (painel sobre deficientes visuais, hemofílicos e negros) e 5 de maio (painel sobre populações indígenas, presidiários, e minorias raciais e religiosas) (Anais da Assembléia Nacional Constituinte, Subcomissão 7c, volume 196, 1987).

---

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> SARMENTO, Daniel. 21 Anos da Constituição de 1988: a assembléia constituinte de 1987/1988 e a experiência constitucional brasileira sob a carta de 1988. **RDE. Revista de Direito do Estado**, v. 17/18, p. 135-170, 2010.

<sup>57</sup> SILVÉRIO, Op. Cit.

O relatório final da subcomissão incorporou as reivindicações apresentadas no documento oficial da Convenção Nacional o Negro e a Constituinte. Porém, no texto final da Constituição, como já dito acima, apenas dois artigos acerca da temática racial foram incluídos. O artigo 5 tornou o racismo um crime inafiançável e imprescritível. Já o artigo 216 definiu os territórios quilombolas como bens culturais nacionais e, através do artigo 68 das Disposições Transitórias, reconheceu o direito à titulação coletiva de terras das comunidades de remanescentes de quilombos.

Assim, como aconteceu no contexto colombiano, a promulgação da constituição brasileira traz consigo um novo modelo de nacionalidade. De uma nacionalidade construída em princípios universalistas para a adoção de princípios pluralistas e multiculturais.<sup>58</sup> Tal mudança é fruto das reivindicações do movimento negro e, ao mesmo tempo, por não incorporarem a totalidade de suas demandas mas reconhecerem sua plausibilidade, garantem maior visibilidade às organizações negras e expandem seu campo de oportunidades políticas.

Ainda em 1988, uma onda de protestos sociais orquestrados por ativistas negros contrários a celebração do centenário da abolição tomou conta do país. Para as organizações negras da época, a comemoração do 13 de maio não passava de um engodo, pois a maior parte da população negra brasileira continuava submetida a péssimas condições de vida. Em resposta aos protestos, o governo federal cria o que viria a ser a primeira instituição brasileira, em nível federal, devotada à temática racial. Assim, no âmbito do Ministério da Cultura é criada a Fundação Cultural Palmares, com o objetivo de promover e preservar a cultura brasileira. Por muitos anos coube à Fundação Palmares a responsabilidade de identificar as comunidades quilombolas e mediar o procedimento de demarcação de suas terras.

Mas é apenas a partir de meados da década de 1990 que se inicia um processo mais sistemático de inclusão da temática racial na agenda política brasileira. O movimento negro passa, progressivamente, de uma estratégia focada

---

<sup>58</sup> Idem.

essencialmente na construção de auto-reconhecimento e mobilização identitária para uma estratégia propositiva junto as mais diversas esferas político-decisórias.

Data deste período a Marcha Zumbi dos Palmares, contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida. Para além de uma simples comemoração pelo dia nacional da consciência negra, as organizações negras brasileiras empreenderam discussões sobre reparações e políticas de ação afirmativa, assumindo de vez uma postura de confronto em relação à falsa neutralidade do estado brasileiro frente às desigualdades raciais.

A preparação, organização e realização da Marcha, a cargo de alguns ativistas do MNU e integrantes do CEERT e Geledés, se deu a partir de mobilizações e fóruns municipais e estaduais ao longo do ano de 1995. No dia 20 de novembro, cerca de trinta mil pessoas vindas dos mais diversos estados brasileiros foram a Brasília manifestar pelo fim das desigualdades raciais e exigir do governo políticas de promoção da igualdade racial. Nesse mesmo dia, integrantes da Executiva Nacional da Marcha Zumbi dos Palmares entregaram ao então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, um documento com as principais reivindicações do movimento negro, em que denunciavam o racismo e apresentavam propostas concretas de políticas públicas de inclusão de afrodescendentes na sociedade brasileira.

Por ocasião da Marcha Zumbi dos Palmares, o governo federal assinou um decreto criando o Grupo de Trabalho Interministerial de Valorização da População Negra (GTI). A função desse grupo era discutir e propor políticas de ação afirmativa para a população negra nos mais diversos âmbitos do estado e sociedade civil, com especial atenção para políticas na educação, mercado de trabalho, saúde, cultura e comunicação.

Em 1996 o Ministério do Trabalho implementou o Grupo de Trabalho para Eliminação da Discriminação no Emprego e na Ocupação (GTDEO). A criação do GTDEO foi fruto de pressão internacional já que, em 1992, a CUT (Central Única dos Trabalhadores), apoiada por outras centrais sindicais, apresentou uma reclamação formal à OIT contra o governo brasileiro por descumprimento da

convenção 111.<sup>59</sup> Já em 1997 o mesmo ministério desenvolveu o programa Brasil, Gênero e Raça, visando a criação de Núcleos de Promoção da Igualdade de Oportunidades e Combate à Discriminação.

Ainda em 1996, o governo federal, através da Secretaria de Direitos de Cidadania, promoveu o Seminário Internacional Multiculturalismo e Racismo: o Papel da Ação Afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos. O principal objetivo do seminário era debater a validade e aplicabilidade de políticas de ação afirmativa. No mesmo ano, é lançado o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) que, entre suas inúmeras propostas, dispunha sobre a necessidade do estado implementar políticas de ação afirmativa.

No entanto, na história recente das organizações do movimento negro a III Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância (III CMR), realizado de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001, em Durban, África do Sul, representa o grande marco, tanto pelos seus desdobramentos quanto por materializar, em certa medida, um processo de consolidação e visibilidade política das organizações negras que se iniciou nos anos 1980.

A luta por reparações e políticas de ação afirmativa, que foi ganhando corpo dentro das organizações negras ao longo da década de 90, tornou-se central a partir da III CMR, em que as mais diversas organizações se aglutinaram em torno de tais reivindicações, tornando o diálogo com o estado cada vez mais intenso.

Para o Brasil e Colômbia e, em certa medida, para outros países da América Latina, tanto os eventos preparatórios quanto os resultados alcançados na III CMR tiveram efeitos sem precedentes sobre a agenda política nacional e no aprofundamento de relação sinérgica entre movimento negro e estado. Isso se deveu a uma série de razões. Primeiramente, a ênfase dada pelo movimento negro à denúncia do mito da democracia racial teve forte impacto na esfera estatal, em que agentes institucionais passam a reconhecer o racismo como um eixo político-analítico importante para se entender as desigualdades sociais no país. Houve

---

<sup>59</sup> BENTO, Maria Aparecida. Racismo no trabalho: o movimento sindical e o Estado. In: GUIMARÃES, Antônio S.; HUNTLEY, Lynn. (Org.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

também, especialmente a partir de finais da década de 1980, uma crescente participação do movimento negro brasileiro em redes transnacionais de ativismo, que ajudaram a fortalecer e transformar as organizações negras nacionais para torná-las mais eficazes. Um efeito subjacente ao fortalecimento de tais redes diz respeito a um incremento do escrutínio público dos movimentos sociais em relação à ação do estado, expondo as discrepâncias entre seu discurso internacional e suas práticas domésticas. Ademais, as Conferências Mundiais da ONU são fóruns que os estados acessam para aumentar seu prestígio internacional, o que os torna ainda mais vulneráveis à pressão de redes transnacionais de ativismo e, portanto, mais propensos a comprometer-se a promover ações que reforcem o prestígio alcançado.<sup>60</sup>

Os documentos aprovados em Durban contribuíram para que o movimento negro exigisse do estado brasileiro o cumprimento das metas estabelecidas no Programa de Ação da Conferência, abrindo um amplo espaço para discussão sobre medidas reparatórias, políticas específicas para afrodescendentes, entre outras questões fundamentais para se atingir a igualdade racial no país.

No Brasil, o pós Durban é marcado pelo início da consolidação institucional da questão racial no Brasil. O governo brasileiro comprometeu-se, pela primeira vez na história, a enfrentar o problema das desigualdades raciais. Por conta desse comprometimento, algumas medidas começaram a ser tomadas. A Secretaria de Direitos Humanos criou o Conselho Nacional de Combate à Discriminação Racial (CNCR), cujo objetivo era incentivar a implementação de políticas de ação afirmativa.

O Ministro do Desenvolvimento Agrário, ainda em 2001, propõe a implantação de um Programa de Ação Afirmativa. O objetivo do programa seria reduzir as desigualdades de oportunidades entre os servidores públicos e beneficiários da reforma agrária e agricultura familiar, estabelecendo cotas raciais para a participação de negros em cargos administrativos e em concursos públicos, bem como medidas para garantir às comunidades quilombolas acesso ao crédito rural e a promoção de seminários, pesquisas e programas que enfocassem gênero,

---

<sup>60</sup> TELLES, Edward. **Race in Another America**. Princeton: Princeton University Press, 2004.

raça e etnia. Esperava-se que, com a adoção dessa política, 20% das funções administrativas fossem destinadas a negros, com a perspectiva de aumentar esse percentual para 30% no ano de 2003. Além disso, 30% do orçamento do Ministério deveria ser destinado preferencialmente para comunidades rurais formadas por negros. O programa também determinava o reconhecimento e titulação de todas as áreas quilombolas em terras do governo federal.<sup>61</sup>

Em dezembro de 2001, o Ministério de Justiça e o Supremo Tribunal Federal – STF também passaram a determinar o estabelecimento de cotas para negros em cargos de direção, no preenchimento de vagas em concurso público, na contratação por empresas prestadoras de serviço e por organismos internacionais de cooperação técnica. No Ministério das Relações Exteriores (MRE) deu-se início ao programa de “bolsas-prêmio para a diplomacia”, com vistas a incentivar e apoiar o ingresso de afrodescendentes na Carreira de Diplomata, através da concessão de bolsas no valor de 25 mil reais, por um período de até dez meses, para 20 candidatos negros se prepararem para o Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata.<sup>62</sup>

Em maio de 2002, o gabinete da presidência da república, por meio do decreto no 4.228, institui o Programa Nacional de Ações Afirmativas. Tal programa visava promover os princípios da diversidade e do pluralismo na contratação de servidores para a administração pública e na concessão de contratos de serviços para órgãos governamentais. O programa envolvia a realização de metas percentuais de participação de afrodescendentes, mulheres e pessoas portadoras de deficiência para os cargos contratados, a observância desses critérios em editais de licitação para prestadores de serviços para o governo, e a criação do Comitê de Avaliação e Acompanhamento de Ações Afirmativas. Porém, como o governo já estava em final de mandato, tais medidas não chegaram a ser efetivadas. Ainda nesta reta final, o governo federal lançou, com o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, o programa Diversidade na Universidade. Este programa

---

<sup>61</sup> TELLES, Op. Cit.; JACCOUD, Luciana; SILVA, Adailton; ROSA, Waldemir; LUIZ, Cristiana. Entre o Racismo e a Desigualdade: da Constituição à Promoção de uma Política de Igualdade Racial (1988-2008). In: JACCOUD, Luciana (Org.). **A construção da uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos**. Brasília: Ipea, 2009.

<sup>62</sup> TELLES, Op. Cit.; JACCOUD, Luciana; SILVA, Adailton; ROSA, Waldemir; LUIZ, Cristiana. Op. Cit.

tinha como objetivos a elaboração de material didático sobre diversidade para estudantes do ensino básico, a melhoria das condições de admissão de indivíduos vindos de grupos socialmente marginalizados nas universidades públicas e o apoio financeiro para que se matriculassem em cursos preparatórios para os vestibulares.<sup>63</sup>

Com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva novas medidas relativas à promoção de igualdade social foram estabelecidas. A principal delas foi a instituição da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em 2003, com status de ministério e responsabilidade de formular e coordenar as políticas para a promoção de igualdade racial no âmbito do governo federal. No governo Lula também foi criado o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR) ligado à SEPPIR e foram realizadas duas Conferências Nacionais de Promoção da Igualdade Racial (CONAPIR), a primeira em 2005 e a segunda em 2009.

As políticas de ação afirmativa que, como dito acima, já haviam sido iniciadas no governo anterior ganharam novos contornos na gestão do presidente Lula. O contexto político, embora mais aberto à discussão da temática racial, permanecia resistente à implementação de políticas públicas racialmente focalizadas. O estatuto da igualdade racial, que tramitava no congresso desde 2001, previa a adoção de cotas para negros em universidades, entre outras medidas de caráter impositivo. Porém, durante as negociações no congresso, o estatuto foi transformado em mera carta propositiva, cujo principal benefício é o reconhecimento da existência do racismo no Brasil (o que, inclusive, já consta da constituição federal).

As universidades federais, por seu turno, têm sua autonomia garantida por lei, o que dificultaria uma proposta de lei com validade nacional. Não obstante essa dificuldade, foi aprovada, em 29 de agosto de 2012, a Lei n. 12.711, que trata da política de reserva de vagas para egressos de escola pública, pretos, pardos e indígenas em todo o sistema de educação superior e ensino médio federal.

---

<sup>63</sup> TELLES, Op. Cit.; JACCOUD, Luciana; SILVA, Adailton; ROSA, Waldemir; LUIZ, Cristiana. Op. Cit.

Como demonstra importante estudo conduzido por Daflon, Feres e Campos,<sup>64</sup> o governo federal acabou optando por evitar um confronto direto com os opositores das ações afirmativas sem, todavia, abrir mão de oferecer incentivos para que as universidades federais, voluntariamente, adotassem tais medidas. Ao mesmo tempo, coube aos ativistas do movimento negro a tarefa de, localmente, convencer representantes das universidades a adotar medidas de inclusão.<sup>65</sup>

Constituem-se em vantagens dessas políticas descentralizadas:

[...] a contribuição dos membros das instâncias locais com uma experiência técnica de primeira mão e a não sujeição das políticas públicas a regras que ignoram as particularidades locais. Podemos, no entanto, ressaltar algumas desvantagens da falta de integração entre essas iniciativas, que vão desde a dificuldade de publicizar essas medidas para os potenciais beneficiários, bem como a ausência de critérios claros e de comum conhecimento para a fruição do benefício, até problemas concernentes à concepção, planejamento e execução das políticas.<sup>66</sup>

Nesse cenário, até a promulgação da lei n. 12.711, cerca de 70 universidades públicas estaduais e federais implantaram algum programa de ação afirmativa. Deste total, 56% são federais e 44% estaduais. A implantação, em 2007, do Reuni – Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – exerceu grande influência para que mais universidades iniciassem programas de inclusão. Assim, em 2008, 53 instituições federais de ensino aderiram ao Reuni e, uma parte significativa dessas instituições, propuseram programas de ação afirmativa.<sup>67</sup>

77% dos programas de ação afirmativa em curso até 2012 partiram de iniciativas dos próprios conselhos universitários, os 23% restantes foram implementados por força de leis estaduais. Há, do ponto de vista da execução dos programas e dos seus beneficiários, uma grande pluralidade. Em algumas universidades tais políticas foram adotadas por via de negociações com movimentos negros locais; em outras, a atuação docente foi o fator decisivo; houve

---

<sup>64</sup> DAFLON, Verônica T.; FERES JR., João; CAMPOS, Luiz A. Ações Afirmativas Raciais no Ensino Público Brasileiro: um panorama analítico. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 148, p. 302-327, 2013.

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Ibidem. p. 309.

<sup>67</sup> Ibidem.



ainda universidades em que os núcleos de estudo afro-brasileiros tiverem maior peso sobre a decisão.<sup>68</sup> Em relação aos beneficiários, o levantamento de Daflon et al<sup>69</sup> demonstra que:

os alunos egressos de escola pública despontam como os maiores alvos dessas políticas: 60 das 70 universidades com sistemas de cotas, bonificação ou acréscimo de vagas (85%) visam a esse grupo. Em segundo lugar vêm os pretos e pardos (de-nominados “negros” em alguns programas), em 40 universidades – isto é, 58% das que têm ações afirmativas. Em terceiro, os indígenas, em 51% dessas universidades. Em quarto e quinto, vêm os portadores de deficiência e participantes de programas de formação em licenciatura indígena e, por fim, outros grupos compostos por nativos do estado ou do interior do estado em que a universidade se localiza, professores da rede pública, pessoas de baixa renda, pessoas originárias de comunidades remanescentes de quilombos, filhos de agentes públicos mortos ou incapacitados em serviço e mulheres.

A predominância de programas de ação afirmativa voltados para alunos de escolas públicas pode ser creditado a dois fatores. Por um lado, denota um reconhecimento, por parte da sociedade, de um modo geral, e dos gestores de universidades, de modo particular, de que a competição na hora do vestibular não se dá em condições de igualdade, em decorrência de disparidades de classe que reservam a uns uma educação básica de qualidade e a outros um sistema precário e ineficaz de ensino. Por outro lado, revela o ainda elevado grau de resistência da população brasileira em reconhecer o peso que desigualdades raciais exercem nas experiências de vida, inclusive educacionais, de indivíduos pertencentes a grupos desprivilegiados.<sup>70</sup> Nesse sentido, a desconstrução do mito da democracia racial ainda é uma tarefa da qual o movimento negro não pode se descuidar.

Assim, apesar das demandas por políticas de ação afirmativa terem surgido no bojo das reivindicações do movimento negro, foram os alunos oriundos de escola pública e de baixa renda que mais se beneficiaram dos programas criados pelas universidades brasileiras. A implementação, escalonada ao longo de quatro anos, da lei 12.711 pode vir a equacionar esse quadro, além de homogeneizar os

---

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> Ibidem. p. 309-310.

<sup>70</sup> Ibidem

programas desenvolvidos no interior das universidades e, de forma correlata, permitir o desenvolvimento de pesquisas avaliativas sobre essa política pública.<sup>71</sup>

### **Os Contextos Brasileiro e Colombiano em Perspectiva Comparada**

A rearticulação do protesto negro no Brasil e Colômbia a partir nos anos 1970 trouxe no seu bojo, como a discussão nas seções anteriores deste artigo demonstra, importantes conquistas em termos de novas legislações contra o racismo, titulação de terras de comunidades palenqueras e quilombolas, criação de instituições participativas locais e nacionais, reconhecimento oficial da existência de racismo, incremento na participação em redes transnacionais de movimentos sociais, órgãos governamentais dedicados a promoção da igualdade racial e aprovação e implementação de um conjunto expressivo de políticas públicas focalizadas para a população negra.

Nesse cenário, faz-se mister destacar o peso fundamental que a transformação das constituições nos referidos países teve em consolidar uma estrutura de oportunidades políticas para o movimento negro. Assim, ainda que durante as décadas de 1980 e 1990 vários países latino-americanos tenham reformado parcial ou integralmente suas constituições e, destes, pelo menos 15 tenham assegurado em suas cartas magnas reformas multiculturais garantindo algum tipo de direito a minorias étnicas, apenas Brasil e Colômbia passaram a promover, de forma contínua e sistemática, uma série de políticas públicas visando à promoção da igualdade étnico-racial. Nos demais países, o foco esteve centrado na garantia de direitos multiculturais aos povos indígenas.<sup>72</sup>

Enquanto representante de um movimento mais amplo, transnacional e polissêmico, que tem na metáfora do Atlântico Negro sua síntese teórica, os movimentos negros brasileiros e colombianos podem ser caracterizados como um contrapúblico subalterno, para usar a expressão cunhada por Nancy Fraser. Assim, através das tentativas de desconstrução de mitos sobre miscigenação e harmonia racial, bem como a explicitação da falsa neutralidade estatal, estes movimentos

---

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> HOOKER, Op. Cit.

denunciam os vícios de origem de um sistema sociopolítico que não é capaz de promover inclusão e cidadania a todos.

Com esses expedientes, os movimentos negros almejam melhores condições para promover uma progressiva politização das identidades negras, isto é, a contestação de visões estereotipadas na cultura majoritária e da falsa neutralidade das instituições políticas formais em regular as relações sociais. Esses embates também têm permitido que as respostas do estado às demandas dos movimentos negros caminhem, ainda que lentamente, do campo mítico para o plano social-concreto.

Mas, apesar dos incontestáveis avanços ocorridos nas últimas décadas em ambos os países, há muito ainda por ser feito. Tome-se, por exemplo, o caso das políticas de ação afirmativa em curso no Brasil. Com a aprovação de lei 12.711, um grande contingente de estudantes negros será admitido para universidades federais nos próximos anos. Porém, poucas instituições contam com aportes financeiros que as habilite a garantir a permanência destes estudantes, em sua maioria de classes baixas, em cursos de graduação, sobretudo naqueles que exigem dedicação integral e/ou a compra de materiais de alto custo.

Os remanescentes de quilombo, figura jurídica criada pela constituição brasileira, mesmo dentro de uma conjuntura política favorável, têm encontrado certa dificuldade em terem seus direitos territoriais reconhecidos. Em 2008, vinte anos após a garantia constitucional de direitos territoriais às comunidades remanescentes de quilombos, a SEPPIR havia reconhecido 3.250 comunidades quilombolas, com aproximadamente 2,5 milhões de pessoas. Até 2008 foram titulados, contudo, apenas 81 territórios, perfazendo um total de 136 comunidades e 8.742 famílias. Dos territórios titulados, somente 27 foram titulados pelo governo federal, sendo 20 no governo Fernando Henrique Cardoso e sete no governo Lula. Além da morosidade do governo em garantir a titularidade de terras às comunidades quilombolas, as mesmas têm sido objeto de projetos de lei tentando anular os seus efeitos no todo ou em parte.<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> ARRUTI, José M. Quilombos. In: PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio. (Orgs.). **Raça: Perspectivas Antropológicas**. Salvador: ABA / EDUFBA, 2008.

No contexto colombiano os desafios também são inúmeros. As propostas de políticas de ação afirmativa, tal qual delimitadas pelo documento CONPES, têm alcance local e limitado, impedindo assim que os afro-colombianos consigam, de fato, partilhar posições de poder com os brancos.<sup>74</sup> O alto número de afro-colombianos forçadamente deslocados também é emblemático. De um lado, as comunidades negras rurais têm assegurado, via legislação federal, o direito à titularidade de seus territórios. De outro, veem seus integrantes sistematicamente assassinados ou obrigados a migrar pra áreas urbanas, onde passam a viver em condições de miserabilidade. Isso revela um traço marcante da cultura política colombiana: o fetichismo legal. Desde a reforma constitucional de 1991, a cada vez que o estado colombiano é confrontado com demandas sociais, sua resposta imediata é via promulgação de leis e decretos que serão, oportunamente, relegados ao esquecimento.

Tamanho fetichismo legal, como observado no caso colombiano, acaba por ter efeitos deletérios para a população afro-colombiana. Assim, apesar de contar com uma das legislações mais avançadas em termos de promoção da igualdade racial, a situação socioeconômica dos afro-colombianos pouco se alterou nas últimas décadas. Em 2005, quatorze anos após o estado colombiano ter se tornado oficialmente multicultural, a taxa de mortalidade infantil entre os afrodescendentes manteve-se quase duas vezes maior que a do resto da população: 48,1% e 26,9% por 1000 nascidos vivos, respectivamente. A expectativa de vida dos afro-colombianos naquele ano foi de 66,4 anos, enquanto para o resto da população era 72,8 anos.<sup>75</sup>

Uma das particularidades do caso colombiano em relação ao brasileiro está relacionado ao lugar que a população negra ocupa no imaginário social e os reflexos políticos – contraditórios – que tal posição acarreta. Na Colômbia, do

---

<sup>74</sup> Em 30 de julho de 2009, a revista *The Economist* publicou matéria afirmando que o governo colombiano tinha a intenção de enviar um projeto de lei ao congresso propondo a adoção de cotas para negros em universidades, agências governamentais, forças armadas e incentivos para que empresas colombianas contratassem negros para cargos gerenciais e para que partidos políticos incluíssem candidatos negros em seus quadros. Tal projeto, contudo, nunca foi enviado ao congresso e revelou-se uma das muitas estratégias do então presidente, Álvaro Uribe, para ganhar apoio da opinião público em torno de sua tentativa de se candidatar para um terceiro mandato. A matéria completa disponível em: <http://www.economist.com/node/14140625>.

<sup>75</sup> Dados disponíveis em: [http://www.dane.gov.co/#twoj\\_fragment1-4](http://www.dane.gov.co/#twoj_fragment1-4)

ponto de vista sociopolítico, as populações negras foram sistematicamente invisibilizadas. A situação também se repetiu na esfera acadêmica. Embora a institucionalização da antropologia dos grupos indígenas tenha acontecido nos anos 1940, com uma série de pesquisas de cunho etnográfico nas regiões do Pacífico, pouco, ou nada, se pesquisou sobre as comunidades negras que habitam a mesma região. Apenas em meados dos anos 1970, com os estudos pioneiros de Nina de Friedemann, este quadro se altera.

Por esta razão, como visto na primeira parte deste artigo, as organizações negras chegaram enfraquecidas no processo constituinte. E, para conseguir reivindicar direitos específicos junto à ANC tiveram que se valer de estratégias similares àquelas empregadas pelos grupos indígenas do Pacífico. Tal emulação de estratégias políticas de grupos indígenas veio a promover aquilo que Peter Wade<sup>76</sup> considera como sendo um processo de indigenização (*indigenization*) da negritude no país.

Disso decorre que, na Colômbia, a adoção de políticas públicas e legislações pós promulgação da constituição segue um caráter diferencialista. Assim, organizações afro-colombianas tendem a ser mais bem sucedidas quando orientam suas estratégias em termos de direito à diferença, cultura, território e autonomia, pois, do ponto de vista da alocação de recursos públicos, o estado colombiano enxerga as comunidades negras como análogas às comunidades indígenas. Se para as comunidades negras vivendo na região do Pacífico e partilhando tradições, hábitos e formas de vida com grupos indígenas isso tenha aspectos positivos, o mesmo não se pode dizer a respeito de comunidades negras vivendo em outras regiões rurais do país ou em centros urbanos.<sup>77</sup>

No Brasil, em contraste, o debate público sobre o “problema do negro” remonta ao período de desmantelamento do regime escravista. Ademais, academicamente o campo de estudos das relações raciais é anterior a institucionalização das ciências sociais no país, com uma prevalência de estudos sobre os efeitos da discriminação racial para a integração socioeconômica da população negra vivendo em áreas urbanas. Assim, tanto o movimento negro

---

<sup>76</sup> WADE, Peter. Afro-latin studies... Op. Cit.

<sup>77</sup> PASCHEL, Op. Cit.

quanto os acadêmicos brasileiros têm ressaltado a idéia de promover igualdade social e política a um contingente populacional de experiência urbana. Ademais, o movimento negro brasileiro tende a ser mais bem sucedido quando orienta suas estratégias políticas e reivindicações em torno da noção do aprofundamento da inclusão social e tratamento igualitário para afrodescendentes.

Embora um conjunto maior de pesquisas precise ser levado a cabo para que se tenha um panorama mais amplo das similitudes e diferenças entre as experiências brasileiras e colombianas, algumas análises – inconclusivas – podem ser feitas. A experiência colombiana joga luz sobre um contexto político complexo e multifacetado. As dinâmicas sociopolíticas que interpelam a população negra não podem ser pensadas fora de um cenário que intersecta um estado enfraquecido a conflitos armados, ao narcotráfico, deslocamento forçado e desigualdades sociais persistentes. Ademais, os espaços de solidariedade e/ou disputa entre comunidades negras e comunidades indígenas também precisam ser escrutinados.

A experiência brasileira, aparentemente melhor sucedida que a colombiana, não está isenta de problemas. Como a maior parte das políticas públicas focalizadas foram conduzidas durante o governo do Partido dos Trabalhadores, que tem longa tradição de apoio às reivindicações do movimento negro, pouco se pode prever sobre a sustentabilidade de tais políticas nos governos subsequentes. A exceção das legislações aprovadas pelo Congresso, que tendem a ser mantidas por tempo indeterminado, o conjunto de organismos participativos, secretarias, conselhos e programas específicos podem ser cancelados num futuro próximo, a depender das forças políticas que ascendam ao poder. A própria dificuldade que as organizações do movimento negro encontram para transformar em representação política suas conquistas no campo da mobilização social é reveladora da fragilidade de suas alianças políticas atuais.

A relação entre cultura e política também é um ponto importante a ser ressaltado. O caso do movimento negro colombiano é exemplar nesse sentido. Ao enfatizar a diferença e o caráter distintivo de suas tradições culturais, os afro-colombianos lograram romper com a invisibilidade de sua identidade, acessar a esfera político-decisória e assegurar direitos, especialmente para as comunidades rurais. Porém, os altos custos da etnicização política da população negra não

podem ser negados. Há, do ponto de vista político-normativo, um enquadramento limitador da identidade negra colombiana. Assim, para o estado, as populações negras se localizam majoritariamente em áreas rurais, são etnicamente diferenciadas do resto da população colombiana e guardiãs de um patrimônio tradicional imaterial. Poucas medidas são tomadas para garantir a igualdade efetiva de um contingente populacional urbano, que não pode ser tão facilmente enquadrado neste modelo diferencialista. Dessa forma, tanto para o movimento negro colombiano quanto para o brasileiro, o cenário mais promissor é aquele em que a luta anti-racista priorize a esfera político-institucional, com a celebração culturalista deixando de ser uma estratégia política central.

Por fim, é importante ressaltar que não se pode negligenciar a dimensão estrutural do racismo no Brasil e Colômbia que acaba por promover relações fragilizadas entre os cidadãos e o estado. A realidade colombiana e brasileira demonstra que a mobilização negra é primordial para a adoção de políticas públicas que revertam um quadro histórico de desigualdade, mas sem que o estado assuma a responsabilidade de promover tais políticas e avaliar sua aplicabilidade, afro-brasileiros, afro-colombianos e indígenas permanecerão, indefinidamente, na base da pirâmide social destes países.

### **Referências**

AFRODES (Asociación Nacional de Afrocolombianos Desplazados) - **Global Rights DEL DICHO AL HECHO HAY MUCHO TRECHO**. Análisis de Marcos Normativos y Políticas Públicas para Población Afrocolombiana en Situaciones de Desplazamiento Forzado o Confinamiento. Bogotá, Febrero 2010.

AGUDELO, Carlos E. Nuevos actores sociales y relegitimación del estado. Estado y construcción del movimiento social de comunidades negras em Colombia. **Análisis Político**, n. 43, Mayo/Agosto, 2001.

—. **Populations noires et action politique dans le Pacifique colombien**. Paradoxes d'une inclusion ambiguë. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – IHEAL, Paris, 2002.

AROCHA, Jaime. Afro-Colombia Denied. **NACLA Report on the Americas**, v. 25, n.4, p. 28-31, 1992.

\_\_\_; FRIEDEMANN, Nina de. Marco de referencia histórico cultural para la ley sobre los derechos étnicos de las comunidades negras en Colombia. **América Negra**, v. 5, p. 155-172, 1993.

ARRUTI, José M. Direitos Étnicos no Brasil e na Colômbia: notas comparativas sobre hibridização, segmentação e mobilização política de índios e negros. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, p. 93-123, 2000.

\_\_\_. Quilombos. In: PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio. (Orgs.). **Raça: Perspectivas Antropológicas**. Salvador: ABA / EDUFBA, 2008.

ASHER, Kiran. **Black and Green: Afro-Colombians, Development, and Nature in the Pacific Lowlands**. Durham: Duke University Press, 2009.

BAIROS, Luiza. Lembrando Léia Gonzalez. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Marise; WHITE, Evelyn C. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Criola/Pallas, 2000.

BENTO, Maria Aparecida. Racismo no trabalho: o movimento sindical e o Estado. In: GUIMARÃES, Antônio S.; HUNTLEY, Lynn. (Org.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BERQUÓ, Elza. Como se casam brancos e negros no Brasil. In: LOVELL, Peggy. (Org.). **Desigualdade no Brasil Contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

BUSHNELL, David. **The Making of Modern Colombia: a nation in spite of itself**. Berkeley: University of California Press, 1993.

CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. **Mulher negra**. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

CONPES, 3310 de 2004. **Política de Acción Afirmativa para la Población Negra o Afro-Colombiana**. DNP, 2004.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DAFLON, Verônica T.; FERES JR., João; CAMPOS, Luiz A. Ações Afirmativas Raciais no Ensino Público Brasileiro: um panorama analítico. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 148, p. 302-327, 2013.

DANE (Departamento Administrativo Nacional de Estadística). **Colombia: Una nación multicultural, Su diversidad étnica**. DANE, Bogotá, 2007.

DIXON, Kwame. Transnational Black Social Movements in Latin America: Afro-Colombians and the Struggle for Human Rights. In: STAHLER-SHOLK, Richard; VANDEN, Harry E.; KUECKER, Glen D. (Orgs.). **Latin American Social Movements in the Twenty-First Century: Resistance, Power, and Democracy**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.



DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo Revista do Departamento de História da UFF**, v. 12, p. 113-136, 2007.

FIGUEIREDO, Ângela; GROSGOUEL, Ramón. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e negação do racismo no espaço universitário. **Sociedade e Cultura**, v.12, n.2, p. 223-234, 2009.

FRIEDEMANN, Nina de; AROCHA, Jaime. **De sol a sol: Genesis, transformación y presencia de los negros en Colombia**. Bogotá: Planeta, 1986.

—. **La saga del negro. Presencia africana en Colombia**. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 1993.

GONZALEZ, Lélia. **The Black Woman's Place in the Brazilian Society**, 1984. Disponível em <[www.eliagonzalez.org.br](http://www.eliagonzalez.org.br)>. Acesso em 11 de outubro de 2011.

GRUESO, Libia. **El proceso organizativo de comunidades negras en el pacífico surcolombiano**. Bogotá, 2000. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Estudios Politicos, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2000.

GUIMARÃES, Antônio S. A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.

—. Nacionalidade e novas identidades raciais no Brasil: uma hipótese de trabalho. In: SOUZA, Jessé. (Org.). **Democracia hoje: novos desafios para a teoria democrática contemporânea**. Brasília: UnB, 2002. p. 387-414.

HANCHARD, Michael. **Orfeu e o Poder: Movimento Negro no Rio de Janeiro e em São Paulo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOOKER, Juliet. Indigenous inclusion black exclusion: race, ethnicity and multicultural citizenship in Latin America. **Journal of Latin American Studies**, v. 37, p. 285-310, 2005.

JACCOUD, Luciana; SILVA, Adailton; ROSA, Waldemir; LUIZ, Cristiana. Entre o Racismo e a Desigualdade: da Constituição à Promoção de uma Política de Igualdade Racial (1988-2008). In: JACCOUD, Luciana (Org.). **A construção da uma política de promoção da igualdade racial: uma análise dos últimos 20 anos**. Brasília: Ipea, 2009.

MOSQUERA, Claudia; LEÓN, Ruby; RODRIGUEZ, Margarita. **Escenarios post-Durban para pueblos y personas negras, afrocolombianas, raizales y palenqueras**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas, 2009.

NG'WENO, Betina. **Turf Wars: Territory and Citizenship in the Contemporary State**. Stanford: Stanford University Press, 2007.

PASCHEL, Tianna. The Right to Difference: Explaining Colombia's Shift from Color-Blindness to the Law of Black Communities. **American Journal of Sociology**, v. 116, n. 3, p. 729-69, 2010.

RODRÍGUEZ, Cesar; ALFONSO, Tatiana; CAVELIER, Isabel. **El Desplazamiento Afro: tierra, violencia e derechos de las comunidades negras en Colombia**. Bogotá: Univesidad de los Andes, 2010.

ROSEMBERG, F. Segregação Espacial na Escola Paulista. In: LOVELL, Peggy. (Ed.). **Desigualdade no Brasil Contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 1991.

SANTOS, Ivair. **O movimento negro e o Estado (1983-1987)**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SARMENTO, Daniel. 21 Anos da Constituição de 1988: a assembléia constituinte de 1987/1988 e a experiência constitucional brasileira sob a carta de 1988. **RDE. Revista de Direito do Estado**, v. 17/18, p. 135-170, 2010.

SILVÉRIO, Valter R. A (re)configuração do nacional e a questão da diversidade. In: \_\_.; ABRAMOWICZ, Anne. (Org.). **Afirmando diferenças: montando o quebra cabeças da diversidade na escola**. Campinas: Papirus, 2005. p. 87-108.

TELLES, Edward. **Race in Another America**. Princeton: Princeton University Press, 2004.

VAN COTT, Donna Lee. **The friendly liquidation of the past: the politics of diversity in Latin America**. Pittsburgh: University of Pittsburg Press, 2000.

WADE, Peter. **Blackness and race mixture: the dynamics of racial identity in Colombia**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1993.

\_\_. The Cultural Politics of Blackness in Colombia. **American Ethnologist**, v. 22, n. 2, p. 341-357, 1995.

\_\_. **Race and Ethnicity in Latin America**. London: Pluto Press, 1997.

\_\_. Afro-latin studies: reflections on the field. **Latin American and Caribbean Ethnic Studies**, v.1, n. 1, p. 105-124, 2005.

**RETANDO LA ESCLAVITUD  
LOS CASOS DE CATALINA, MARTA RAMÍREZ, MARÍA GERTRUDIS DE LEÓN,  
ANDREA Y LUCÍA VIANA<sup>1</sup>**

Aurora Vergara Figueroa<sup>2</sup>

Universidad Icesi  
Centro de Estudios Afrodiaspóricos  
Universidad del Valle

Edna Gonzalez Barona

Universidad Icesi  
Centro de Estudios Afrodiaspóricos

Lina Marcela Mosquera Lemus

Universidad Icesi

Katherine Arboleda Hurtado

Universidad Icesi  
Centro de Estudios Afrodiaspóricos

Recebido 15/10/2013 Aprovado 15/03/2014
--

**Resumen:** En este artículo presentamos cinco solicitudes de libertad interpuestas por mujeres Negras entre 1550 y 1799 en la Nueva Granada. Nuestro objetivo principal es describir y analizar los discursos y estrategias empleados por estas mujeres para obtener su libertad y la de sus familias en este período. Los casos de estas mujeres que tramitaron su libertad en las cortes de Cundinamarca, Antioquia y Panamá de la época abren una puerta para estudiar formas de manumisión de mujeres Negras desde la colonia temprana.

**Palabras claves:** Mujeres Negras – Afrocolombianas – Resistencia – Esclavitud – 1550 – Cimarronismo Jurídico.

**CHALLENGING SLAVERY: THE CASES OF CATALINA, MARTA RAMIREZ, MARIA  
GERTUDIS DE LEON, ANDREA AND LUCIA VIANA**

**Abstract:** In this article we present five freedom suits presented by Black Women between 1550 and 1799 in the Nueva Granada. Our primary goal is to describe and analyze the discourses and strategies used by Black Women to achieve their freedom and their families' in this period. The cases of the women who negotiated their freedom before the courts of Cundinamarca, Antioquia and Panamá of this era open a venue to study forms of manumission of Black Women since the early colonial period.

**Keywords:** Black Women – Afrocolombians – Resistance – Slavery – 1550 – legal marronage.

---

<sup>1</sup> Este artículo es producto de la investigación *Black Women Challenging Inequality: 1550-1799* financiado por la Universidad Icesi en el año 2013.

<sup>2</sup> E-mail: avergara@icesi.edu.co

## Introducción

*La historia está supuesta a dar a la gente un sentido de identidad, un sentimiento acerca de quienes han sido, quienes son y todo lo que han hecho. La historia debería actuar como un catalizador para el futuro. Uno espera que hiciera esto por las mujeres Negras, a quienes se les ha dado más mitos que historia.*<sup>3</sup>

Con este argumento la historiadora Afroamericana Deborah Gray White concluyó la primera edición de *Ar'n't I a woman. Female slaves in the plantation South* en 1985 e introdujo la versión revisada del mismo texto en 1999. El poder y la importancia de esta manifestación nos ayuda a inaugurar una agenda de investigación acerca de las diversas estrategias de resistencia de las mujeres Africanas o Afrodescendientes emprendieron desde el siglo XVI hasta nuestros días, en lo que contemporáneamente conocemos como la república de Colombia. Este es un proyecto que nos tomará varias décadas consolidar y que esperamos las nuevas generaciones de sociólogas, historiadoras, antropólogas, politólogas, poetas y escritoras Afrodescendientes contribuyan a vigorizar.

El conocimiento de las voces e historias de cientos de estas mujeres nos permitirá inscribir sus presencias en las historia de construcción y deconstrucción del imperio español y de la nación Colombiana. De esta manera, pretendemos narrar cómo el silenciamiento de las contribuciones de estas mujeres ha permitido la consolidación de poderes que pueden ser observables en la escritura de una historia que no posibilita la comprensión de la intersección de la raza, etnicidad, clase y género en los procesos de resistencia a la esclavitud en Colombia.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Original en inglés: "History is supposed to give people a sense of identity, a feeling for who they were, who they are, and how far they have come. It should act as a springboard for the future. One hopes it will do this for Black women, who have been given more myth than history". WHITE, Deborah Gray. **Ar'n't I a woman. Female slaves in the plantation South**. 2a. ed. New York: W. W. Norton and Company, 1999. p. 1.

<sup>4</sup> Sobre los debates de la perspectiva de la interseccionalidad ver: ACKER, Joan. Hierarchies, Jobs, Bodies: A theory of gendered organizations. **Gender and Society**, Amherst, v. 4, n. 2, p. 139-158, 1990; CRENSHAW, Kimberlé W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241-299, 1991; COLLINS, Patricia Hill. Toward a new vision: race, class and gender as categories of analysis and connection. **Race, Sex & Class**, New Orleans, v. 1, n. 1, p. 25-45, 1993; IRENE; Browne; MISRA, Joya. The intersection of gender and race in the labor market. **Annual Review of Sociology**, v. 29, p. 487-513, 2003; MC CALL, Leslie. The Complexity of Intersectionality. **Journal of Women in Culture and Society**, New Brunswick, v. 30, p. 1771-1800, 2007; STOLKE, Verena. ¿Es el sexo para el género lo que la raza para la etnicidad...y la naturaleza para la sociedad? **Política y Cultura**, México, n. 14,

En ese sentido, la apuesta de este artículo estriba en la comprensión, la interpretación y la reconstrucción del pasado a través de las solicitudes de mujeres Negras esclavizadas. También gravita en un reto para llegar nuevos planteamientos críticos y alternativos acerca de las narraciones históricas de las mujeres Negras. De esta manera, es en el ejercicio investigativo de las historias de estas mujeres de empezamos a recorrer caminos hacia nuevas explicaciones del pasado y presente histórico y social.

En este primer artículo, las preguntas de investigación que nos ocupan son ¿qué recursos emplearon las mujeres Negras<sup>5</sup> para obtener su libertad en la sociedad colonial? y ¿Qué evidencia existe para demostrar que las mujeres Africanas o Afrodescendientes “peleaban” su libertad en los estrados judiciales desde el siglo XVI? Para responder a estas preguntas analizamos los casos de Catalina, Marta Ramírez, María Gertrudis de León, Andrea y Lucía Viana quienes vivieron en el territorio de Cundinamarca, Antioquia y Panamá y cuyos casos se registraron en 1574,1750, 1777,1782 y 1796.

### **Estrategias de mujeres Negras para obtener la libertad: Algunas aproximaciones.**

En 1995 en el artículo sobre las mujeres Negras en la historia en Colombia Nina S. Friedemann y Mónica Espinosa Arango introducen la pregunta: ¿cuál es la situación de la mujer Negra? Las autoras argumentan que “mirar el desempeño de la mujer Negra en la historia de Colombia es una empresa que implica hacer visible tanto la presencia de hombres y mujeres de ascendencia africana, como su contribución a la construcción de la nación y la nacionalidad, en el marco de la

---

2000; CUIEL, Ochy. La Crítica Poscolonial desde las Prácticas Políticas del Feminismo Antirracista. **Revista Nómadas**, Bogotá, n. 26, p. 92-101, 2007; KERNER, Ina. Más allá de la unidimensionalidad: Conceptualizando la relación entre el racismo y el sexismo. **Sig. Fil**, México, v. 11, n. 21, p. 187-205, 2009; VIVEROS, Mara. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidad en el contexto actual latinoamericano. **Revista Latinoamericana de Estudios de familia**, Caldas, v. 1, p. 63 – 81, 2009; LA BARBERA, M. C. El enfoque de la interseccionalidad aplicado a las políticas para la erradicación de la “mutilación femenina”. In: CASTAÑO, F. J. García; KRESSOVA, N. (Coord.). **Actas del I Congreso Internacional sobre Migraciones en Andalucía**. Granada: Instituto de Migraciones, 2011. p. 2191-2193.

<sup>5</sup> Empleamos las categorías Africanas, Negras, Afrocolombianas y Afrodescendientes como categorías de identificación étnico-racial que responden a diferentes momentos históricos. En ocasiones recurrimos al uso de / para unir dos categorías.

diaspora afroamericana que cumple 500 años.<sup>6</sup> Casi una década después, en 2004 Juana Camacho, en su reseña sobre los estudios sobre la mujer afrocolombiana, sostiene que

las voces y las palabras de las mujeres Negras están aún a la espera de ser escuchadas. En tanto la mujer Negra es sobre todo una mujer imaginada, deseada y representada por distintos y contradictorios estereotipos, según variados objetivos y contextos, investigar y rescatar su historia es una labor urgente y necesaria que compromete a los académicos y estudiosos de la historia afrocolombiana, a las comunidades Negras y, en particular, a las mujeres Negras, especialmente en un momento en que la identidad étnico-cultural y los derechos de las comunidades Negras están en discusión.<sup>7</sup>

En el 2013, ambos argumentos aún son válidos y están pendientes de ser asumidos en su complejidad. En esta línea específica de investigación destacamos dos producciones. María Eugenia Chaves (2008) describe algunas de las estrategias de libertad de mujeres Negras en la colonia recurriendo al reconocimiento de su honor en una sociedad para la que la población Negra era la antítesis de esta premisa. De acuerdo a Bernardo Leal<sup>8</sup> la agencia de las mujeres Afrodescendientes ante los estrados judiciales apenas empieza a ser considerada y este es un escenario de gran importancia para rastrear acciones tempranas que retaron la esclavización por la vía legal. Además, están los procesos brujeriles como medio de resistencia de algunas mujeres Negras tales como los estudia Diana Luz Ceballos (2000) en “Quien tal haze quien tal pague” que pone de manifiesto el proceso inquisitorial por brujería de Paula de Eguiluz. En este artículo revisamos acciones legales para ampliar nuestro conocimiento sobre los repertorios de acción de las mujeres Negras para buscar su libertad.

---

<sup>6</sup> FRIEDEMANN, Nina S.; ARANGO, Mónica Espinosa. Las mujeres negras en la historia de Colombia. *In: Las mujeres en la historia de Colombia*. Tomo II. Mujer y Sociedad. Bogotá: Editorial Norma, 1995, p. 34.

<sup>7</sup> CAMACHO, Juana. Silencios elocuentes, voces emergentes: reseña bibliográfica de los estudios sobre la mujer afrocolombiana. *In: ROJAS, Mauricio Pardo; MOSQUERA, Claudia; RAMIREZ, Maria Clemencia* (editores). **Panorámica afrocolombiana. Estudios sociales en el Pacífico**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia-Icanh-Universidad Nacional de Colombia, 2004. p. 167-168.

<sup>8</sup> LEAL, Bernardo. Paulina Montaña demanda su libertad. Aproximación a una demanda performativa de un pleito judicial. Chocó. 1738. **Revista Colombiana de Antropología**, Bogotá, v. 46, n. 2, p. 409-433, 2010.

Los/las investigadores que se han concentrado en este campo particular de la población Afrocolombiana coinciden en la necesidad de identificar nuevos casos que permitan estudiar la vida social en la colonia y la resistencia al sistema esclavista a partir de experiencias particulares. Por estas razones propusimos el proyecto del cual este artículo es su tercer producto bibliográfico.

### **Herramientas metodológicas**

Metodológicamente, recurrimos a la consulta de archivo y al análisis paleográfico de los mismos. Los cinco casos analizados fueron encontrados en el Archivo General de la Nación a través de la base de datos digital del fondo Negros y Esclavos.<sup>9</sup> Los procesos judiciales que se llevaron a cabo en los casos de Catalina, Marta Ramírez, María Gertrudis de León, Andrea y Lucía Viana fueron narrados a través de la pluma de los escribanos del momento. Sus narraciones manifiestan sus posiciones y sus formas de enfrentar una realidad poco benigna y que sin embargo, encontraron a través de las propias formas coloniales, estrategias de resistencia determinantes para concebir y descubrir un análisis epistemológico. En ese sentido, se presenta un trasfondo dialéctico, en el cual estas mujeres determinan su contraparte caracterizada por la realidad colonial construida. Miramos la realidad social establecida en ese momento histórico, como un proceso que estriba en identificar situaciones que convergen en resistencias. Así estas tareas interpretativas cuyo fin es la deconstrucción y/o construcción de una realidad determinada nos proponen un reto en el sentido de escuchar las voces de estas mujeres.

En este artículo trabajamos desde un análisis cualitativo documental a través de un enfoque hermenéutico crítico. Nos embarcamos en un proceso de interrogación de las fuentes primarias, sometiéndolas a la crítica histórica para revelar toda la posición y la conexión con el presente. Por esto, recurrimos a la crítica histórica mediante el análisis documental de las fuentes primarias, especificando los procesos de la realidad mediante cambios históricos y sociológicos. Con ello pretendemos llegar a una profundización interpretativa y

---

<sup>9</sup> Puede ser consultado en <http://negrosyesclavos.archivogeneral.gov.co/portal/apps/php/catalogo.kwe>

narrativa de los textos y sobretodo de los discursos ideológicos consignados en ellos.<sup>10</sup>

En ese sentido, nuestra propuesta permite involucrarnos de manera profunda en la realidad del sistema colonial y sobretodo acercarnos a la mirada social y porque no, personal de estas mujeres quienes nos permiten rastrear la diáspora africana.

Nuestro principal reto consistió en analizar los discursos plasmados en las fuentes y sobretodo reflexionar en el contexto social, los contenidos y las estructuras propias de los mismos. La recolección y el análisis de los datos es un procedimiento en donde se exige al investigador o investigadora escudriñar todas las posibles conjeturas a fin de llegar a una historia total. Ello significa aprender de los diversos procesos epistemológicos que dentro de la sociedad se experimentan. Es decir, es “extraer metales preciosos del mineral histórico”.<sup>11</sup>

Esto lo operacionalizamos a través de la transcripción de procesos judiciales que tuvieron relevancia en el trasfondo social y sobre todo, a la construcción de una realidad que es significativa en cuanto a los imaginarios colectivos de los diferentes momentos coloniales. Los documentos producidos por las instituciones coloniales nos están mostrando unas actividades, formas, relaciones sociales que, evidentemente, han dado un significado profundo desde otra perspectiva en relación a una realidad contada desde la oficialidad.

Este ángulo de visión pretende acercarnos a la realidad de un presente pasado e interpretar el contexto social e histórico con las propuestas de las mismas personas implicadas en los hechos sociales. Todo ello contribuye a una recolección sistemática de información procedente de las fuentes primarias y secundarias, llegando a descifrar las problemáticas de los contextos personales y sociales que son relevantes para nuestra investigación.<sup>12</sup>

Así también el análisis y la crítica de las fuentes nos van a dar una reflexión sobre quien habla o quienes hablan por quiénes. Es decir, mirando la

---

<sup>10</sup> RUIZ-DOMENEC, Jose Enrique. **El Reto del Historiador**. Barcelona: Ediciones Peninsula, 2006, p. 39.

<sup>11</sup> CURTIS, L. P. **El Taller del Historiador**. Tlalpan: Fondo de Cultura Economica, 1996, p. 22.

<sup>12</sup> GÓMEZ, Gregorio Rodríguez; FLORES, Javier Gil; JIMÉNEZ, Eduardo García. **Metodología de la investigación cualitativa**. Aljibe, 1996. p. 32.



transformación de los contextos y así evaluar el significado de las palabras; identificando quienes son los autores o autoras, de qué trata el texto, fecha y lugar del escrito, la imposición de los nombres a Catalina, Marta Ramírez, María Gertrudis de León, Andrea y Lucía Viana; la naturaleza de los textos de sus demandas, los estereotipos, las representaciones sociales, lo que nos quiere comunicar el texto y sobretodo la posición de los escribanos la respuestas de las demandantes a la estructura en que estaban inmersas.

## **Resultados**

### **Mujeres Negras y demandas de libertad: disputa de la frontera entre esclavizadas y ciudadanas**

Catalina, Marta Ramírez, María Gertrudis de León y Lucía Viana fueron mujeres Negras que vivieron en lo que se conoció como el Nuevo Reino de Granada y el luego el Virreinato de Granada. En 1574, 1750, 1777,1782 y 1796 cada una interpuso una demanda ante los juzgados de Santafé-Cundinamarca, La Palma-Cundinamarca, Sopetrán-Antioquia y Panamá para solicitar la libertad de ellas y de sus familias. Los casos seleccionados permiten reconocer cómo las solicitudes de estas mujeres ofrecen evidencia para contrarrestar la idea de la mujer sumisa, identificar nuevos relatos para expandir las crónicas de las mujeres Negras en la historia de Colombia y visitar las narraciones sobre las mujeres Negras en los procesos de libertad. Para este último propósito buscamos específicamente ofrecer nuevas narraciones de sus estrategias para que no fueran exclusivamente los casos de suicidio, infanticidio, brujería y cimarronaje los que contaran sus historias. Contra las representaciones de la época, de las mujeres Negras como no humanas, brujas, conspiradoras, traficantes, ignorantes, antítesis de la feminidad y sirvientes domésticas ideales, estas mujeres, con sus acciones y argumentos lograron demostrar el poder del cimarronismo jurídico para sacudir las bases de la esclavitud. A continuación presentamos una versión corta de sus historias y en próximos artículos ampliaremos los detalles de cada caso.

### **Catalina “Mulata”. Santafé. Cundinamarca.1574**

Catalina, a quien se secundó con el apelativo “Mulata” registraba como esclavizada de Juan de Ortega. Ella presentó una demanda para probar que era una mujer libre y que por consiguiente sus hijos Juan Bonifacio y Baltasar también deberían ser considerados libres.

Catalina justificó su demanda en la necesidad de prevenir la reducción de ella y sus hijos a la condición de esclavos.

Catalina escribe:

(...) digo que yo soy hija de una India llamada Magdalena del repartimiento de Bernal vecina de esta ciudad y porque yo tengo dos hijos que el uno se llama Juan y el otro Baltazar Bonifacio y porque siendo como yo soy libre y por el consiguiente los dixos mis hijos somos negros atezados y agora que en algún tiempo por ser del color que somos no nos hagan algún agravio y de libres como somos nos quieren imputar ser captivos y... para que no podamos ser molestados sobre nuestra libertad pido y suplico a vuestra alteza mande a hacer información de lo contenido en esta petición por el tenor de ella y a el seguro y guarda de mi libertad pido la de mis...hijos interponiendo en ella la autoridad y decreto judicial que en tal caso se refiere ya que por doquiera que anduviera yo y los dixos mis hijos en esta razón no seamos molestados por lo cual doy e pido justicia.<sup>13</sup>

La demanda de Catalina se presentó en un momento de efervescencia política y legal que pretendía limitar las acciones de los Africanos y sus descendientes. Por ejemplo, en junio 18 de 1557 fue publicado un acuerdo de la real audiencia que solicitaba prohibir el comercio “con negros esclavos de ambos géneros”. El 15 de noviembre de 1558 se dispuso “que los negros no anden de noche.” Y con el Acuerdo del 1 de agosto de 1562 se ordenó “que los negros no traigan armas... que no se compre de negros”. En medio de esta jurisprudencia Catalina preparó esta demanda para clamar por su libertad y la de sus hijos.

### **Marta Ramírez. La Palma Cundinamarca.1750**

Como Catalina, en 1750 otra mujer Negra conocida como Marta Ramírez demandó contra su amo, quien le había prometido a cambio de una relación íntima

---

<sup>13</sup> Se conserva la ortografía de la época. AGN. Fondo: Colonia. Grupo: Negros y Esclavos. Sección: Cundinamarca. Signatura: SC43. Legajo 9. Folios 376-382.

una carta de libertad. Ante el incumplimiento de esta promesa y ante el intento de venderla, Marta escribe:

(...) el medio de las certificaciones y declarasion del dicho mi amo digo que como consta de dicha declarasion parese estar dicho mi amo obligado pues dise haberme echo esa promesa y que a falta de papel no se efectuo la carta de livertad y donde allara amo deverle presisar de que se me da pues la promesa...expresado mi amo tiene declarada la causa que tubo detal promesa pues dire a ser cierto el conqubinato que ha tenido con migo (...).<sup>14</sup>

Marta no sólo describe la falta cometida sino que también argumenta, en su defensa, los yerros cometidos por su amo en la sustentación del caso. Las promesas de intercambio de relaciones íntimas por cartas de libertad aparecen en varios casos encontrados. En todos los casos, las promesas no se cumplieron. Por esta razón las mujeres argumentan, ante los jueces, el valor que ellas consideran tiene su amor para ser entregado a cambio de una carta que nunca fue otorgada. En sus palabras la demanda se sustenta en “robo del amor y falsa promesa de libertad” como argumenta Lucía Viana en el último caso que presento.

### **María Gertrudis de León, Sopetrán-Antioquia. 1777-1778**

María aparece catalogada en su expediente como una “parda libre que interpusiera una demanda en contra de su hermano Mariano por querer esclavizarla a ella y a sus hijas habiendo ella pagado ya por su libertad.” Ella argumenta:

(...) un hermano mio nombrado Mariano de León queriendo que yo sea esclava con mis hijitas, que ube y proqee de mi lexitimo marido, despues de mi libertad, quiere este malvado, hermano, que seamos sus esclavas y para desvaneserle dicha escritura que este tiene necesito acer una informacion en manera que aga fee para con ella presentarme ante real superior audiencia...suplico rendidamente que por su judical decreto...para exsaminar los cargos que por mi fueron presentados.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Se conserva la ortografía de la época. AGN. Fondo: Colonia. Grupo: Negros y Esclavos. Sección: Cundinamarca. Signatura: SC43. Legajo 3. Folios 789-890.

<sup>15</sup> Se conserva la ortografía de la época. AGN. Fondo: Colonia. Grupo: Negros y Esclavos. Sección: Antioquia. Signatura: SC162. Legajo 31. Folios 246-287.

En este caso la demanda no pasa por un agente externo sino por un familiar. Como Catalina, María Gertrudis solicita la libertad de ella y la de sus hijas.

### **Andrea. Antioquia 1782-1806<sup>16</sup>**

Andrea fue una mujer Negra que en 1782 mediante una demanda pidió su libertad ya que su antigua ama se la había dado a cambio de 50 misas. Sin embargo, el padre Francisco Xaramillo reclamó que Andrea debía seguir siendo su esclava. El proceso se dilató cerca de 24 años sin ningún resultado aparente. No sabemos si Andrea ganó o no el pleito. De hecho, se extendió tanto, debido a que el señor Francisco falleció durante el proceso y el litigio fue asumido por un apoderado del mismo llamado Basilio Xaramillo.

Uno de los apartes del proceso Basilio Xaramillo expuso lo siguiente:

A dicho mi padre no se dio esta sierva con calidad de que su servicio su suviere de desquento de su valor si no es com su esclava quien por gracia se le había hecho la caridad de que se pudiere libertar dando los referidos cinquenta pesos Mi padre la mantubo y vestio siempre como a su esclava corrió el riesgo de si se moria perder el importe de sus misas con que no ... el se da que pues no ha cumplido con la consesion de las gracias de dar la mencionada cantidad ha sido y es verdadera esclava de mi defunto y hise su servicio no sirve de descuento de su esclavitud por (ilegible) Todos los esclavos pudieran libertarse de semejante modo sirviéndoles a su señores el tiempo que contemplasen bastaba para completar sus valores...Lo qual es error pretender persuadir y temeridad el intentarlo. La hija igualmente nacio y es verdadera esclava de la mortuoria de mi padre por que los hijos siguen la naturaleza de los vientres de las madres; de suerte que siendo estas esclavas lo son necesariamente de aquellos.

A pesar de esto, Andrea dentro del mismo aparato colonial, solicitó su derecho a través de mecanismos que pudieran estar en detrimento suyo. Sin embargo, ¿por qué Andrea decidió demandar? Básicamente para conseguir su libertad. Pero, ¿por qué utilizar el propio sistema colonial? ¿Por qué no, huir? Asumimos que Andrea como muchas otras mujeres Negras quería una libertad de base, sin ninguna duda. Es decir, algo completamente legítimo y justificado desde “la justicia colonial”. Ello significaba todo un reto, ya que el mismo hecho de

---

<sup>16</sup> Se conserva la ortografía de la época. AHA. Fondo: Colonia. Grupo: Negros y Esclavos. Sección: Antioquia. Signatura: SC176. Legajo 3. Folios 553-592

desafiar a un hombre, vecino de ciudad, una autoridad blanca-mestiza en el año de 1782 podría ser una empresa perdida. Sin embargo, Andrea siguió en ese proceso, por el deseo mismo de tener otras formas de existencia por fuera de la condición de esclava.

Cuando Basilio Xaramillo expuso “todos los esclavos pudieran libertarse de semejante modo sirviéndoles a su señores el tiempo que contemplasen bastaba para completar sus valores”. En pocas palabras, lo que quiso decir es que no se podía dejar que una esclava obtuviera su libertad de este modo, puesto que los otros esclavos harían lo mismo. Lo que interpretamos es que lo que hizo Andrea fue todo un suceso; todo un desafío a la propia autoridad. Podríamos decir que este fue un proceso de dignidad, de ser libre a partir de la legitimidad del propio aparato, que, paradójicamente, podrían condenarlas a continuar a la esclavitud. Sin embargo, ¿qué empujaba a Andrea y otras mujeres a seguir adelante sabiendo que podrían perder el proceso? No sabemos con certeza qué estimuló a Andrea a seguir en este proceso, pero si podemos decir, que el concepto de la libertad, de estar agobiadas por la esclavitud cosificadora, y que por lo mismo no querían que sus hijos e hijas repitieran la misma historia, las llevo a demandar.

### **Lucía Viana. Honda. Noviembre de 1796**

Lucia Viana demanda a su amo Don Antonio Burgueño por haberle ofrecido la libertad cambio de convivir con él y después de 20 años no haber cumplido su promesa. Producto de esta relación nació Sebastián Burgueño quien también estaba catalogado como esclavizado. A la demanda interpuesta por Lucía no se le encuentra respuesta. Sin embargo, en 1806 Sebastián Burgueño retoma la demanda de su madre para solicitar su libertad.

Los legajos que contienen las historias de estas mujeres no nos permiten contar el final sus historias. No podemos decir si fueron exitosas o qué respuestas obtuvieron. Lo que sí podemos afirmar es que Catalina, Marta, María, Lucía y todas las mujeres que recurrieron a la demanda como estrategia de solicitud de su libertad lograron abrir una nueva ruta hacia la emancipación de la opresión y marginalización de la época. Sus acciones nos permiten indicar que no sólo actos

de muerte, como el suicidio o el infanticidio, sino también actos de amor propio y de amor por la unidad familiar abrieron las puertas a la libertad.

Estas demandas significaron toda una potestad para variar el sistema impuesto y legitimado desde el colonialismo. Fueron formas de reiterar que eran personas sujetas de derechos. Es decir, toda una revolución para el momento histórico y social en que se produjo

### **Reflexiones finales: ¿Por qué consideramos la solicitud de libertad como una forma de resistencia? ¿Y porque no hacerlo?**

En el proceso de realización de este proceso de investigación fuimos confrontadas con el argumento de que las demandas judiciales de estas mujeres no deberían ser consideradas una forma de resistencia. Concluimos este artículo con una respuesta a este argumento. Consideramos que el trámite de la libertad a través de la solicitud ante los estrados judiciales es una forma de resistencia porque las mujeres que formularon estas demandas estaban retando el sistema en que se encontraban. Entendiendo que el sistema esclavista se manifestó en distintos escenarios de la vida: tales como la religión, la política, el uso del lenguaje, entre otras. Su reto al sistema se dio a través de las múltiples herramientas que existían para la población considerada ciudadana y no para las mujeres Negras en condiciones de esclavización. El sistema que estas mujeres enfrentaron las construyó como no-humanas y como propiedades para servir los intereses económicos del sistema capitalista. Con la solicitud de libertad ante la justicia estas mujeres articularon un discurso de humanidad, de feminidad y de familia. Los casos propuestos en este artículo claramente indican la articulación de un discurso y una conciencia política racial y de género.

Para interpretar este tipo de prácticas se ha utilizado el concepto *cimarronaje jurídico* para definir una “forma de cimarronaje da razón de la manera como la gente africana, y sobre todo su descendencia criolla, se apropiaron de las leyes españolas en el intento de redimirse de su condición mediante vías legales”.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Definición retomada del capítulo 2, “Cimarrones y Cimarronaje”. Disponible en: <[http://www.colombiaaprende.edu.co/html/etnias/1604/articles-82835\\_archivo.pdf](http://www.colombiaaprende.edu.co/html/etnias/1604/articles-82835_archivo.pdf)>. Consultado en: abril 24, 2013.

Los esclavizados y esclavizadas no disponían de un aparato legal que los protegiera y les permitiera defender unos derechos, de hecho no tenían derechos; no eran reconocidos como humanos y mucho menos como ciudadanos. El sistema legal que protegía a cualquier otro individuo no los cobijaba, además se les cosificó y un trato en virtud de mercancía. Con el transcurrir del tiempo se producen unos cambios legales que promueven los “derechos” de los esclavos que suponen la función protegerlos de los excesos de los amos pero en realidad sólo son un conjunto de reglamentos que maquillan el tratamiento de amos hacia esclavos con el fin de que los esclavos no se fatiguen y cansen de sus malos tratos evitando así que ellos emprendan su huida. En un espacio donde no se tiene la posibilidad o las herramientas para acceder a la defensa de unos intereses, en este caso la libertad, y donde no hay un aparato legítimo que permita conseguir lo deseado; cualquier manifestación, búsqueda y forma que contribuya a la libertad es una forma de resistencia. Las personas esclavizadas están infringiendo el status quo a través del neto deseo de liberación, se están sublevando ante un orden social.

Uno de los elementos de mayor discusión e interés para académicas/-os y activistas alrededor de las experiencias de vida de las personas esclavizadas en el mundo, es y ha sido la resistencia, manifiesta en la capacidad de oponerse, impedir, dificultar, renunciar, disminuir, frenar y/o disuadir relaciones de poder que ponían/pusieron en riesgo la vida, la integridad y la honra (física o moral) de estas personas africanas y sus descendientes. De ahí que la iniciativa de reconocer, visibilizar y publicar los argumentos jurídicos usados por mujeres esclavizadas en lo que hoy conocemos como Colombia se convierta no sólo en una apuesta política sino que también en una apuesta académica que pretende desmitificar imaginarios en torno a las clásicas concepciones de mujer y resistencia, interpretadas las primersa como seres débiles, sumisos, obedientes, fieles y al servicio de los otros, y en segundo lugar, la resistencia como la lucha o levantamiento de un conjunto de personas que se manifiestan contra de la explotación.

En ese orden de ideas, este análisis inaugura un proyecto de largo plazo para proponer tanto para la historiografía nacional como internacional otra dimensión de análisis históricos que recuperan, visibilizan y dan cuenta de discursos y representaciones empleadas por mujeres esclavizadas para defender

su condición humana y garantizar mejores condiciones de vida en medio de un sistema socialmente en el que sólo tenía un valor de uso, valor de cambio y valor de goce.

Ahora bien, el hecho de que existan y se conserven este tipo de documentos (demandas) en la actualidad, nos demuestra que pese a que el sistema esclavista reprodujo diversos mecanismos de sometimiento y explotación este no fue lo suficientemente fuerte para garantizar la sujeción de todas las personas que tenía bajo su poder, puesto que las cosas, las mercancías y/o los objetos eran seres inanimados y por tanto no tenían conciencia de sí y de su realidad como si la tuvieron las mujeres demandantes de libertad.

Por estas razones sostenemos que cuando hacemos referencia a mujeres esclavizadas nos referimos a seres humanos que fueron obligados a servir, trabajar y legitimar a un sistema económico que no desconocía su calidad de seres humanos sino que pretendió despojarlas de su condición social y de su posibilidad de ejercer sus derechos (sociales, políticos, económicos y culturales). Recuérdese que las africanas al ser esclavizadas no solo perdieron sus privilegios sino que también se les privó la posibilidad de ejercer roles de liderazgo y representatividad como lo hacían en sus lugares de origen en donde el “género” no era parte de la concepción de vida ni realidad y por tanto al llegar a nuevas tierras, fueron ubicadas de acuerdo a sus habilidades y lugares de procedencia que entre otras palabras mostraba su importancia para y dentro del sistema esclavista.

Las solicitudes de libertad ante las cortes son una estrategia de resistencia en tanto capturan el significado de reacción a aquello que está violentando la libertad, los elementos jurídicos y de la concepción de justicia. En este caso, no vamos a discutir lo que es la justicia, pero si podemos interpretar lo que querían lograr estas mujeres impetrando demandas por su libertad ante el aparato colonial del momento.

El sentido de denunciar y de solicitar la libertad dentro del sistema, como un medio de protesta, si lo podemos ver así, pero también una forma de, con los mismos instrumentos del otro, encontrar un resquicio, una oportunidad de desafiar y oponerse, de resistir al orden establecido. En los casos de las mujeres aquí estudiadas significó utilizar la ley en favor de sí mismas para instaurar



denuncias y lograr cartas de libertad, no sólo por ellas, sino también por sus hijas e hijos llegando a constituir actos de resistencia.

## Referencias

### Fuentes primarias

AGN. Fondo: Colonia. Grupo: Negros y Esclavos. Sección: Cundinamarca. Signatura: SC43. Legajo 9. Folios 376-382

AGN. Fondo: Colonia. Grupo: Negros y Esclavos. Sección: Cundinamarca. Signatura: SC43. Legajo 9. Folios 6-11

AGN. Fondo: Colonia. Grupo: Negros y Esclavos. Sección: Cundinamarca. Signatura: SC43. Legajo 3. Folios 1-205

AHA. Fondo: Colonia. Grupo: Negros y Esclavos. Sección: Antioquia. Signatura: SC176. Legajo 3. Folios 553-592

### Fuentes secundarias

ACKER, Joan. Hierarchies, Jobs, Bodies: A theory of gendered organizations. **Gender and Society**, Amherst, v. 4, n. 2, p. 139-158, 1990.

BARONA, Edna Carolina Gonzalez. **¿Y qué palpita en la plegaria Afrodescendiente?** Santiago de Cali: Universidad del Valle, 2008.

CAMACHO, Juana. Silencios elocuentes, voces emergentes: reseña bibliográfica de los estudios sobre la mujer afrocolombiana. *In*: ROJAS, Mauricio Pardo; MOSQUERA, Claudia; RAMIREZ, Maria Clemencia (editores). **Panorámica afrocolombiana. Estudios sociales en el Pacífico**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia-Icanh-Universidad Nacional de Colombia, 2004. p. 167-212.

CARTER, Donald Martin. **Navigating the African Diaspora: The Anthropology of invisibility**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

CASTAÑO, Beatriz. A la búsqueda de las mujeres negras esclavas en la historia de Colombia. *In*: ULLOA, Astrid (ed.), **Contribución Africana a la Cultura de las Américas**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología-Biopacífico, 1993. p. 75-81.

CHAVES, Maria Eugenia. **La estrategia de libertad de una esclava en el siglo XVIII: Las identidades de un amo y un esclavo en el puerto colonial**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1999.

—. La mujer esclava y sus estrategias de libertad en el mundo hispano colonial de fines del siglo XVIII. **Anales**, Gotemburgo, n. 1, p. 91-118, 1998.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. Boston: Unwin Hyman, 1990.

—. Toward a new vision: race, class and gender as categories of analysis and connection. **Race, Sex & Class**, New Orleans, v. 1, n. 1, p. 25-45, 1993.

CRENSHAW, Kimberlé W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, n. 6, p. 1241-299, 1991.

CURIEL, Ochy. La Crítica Poscolonial desde las Prácticas Políticas del Feminismo Antirracista. **Revista Nómadas**, Bogotá, n. 26, p. 92-101, 2007.

CURTIS, L. P. **El Taller del Historiador**. Tlalpan: Fondo de Cultura Económica, 1996.

FIGUEROA, Aurora Vergara. Actos de Amor. **Papel de Colgadura**, Cali, n. 10, 2013.

FRIEDEMANN, Nina S. El negro: un olvidado de la antropología colombiana. **El Espectador**, Bogotá, oct 8. 1978.

FRIEDEMANN, Nina S. Estudios de negros en la antropología colombiana: presencia e invisibilidad. In: AROCHA, Jaime; FRIEDEMANN, Nina S. (eds.). **Un siglo de investigación social: antropología en Colombia**. Bogotá: Etno, 1984. p. 507-572.

—. Huellas de africanía en Colombia: nuevos escenarios de investigación. **Thesaurus**, Bogotá, v. 47, n. 3, p. 543-560, 1992.

FRIEDEMANN, Nina S. La antropología colombiana y la imagen del negro. **América Negra**. Bogotá, n. 6, p. 161-172, 1993.

—.; ARANGO, Mónica Espinosa. Las mujeres negras en la historia de Colombia. In: **Las mujeres en la historia de Colombia**. Tomo II. Mujer y Sociedad. Bogotá: Editorial Norma, 1995.

—.; OLIVELLA, Manuel Zapata. Primer simposio sobre bibliografía del negro en Colombia. In: **El negro en la historia de Colombia: fuentes escritas y orales**. Bogotá: Fundación Colombiana de Investigaciones Folclóricas, 1983.

GÓMEZ, Diana Luz Ceballos. **Quyen tal haze que tal pague. Sociedad y prácticas mágicas en el Nuevo Reino de Granada**. Bogotá: Ministerio de la Cultura, 2002

GÓMEZ, Gregorio Rodríguez; FLORES, Javier Gil; JIMÉNEZ, Eduardo García. **Metodología de la investigación cualitativa**. Aljibe, 1996.

IRENE; Browne; MISRA, Joya. The intersection of gender and race in the labor market. **Annual Review of Sociology**, v. 29, p. 487-513, 2003.

KERNER, Ina. Más allá de la unidimensionalidad: Conceptualizando la relación entre el racismo y el sexismo. **Sig. Fil**, México, v. 11, n. 21, p. 187-205, 2009.

LA BARBERA, M. C. El enfoque de la interseccionalidad aplicado a las políticas para la erradicación de la “mutilación femenina”. In: CASTAÑO, F. J. García; KRESSOVA, N. (Coord.). **Actas del I Congreso Internacional sobre Migraciones en Andalucía**. Granada: Instituto de Migraciones, 2011. p. 2191-2193.

LEAL, Bernardo. Paulina Montaña demanda su libertad. Aproximación a una demanda performativa de un pleito judicial. Chocó. 1738. **Revista Colombiana de Antropología**, Bogotá, v. 46, n. 2, p. 409-433, 2010.

LUCENA, Manuel. **Los códigos negros de la América española**. Alcalá: UNESCO-Universidad de Alcalá, 1996.

MAYA, Adriana. África: Legados espirituales en la Nueva Granada, siglo XVII. **Historia Crítica**, Bogotá, n. 12, p. 29-41, 1996.

\_\_. **Brujería y reconstrucción de identidades entre los africanos y sus descendientes en la Nueva Granada**. Siglo XVII. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2005.

\_\_. Brujería y reconstrucción étnica de los esclavos del Nuevo Reino de Granada, siglo XVII. In: \_\_. (Ed.). **Los afrocolombianos**. Geografía humana de Colombia. Tomo VI. Bogotá: Instituto Colombiano de Cultura Hispánica, 1998. p. 191-218.

\_\_. **Los afrocolombianos frente al cristianismo: brujería y reconstrucción étnica en el Nuevo Reino de Granada, siglo XVIII**. Tesis doctoral. Paris, Universidad de la Sorbona, 1999.

MC CALL, Leslie. The Complexity of Intersectionality. **Journal of Women in Culture and Society**, New Brunswick, v. 30, p. 1771-1800, 2007.

MC FARLANE, Anthony. Cimarrones y palenques en Colombia, siglo XVIII. **Historia y Espacio**, Cali, n. 14, p. 53-78, 1991.

\_\_. Desórdenes civiles e insurrecciones populares. In: Margarita Garrido (ed.). **Historia de América Andina**. El sistema colonial tardío. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2001. p. 279-314.

RUIZ-DOMENEC, Jose Enrique. **El Reto del Historiador**. Barcelona: Ediciones Peninsula, 2006.

STOLKE, Verena. ¿Es el sexo para el género lo que la raza para la etnicidad...y la naturaleza para la sociedad? **Política y Cultura**, México, n. 14, 2000.

VIVEROS, Mara. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidad en el contexto actual latinoamericano. **Revista Latinoamericana de Estudios de familia**, Caldas, v. 1, p. 63 - 81, 2009.

WHITE, Deborah Gray. **Ar'n't I a woman.** Female slaves in the plantation South. 2a. ed. New York: W. W. Norton and Company, 1999.